

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA

ANGELO MARCOS DE SOUZA

**FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL -  
Tradição e Identidade em Porangatu (1960-2018)**

GOIÂNIA - GO

2019

ANGELO MARCOS DE SOUZA

**FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL -  
Tradição e Identidade em Porangatu (1960-2018)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

**Área de Concentração:** Cultura e Poder

**Orientação:** Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento

GOIÂNIA - GO

2019

S729f Souza, Angelo Marcos de

Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial :  
tradição e identidade em Porangatu (1960-2018) / Angelo  
Marcos de Souza.-- 2019.

175 f.: il.

Texto em português com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu  
em História, Goiânia, 2019

Inclui referências, f: 168-174

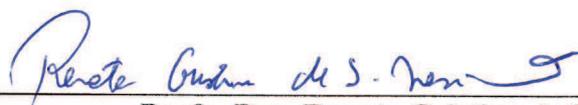
1. Folia de Reis - Porangatu (GO). 2. Patrimônio cultural  
- Porangatu (GO). 3. Festas folclóricas - Porangatu  
(GO). I.Nascimento, Renata Cristina de Sousa. II.Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 398.332.44(043)

**FOLIA DE REIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL- TRADIÇÃO E IDENTIDADE EM PORANGATU (1960-2018)**

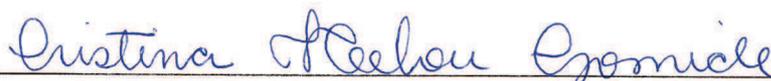
Dissertação aprovada em 13 de março de 2019, no curso de Mestrado em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

**BANCA EXAMINADORA**



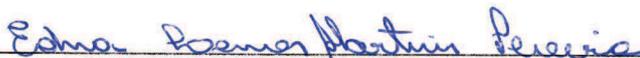
---

**Profa. Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento**  
PUC Goiás / Presidente



---

**Profa. Dra. Cristina Helou Gomide**  
UFG / Examinadora Externa



---

**Profa. Dra. Edna Lemes Martins Pereira**  
UEG / Examinadora Externa

---

**Prof. Dr. Fernando Lobo Lemes**  
UEG / Suplente

---

**Profa. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto**  
PUC Goiás / Suplente

## AGRADECIMENTOS

A Deus.

Aos Santos Reis Gaspar, Baltasar e Belchior.

A minha orientadora professora Dra. Renata Cristina de Sousa Nascimento, que se dedicou com esmero e respeito ao meu trabalho. Agradeço por sua dedicação e seus ensinamentos.

Às professoras: Dra. Cristina Helou Gomide / UFG e Profa. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto / PUC Goiás, pelas importantes contribuições na banca de qualificação, cujas reflexões teóricas foram fundamentais para a obtenção dos resultados da pesquisa.

Aos excepcionais professores (as) doutores (as) do PPGHIST - PUC Goiás: Deusa Maria, Eduardo Quadros, Eduardo Sugizaki, Ivoni Richter, Sibeli Aparecida, Thais Alves, Eduardo Reinato, pelas excelentes aulas no decorrer do curso.

À CAPES, pela concessão de bolsa de estudo (Taxa).

À minha família, em especial minha mãe, minha irmã e meu sobrinho pelo ânimo, incentivo e pela paciência quando souberam compreender minha ausência durante minhas viagens e meus estudos.

Ao grupo de foliões “Os Três Reis Santos”, pela receptividade e prontidão em participar das entrevistas, e por ceder fotos de seu acervo particular para fortalecer este trabalho.

Às minhas amigas e companheiras de trabalho, professoras Sandra Paixão e Cynthia Urias, pelas oportunas contribuições ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos que se privaram de minha companhia durante o período dedicado a esta dissertação.

A todos que me incentivaram, torceram e oraram por mim. Obrigado.

## Oração aos reis magos

Ó amabilíssimos Santos Reis, Baltazar, Melquior e Gaspar!

Fostes vós avisados pelos Anjos do Senhor sobre a vinda ao mundo de Jesus, o Salvador, e guiados até o presépio de Belém de Judá, pela Divina Estrela do Céu.

Ó amáveis Santos Reis, fostes vós os primeiros a terem a ventura de adorar, amar e beijar a Jesus Menino, e oferecer-lhe a vossa devoção e fé, incenso, ouro e mirra.

Queremos, em nossa fraqueza, imitar-vos, seguindo a Estrela da Verdade.

E descobrindo o Menino Jesus, para adorá-lo.

Não podemos oferecer-lhe ouro, incenso e mirra, como fizestes.

Mas queremos oferecer-lhe o nosso coração contrito e cheio de fé católica.

Queremos oferecer-lhe a nossa vida, buscando vivermos unidos à sua Igreja.

Esperamos alcançar de vós a intercessão para receber de Deus a graça que tanto necessitamos.

Esperamos, igualmente, alcançarmos a graça de sermos verdadeiros cristãos.

Ó bondosos Santos Reis, ajudai-nos, amparai-nos, protegei-nos e iluminai-nos!

Derramai vossas bênçãos sobre nossas humildes famílias, colocando-nos debaixo de vossa proteção, da Virgem Maria, a Senhora da Glória, e São José.

Nosso Senhor Jesus Cristo, o Menino do Presépio, seja sempre adorado e seguido por todos.

Amém!

SOUZA, Angelo Marcos. **Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial - Tradição, Identidade em Porangatu (1960-2018)**. 2019. 175 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, 2019.

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo da manifestação da Folia de Reis no Brasil, com foco no grupo de foliões “Os Três Reis Santos”, do município de Porangatu estado de Goiás. Com a investigação buscou-se identificar as origens, as reinvenções e adaptações dessa tradição cultural, sua influência na construção das identidades dos foliões e devotos, bem como, reconhecê-la como um patrimônio cultural imaterial que deve ser preservado pela comunidade porangatuense. O recorte temporal da investigação englobou os anos de 1960 a 2018, permitindo uma análise sobre as alterações ocorridas nas práticas e representações da tradição no município, em decorrência das mudanças sociais e econômicas que marcaram a transição dos festejos do espaço rural para o urbano. Trata-se de uma pesquisa que aprecia os sujeitos históricos comuns, assim, foi de suma importância o emprego da metodologia da História Oral, do uso de imagens, de fontes bibliográficas referentes à temática, além da pesquisa de campo para a realização do estudo. Devido à importância e a expressividade cultural dos festejos populares especialmente o de Santos Reis, foram analisadas algumas discussões teóricas acerca do fenômeno festivo no Brasil, buscando perceber seu significado e seu espaço, reconhecendo-o como mediador entre as aspirações individuais e coletivas. A festa de Santos Reis é um lugar de memória demarcado a partir das práticas e representações dos sujeitos sociais envolvidos (os foliões e devotos). Assim, por tratar-se de um bem cultural de valor comunitário, foi necessário investigar as legislações vigentes, que dispõem sobre a proteção e a preservação dos bens culturais, bem como analisar as atribuições dos órgãos oficiais (nacionais e internacionais) que estabelecem mecanismos para identificação e registro dos bens intangíveis, reconhecendo seus significados e valores. A investigação obteve seus resultados a partir dos levantamentos bibliográficos, dos depoimentos orais dos foliões durante as entrevistas e da pesquisa de campo. A apuração dos dados revelou que apesar dos festejos da Folia de Reis terem sua origem no período colonial, ela mantém na atualidade a sua característica missionária originária, com algumas alterações e incorporações, num processo de preservação para as futuras gerações.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Folia de Reis; Festejos populares; Tradição.

SOUZA, Angelo Marcos. **Folia de Reis as Immaterial Cultural Heritage - Tradition, Identity in Porangatu (1960-2018)**. 2019. 175 f. Dissertation (Master's degree in History). Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia, 2019.

### ABSTRACT

This research is a study of the manifestation of “Folia de Reis” in Brazil, focusing on the group of revelers “Os Três Reis Santos”, of the municipality of Porangatu, Goiás state. The investigation sought to identify the origins, reinventions and adaptations of this cultural tradition, its influence in the construction of the identities of revelers and devotees, as well as recognize it as an immaterial cultural heritage that must be preserved by Porangatu community. The temporal cut of the research encompassed the years from 1960 to 2018, allowing an analysis of the changes that occurred in the practices and representations of tradition in the municipality, due to the social and economic changes that marked the transition from rural to urban celebrations. It is a research that appreciates the common historical subjects, so it was extremely important to use the methodology of the Oral History, the use of images, bibliographic sources referring to the subject, and the field research to carry out the study. Due to the importance and cultural expression of popular celebrations especially that of “Santo Reis”, some theoretical discussions about the festive phenomenon in Brazil were analyzed, seeking to perceive its meaning and its space, recognizing it as a mediator between individual and collective aspirations. The “Festa de Santo Reis” is a place of memory demarcated from the practices and representations of the social subjects involved (the revelers and devotees). Thus, because it was a cultural good of community value, it was necessary to investigate the existing legislation on the protection and preservation of cultural goods, as well as to analyze the attributions of official bodies (national and international) that establish mechanisms for identification and registration of intangible goods, recognizing their meanings and values. The research obtained its results from the bibliographical surveys, the oral testimonies of the revelers during the interviews and from the field research. The investigation of the data revealed that although the celebrations of “Folia de Reis” originated in the colonial period, they still maintain their original missionary characteristics, with some changes and incorporations, in a process of preservation for future generations.

**Keywords:** Heritage; Folia de Reis; Popular celebrations; Tradition.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALESC	Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina
AP	Amapá
BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CE	Ceará
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
CTC-ES	Conselho Técnico-Científico da Educação Superior
d.C.	depois de Cristo
DMP	Departamento Municipal de Cultura de São Paulo
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte
Dra.	Doutora
Ed.	Editora
ES	Espírito Santo
FNPM	Fundação Nacional Pró-Memória+
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IEPHA/MG	Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Is.	Isaías
MA	Maranhão
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MG	Minas Gerais
Mt.	Mateus
MT	Mato Grosso
ONU	Organização das Nações Unidas
PA	Pará
PCI	Patrimônio Cultural Imaterial
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PE	Pernambuco
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

PPGHIST	Programa de Pós-Graduação em História
PR	Paraná
PUC/GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
RN	Rio Grande do Norte
SE	Sergipe
SP	São Paulo
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFG	Universidade Federal de Goiás

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b>	Bens Culturais de Natureza Imaterial Registrados pelo IPHAN (Até setembro de 2016) .....	39
<b>Quadro 02:</b>	As festas religiosas no Brasil - de janeiro a dezembro .....	85

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1.1:</b>	Mapa do Estado de Goiás .....	13
<b>Imagem 1.2:</b>	Adoração dos Magos, Igreja de Santo Apolinário, o Novo, século VI. Ravena, Itália. Fonte: HILDESHEIM, J. O livro dos Reis Magos. São João do Estoril, Portugal: Lucerna, 2004. (Doc. Histórico) .....	45
<b>Imagem 1.3:</b>	Relicário dos Três Reis Magos, obra de Nicolás de Verdun (1130-1205), catedral de Colônia, Alemanha e detalhe do relicário .....	50
<b>Imagem 1.4:</b>	Forte dos Reis Magos, Natal/RN .....	53
<b>Imagem 1.5:</b>	(Recorte de mapa) - Imagem Nova e Precisa do Brasil Inteiro, Joan Blaeu (1596-1673). Biblioteca Nacional do Brasil .....	54
<b>Imagem 1.6:</b>	Igreja e Residência Reis Magos, Nova Almeida/ES .....	55
<b>Imagem 1.7:</b>	Altar da Igreja e Residência Reis Magos e detalhe do quadro de Santos Reis de Belchior Paulo .....	55
<b>Imagem 2.1:</b>	Tiziano Vecellio. A Bacanal, 1523-1525. Óleo sobre tela, 175 x 193 cm. Museu do Prado, Madri, Espanha .....	59
<b>Imagem 2.2:</b>	Pieter Bruegel o Velho. A luta entre o Carnaval e a Quaresma, 1559. Dimensões: 118 x 164,5 cm. Museu de História da Arte em Viena .....	59
<b>Imagem 2.3:</b>	Novo galpão - Celebração de encerramento da Romaria e Festa de Santa Luzia – Comunidade Rural de Porangatu/GO .....	73
<b>Imagem 2.4:</b>	Heitor dos Prazeres, Festa de São João, óleo sobre tela .....	79
<b>Imagem 2.5:</b>	Tarcila do Amaral. Carnaval em Madureira, 1924. Óleo sobre tela, 76 x 63 cm. Acervo da Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo, Brasil .....	80
<b>Imagem 2.6:</b>	Bajado. Frevo de Olinda, 1972. 60.000 cm x 70.000 cm. Acervo Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018 .....	80
<b>Imagem 2.7:</b>	Albert Eckhout. Dança dos Tarairiu (Tapuias). Óleo sobre tela, 172.00 cm x 295.00 cm. Acervo National museet (Copenhague, Dinamarca) .....	82
<b>Imagem 2.8:</b>	Encerramento da Folia de Reis, Porangatu/GO. (Jan/2016) .....	88

<b>Imagem 2.9:</b>	Enéias Tavares Santos. Presépio. Técnica Xilogravura popular Dim: 20,0 X 15,00 .....	89
<b>Imagem 2.10:</b>	Omar Souto. Presépio. Técnica: Óleo sobre tela. Dim: 50,0 X 60,5.....	90
<b>Imagem 2.11:</b>	Folia de Reis na fazenda Rainha da Paz. Autor: Dag França .....	90
<b>Imagem 3.1:</b>	Festividade de Santos Reis – encontro de bandeiras após o giro em Porangatu (GO). (Jan./2019).....	105
<b>Imagem 3.2:</b>	Igreja Nossa Senhora da Piedade (Matriz Velha) patrimônio histórico de Porangatu .....	107
<b>Imagem 3.3:</b>	Grupo “Foliões dos Três Reis” – Porangatu (GO) - (Jan./2017).....	113
<b>Imagem 3.4:</b>	Irmãos “Rosa” com violas no centro (jan./1990) .....	121
<b>Imagem 3.5:</b>	Jantar dos devotos de Santos Reis – gerente André de camisa branca no centro - (jan./1998) .....	121
<b>Imagem 3.6:</b>	Ritual de entronização da bandeira – Festa da entrega da bandeira (Jan. /2019) .....	122
<b>Imagem 3.7:</b>	Principais instrumentos usados pelos foliões do grupo “Os Três Reis Santos” durante o giro da Folia. (jan./2019).....	123
<b>Imagem 3.8:</b>	Capitão Mario Damasceno Rosa (à direita) e o contramestre Bonfim (à esquerda).....	124
<b>Imagem 3.9:</b>	Foliãs do grupo Os Três Reis Santos coordenam a reza do terço de Santos Reis (Jan./2019).....	126
<b>Imagem 3.10:</b>	Pandeirista da Folia Mariana Silva Concha (18 anos) (Jan./2018) .....	127
<b>Imagem 3.11:</b>	Foliãs cantoras do grupo Os Três Reis Santos (Jan./2019) .....	128
<b>Imagem 3.12:</b>	Dona Abadia primeira mulher Alferes (guardiã da bandeira) - (Jan./2019). 132	
<b>Imagem 3.13:</b>	Palhaços na entrada de uma fazenda - o giro da Folia na região rural (Jan. 2017) .....	133
<b>Imagem 3.14:</b>	Performance dos palhaços durante os giros da Folia de Reis de Porangatu (Jan. /2018).....	135
<b>Imagem: 3.15:</b>	Os palhaços do grupo “Os Três Reis Santos” ao lado do presépio. Festa de encerramento da Folia de Reis (06/01/2018) – Santa Tereza de Goiás.....	136
<b>Imagem 3.16:</b>	Foliões em procissão com a bandeira de Santos Reis (Jan./2019) .....	140
<b>Imagem 3.17:</b>	Momento de louvor, pedidos de bênçãos para o início do giro da Folia e confraternização (Jan./2019) .....	142
<b>Imagem 3.18:</b>	Cantoria de agradecimento aos Santos Reis pela refeição (Jan./2019) .....	143

<b>Imagem 3.19:</b> Altar organizado para a reza do terço - filha e dona da casa acolhem a Folia (Jan./2018) .....	146
<b>Imagem 3.20:</b> Foliões e comunidade de devotos rezam o terço de frente o altar/presépio..	148
<b>Imagem 3.21:</b> Jovens foliões do grupo Os Foliões dos Três Reis - equipe responsável pela coordenação da oração do terço nas residências durante os giros da Folia..	148
<b>Imagem 3.22:</b> Festeiros aguardam a bandeira do giro para a festa da entrega da Folia (Jan./2019).....	150
<b>Imagem 3.23:</b> Presépio artesanal (“descanso” da bandeira) (jan./2017) .....	153
<b>Imagem 3.24:</b> Coroação dos novos festeiros da Folia de Reis para o ano 2020 (Jan./ 2019) .....	155
<b>Imagem 3.25:</b> Entrega da Folia de Reis em Santa Tereza/GO. Festeiros: Edileusa e Dito. Jan./2018.....	157
<b>Imagem 3.26:</b> Jantar - Festa de encerramento - Sindicato Rural de Porangatu (Jan./2019)	158
<b>Imagem 3.27:</b> Os primos André Antônio tocando a sanfona e Mariana tocando o pandeiro (família Rosa) - (Jan./2018) .....	161

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 1 - PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: FOLIA DE SANTOS REIS, TRADIÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA</b> .....	23
1.1 Patrimônio Cultural: discussões teóricas .....	23
1.2 Patrimônio Cultural no Brasil: conceito e fundamentos legais .....	30
1.3 Sobre os Santos Reis Magos.....	44
1.4 A tradição do culto aos Magos no Brasil .....	53
<b>CAPÍTULO 2 - FESTAS POPULARES</b> .....	58
2.1 Apontamentos gerais sobre festas populares .....	58
2.2 As atribuições e o espaço das festas populares.....	66
2.3 Festas populares e a especulação do mercado cultural .....	74
2.4 Festas no contexto brasileiro .....	79
2.5 Festejos de Santos Reis: origem e atualidade.....	88
<b>CAPÍTULO 3 - ENTRE TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: PRÁTICAS E RITUAIS DA FOLIA DE REIS DE PORANGATU (GO)</b> .....	105
3.1 O arraial do Descoberto da Piedade .....	107
3.2 Os Foliões dos Três Reis: tradição e identidade .....	113
3.3 A atuação das mulheres na Folia de Reis .....	126
3.4 Os palhaços e suas atribuições.....	133
3.5 A fé e a esperança na concretização da promessa .....	137
3.6 O giro (a visita) e as regras da Folia .....	140
3.7 O altar e a reza do santo terço .....	146
3.8 A bandeira, os festeiros e a festa de Santos Reis.....	150
3.9 A visibilidade proporcionada pelos festejos da Folia de Reis.....	159
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	164
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	168
<b>FONTES (ENTREVISTAS)</b> .....	175

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo investigar as origens da tradição da Folia de Reis no município de Porangatu/GO, analisando suas reinvenções e adaptações ao longo do tempo, bem como suas influências no processo de afirmação identitária, de representação coletiva, e construção da identidade cultural dos envolvidos com o folgado. O estudo almejou também, compreender a manifestação como lugar de memória e performance a partir das práticas e representações inerentes a este festejo marcado pela religiosidade popular<sup>1</sup>.

O município localiza-se no interior de Goiás, precisamente na região norte e, como não obstante de várias regiões goianas, teve seu povoamento a partir do avanço da mineração e especialmente da agropecuária pelo interior do Brasil.



Imagem 1.1: Mapa do Estado de Goiás

Fonte: [http://www.voyagesphotosmanu.com/mapa\\_estado\\_goias.html](http://www.voyagesphotosmanu.com/mapa_estado_goias.html)

Acesso em: 20 de ago. de 2018.

Nesse contexto rural, nasceu a Folia de Reis<sup>2</sup>, uma importante ação no espaço público religioso, fruto do ritual coletivo, promovido por devotos, em sua maioria de camadas subalternas apresentando um catolicismo místico e popular, distantes da ortodoxia católica. O recorte temporal da investigação se dá entre os anos de 1960-2018, período que marca o início,

<sup>1</sup> A religiosidade popular reúne rituais, crenças, narrativas, práticas, símbolos originários de outras fontes que não àquelas reconhecidas pela ortodoxia, mas sendo por ela tolerada.

<sup>2</sup> De acordo com os relatos de antigos foliões citados no capítulo 3 desta pesquisa, a Folia é originária do campo. Não há documentos comprobatórios, porém, é unânime a afirmação dos veteranos durante as entrevistas.

a consolidação do folguedo na região e seu deslocamento do espaço rural do município para o urbano, bem como, algumas transformações ocorridas nesta manifestação. O longo período analisado permitiu uma melhor compreensão das alterações ocorridas na prática da Folia de Reis, sendo possível perceber certa distinção das práticas recorrentes.

A religiosidade sempre foi fator integrante da vida do povo brasileiro, e em Goiás não foge à regra, fato percebido em cada centímetro percorrido ao longo do seu vasto território. Ao observar o mapa goiano<sup>3</sup> é possível identificar dezenas de nomes de cidades que homenageiam diversos santos venerados no catolicismo, legado da evangelização cristã no início de sua colonização. Essa devoção é manifestada pelas práticas de romarias, novenas, terços, peregrinações, expressões silenciosas, ou até mesmo por meio de grandes festividades incluídas nos calendários dos municípios e do estado, com ampla divulgação pela mídia como ocorrem, por exemplo, com a festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis e as Cavalhadas na Cidade de Goiás. Estas manifestações estão inseridas no dia a dia do povo goiano e conduzem a população ao extraordinário, ao darem um novo significado e vigor para vencerem as dificuldades e dissabores do cotidiano.

Portanto, nesse contexto propício, a Folia de Reis encontrou terreno fecundo para germinar e frutificar em boa parte do território brasileiro. Ela é uma tradição de origem religiosa e cultural proveniente de Portugal, geralmente organizada por leigos; foi trazida para o Brasil pelos padres jesuítas e que posteriormente foi introduzida pela Igreja Católica na catequização africana e indígena com a finalidade de obter o controle da sociedade. A Folia de Reis é um evento popular que transcende a esfera religiosa de sua origem e alia aspectos sagrados e profanos, com variações regionais, alguns de seus aspectos vem sofrendo significativas alterações ao longo do tempo. Está presente no Brasil desde a época de sua colonização, sendo considerada uma expressão do mundo agrário, com características e peculiaridades próprias, manifestadas através de coreografias ritmos e canções. Para investigá-la, enquanto fenômeno religioso é necessário, apropriar-se do seu passado para compreender sua origem, seu contexto histórico, bem como o seu uso pela Igreja como instrumento de coesão social.

É importante ressaltar que boa parte das informações obtidas acerca da manifestação da Folia de Reis é proveniente de estudos elaborados por memorialistas, sociólogos, folcloristas, músicos e geógrafos, e que estão em consonância com os interesses e métodos exclusivos de cada área específica. Contudo, conforme aponta Albuquerque Júnior (2011) apenas nas últimas décadas os festejos populares tornaram-se objeto de estudo da História.

---

<sup>3</sup> Conforme imagem 1.1.

Segundo o autor houve mudanças na postura dos historiadores, pois, marginalizavam temas relacionados com as manifestações de caráter festivo, atribuindo esses estudos principalmente aos etnógrafos e folcloristas. O autor ressalta ainda, que os festejos são importantes espaços para negociações, tensões, conflitos e alianças entre indivíduos sociais, determinando dessa maneira, as proibições, permissões, o que deve também ser excluído ou incluído nas tradições. Assim sendo, produzir uma análise sobre festejos populares significa encarar as divergentes interpretações teóricas produzidas em decorrência das diversas discussões de diferentes áreas do conhecimento, principalmente no âmbito da História Cultural.

Para muitos estudiosos, a cultura e os costumes de um determinado grupo humano, são reconhecidos como continuidade de antigas tradições vivenciadas por este povo. Entretanto, para Hobsbawm e Ranger (1997) determinadas “tradições” apesar de parecerem antigas são na verdade recentes ou inventadas, dessa forma, o uso do termo requer prudência por parte do pesquisador. O autor recomenda que os historiadores não foquem apenas no estudo da sobrevivência das tradições, mas como elas surgiram e se estabeleceram. Afirma ainda que a tradição é um conjunto de práticas fixas de caráter ritual ou simbólica, que possibilita a inclusão de novos valores a partir da repetição, permanecendo dessa maneira, uma sequência em relação ao passado histórico. Portanto, a função da tradição é a de provocar mudança ou resistência do precedente ou dar prosseguimento histórico para os indivíduos da comunidade.

Esta investigação acerca da Folia de Santos Reis busca demonstrar e sustentar diversas indagações que surgiram a partir do estudo do patrimônio cultural imaterial, dos festejos populares, da tradição, da identidade e da memória, relacionados com esta manifestação popular. Assim, com base nesses princípios, o presente estudo procurou analisar a Folia de Reis no município de Porangatu (GO) entre os anos de 1960 a 2018<sup>4</sup>, nos seguintes aspectos: origem (local e no contexto brasileiro) e as reconfigurações ao longo de sua atuação, influência no processo de afirmação identitária e representação coletiva, e na construção da identidade cultural dos integrantes do grupo. Deste modo, o eixo de investigação baseia-se na seguinte questão proposta: quais são as ameaças enfrentadas pelos foliões e devotos da Folia de Reis, na busca da preservação da tradição e na construção da identidade e representatividade no contexto social e cultural no município de Porangatu/GO? A partir deste questionamento a pesquisa procurou elucidar os problemas enfrentados pelos foliões e devotos, e buscou-se apontar possíveis soluções, para a resolução das dificuldades.

---

<sup>4</sup> As observações também ocorreram durante a pesquisa de campo, no decorrer dos festejos no período de 01 a 06 de janeiro de 2019.

No decorrer da investigação foi possível discutir a reconfiguração da Folia de Reis no seu espaço de ocorrência e percebê-la como importante recurso cultural que deve ser valorizado e protegido como parte do Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro. Até o momento, o grupo de foliões não recebe nenhuma assistência do poder público através de doações, ou proteção patrimonial, pois, faltam políticas públicas no estado de Goiás e no município de Porangatu, para esse fim. O que justifica o estudo do capítulo 1 desta pesquisa, voltada à discussão da importância da valorização da Folia de Reis como Patrimônio Cultural Imaterial.

Durante a realização dos giros<sup>5</sup> da Folia, e dos festejos de Santos Reis os foliões porangatuenses compartilham sentimentos, conhecimentos e normas coletivas que evidenciam aspectos da vida cotidiana, a labuta diária, os sofrimentos e expressões de sua fé. A manifestação da Folia de Reis representa muito mais do que uma simples reprodução social do que fora passado pelos mestres e antepassados dos foliões, pois, há uma reconstrução de suas práticas, que podem ser evidenciadas durante a realização dos festejos, novos elementos são incorporados e posteriormente repassados por meio da tradição às futuras gerações. Esses aspectos tornam-se relevantes e são constantemente abordados por sociólogos, historiadores e antropólogos, pois, através dos festejos populares, é possível perceber a transformações ocorridas numa sociedade, bem como analisar suas diversidades. As mudanças e as multiplicidades de uma determinada sociedade instigam a necessidade de analisar sua cultura, a partir de sua construção social e colaboram na releitura do cotidiano dos sujeitos sociais. É possível dessa forma, analisar as estratégias, as táticas, as resistências que estão inseridas no cotidiano das pessoas da comunidade.

De acordo com os integrantes do grupo de foliões, o deslocamento dos giros da Folia da região rural para a urbana ocorreu no início dos anos de 1990, contudo, é importante ressaltar que na atualidade, a jornada integra as duas regiões do município<sup>6</sup>. Todavia, esse recorte marca sem dúvida uma ruptura importante na peregrinação do grupo, pois, ocorreram gradualmente transformações, antes, durante e depois dessa mudança espacial do festejo. O grupo foi obrigado a alterar os horários da realização do ritual no espaço urbano, adotando uma jornada fracionada, geralmente com as atividades no período noturno adequando à realidade cotidiana de seus foliões e devotos, ou seja, após o expediente de trabalho. O tempo tornou-se mais escasso para realização da jornada, apesar dos foliões mais velhos se dedicarem exclusivamente ao ritual, os

---

<sup>5</sup> Designação dada pelos integrantes de grupos de folias, para o período da jornada/peregrinação em que os foliões saem de casa em casa apregoando o nascimento do Menino Jesus, eles representam a jornada realizada segundo a tradição religiosa da visitação dos Magos do Oriente ao Recém-nascido.

<sup>6</sup> Assim, é possível afirmar que o deslocamento da Folia da região rural para a urbana a partir de 1990, ocasionou uma “reinvenção” da tradição no espaço urbano, criando um novo movimento.

foliões mais jovens encontram dificuldades para participarem integralmente das atividades devido a seus compromissos na cidade (escola, trabalho); esses obstáculos pouco impendiam (ou impedem na atualidade) os foliões no espaço rural, por não estarem rigidamente presos a horários pré-estabelecidos, como ocorrem com os moradores da cidade.

Com o estudo é possível perceber as permanências e as transformações ocorridas nas práticas e representações culturais dos foliões da Folia de Reis em análise, em decorrência das alterações sociais e econômicas sofridas com a mudança espacial do folguedo. Assim, é importante analisar os efeitos dessas alterações do festejo para o grupo abordado, pois, perpassam pelas relações entre o grupo e os foliões essas mudanças. A primeira etapa da investigação sobre Patrimônio Cultural Imaterial e a prática da Folia de Reis no contexto brasileiro dedicou-se à revisão bibliográfica, a utilizar-se de livros, de artigos de periódicos, manuscritos de finalização de curso, vários textos publicados em anais de eventos, além de dissertações (mestrado) e teses (doutorado). Essa etapa consistiu-se em revisitar o processo de evolução dos conceitos e temas, de forma a encaminhá-los dentro das propostas da pesquisa sedimentando os procedimentos escolhidos.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravadores e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências, seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI; LAKATOS, 2009).

A coleta de depoimentos orais constituiu-se um importante recurso para o encaminhamento desta investigação, visto que, o grupo de foliões em questão, não gerou documentos escritos no decorrer das mais de seis décadas de atuação na região. A metodologia de pesquisa da História Oral é fundamentada na técnica da entrevista e outros procedimentos combinados entre si, nos registros de narrativas das experiências vivenciadas pelos seres humanos. Sem dúvida, esse método foi fundamental para a geração de dados, pois, os relatos das experiências dos membros do grupo durante a manifestação religiosa da Folia de Reis, abriram possibilidades para abordagens de novas interpretações de suas realidades sociais.

Em relação ao uso de depoimentos orais numa pesquisa, um aspecto fundamental relacionado a essa prática deve ser levado em conta: a subjetividade. De acordo com Alessandro Portelli (1996), excluir a subjetividade no depoimento de História Oral seria o mesmo que distorcer os fatos narrados do depoente. Ele alega que as fontes orais, da mesma forma que

qualquer outra é construída; conseqüentemente é suscetível de influências de subjetividades por quem as construiu, ou por quem as interpretará (PORTELLI, 1996). Segundo o autor, a história oral e as memórias oferecem um espaço de possibilidades, compartilhadas, que podem ser reais ou imaginárias, porém, o pesquisador deve ser sabedor da dificuldade na sistematização dos dados nesse campo, devido às mentes das pessoas apresentarem diferentes destinos possíveis. Isso comprova que a sociedade se caracteriza pela sua heterogeneidade. Dessa maneira, a subjetividade das fontes orais não interfere na objetividade da informação do testemunho, porém, abre um campo de possibilidades para o pesquisador.

Os pesquisadores ao ligarem as evidências das entrevistas, conseguem dinamizar as pesquisas pela quantidade de fontes acessíveis para a análise direta. Porém, as referências bibliográficas também são importantes para a realização do estudo. A junção entre os dois métodos (oralidade e análise bibliográfica) é imprescindível para alcançar um bom resultado, uma vez que determinados pontos de vista foram refutados pelos autores durante a pesquisa, sendo selecionados apenas os considerados relevantes para este estudo: boa parte faz menção apenas ao setor dominante, marginalizando as culturas subalternas.

O núcleo de entrevistados nesta investigação foi composto de mulheres e homens de diferentes gerações, o critério da escolha dos 17 entrevistados foi baseado no histórico de participação dos escolhidos nas atividades durante a peregrinação da Companhia: na condução das rezas e cantorias, na representação dos palhaços, na coleta das esmolas e na escolha das residências onde ocorrem os pousos, na organização dos banquetes, dentre outras. Alguns dos devotos e foliões entrevistados do grupo mencionado vivenciam há anos a experiência da jornada, alguns com mais de quatro décadas de atuação no grupo. Durante as entrevistas foi usado um questionário (com as mesmas questões para todos os participantes), aprovado pelo Comitê de Ética.

A produção de fotografias da representação da jornada dos Reis Magos pelos foliões durante o percurso, e sua análise foi fundamental para o estudo. Esse material imagético permitiu a partir de sua apreciação, recuperar cenas antigas e atuais vivenciadas pelos devotos nos rituais, facilitando a recuperação da memória dos devotos durante as entrevistas e conversas informais, concedendo-nos, condições para uma análise mais verticalizada da manifestação. Ao longo do tempo muitos historiadores destinaram tratamento secundário a esses documentos e evidenciaram preconceito quanto a sua utilização, pois o que prevalecia para muitos eram os documentos escritos. De acordo com Kossoy (1989), o processo de reconhecimento foi demorado, mas após a dilatação do universo das fontes empregadas na pesquisa histórica, muitos historiadores passaram a adotar as fotografias e as imagens como documentos históricos,

considerando-os portadores de múltiplas significações.

Para os estudiosos da história social, da história das mentalidades e dos mais diferentes gêneros da história, assim como para pesquisadores de outros ramos de conhecimento, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado, mas estes conteúdos, jamais deverão ser entendidos como meras ilustrações ao texto. Assim, se torna uma possibilidade de investigação e descoberta na medida em que se tenta sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos, e por consequência da realidade que os originou (KOSSOY, 1989, p. 20).

Portanto, as fotografias e as imagens como qualquer documento monumento, são peças produzidas pelo homem e possui intrínseca à sua existência, uma história. Ela parte de um desejo de um indivíduo. Assim, é imprescindível segundo Kossoy (1989), que o autor da fotografia seja identificado, por este ser considerado o filtro cultural (no contexto do registro), pois, a fotografia está impregnada da bagagem cultural, da criatividade, da sensibilidade, e da ideologia de seu autor. É necessário averiguar o que motivou o fotógrafo a efetuar o registro, se foi mera pretensão artística ou se houve preocupação em registrar um fragmento do espaço temporal de uma determinada localidade. Logo, a partir de reflexões metodológicas sobre a utilidade das fotografias na investigação histórica, o autor afirma que apenas pelo cruzamento ininterrupto das informações, sempre observando os elementos implícitos e explícitos, existentes nos caracteres internos e externos da imagem, será possível definir com exatidão os componentes que originaram essas fontes históricas. O autor aponta que qualquer tipo de fotografia ao se submeter à análise técnica iconográfica, deve ser observado a inter-relação entre os caracteres internos e externos, tal procedimento deve ser regularmente executado.

Durante a investigação algumas questões propostas foram relevantes para o levantamento de dados: 1) A relação entre urbano e rural é formadora de uma religiosidade popular arraigada nas práticas populares?; 2) A Folia de Reis, enquanto performance cultural, assume as características sociais da região, podendo assim reconstituí-la como fonte de memória da comunidade porangatuense?; 3) As transformações sociais e econômicas ocorridas na região de Porangatu ao longo do tempo, tiveram influência e proporcionaram a transformação e adaptação da Festa de Folia de Reis tanto em sua performance, quanto na sua representatividade social?; 4) Qual é a importância da devoção da Folia de Reis, como tradição, na construção de identidade e representatividade coletiva, no contexto social e cultural dos moradores locais?; Quais são as ameaças enfrentadas pelos foliões e devotos da Folia de Reis, na busca da permanência da tradição e na construção da identidade e representatividade no contexto social e cultural no município de Porangatu/GO? A partir desses pressupostos, a pesquisa tornou-se fundamental para elucidar os problemas enfrentados pelos foliões e devotos, e possíveis soluções foram discutidas nessa investigação, de forma que contribua para uma

análise formal do legado e dos impactos culturais na formação da identidade dos porangatuenses.

No primeiro capítulo foram propostas algumas observações acerca do conceito para a compreensão do termo patrimônio imaterial, e das políticas e ações públicas atinentes a sua salvaguarda. As descrições apontadas foram fundamentadas em alguns textos de teóricos, leis e documentos referenciais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Num segundo momento o folguedo da Folia de Reis é apresentado no âmbito brasileiro, como um modelo de Patrimônio Imaterial, exaltando a importância da preservação de sua tradição, identidade e memória, na manutenção do legado cristão da jornada dos Reis Magos. Os argumentos expostos esforçam em discutir alguns conceitos sobre patrimônio imaterial de modo que haja uma melhor compreensão desse campo, bem como entender como são efetivadas as ações de patrimonialização implantadas pelo poder público, atinentes à proteção patrimonial.

No segundo capítulo deu-se ênfase na abordagem das festas religiosas populares analisando a cultura e a tradição do povo, presentes tanto nas práticas de rituais religiosos quanto nas cerimônias festivas. Elas estabelecem laços sociais entre indivíduos, promovem solidariedade, liberam emoções e lembranças. Proporcionam um espaço de inovação, de sedução, de fascínio, de magia e de êxtase. As festas rejeitam a incerteza, a carência, o medo, a precariedade, sem contradizer a realidade. Toda a festa, de caráter profano ou sagrado, possui a dinâmica de empreender uma complexa relação, envolvendo todos os espectadores, consumidores, produtores e atores; sua performance inebria e envolve a todos. A partir da reflexão de alguns autores<sup>7</sup>, é possível alegar que as festas religiosas populares, são espaços que estabelecem novos costumes, novas regras e valores, criam-se novos hábitos que possui a condição de reconstituir e reinventar as tradições. Isso pode ser percebido no decorrer da realização dos festejos de Santos Reis, onde os foliões notam que a sua comunidade se recria, se reencontra se descobre, se reinventa, se revigora. A festa de Santos Reis se constitui num espaço favorável para a construção de identidades, de legitimação e construção de novos valores, essenciais para a vida social dos membros da comunidade.

O terceiro capítulo intitulado “Entre tradição e a modernidade: práticas e rituais da Folia de Reis de Porangatu (GO)” busca apresentar um panorama geral da formação do município porangatuense, relacionando sua gênese com a influência do catolicismo popular dos primeiros habitantes da região. Analisa através da metodologia de história oral e da iconografia, aspectos gerais da Folia de Reis de Porangatu, bem como os aspectos inerentes às alterações,

---

<sup>7</sup> Citados no capítulo 2.

permanências e transformações sofridas por esta manifestação ao longo do tempo, especialmente na modernidade. Outro aspecto relevante que será abordado é a preocupação dos foliões em manterem a tradição no município, pois, segundo os organizadores, o grupo tem enfrentado enormes dificuldades.

Para desenvolver a investigação foi fundamental o contato com os responsáveis do grupo de foliões, principalmente com o senhor André Damasceno Rosa e o senhor Mario Damasceno Rosa, que conduzem a jornada junto com seus filhos e netos, desde o final da década de 1970. Os irmãos “Rosa” forneceram uma lista de nomes de antigos foliões do grupo, que deram início a jornada na região próxima do município desde 1960, dentre eles diversos falecidos; os chefes atuais fazem questão de enaltecer a importância destes fundadores, e guardam na memória como legado os seus ensinamentos.

Vale ressaltar que além dos depoimentos colhidos nas entrevistas, também foi realizada junto ao grupo investigado a coleta de fotografias, canções, vídeos, bem como a participação ativa durante a jornada do grupo, culminado com a grande festa de entrega da Folia, no dia 06 de janeiro, data dedicada aos Santos Reis. A experiência de proximidade com os foliões foi de suma importância para os resultados da pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 – PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: FOLIA DE SANTOS REIS, TRADIÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA**

Neste capítulo o estudo objetivou compreender a Folia de Reis como um acervo do Patrimônio Cultural Imaterial, por remeter-se ao campo da cultura, e por constituir-se como um bem cultural de grande valor. Foram utilizados autores como Tomaz (2010), Funari (2000), Caldeira (2006), Fonseca (1997), Vianna (2016), Gonçalves (2009), Corá (2013), Nascimento (2009), Carvalho (2014), Nogueira (2014), Levi-Strauss (2001), Gomide (1999) além de dados estatísticos, cartas patrimoniais, decretos governamentais e documentos elaborados em Convenções, bem como os registros do IPHAN, todos disponibilizados no sítio oficial deste Órgão. Os autores oportunizaram a teorização a partir de conceitos e fundamentos legais que amparam o patrimônio cultural em nível nacional e internacional, e colaboraram no entendimento de como são estruturadas as políticas públicas governamentais de tombamento dos bens imateriais no contexto brasileiro.

Para compreender o sentido da peregrinação dos foliões da Folia de Reis realizada anualmente, geralmente nos dias 01 ao dia 06 de janeiro, surgiu a necessidade de se realizar um levantamento histórico da incorporação do culto dos Reis Magos na liturgia cristã, para as discussões a esse respeito foram importantes as considerações de Lourenço (2014), Kodama (2009), Silva (2012), além de alguns textos da Bíblia Sagrada e do Evangelho Apócrifo Armênio da Infância. Em relação à tradição do culto aos Magos no Brasil, inserido no contexto do catolicismo popular muito contribuíram os autores Brandão (2009) e Antonio e Pelegrini (2014).

### **1.1 Patrimônio Cultural: discussões teóricas**

O Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) nos remete ao campo da cultura, de valor extraordinário, que acumula e dissemina por meio do tempo e que se institui como um legado para a posteridade. Patrimônio Cultural ou Bem Patrimonial refere-se ao bem cultural tombado. Assim, um bem cultural, é um elemento que aglomera práticas, instruções, teorias, experiências, em outras palavras, é o saldo do conhecimento acumulado pela humanidade. Bens imateriais é um conjunto de saberes imanentes dos seres humanos, em todas as sociedades de todos os tempos, podem ser avaliados como um fenômeno histórico gerado de atividades sociais estabelecidas no tempo e no espaço.

O PCI envolve todos os bens que revelam técnicas de domínio social, que se traduzem

em saberes, celebrações, ofícios, modo de fazer, formas de expressões (músicas, plásticas, cênicas, lúdicas), e também nos lugares onde as pessoas de uma sociedade acolhem práticas culturais coletivas como mercados, templos religiosos, feiras. Geralmente essas ações, são transmitidas para outras gerações, num processo de recriação contínua, pois, o próprio ambiente em relação com a natureza colabora no fazer histórico e na construção de identidades.

A partir do desenvolvimento do conhecimento humano e da afirmação da existência e do fortalecimento de identidades diversas, os bens culturais adquiriram enorme relevância como instrumento de armazenamento de cultura específica e, conseqüentemente, como potencial fonte de conhecimento.

[...] o termo patrimônio histórico, cujo conceito focava o monumento, a materialidade, aos poucos vem sendo substituído por um termo mais amplo, mais abrangente, o chamado patrimônio cultural, entendido como o conjunto dos bens culturais, referentes às identidades coletivas. Essa nova forma de abordar o assunto enriqueceu a noção de patrimônio, englobando sob a mesma perspectiva as múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, particularidades gastronômicas, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos, os quais passaram, a partir daí, a ser valorizados pelas comunidades e organismos governamentais nas esferas local, estadual, nacional e até mesmo internacional (TOMAZ, 2010, p. 7).

O autor percebe as novas reinterpretações que vem sofrendo o conceito de patrimônio nos dias atuais, valorizando-o não apenas como monumento material, mas também compreendendo sua representação simbólica e identitária de seus detentores. Assim sendo, vale ressaltar que o estudo do PCI oportuniza a consagração e a valorização daquilo que é partilhado num grupo social no tempo e no espaço. Todo bem cultural é um indutor de ideias, geram emoções e sentimentos que se transformam em elo com o ser humano. Não importa os materiais que constituem o bem cultural, e os métodos utilizados para sua composição, o que conserva o referido bem é a sua comprovação em seu tempo, confirmada pela história desse tempo e do testemunho da sociedade que o gerou.

É importante ressaltar que os objetos de qualquer espécie possuem usos, valores e significados distintos para as pessoas de sociedades diferentes. Logo, quando se discute o significado de patrimônio, é necessário perceber que são os valores aos lugares e aos objetos que lhes dão definições e os transformam em patrimônio. É interessante compreender que as deliberações sobre a conservação do patrimônio, de maneira implícita ou explícita, será permanentemente resultado de uma ação coletiva com os órgãos oficiais a fim de se conservar um determinado bem cultural comunitário.

Eles (os bens culturais) se compõem das criações de um povo, abrangem as obras de seus intérpretes, músicos, pintores, arquitetos, sábios, artistas e escritores: igualmente às criações anônimas dos indivíduos sociais, surgidas da inspiração de populares, frutos dos

valores que dão sentido para a vida. Esse patrimônio envolve as manifestações culturais específicas de cada grupo social, suas formas de construir, de praticar seu lazer, de trabalhar, de festejar, de cultuar seu (s) deus (es), de se relacionarem; em síntese, sua maneira de viver.

Os bens culturais dão visibilidade à cultura humana, e são relevantes tanto para o conhecimento da história das civilizações, como para os povos da contemporaneidade. Os objetos refletem as ações dos antepassados e colaboram na construção de identidades nos dias atuais. Por conseguinte, a memória social necessita da proteção das informações do passado da humanidade, de maneira que é possível torná-las ativas para as sociedades atuais.

Durante muito tempo a cultura dos povos, foi percebida apenas pelas suas criações de obras de artes e pelas suas manifestações eruditas. Atualmente, é considerada muito mais que isso: ela é a forma, que os indivíduos de uma sociedade têm de relacionar com a natureza e com os seus semelhantes. Um bom exemplo são as festas populares, como a Folia de Santos Reis em louvor aos Três Reis Santos que ocorrem na maioria dos estados brasileiros. São manifestações culturais religiosas festivas, classificadas como folclore, praticada por devotos e simpatizantes do catolicismo popular, com o objetivo de rememorar a missão dos Reis Magos, que empreenderam uma jornada à procura do Messias Salvador em Belém, para renderem-lhe culto e dar-lhe presentes.

A Folia de Reis, bem como outras manifestações festivas populares, são bens que fazem parte do acervo do PCI: tanto podem ser materiais (bens tangíveis<sup>8</sup>) quanto podem ser imateriais (bens intangíveis<sup>9</sup>), ao serem reconhecidos consoantes com sua ancestralidade, e percebidos pelo seu valor cultural e histórico de uma determinada localidade (região, comunidade, país), ganham importância, no sentido de valorização e de representatividade simbólica e material. Portanto, devido a sua importância significativa, as expressões culturais, são classificadas como patrimônio, sendo garantida por meio de leis específicas sua salvaguarda (proteção), com o objetivo de assegurar sua continuidade e preservação. Essas medidas são intencionais, pois, visam garantir às futuras gerações de uma determinada sociedade, o conhecimento de seu passado, de seus costumes, de suas tradições, de sua história, de sua

---

<sup>8</sup> Caracterizam-se pela sua materialidade, podem ser tocados. São os elementos mais visíveis do patrimônio cultural. É o conjunto dos **bens imóveis** - monumentos, casarões, edifícios, conjuntos históricos, sítios arqueológicos, e elementos naturais, paisagísticos, espeleológico como as grutas, montanhas, lagos e outros que podem incorporar tradições culturais. Podemos acrescentar também os **bens móveis** que integram obras de artes de todos os tipos, objetos que competem à arqueologia, os que retratam técnicas possivelmente perdidas no tempo e os objetos da vida rotineira, como vestuário e utensílios.

<sup>9</sup> É comum usar como sinônimo o termo Patrimônio Intangível, com a finalidade de indicar “as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades de grupos, segmentos sociais, comunidade, povos e nações” (VIANNA, 2016 - Dicionário do Patrimônio Cultural – IPHAN). Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85>>. Acesso em: 29 de jan. 2018.

cultura, e de sua identidade.

A constituição do conceito de patrimônio cultural ocorreu no interior de dois acontecimentos históricos relevantes para o mundo ocidental: a formação dos Estados Nacionais na Europa e a fundamentação da história como um campo peculiar do conhecimento científico, esses processos ocorreram entre o final do século XVIII e o século XIX. Os líderes dos jovens estados nacionais buscavam estruturar mecanismos com o objetivo de unificar territórios, línguas, grupos étnicos em torno de uma identidade comum, buscavam referências na história ou na origem dos seus antepassados tentando consolidar suas nações. Portanto, a cultura e seu patrimônio surgem no período, como identidade e fortalecimento do Estado Nacional.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sendo um ramo da Organização das Nações Unidas (ONU), compreendia, num primeiro instante, o patrimônio cultural a partir da natureza singular da obra prima. A destruição de bens materiais do patrimônio da humanidade, na Segunda Guerra, forjou um novo olhar desse órgão, que passou a atentar com a salvaguarda dos bens culturais, porém ainda tutelados às alusões europeias e elitistas, favoráveis ao patrimônio material.

Para Cleide Cristina Caldeira (2006), houve uma maior sensibilização e consciência da sociedade europeia após as perdas culturais no conflito bélico (Segunda Guerra), pois, pela primeira vez na história, criaram uma série de medidas para a preservação da cultura em nível internacional. A partir de então, as obras reconhecidas como patrimônio de uma determinada nação seriam protegidas e conservadas, sendo consideradas não apenas um bem nacional, mas um patrimônio pertencente à humanidade. A proteção de bens culturais públicos passou a ser um direito e um dever de todas as nações. A partir de então, foram criadas importantes instituições e órgãos, encarregados de instituir legislações específicas de proteção e salvaguarda, bem como assegurar de forma pacífica a resolução de conflitos entre os povos.

Influenciada pela selvagem brutalidade do homem que provocou enormes perdas culturais, a população mundial conscientizou-se da importância da preservação do legado cultural. Houve na sociedade pós Segunda Guerra a tendência de acentuação da responsabilidade pela satisfatória sobrevivência dos bens culturais – considerando a segurança física desses bens em seu aspecto coletivo (CALDEIRA, 2006, p. 95).

A partir da conscientização e da responsabilidade social sobre a preservação e o restauro dos bens culturais, advindos principalmente com o pós-guerra, foram instituídas diversas organizações internacionais, nacionais, regionais e municipais. Esses órgãos estabeleceram diversos instrumentos regulamentadores, e investiram em profissionais qualificados, atentos ao tipo de bem cultural a ser protegido, restaurado e conservado, sempre

levando em consideração as Cartas de Restauro aprovadas anteriormente, que serviram como suporte para a consolidação da Conservação Preventiva.

O processo do reconhecimento da importância do patrimônio cultural foi lento (e persiste nessa conjuntura), sendo possível notar alterações nessa trajetória, através de documentos e cartas patrimoniais tais como: Carta de Veneza (celebrada em 1964), os efeitos da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (ocorrida no ano de 1972), a importante Declaração de Amsterdã (em 1975) e sete anos depois a Declaração do México (ocorrida em 1982), além da Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular do Mundo, (ocorrida em 1989).

Com a ocorrência do “II Congresso de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos”, em 1964 na cidade de Veneza, o patrimônio recebeu um enorme estímulo e tornou-se mais significativo. O Congresso instigou com a criação do documento “Carta de Veneza”, a ampliação da noção de patrimônio arquitetônico e apontou a seriedade de se conservar áreas e estruturas edificadas nas regiões urbanas e rurais das cidades. O alargamento do conceito de patrimônio é compreendido, para muito além de simples criações arquitetônicas históricas isoladas, passando a abranger também os conjuntos tanto urbanos quanto rurais, buscando perceber os seus significados e seu valor cultural, principalmente em obras modestas.

O atributo mais importante da Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972, é que ela estabelece num mesmo documento, um entendimento claro sobre a importância de conservação dos bens culturais e concomitantemente a conservação da natureza. A Convenção aponta a forma pela qual os indivíduos sociais interagem com a natureza, e o dever de preservação e estabilidade entre ambos. A Convenção de 1972 nasceu da representação de dois movimentos diferentes, que almejavam a preservação dos sítios culturais e da conservação da natureza em nível internacional. Esses movimentos buscavam criar normativas para proteger o patrimônio cultural e natural internacionalmente; prejudicados principalmente com a Revolução Industrial e as guerras. Um único texto foi acordado na Convenção, representando uma grande vitória para os movimentos envolvidos e a humanidade. Ela foi reconhecida e aceita pela Conferência Geral da UNESCO em 16 de novembro do mesmo ano em que foi aprovada. É importante ressaltar, que as diretrizes da Convenção advertem e indicam as maneiras pelas quais os indivíduos da sociedade devem interagir com a natureza, bem como a importância fundamental de preservar o equilíbrio entre as duas partes.

Os países signatários das convenções, especialmente a Bolívia, grupos e nações de tradições não europeias, a exemplo do Japão, pressionaram a ONU por maior zelo à chamada

cultura tradicional e popular.

Com a finalidade de elaborar instrumentos normativos para protegerem o patrimônio cultural, percebendo os bens intangíveis atribuídos de valores, significados e definidores da multiplicidade cultural da humanidade e sendo impulsionada pelas reivindicações internacionais a UNESCO, aprovou em 17 de outubro de 2003 a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial<sup>10</sup>. Apreciando o PCI como manancial de diversidade cultural e como fator de proximidade e de interação entre os seres humanos, bem como a obrigatoriedade de conscientizar as gerações atuais e futuras da preservação patrimonial.

A seguir o fragmento do Artigo 2º, parágrafo 1º da referida Convenção:

1. Entende-se por “Patrimônio Cultural Imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este Patrimônio Cultural Imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

Assim, a Conferência da UNESCO, realizada em Paris no ano de 2003, foi o resultado da pressão de diversos atores internacionais, preocupados em realizar alterações de paradigmas relacionados ao tema da cultura. A Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada na Conferência estabeleceu novas diretrizes e definições mais abrangentes de patrimônio cultural imaterial, bem como a proteção desses bens, tal iniciativa baseou-se na argumentação das imposições culturais advindas com o avanço da globalização sobre as culturas mundiais. Os resultados da Convenção impactaram na criação de leis no mundo todo, inclusive influenciando consideravelmente a legislação brasileira.

É possível afirmar que o patrimônio cultural envolve os diversos elementos que dão relevância à memória social, abrange os saberes assimilados pela convivência do indivíduo com a sociedade, e os bens culturais produzidos por ele e a comunidade: resultados de sua capacidade de transformação e adequação do meio ambiente para sua sobrevivência.

O patrimônio se materializa por meio das relações das pessoas de uma sociedade, e também das diversas manifestações do pensamento coletivo e se consolidam pelas suas atividades artísticas, pelos seus conhecimentos, pelas cerimônias religiosas, pelos valores adquiridos pelos antepassados, pelas tradições construídas por gerações. Por conseguinte, o patrimônio se manifesta na cultura material e imaterial das sociedades, levando em conta o

---

<sup>10</sup> Ver: Recomendação de Paris, 32ª sessão, 2003.

estilo de suas moradias e construções, a forma como se comunicam, como se relacionam, como rezam, como confeccionam seus alimentos, como celebram suas divindades, como festejam seus saberes e fazeres, bem como suas vitórias. O Patrimônio material e imaterial se estabelece como expressão relevante de uma sociedade e conserva-se enraizado na memória desse povo.

O patrimônio cultural é considerado, atualmente, um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos conteúdos e de novos significados, os quais, provavelmente, deverão sofrer novas interpretações de acordo com novas realidades socioculturais (DIAS, 2006, p. 67).

Portanto, o patrimônio cultural se efetiva por uma construção cultural e social, pela vivência sólida de um povo, de uma comunidade, de uma nação. A sociedade confere aos objetos, uma legitimação simbólica e cultural, um valor sentimental coletivo de identidade. Símbolos os quais, são percebidos como veículos de transmissão de cultura e grandes responsáveis por manter a conexão dos indivíduos sociais com um passado mediado pela carência do presente. É a partir desse vínculo estabelecido entre a sociedade e o seu patrimônio cultural, que ocorre a necessidade de sua preservação.

Vale ressaltar que uma política de preservação não deve ter apenas o foco da preservação de bens patrimoniais, apesar de que existem situações em que ela é estabelecida para esse fim. É preciso combater veementemente às pressões impostas, geralmente provenientes dos grandes proprietários de imóveis, e até de autoridades governamentais. É preciso também prevenir e até reparar o bem tombado que se encontra deteriorado, por agentes humanos ou naturais. Segundo Maria Cecília L. Fonseca (1997), a política de preservação deve ir além do fim da prática de preservar e proteger o bem, ela deve também estabelecer critérios de seleção, analisar as razões que justificam sua proteção, e perceber os autores comprometidos com a causa, indivíduos sociais, a comunidade e os agentes governamentais.

[...] uma política de preservação do patrimônio abrange necessariamente um âmbito maior que o de um conjunto de atividades visando à proteção de bens. É imprescindível ir além e questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio, os critérios que regem a seleção de bens e justificam sua proteção; identificar os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar o seu trabalho; definir a posição do Estado relativamente a essa prática social e investigar o grau de envolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa (FONSECA, 1997, p. 36).

Dessa forma, a intervenção Governamental a fim de preservar um determinado patrimônio histórico de uma comunidade, deve-se ao fato de que esse bem cultural está relacionado ao passado desse povo, à sua vivência, e as mudanças ocorridas na sua história. Assim, a preservação procura justamente, viabilizar a manutenção da memória dos acontecimentos, sua gênese, sua razão de ser. Logo, é indispensável à relação das pessoas e da

comunidade com o bem a ser preservado, pois, ele reflete a identidade e a memória desse povo, das quais são construídas na vivência diária. O patrimônio histórico é um fruto das interações dos indivíduos, que por sua vez, estabelecem uma fusão com ele.

Como visto, as políticas de proteção e salvaguarda da cultura imaterial são estabelecidas a partir do “consentimento prévio e informado, e do diálogo do poder público com grupos, comunidades e segmentos sociais interessados nesses processos de pesquisa” (VIANNA, 2016), todos imbuídos na ação de produção de conhecimento, reconhecimento e salvaguarda do patrimônio imaterial. Essa participação social, sem dúvida é fundamental para garantir o sucesso da política patrimonial.

Portanto, é possível afirmar que foi longa a trajetória percorrida pela humanidade com seus órgãos oficiais, em reconhecer a importância da preservação de seu patrimônio cultural até a sua legitimação, firmada nas leis de proteção e de salvaguarda vigentes na atualidade. Com esse novo entendimento de patrimônio cultural, consolidada numa visão mais abrangente surgiu a obrigatoriedade de se preservar as manifestações culturais populares, presentes em todas as sociedades do mundo, o que antes era atribuído apenas aos monumentos, considerados de valor histórico. Essa nova maneira de compreender a preservação do patrimônio cultural pela sociedade e pelos órgãos governamentais, somada à repercussão nos organismos nacionais, propiciou um alcance enorme em seu campo de atuação, o que permitiu amplificar a preservação e a valorização das distintas manifestações culturais populares nas sociedades atuais.

## **1.2 Patrimônio Cultural no Brasil: conceito e fundamentos legais**

Nas sociedades modernas, os denominados patrimônios históricos e artísticos possuem a atribuição de representar de forma simbólica, a memória e a identidade da nação. Isso permite afirmar que o pertencimento a uma nacionalidade é concebido com a ideia de propriedade (motivo do uso do termo “patrimônio”) referente a um agrupamento de bens, tais como: monumentos, relíquias, cidades históricas, entre outros.

Os discursos brasileiros na atualidade em relação ao patrimônio, precisamente o “patrimônio intangível” estão em voga, pois os bens culturais além de servirem a propósitos práticos, estão intrinsecamente dotados de significados e importância para um determinado grupo social. Acerca da valorização desses bens, e da discussão contemporânea em torno do tema, o antropólogo José Reginaldo Gonçalves, ressalta que “é possível sim, preservar, por meio de registros e acompanhamentos, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários etc.”

(GONÇALVES, 2009, p. 30). Para o pesquisador, são diversos os estudos que alegam que a constituição de patrimônio originou-se no fim do século XVIII, concomitantemente com a formação dos Estados-Nação, porém exclui-se, sua característica milenar. De acordo com o autor, essa categoria não é do período moderno, ela está presente no mundo antigo clássico e no período medieval, além de fazer presença nas sociedades tribais, “a modernidade ocidental apenas impõe os contornos semânticos específicos assumidos por ela” (GONÇALVES, 2009, p. 26).

O patrimônio possui diversos significados nos diferentes contextos de convivência social. Sobre essa realidade o autor assinala:

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (GONÇALVES, 2009, p. 31).

No Brasil diversos estudiosos sobre o tema patrimônio, afirmam que as origens sobre a noção de preservação patrimonial no país é tema debatido desde a década de 1920, quando no período foram instituídas as primeiras ações e projetos de lei sobre o assunto. A partir da década de 1930, o Brasil tornou-se uma referência no quesito da preservação do patrimônio cultural e as iniciativas preservacionistas começaram a alcançar resultados mais sólidos. A primeira delas foi a declaração da cidade de Ouro Preto como monumento nacional no ano de 1933, em reconhecimento ao seu legado histórico (contexto da ocorrência da Inconfidência Mineira), as suas exuberantes edificações históricas, bem como as suas artes - boa parte destas últimas atribuídas ao gênio da arte colonial, o Aleijadinho.

Entretanto, dado o contexto de veiculação de ideologias totalitárias que caracterizava o período, mesmo com a grande contribuição dos intelectuais à frente desta repartição pública - SPHAN - as ações limitaram-se na maioria das vezes às políticas públicas de preservação do patrimônio histórico, especialmente, os monumentos e os conjuntos arquitetônicos, e as dimensões culturais da Nação restringiram-se às manifestações materiais do patrimônio edificado, constituído de “pedra e cal” (SILVA, 2005, p. 2).

Em 1934 o governo de Getúlio Vargas instituiu a Inspetoria dos Monumentos Nacionais, que chegou a oportunizar intervenções de restauro comandadas pelo engenheiro Epaminondas Macedo em diversos monumentos da cidade de Ouro Preto. No mesmo ano a nova Constituição Federal, estabeleceu em seu Capítulo II, Artigo 148, os deveres do Estado em relação à proteção dos objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do país.

Outro fator que colaborou para a ampliação dos estudos sobre o patrimônio, foi a criação no ano de 1935 do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo (DMP), tendo a

frente do órgão Mário de Andrade seu primeiro diretor. Preocupado em expandir as investigações sobre a cultura, fundou em 1938 a Missão de Pesquisas Folclóricas, contando com quatro profissionais técnicos em pesquisa, com a atribuição de registrar elementos da cultura popular brasileira.

No âmbito das políticas de patrimônio cultural no país, a cultural popular e tradicional foi apreciada no anteprojeto de Mário de Andrade, que discorreu o assunto com fundamento em suas pesquisas e estudos relacionados à temática, aprimoradas em sua prática adquirida no Departamento de Cultura na capital paulista. Por meio de suas investigações empreendidas no estado de São Paulo, além das regiões brasileiras do Nordeste e do Norte, o pesquisador obteve uma grande quantidade de importantes informações acerca dos costumes, usos, música, folguedos, receitas culinárias, festas e danças, etc. Registrou todo esse acervo por meio de gravações e fotografias, além de inúmeros registros escritos e anotações diversas.

O principal objetivo de Mário de Andrade era a busca das origens da nação e, nos estudos sobre o folclore, objetivava não apenas a exatidão científica, mas também garantir o estilo coletivo e metódico desses trabalhos, considerando imprescindível a fundação de organizações que se destinassem a investigar, preservar e disseminar as informações adquiridas pela pesquisa. Sua preocupação não era meramente com a proteção dessas evidências culturais, pois, nas décadas de vinte e trinta elas ainda não sofriam ameaças de se perder, mas sim compreendê-la, valorizá-la e reconhecê-la enquanto importante acervo cultural da nação brasileira. Nessa perspectiva, julgava imprescindível a exposição e o acesso da comunidade aos referidos registros, o que demonstrava com ações, e com diversas atividades através do Departamento de Cultura.

Outra contribuição de Mário de Andrade se deu na esfera do governo de Getúlio Vargas, quando o então ministro da Educação e Saúde Pública do período Gustavo Capanema<sup>11</sup>, solicitou do referido, contribuição na criação das diretrizes para a composição do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Anterior ao SPHAN, o país contava com a Inspetoria<sup>12</sup> de Monumentos Nacionais, órgão de amparo do patrimônio cultural brasileiro, que buscava coibir o comércio internacional de antiguidades brasileiras.

Mário de Andrade ao dissertar no texto do anteprojeto para o órgão, sobre o tema da

---

<sup>11</sup> De acordo com o ministro o diálogo se estabeleceu da seguinte maneira: “Telefonei a Mário de Andrade, então Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Expus-lhe o problema e lhe pedi que me organizasse o projeto. Mário de Andrade, com aquela sua alegria adorável, aquele seu fervor pelas grandes coisas, aquela sua disposição de servir, queria apenas duas semanas. Decorrido o prazo, eis Mário de Andrade no Rio de Janeiro, trazendo o projeto” (Cit. in MEC/SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA, 1980, p. 22).

<sup>12</sup> Criada pelo Decreto nº 24.735, de 14 de julho de 1934, no governo de Getúlio Vargas.

cultura popular e tradicional na qualidade de patrimônio artístico, teve a cautela de nomear as categorias de arte “popular”, “ameríndia”, “aplicada”, e de sugerir a fundação de museus nacionais equivalentes. A partir dessa iniciativa, também seriam criados os museus municipais, com a finalidade de reunir objetos de cunho significativo para os habitantes das comunidades, além de conscientizá-las da noção e do valor dos patrimônios. As diretrizes serviram de suporte para a elaboração do documento, que foi empregado nas discussões preliminares a respeito da estrutura e os objetivos do SPHAN, instituído por Decreto lei 25/1937, que na época estava vinculado ao Ministério da Educação e Saúde. Porém deve-se ressaltar que

[...] trata-se de documentos com ênfases diversas: no de Mário, verifica-se uma preocupação em conceituar o que é patrimônio, inclusive estendendo esta conceituação a expressões da cultura popular; o Decreto lei 25<sup>13</sup>, por sua vez, privilegia as implicações jurídicas e os efeitos legais do tombamento, principalmente a famosa questão do “direito de propriedade”. De fato, a questão do “direito de propriedade”, então – e até hoje – considerado intocável, constitui um dos maiores empecilhos a serem enfrentados, na criação efetiva de instrumentos de preservação (PINHEIRO, 2006, p. 5).

A instituição recém fundada ficou sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, por meio de indicação de Capanema ministro da Educação. Durante o período de 1937 a 1969 (até o seu falecimento) Rodrigo Melo exerceu o cargo de diretor do Patrimônio. O órgão sofreu diversas alterações em sua nomenclatura: Departamento, Instituto, Secretaria, e posteriormente Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (denominação atual).

O projeto inicial de Mário de Andrade sofreu modificações implantadas pelo diretor Rodrigo Melo, no decorrer das três décadas de sua gestão à frente do SPHAN. No transcorrer desse período o SPHAN fundamentou sua política com base nos conceitos de “civilização” e “tradição”, enfatizando a importância de se comunicar com o passado. Todos os bens culturais rotulados como patrimônio precisaria fazer a intermediação entre os heróis da nação e os vultos da história nacional, ou seja, os personagens importantes da história brasileira. No período do Estado Novo (1937-1945) o apoderamento do passado, era idealizado como uma importante ferramenta na instrução da população acerca da unidade nacional e da preservação da nação.

Se trouxe vantagens por um lado, é certo que o funcionamento do SPHAN como órgão integrante de um regime discricionário trouxe também inconvenientes, deixando marcas não só na própria estruturação e forma de funcionamento do órgão, como na “cultura do patrimônio” que começou pouco a pouco a se instaurar. No que diz respeito ao funcionamento do SPHAN, é evidente a centralização exacerbada das atividades preservacionistas - seleção de bens para tombamento, critérios de restauração, etc. - nas mãos de um grupo muito restrito de técnicos. Quanto ao que podemos chamar de “cultura do patrimônio”, outro inconveniente é a associação

---

<sup>13</sup> Decreto-lei 25 Cap. I Art. 1: Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Fonte: <[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)> Acesso em: 25 de out. de 2018.

imediate entre “patrimônio” e os conteúdos ideológicos que interessam ao Estado Novo à época, tais como o estímulo ao sentimento de nacionalidade e a pretensão de amalgamar a nação em torno de uma identidade cultural “consentida”, como apontou Antônio Luís Dias de Andrade (PINHEIRO, 2006, p. 6).

Durante o período em que Rodrigo Melo Franco de Andrade e equipe de trabalho dirigiram o SPHAN, a maioria absoluta dos tombamentos incidiu sobre a arquitetura e a arte barroca, a exemplo dos monumentos religiosos católicos centralizados em Minas Gerais.

Como órgão competente e executor das práticas referentes ao patrimônio à época, o SPHAN privilegiou o bem cultural histórico referente à origem local. Priorizou igrejas, palácios e prédios que sediaram práticas cotidianas de administração e política no período colonial. Dessa forma, o órgão em questão fez uso das raízes da cidade, mas sempre ao que se referia a seu desbravamento e sua fundação. Por exemplo, como cidade tradicional, era necessário que se reconhecesse o patrimônio e as igrejas. (GOMIDE, 1999, p.181).

De acordo com Cristina Helou Gomide (1999) o órgão de proteção definia que era imprescindível conservar os centros históricos, considerando necessário empregar seus esforços na preservação das edificações religiosas e civis que compunham o patrimônio nacional<sup>14</sup>. O SPHAN se preocupou também em conscientizar e informar às comunidades abrangidas pelo tombamento, quanto à necessidade de proteger e conservar seus bens patrimoniais, além de investir na criação de museus regionais de natureza educativa e cultural. Desde sua criação em 1937 até 1967, o referido órgão ganhou projeção nacional, por incentivar iniciativas e criar instrumentos de proteção ao patrimônio brasileiro.

Conforme Silva (2005), por meio das diretrizes gerais instituídas em consonância com organismos internacionais, o país procurou uma agenda que viabilizasse a conciliação da preservação do patrimônio cultural, bem como uma maior atuação social sobre as vertentes culturais em seu território. Essas reivindicações cresciam na medida em que se concretizava a ideologia estabelecida pelas elites políticas amparadas pelo Golpe Militar de 1964.

Esse momento foi marcado pela centralização das estruturas de poder nas mãos da elite política e econômica e portanto, de total inexistência de garantia de liberdades individuais, a Cultura, tornou-se o grande trunfo para a contestação da nova ordem instituída, até que Aloísio Magalhães estando a frente do IPHAN (1979-1982), promoveu uma revisão conceitual das políticas culturais, uma reformulação administrativa, o aumento de dotação orçamentária e a implementação de projetos, o que sinalizava o desgaste do regime vigente, bem como a necessidade de redemocratização da sociedade brasileira (SILVA, 2005, p. 3).

No período da Ditadura Militar no Brasil, foi criado no ano de 1975 o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), que quatro anos depois foi integrado à Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM); objetivava prestigiar os bens culturais até então não contemplados na

---

<sup>14</sup> Conforme Gomide (1999), muitas edificações históricas de São Paulo e Rio de Janeiro, haviam sido destruídas em nome da modernidade. Daí a preocupação do órgão em direcionar sua atenção à conservação das edificações históricas brasileiras.

legislação vigente, ou melhor, os de natureza imaterial. O Centro ficou sob a incumbência de Aloísio Magalhães, o referido órgão através dos profissionais esforçava em perceber os diferentes ambientes sociais que concebiam identidade social, sem separar o grupo detentor das manifestações culturais de seu patrimônio.

A proteção e a preservação são essenciais para o grupo possuidor do bem cultural, pois, para essas pessoas ele possui valor e significado, tornando uma referência cultural<sup>15</sup> para os seus possuidores. É importante observar que a expressão “referência” era indispensável no sentido de “[...] se distinguir das instituições oficiais, museológicas, e propor uma forma nova e moderna de atuação na área da cultura” (FONSECA, 2003, p. 91). Sem dúvida, essa nova forma de visualizar os bens culturais, buscava perceber os valores sentimentais que os grupos sociais (promotores) lhes atribuíam. Nesse contexto o bem material não estaria apartado, ao contrário, faria parte de uma conjuntura tendo em vista a sua importância representativa, sua memória, e sua história para a sociedade que o criou, percebendo o seu significado nesse espaço.

Os avanços nas políticas públicas e a valorização e proteção dos bens culturais no Brasil, ocorreram com a aprovação da Carta Magna de 1988, fundamentada em seus artigos 215 e 216. Estabelecendo ainda a criação de um Plano Nacional de Cultura, com a finalidade de desenvolver a cultura do país, por meio de ações públicas dirigidas pelo Estado, com a colaboração da comunidade. Essa proteção patrimonial se dá através de registros patrimoniais, de elaboração de inventários, desapropriações e tombamentos, dentre outras ações.

Os mecanismos para a identificação e reconhecimento de diversos festejos populares no Brasil, a exemplo da Folia de Reis e a Folia do Espírito Santo enquanto Patrimônio Cultural, somente foi possível, com a introdução dos bens de natureza imaterial na Constituição Federal de 1988. Além das festas populares, outros bens de natureza imaterial foram incluídos na modalidade de Patrimônio Cultural Brasileiro, tais como: lugares, modos de fazer, saberes, celebrações, formas de expressão. O termo “patrimônio” sofreu alteração no seu significado com a nova Constituição, pois, substituiu a terminologia de Patrimônio Histórico e Artístico (empregada nas diversas instâncias governamentais, tanto nacionais quanto internacionais) por Patrimônio Cultural com o intuito de expandir o campo de análise, introduzindo o termo: bens

---

<sup>15</sup> Referências são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado [...] São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e reaproximam os que estão distantes, para que se reviva o sentimento de participar e pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidades, são o que popularmente se chama de “raiz” de uma cultura. IPHAN. Manual de Aplicação do INRC. Brasília, 2000. p. 19.

imateriais. Somente a partir dessa alteração, foram instituídas normativas, deliberadas em diversos encontros, convenções, assembleias, com o propósito de salvaguardar essa modalidade patrimonial. Os estudos relacionados a esse campo são ainda recentes na historiografia brasileira: as constituições anteriores enfatizavam apenas os bens de natureza material como categoria de Patrimônio Cultural.

A Magna Carta define em seu artigo 216 sobre a composição do patrimônio cultural: “os bens de natureza material e imaterial que tomados individualmente ou em conjunto são portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. E por fim o mesmo artigo assegura que: “o Poder Público com a colaboração da comunidade promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento, desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”.

Os bens de natureza material são percebidos pela sua base material de enorme valor e significado, agregada à sua grandeza simbólica, são exemplos, as igrejas, acervos, coleções, teatros, utensílios, monumentos e outros.

Os bens de natureza imaterial são compreendidos, não por seu valor basicamente material, mas por evocarem e representarem os conhecimentos enraizados nas tradições, nos costumes repassados às gerações: são as diversas formas de expressão manifestadas nas músicas, na literatura, nas artes cênicas, nas artes plásticas, nos festejos populares, entre muitos outros.

Nesses artigos da Constituição, o sentido de patrimônio cultural é amplo, o que difere das demais constituições antecedentes. O Estado e a comunidade estabelecem uma parceria na elaboração e na execução das políticas culturais. O artigo 215 faz alusão dos direitos culturais a todos, incluindo o direito à memória dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, com destaque ao parágrafo segundo, onde usa prerrogativas de proteção às culturas indígenas e afro-brasileiras, além das culturas conhecidas como populares, o que permite perceber uma inclusão, antes praticamente ausentes nos atos de tombamento.

A partir da Constituição de 1988, o Brasil tornou-se um dos pioneiros na criação de órgãos apropriados ao reconhecimento e à salvaguarda<sup>16</sup> de bens culturais e imateriais. Como exemplo o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, promulgado pelo governo brasileiro, que

---

<sup>16</sup> Entende-se por ‘salvaguarda’ as medidas que visam garantir a viabilidade do PCI, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não formal – e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos. (UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. 2003).

instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial<sup>17</sup> (PNPI), efetivado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>18</sup> (IPHAN).

O PNPI provocou mudanças importantes na forma de atuação das políticas culturais, trazendo a cultura popular para o campo do patrimônio. Essa mudança de foco impactou na concepção das políticas culturais por algumas razões, sendo a primeira delas o destaque que a cultura popular ganha na agenda política, deixando de lado a visão romântica dos folcloristas de isolá-la como algo imutável. O que se observou foi que a cultura popular, denominada de patrimônios imateriais, a partir do PNPI passou a ser entendida como uma cultura “viva e vivida”, sendo produzida e reproduzida no cotidiano das pessoas e, com isso, a transformação da sua prática é legítima, ou seja, a incorporação de novos elementos simbólicos e o esquecimento de outros fazem parte do processo cultural que garante a construção da identidade de seus detentores (CORÁ, 2013, p. 13).

Corá (2013) também salienta que o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial interferiu beneficentemente na atividade sociocultural dos bens culturais registrados, dentre os benefícios encontra-se a visibilidade e o reconhecimento do PCI no contexto brasileiro, estimulando a valorização e criando espaços para os detentores dos bens culturais, ou seja, as comunidades.

Porém, observa-se também, um assédio junto aos possuidores dos bens culturais, para que se enquadrem nos padrões impostos pelo mercado cultural, e na adequação aos editais, com a finalidade de obterem recursos financeiros para incrementar seus projetos, com a finalidade de salvaguarda. Ainda sobre o assunto Corá (2013, p.13) afirma: “não coube aqui julgar se foram impactos positivos ou negativos, mas sim analisar se as transformações ocorridas influenciaram na identidade cultural dos grupos e, com isso, na continuidade de significado junto aos detentores dos bens culturais registrados”.

O registro é a ferramenta legal no que tange ao prestígio e a valorização do PCI de um país, mas sua consolidação no Brasil, só foi possível após o estabelecimento do Decreto nº 3.551. O regulamento objetiva propiciar projetos de identificação que possam reconhecer, além de salvaguardar e promover a grandeza imaterial do patrimônio cultural.

O IPHAN faz uso de quatro importantes livros para o registro dos bens imateriais: o Livro de Registro dos Saberes, para registros alusivos aos conhecimentos ou costumes tradicionais; Livro de Registro das Celebrações, para registros de festas e ritos relacionados ao tema religiosidade; outro importante livro para registro é o Livro das Formas de Expressão, usado para registrar formas não linguísticas de comunicação; e por fim o Livro de Registro dos

---

<sup>17</sup> IPHAN. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Disponível em: <<http://www.iphan.org.br>>. Acesso em: 02 de fev. de 2018.

<sup>18</sup> Para mais informações acesse: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/606>>. Acesso em 20 de ago. de 2018.

Lugares, usado para registrar os lugares ou espaços que são comuns às práticas culturais coletivas.

De acordo com Rodrigo Modesto Nascimento (2009), a metodologia empregada para pretender o registro de um bem cultural em um dos quatro livros de registro abrange três etapas: a primeira é necessária uma classificação do bem cultural indicado para proteção; na segunda etapa, é realizada a identificação e documentação do referido; e por último é realizado um trabalho etnográfico que auxilia na decisão do registro do bem cultural pelo IPHAN em um dos quatro livros. O pesquisador enfatiza que após a consolidação do Registro na esfera federal, tanto os estados quanto os municípios devem adequar suas legislações às leis nacionais, para preservar os seus bens patrimoniais culturais, pois, são referências de sua memória e de sua identidade. A ação de adequação, também significa a descentralização das políticas de patrimônio, garantias originadas da Magna Carta de 1988.

A partir do Decreto 3.551, de 04 de agosto de 2000, foi possível a institucionalização do registro do patrimônio imaterial, e por meio desse recurso legal, surgiram órgãos competentes para avaliar e regulamentar através dos trâmites legais os registros do PCI.

A tramitação do processo de registro, análoga à do tombamento, tem início a partir da instauração de processo administrativo para reunião de documentação e avaliação da relevância cultural do bem, remetendo-se a decisão final a instância superior - no caso, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. A novidade com relação ao tombamento é o trabalho de parceria que necessariamente será realizado durante a instrução desse processo. Coordenada pelo Iphan, ao qual caberá também o pronunciamento técnico sobre as propostas, a instrução será feita em parceria com outras instituições públicas e privadas, buscando sempre aproveitar o conhecimento já produzido e acumulado sobre essas manifestações culturais (IPHAN, 2006, p. 20).

Os planos de salvaguarda produzidos para o registro do bem cultural, são provenientes da pesquisa de inventário elaborada no decorrer do processo de registro do referido, durante a realização da pesquisa surgem demandas, pelas quais deve haver inquietações no sentido de preocupar-se com a sequência da prática cultural.

A forma de preservação dos bens imateriais é distinta daquela que é usada dos bens materiais, essa última é caracterizada pelas reformas e restaurações. Especificamente no caso dos bens imateriais (ou bens culturais), o que se deve fazer é incentivar aos detentores do saber que o repassem para as próximas gerações, e os incentive na apropriação desse conhecimento para assegurar a conservação da prática cultural. Portanto, isso denota que o plano de salvaguarda é um modelo de orientação que a comunidade possuidora do bem cultural precisa atender para salvaguardar a atividade cultural. Os dossiês que foram elaborados durante o processo de registro proporcionam os apontamentos para a realização de ações protetivas do

bem cultural, partindo do pressuposto de que a salvaguarda tem como intenção assegurar a proteção, a promoção e a continuidade, do bem cultural registrado.

É de suma importância o empenho empregado na preservação dos bens culturais, e sem dúvida, a principal maneira de salvaguardá-los é a efetivação de seus registros. Porém, após suas escrituras nos livros de tombamento, é preciso perceber as novas competências dos bens preservados.

[...] se a memória se mantiver como um registro passivo, estático, por vezes, mesmo intocável na preocupação absoluta da preservação, tenderá para a decrepitude e para a dificuldade de percepção nas gerações vindouras, não contribuindo para o bem-estar geral, para a sociabilidade e para o reconhecimento de símbolo identitário (SOUSA, *apud* CARVALHO, 2014, p. 23).

Assim, os estudos sobre patrimônio recebem um novo sentido quando incorporados nos olhares atuais dos indivíduos sociais. Associando esta forma de pensar com o conceito de tradição como ação de transmissão de conhecimentos entre gerações.

O quadro, a seguir, exhibe os bens imateriais registrados pelo IPHAN, citam as datas e os livros onde ocorreram seus registros, além de apontar o local onde cada ofício ou prática cultural ocorre. O quadro abrange o período de 2002, início dos primeiros registros do IPHAN, até o mês de setembro de 2016.

#### **Bens Culturais de Natureza Imaterial Registrados pelo IPHAN (Até setembro de 2016)**

<b>Bem Registrado</b>	<b>Local da Prática</b>	<b>Livro de Registro</b>	<b>Data de Registro</b>
Roda de Capoeira	Presente em todos os estados do Brasil	Formas de Expressão	21/10/2008
Ofício dos Mestres de Capoeira	Presente em todos os estados do Brasil	Saberes	21/10/2008
Teatro de Bonecos Popular do Nordeste	D. Federal, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio G. do Norte	Formas de Expressão	04/03/2015
Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis	Goiás	Celebrações	13/05/2010
Festa do Divino Espírito Santo de Paraty	Rio de Janeiro	Celebrações	03/04/2013
Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade	Goiás	Celebrações	15/09/2016
Modo de Fazer Viola de Cocho	Mato Grosso, Mato G. do Sul	Saberes	14/01/2005
Ritual Yaokwa do Povo Indígena EnaweneNawe	Mato Grosso	Celebrações	05/11/2010
Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi	Amapá	Formas de Expressão	20/12/2002
Cachoeira de Iauaretê – Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papuri	Amazonas	Lugares	10/08/2006
Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro	Amazonas	Saberes	05/11/2010

Círio de Nossa Senhora de Nazaré	Pará	Celebrações	05/10/2004
Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó	Pará	Celebrações	27/11/2013
Carimbó	Pará	Formas de Expressão	11/09/2014
Modo de Fazer Cuias do Baixo Amazonas	Pará	Saberes	11/06/2015
Saberes e Práticas Associadas aos Modos de Fazer Bonecas Karajá	Tocantins	Saberes	25/01/2012
Rtixòkò: Expressão Artística e Cosmológica do Povo Karajá	Tocantins	Formas de Expressão	25/01/2012
Samba de Roda do Recôncavo Baiano	Bahia	Formas de Expressão	05/10/2004
Ofício das Baianas de Acarajé	Bahia	Saberes	14/01/2005
Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim	Bahia	Celebrações	05/06/2013
Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha	Ceará	Celebrações	17/09/2015
Tambor de Crioula do Maranhão	Maranhão	Formas de Expressão	29/06/2007
Complexo Cultural do Bumba meu boi do Maranhão	Maranhão	Celebrações	30/08/2011
Feira de Campina Grande	Paraíba	Lugares	27/09/2017
Feira de Caruaru	Pernambuco	Lugares	20/12/2006
Frevo	Pernambuco	Formas de Expressão	28/02/2007
Maracatu Nação	Pernambuco	Formas de Expressão	03/12/2014
Maracatu de Baque Solto	Pernambuco	Formas de Expressão	03/12/2014
Cavalo-Marinho	Pernambuco	Formas de Expressão	03/12/2014
Caboclinho	Pernambuco	Formas de Expressão	24/11/2016
Produção Tradicional e Práticas Socioculturais Associadas à Cajuína no Piauí	Piauí	Saberes	15/05/2014
Festa de Sant'Ana de Caicó	Rio Grande do Norte	Celebrações	10/12/2010
Modo de Fazer Renda Irlandesa	Sergipe	Saberes	28/01/2009
Ofício das Paneleiras de Goiabeiras	Espírito Santo	Saberes	20/12/2002
Jongo no Sudeste	Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo	Formas de Expressão	15/12/2005
Modo Artesanal de Fazer Queijo de Minas, nas Regiões do Serro e das Serras da Canastra e do Salitre	Minas Gerais	Saberes	13/06/2008
Ofício de Sineiro	Minas Gerais	Saberes	03/12/2009
Toque dos Sinos em Minas Gerais	Minas Gerais	Formas de Expressão	03/12/2009

Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-Enredo	Rio de Janeiro	Formas de Expressão	20/11/2007
Fandango Caiçara	São Paulo, Paraná	Formas de Expressão	29/11/2012
Tava, Lugar de Referência para o Povo Guarani	Rio Grande do Sul	Lugares	03/12/2014

Quadro 01: Bens Culturais de Natureza Imaterial Registrados pelo IPHAN (até setembro de 2016).

Fonte: IPHAN - <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1617/>. Acesso em: 15 de jan. de 2018.

Organização dos dados: Angelo Marcos de Souza, 2018.

Analisando esse quadro, é possível perceber avanços consideráveis nos registros do patrimônio imaterial brasileiro, privilegiando manifestações de povos que constituíram a nação brasileira, como os povos indígenas nativos no Brasil, povos de origem africana e dos imigrantes europeus. Todavia, boa parte dos estados não foi contemplada com registros, e outros estados e regiões por sua vez, tiveram privilégios do reconhecimento e do registro dos bens intangíveis.

Constam em análise no IPHAN, 36 Bens Imateriais em Processo de Instrução para Registro<sup>19</sup> (até janeiro de 2018), dentre eles o “Ofício de Raizeiras e Raizeiros no Cerrado” (Farmacopeia Popular do Cerrado), dos Estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Maranhão e Distrito Federal, aguardando desde 06/09/2006. Mais um bem imaterial na fila de espera é o “Repente”, dos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Sergipe; e Distrito Federal, aguardando desde 14/02/2013. A “Literatura de Cordel” dos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Sergipe, Distrito Federal; Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, no aguardo desde 22/02/2010, tiveram seu reconhecimento confirmado pelo IPHAN no dia 19 de setembro de 2018.

Não obstante de que o registro demanda metodologias e mecanismos de identificação, documentação e salvaguarda, a execução de políticas públicas nesse quesito, tem comprovado certa ineficiência dos gestores federais na resolução das referidas demandas. O que pode ser comprovado, por processos em análise desde 2006, ainda em fase de avaliação.

Nogueira (2014) enfatiza que houve avanços no que diz respeito à noção de patrimônio cultural, e uma nova configuração do campo situada na constituição de um diálogo mais disciplinado, não mais voltado apenas às disciplinas das ciências sociais e humanas. Ao estabelecer um diálogo interdisciplinar com outros campos do saber, o patrimônio cultural, expandiu suas fronteiras, fortalecido pela tônica da transversalidade da variedade cultural e dos

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/426>>. Acesso em: 05 de jan. de 2018.

direitos culturais e à memória. Sobre a nova configuração do patrimônio cultural no contexto brasileiro o autor complementa:

Nesse mesmo movimento, além da introdução da educação patrimonial no ensino fundamental (amparada nos planos dos PCNs) e de disciplinas concernentes ao patrimônio e afins nos currículos de graduação dos cursos de História, hoje, há cursos voltados para a formação de historiador especializado/qualificado em patrimônio cultural. Visível é a criação de cursos de especialização e mestrado em patrimônio ou gestão de bens culturais em vários Programas de Pós-Graduação bem como a criação de laboratórios ou grupos de pesquisas [...]. O certo é que grande parte do conhecimento gerado por essas pesquisas tem resultado num crescimento significativo de monografias, dissertações e teses defendidas nos Departamentos e Programas de Pós-Graduação em História e Ciências Sociais e na proliferação de publicações em artigos, livros e revistas especializadas (NOGUEIRA, 2014 p. 47 e 48).

O sucesso da política de patrimônio imaterial é possível, com a ação de seus intérpretes sociais, sendo necessário um diálogo constante do poder público com os diversos segmentos da sociedade, interessados na ação de patrimonialização de um determinado bem imaterial. Afinal, são os indivíduos sociais, em suas práticas cotidianas, que reconhecem o verdadeiro sentido e significado de suas tradições culturais. Os gestores públicos devem ser flexíveis e atentos às manifestações socioculturais, no sentido de promoverem ações de reconhecimento e salvaguarda dessas expressões culturais. Portanto, a nova configuração citada por Nogueira (2014), fundamentada no diálogo com teóricos, pesquisadores, comunidade e órgãos federais em defesa do patrimônio imaterial, demonstra que apesar do longo caminho a trilhar, o país encontra-se na direção correta.

Estão inseridos na ideia de patrimônio intangível, os costumes, a tradição oral, as danças folclóricas, os rituais sagrados ou profanos, dentre outras manifestações socioculturais. Ao examinar os registros de bens culturais realizados pelo IPHAN, é possível notar que a Folia de Reis ainda não é registrada como um bem imaterial brasileiro. Porém, existem tradições religiosas de natureza semelhante, a exemplo da Festa do Divino Espírito Santo nas cidades de Pirenópolis no estado de Goiás e Paraty no estado do Rio de Janeiro, reconhecidas pelo órgão. Bem como, a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade no estado de Goiás, o ritual Yaokwa<sup>20</sup> do Povo Indígena Enawene Nawe no estado do Mato Grosso, a festividade do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó no estado do Pará, a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim no estado da Bahia, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré no estado do Pará, dentre outras manifestações semelhantes ao folclore da Folia de Reis,

---

<sup>20</sup>Inscrito no Livro de Registro de Celebrações, em 2010, esse ritual é considerado a principal cerimônia do complexo calendário ritual dos Enawene Nawe, povo indígena de língua Aruak, cujo território tradicional e Terra Indígena estão localizados na região noroeste do estado de Mato Grosso. Em 2011, a UNESCO incluiu o Ritual Yaokwa na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial que Requer Medidas Urgentes de Salvaguarda. Para conhecer, consultar o portal do IPHAN: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/74>>. Acesso em: 05 de jun. 2018.

registradas no referido órgão.

Consta apenas a Folia de Reis do estado do Rio de Janeiro, nos Inventários<sup>21</sup> em Andamento no IPHAN, junto com o processo de Terreiros Tradicionais de Candomblé e Umbanda, também do referido Estado. O poder público do Estado do Rio de Janeiro já havia dado um importante passo com a aprovação do Projeto de Lei nº 3160/2014 na Assembleia Legislativa, que declarou a Folia de Reis como Patrimônio imaterial.

Outra relevante iniciativa foi a aprovação dia 06/01/2017, pelo Conselho Estadual de Patrimônio de Minas Gerais, da Folia de Reis como patrimônio cultural imaterial do estado. O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG), através de um inventário realizado em 2016, catalogaram e registraram 1255 grupos de folias, espalhados em 326 municípios de Minas gerais, protegendo uma tradição de três séculos<sup>22</sup>.

Em Santa Catarina, por iniciativa da Deputada Ana Paula Lima, a Assembleia Legislativa Estadual acatou o Projeto<sup>23</sup> de Lei 0063.5/2017, que declara integrante do PCI de Santa Catarina o “Terno de Reis”. O governador vetou a decisão da ALESC. O veto ao projeto foi rejeitado pelos pares da Casa no dia 06/12/17, por unanimidade, restando ao governo a sanção da lei ou recurso na justiça. O Terno de Reis (conhecido por essa denominação na região Sul do Brasil) é uma tradição que está presente no Estado de Santa Catarina há 269 anos e é praticada em dezenas de municípios catarinenses.

Os foliões da Folia de Reis de diversos estados brasileiros a exemplo do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina, dentre outros, anseiam por visibilidade e valorização do folguedo por meio de seu reconhecimento e registro pelo IPHAN, reconhecendo-o como um bem imaterial brasileiro. Porém, o registro deve intervir o mínimo, para não imobilizá-lo, como afirma Laurent Lévi-Strauss, representante da UNESCO, ao avaliar o decreto 3551/2003, que trata de registros de bens imateriais.

Gostos, necessidades, modos de vida, valores e representações sempre evoluíram e continuarão a fazê-lo e, se uma comunidade abandona uma prática social, não há como se opor. O que pode ser feito, e o decreto atende isto, é, por um lado, inventariar, estudar e conservar e, por outro, oferecer reconhecimento social aos detentores desse patrimônio para que tenham reconhecida sua importância, convidando-os a perpetuá-lo a transmiti-lo às novas gerações que, por sua vez, terão tomado consciência de seu valor (LÉVI-STRAUSS, 2001, p. 27).

<sup>21</sup> O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>>. Acesso em: 05 de jun. 2018.

<sup>22</sup> Notícia disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-01/folia-de-reis-e-declarada-patrimonio-cultural-imaterial-de-minas-gerais>>. Acesso em: 05 de jun. de 2018.

<sup>23</sup> Ver: VALE SC Notícias. Disponível em: <<https://valesc.com.br/2017/12/07/por-unanimidade-alesc-derruba-veto-do-governador-ao-pl-que-declara-terno-de-reis-patrimonio-cultural-de-sc/>>. Acesso em: 04 de jun. 2018.

Algumas ações realizadas pelo IPHAN, tais como a criação recente do curso de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural<sup>24</sup> e da realização de seminários, palestras e encontros em diversas comunidades brasileiras, são de grande relevância. Porém, essas ações não podem restringir apenas ao órgão ou a alguns setores da sociedade. A educação patrimonial precisa fazer parte do currículo escolar do ensino fundamental ao universitário, abrangendo o território nacional. Faz-se necessário a divulgação das ações em mídias sociais, bem como o diálogo ininterrupto com as comunidades assistidas, garantindo as condições necessárias para que suas manifestações culturais permaneçam e que esses saberes, sejam transmitidos a outras gerações.

### 1.3 Sobre os Santos Reis Magos

Ó amabilíssimos Santos Reis, Baltazar, Melquior e Gaspar!  
 Fostes vós avisados pelos Anjos do Senhor sobre a vinda ao mundo de Jesus, o Salvador, e guiados até o presépio de Belém de Judá, pela Divina Estrela do Céu.  
 Ó amáveis Santos Reis, fostes vós os primeiros a terem a ventura de adorar, amar e beijar a Jesus Menino, e oferecer-lhe a vossa devoção e fê, incenso, ouro e mirra.  
 Queremos, em nossa fraqueza, imitar-vos, seguindo a Estrela da Verdade.  
 E descobrindo a Menino Jesus, para adorá-lo.  
 Não podemos oferecer-lhe ouro, incenso e mirra, como fizestes.  
 Mas queremos oferecer-lhe o nosso coração contrito e cheio de fé [...]. Amém<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> O Mestrado decorre da experiência positiva do Programa de Especialização em Patrimônio do IPHAN (PEP), na formação interdisciplinar de profissionais graduados em diversas áreas de conhecimento para atuarem no campo da preservação do patrimônio cultural. Este Programa foi implantado em 2004, contando com a cooperação técnica da UNESCO. A CAPES aprovou a proposta de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN na reunião 124º do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) realizada entre 28 de fevereiro e 1º de março de 2011. O curso é reconhecido pelo Ministério da Educação, por meio da Portaria MEC nº 978, de 26 de julho de 2012. O objetivo do Mestrado é formar, de modo interdisciplinar, profissionais para o campo da preservação do patrimônio cultural, considerando a diversidade de disciplinas, questões e objetos envolvidos, assim como as particularidades regionais. Pretende-se capacitar os alunos para a análise crítica, formulação e desenvolvimento de ações de preservação, a partir de um conhecimento geral e abrangente que envolva aspectos sociais, históricos, jurídicos e tecnológicos aplicados ao campo. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Edital%20de%20Sele%C3%A7%C3%A3o%20do%20Mestrado%20Profissional%20-%202018.pdf>. Acesso em: 23 de dez. de 2018.

<sup>25</sup> Fonte: Disponível em: <<http://www.oracoesdaigrejabatolica.com/2013/01/oracao-santos-reis.html>>. Acesso em: 25 de set. de 2018.



Imagem 1.2: Adoração dos Magos, Igreja de Santo Apolinário, o Novo, século VI. Ravena, Itália. Fonte: HILDESHEIM, J. O livro dos Reis Magos. São João do Estoril, Portugal: Lucerna, 2004. (Doc. Histórico).

No dia 6 de janeiro, comemora-se na tradição católica o Dia dos Santos Reis Magos, celebração que relembra a visita dos Reis Magos do Oriente ao Menino Jesus na gruta de Belém. A festa da Epifania<sup>26</sup>, como é denominada, é um sinal da primeira revelação do Cristo Salvador aos povos não judeus (os gentios), indicando que o Filho de Deus, não viera apenas para salvar os judeus, mas toda a humanidade de seus pecados. A veneração aos Reis Magos abraça o sentido de redenção pela vida, fundamentado no pensamento cristão desde os primórdios do cristianismo.

Ao longo dos tempos, as celebrações populares que celebravam a vida através dos festejos tradicionais pagãos foram incorporadas à liturgia da igreja romanizada<sup>27</sup>. O período natalino possibilitou a cessão das festas de tradições populares para a liturgia oficial.

A incorporação na liturgia cristã do episódio da Adoração dos Magos foi de forma gradual. No início, a festa da Páscoa, em memória da ressurreição de Cristo, era a única festa cristã, a segunda festa incorporada foi a do Batismo de Jesus depois de algum tempo, a Igreja introduziu a celebração do milagre das Bodas de Caná e em seguida a festa da visitação dos Magos ao menino Jesus, sendo denominada Epifania.

[...] esse episódio veio a se constituir na essência da celebração da Epifania, festejada desde sua origem, no Oriente, nos primeiros séculos do Cristianismo, no dia 6 de janeiro de cada ano, também conhecido como dia de Santos Reis. A Epifania foi somente estabelecida em definitivo no século IV como uma das festas mais solenes da liturgia cristã, significando que o Messias prometido veio não apenas para os

<sup>26</sup> De acordo com o Catecismo católico (nº 528): A epifania é a manifestação de Jesus como Messias Israel, Filho de Deus e Salvador do mundo. (Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1997).

<sup>27</sup> O processo de romanização tinha como meta restaurar o prestígio da Igreja Católica e a ortodoxia dos fiéis e formar um clero zeloso e exemplar, por meio do qual as crenças e as práticas religiosas se moldassem à fé católica apostólica romana, e principalmente substituir o catolicismo popular. Disponível em: [www.revistas.uepg.br/article?viewFile](http://www.revistas.uepg.br/article?viewFile). Acesso em 20 de out. 2018.

judeus, mas também para todos os povos da humanidade (SILVA *apud* LOURENÇO, 2014, p. 64).

De acordo com Kodama (2009) a comemoração da peregrinação/jornada dos Reis Magos para visitar o Salvador (o Messias), foi estabelecida no dia 06 de janeiro de 1164. No princípio do Cristianismo havia polêmicas em relação ao número de magos que tinham visitado o filho de Maria, chegando a ser representados em número de doze. Algumas imagens medievais retratam apenas duas pessoas. Diversos desenhos indicando a visitação dos reis à gruta de Belém foram encontrados na catacumba de Santa Domitilla em Roma. As figuras encontradas representam quatro magos ao invés de três. A resolução do imbróglío ocorreu no ano de 213 com o teólogo Orígenes, que tomou como base o número de presentes ofertados, citados na narrativa bíblica do Evangelho de Mateus capítulo 2 versos 1-12 e do profeta Isaías (Mt. 2, 1-12; Is. 60, 1-6)<sup>28</sup> ficando determinado o número de três magos.

A narrativa bíblica escrita pelo evangelista Mateus, é considerado por muitos estudiosos um enigma, bem como em alguns Evangelhos, avaliados como apócrifos, que tratam da origem e da natureza dos Magos. A interpretação do sinal da estrela, o número de Magos visitantes, o significado simbólico das dádivas ofertadas, tem propiciado debates calorosos nos campos do conhecimento histórico, filosófico, teológico, astronômico, iconográfico, astrológico, das Ciências Ocultas e literárias, e gerado permanentes reinterpretações, ao longo dos dois milênios. O livro de Mateus é o segundo Evangelho canônico<sup>29</sup> das Escrituras Sagradas

---

<sup>28</sup> Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e vimos para prestar-lhe homenagem.” Ao saber disso, o rei Herodes ficou alarmado, assim como toda a cidade de Jerusalém. Herodes reuniu todos os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei, e lhes perguntou onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: “Em Belém, na Judéia, porque assim está escrito por meio do profeta: ‘E você, Belém, terra de Judá, não é de modo algum a menor entre as principais cidades de Judá, porque de você sairá um Chefe, que vai apascentar Israel, meu povo’. Então Herodes chamou secretamente os magos, e investigou junto a eles sobre o tempo exato em que a estrela havia aparecido. Depois, mandou-os a Belém, dizendo: “Vão, e procurem obter informações exatas sobre o menino. E me avisem quando o encontrarem, para que também eu vá prestar-lhe homenagem.” Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que parou sobre o lugar onde estava o menino. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria. Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois, abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, partiram para a região deles, seguindo por outro caminho (**Mateus 2, 1-12**). Levanta-te, sê radiosa, eis a tua luz! A glória do Senhor se levanta sobre ti. Vê, a noite cobre a terra e a escuridão, os povos, mas sobre ti levanta-se o Senhor, e sua glória te ilumina. As nações se encaminharão à tua luz, e os reis, ao brilho de tua aurora. Levanta os olhos e olha à tua volta: todos se reúnem para vir a ti; teus filhos chegam de longe, e tuas filhas são transportadas à garupa. Essa visão tornar-te-á radiante; teu coração palpitará e se dilatará, porque para ti afluirão as riquezas do mar, e a ti virão os tesouros das nações. Serás invadida por uma multidão de camelos, pelos dromedários de Madiã e de Efá; virão todos de Sabá, trazendo ouro e incenso, e publicando os louvores do Senhor (**Isaías 60, 1-6**).

<sup>29</sup> Os livros para serem considerados canônicos, ou seja, oficiais passavam por alguns fatores para a sua conservação e aceitação, dentre eles, terem a origem apostólica, real ou putativa; a importância das comunidades cristãs destinatárias; conformidade com a regra de fé e guiado pelo Espírito (BROWN, 2004). O primeiro evangelho canônico é o de Marcos, escrito entre os anos 60 e 70 d.C.

do cristianismo, e é o único dos quatro evangelistas que narra a visitação dos Reis Magos ao Menino Jesus, escrito possivelmente entre os anos 80 e 90 da era cristã, numa comunidade de judeus, convertidos posteriormente ao cristianismo. O evangelho de Mateus não detalha quantos e nem quem eram os Reis Magos, todavia, a tradição católica e os registros não oficiais da Igreja aludem que eram três e denominavam-se Gaspar, Baltasar e Melquior (ou Belchior). O que mais impressiona os estudiosos segundo Kodama (2009, p. 109) é: “como um relato específico e pequeno, de um único evangelista pode desencadear uma devoção tão antiga e arraigada no imaginário popular?”.

A visitação dos Reis Magos ao Menino Jesus, é interpretada pela exegese católica, como a realização da predição de Davi no Salmo 71<sup>30</sup> do Velho Testamento. Esses personagens são citados em outros documentos e no Evangelho Apócrifo Armênio da Infância<sup>31</sup>, no capítulo 5, versículo 10, escrito provavelmente no fim do século XVI.

“Um anjo do Senhor foi depressa ao país dos persas para avisar aos reis magos e ordenar a eles de ir e adorar o menino que acabara de nascer. Estes, depois de terem caminhado durante nove meses, tendo por guia a estrela, chegaram à meta exatamente quando Maria tinha dado à luz. Precisa-se saber que, naquele tempo, o reino persiano dominava todos os reis do Oriente, por causa do seu poder e das suas vitórias. Os reis magos eram 3 irmãos: Melquior, que reinava sobre os persianos; Baltasar, que era rei dos indianos, e Gaspar, que dominava no país dos árabes.”

De acordo com a tradição cristã, os Magos foram os primeiros mensageiros, e ao mesmo tempo portadores do poder e do conhecimento, ao aceitarem Cristo como Salvador. Vale salientar que os reis eram comumente denominados de Magos na Pérsia antiga e o evangelista Mateus usa o vocábulo “mago”, esta atestação induziu diversos pesquisadores a pensar que os magos eram originários do oriente. Em muitos registros antigos, o Oriente é compreendido pelos territórios que abrangem a Mesopotâmia, Arábia, Babilônia e Pérsia. Essas hipóteses confirmam relatos e profecias encontradas no livro do Antigo Testamento, como por exemplo, o Salmo 71 escrito por Davi (citado anteriormente).

---

<sup>30</sup> Os reis de Társis e das ilhas lhe trarão presentes, os reis da Arábia e de Sabá oferecer-lhe-ão seus dons. Todos os reis hão de adorá-lo, hão de servi-lo todas as nações. Porque ele livrará o infeliz que o invoca, e o miserável que não tem amparo. Ele se apiedará do pobre e do indigente, e salvará a vida dos necessitados. Ele o livrará da injustiça e da opressão, e preciosa será a sua vida ante seus olhos. Assim ele viverá e o ouro da Arábia lhe será ofertado; por ele hão de rezar sempre e o bendirão perpetuamente. Haverá na terra fartura de trigo, suas espigas ondularão no cume das colinas como as ramagens do Líbano; e o povo das cidades florescerá como as ervas dos campos. Seu nome será eternamente bendito, e durará tanto quanto a luz do sol. Nele serão abençoadas todas as tribos da terra, bem-aventurado o proclamarão todas as nações. Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, que, só ele, faz maravilhas. Bendito seja eternamente seu nome glorioso, e que toda a terra se encha de sua glória. Amém! Amém! Aqui terminam as preces de Davi, filho de Jessé (**Salmo 71**).

<sup>31</sup> A palavra Apócrifo vem do grego *apokrypha*, escondido, nome usado pelos escritores eclesiásticos para determinar, 1) Assuntos secretos, ou misteriosos; 2) de origem ignorada, falsa ou espúria; 3) documentos não canônicos. Estes não faziam parte do Cânon hebraico, mas todos eram mais ou menos aceitos pelos judeus de Alexandria que liam o grego, e pelos de outros lugares; e alguns são citados no Talmude.

O historiador e teólogo cristão Tertuliano de Cartago, por volta de 361 d.C., afirma que os Reis procedem da Arábia, Tarsis e Sabá, presume-se que o mesmo tenha fundamentado sua teoria com base no Salmo 71. Porém, é conferido ao teólogo e monge beneditino São Beda, o Venerável (673-735), a referência da denominação dos Reis, bem como a ordenação de suas descrições. Segundo ele, os três Reis representariam os povos de todas as nações do mundo e culturas de distintas épocas históricas.

Há várias interpretações sobre os reis magos e, até mesmo, especulações. Algumas podem ser vistas nas *Exposições de Mateus*, escritas por um monge inglês nascido no século VII: Beda *O Venerável*. Este afirma que cada mago veio de um continente, a saber, Ásia, África e Europa. Uma relação da liturgia procura se apoiar nos filhos do patriarca Noé, sendo estes magos descendentes de Sem, Cam e Jafé. Em outra tradição do Oriente, os magos recebem nomes diferentes. No livro etíope, chamado *livro de Adão*, eram chamados, Hor, rei dos persas, Basanater, rei de Sabá, e Karsudan, rei do Oriente, conforme Metzger; Coogan (2002) (SILVA, 2012, p. 18).

Os Reis Magos, ou popularmente Santos Reis, fazem parte dos personagens mais intimamente vinculados à tradição do catolicismo popular. O simbolismo que os envolve é vasto, e as interpretações dos exegetas sobre o tema mais amplo ainda.

Ao observar a obra “Adoração dos Magos” (imagem 1.2), é possível elaborar algumas interpretações dos mistérios que envolvem os personagens dos Reis Magos, esse mosaico encontra-se na Basílica de Santo Apolinário Novo, em Ravena na região da Emília-Romanha, na Itália, datado do século VI. Há alguns dados curiosos e interessantes na representação e na construção da memória dos Magos na decoração que devem ser observados: constam os nomes dos magos, conforme são conhecidos na atualidade (Baltazar, Melchior e Gaspar), e os personagens representados não fazem uso de coroas reais, o que demonstra alteração na tradição. Eles estão usando vestimentas incomuns, coloridas e estampadas. As estampas com os pontos sugerem estrelas, uma alusão à estrela guia que indicou aos Magos (astrólogos) o local do nascimento do Salvador, descrita na narrativa do evangelista Mateus. E também por tratar-se de um símbolo relacionado à astrologia, portanto, elas são importantes para os Magos.

Segundo Antonio e Pelegrini (2014, p. 91) os gorros usados nas cabeças dos personagens significa “uma ligação dos Magos ao sentido original de magia, ao invés de realeza, como foi se construindo posteriormente, apesar de que os gorros se apresentam de cor vermelha”. As autoras observam que “também é posto que cada Mago tenha uma idade diferente, sendo o mais idoso o Gaspar, o mais jovem Melchior e na idade adulta, Baltazar”. As pesquisadoras percebem ainda que:

A paisagem vista, os nomes são integrantes dela, ao fundo há uma paisagem não tão colorida como os Magos, porém há tamareiras sendo visualizados com os seus frutos. Para o cristianismo a árvore com frutos simboliza os homens bons. Também há

algumas flores brancas, podendo ser lírios, que indica simbolicamente a pureza, mas, principalmente, o símbolo do escolhido. Dessa forma, a mensagem era perpetuada para os que a observava durante as homílias. No alto, do lado direito, vemos a estrela, a sua presença para os Magos foi o sinal do nascimento de um rei, e ela, posteriormente, fica sobre a casa em que se encontrava o menino e a mãe. A simbologia em torno da estrela da narrativa mateana tem algumas considerações: o apócrifo Evangelho Árabe da Infância defende a ideia de ser um anjo; já Jacopo Varazze (1230-1298) em sua “Legenda Aurea” expõe que não é qualquer estrela, pois essa se difere por três motivos das demais estrelas, em localização, brilho e movimento, e ainda apresenta seu significado, que fica evidente no momento em que ele mostra a estrela com cinco definições: material, espiritual, intelectual, racional e supra-substancial (ANTONIO, PELEGRINI, 2014, p. 191-192).

Quanto aos presentes, estão em vasilhames ornamentados, contendo diferentes substâncias, conforme a narrativa bíblica: “Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus cofres, ofereceram-lhe como presentes ouro, incenso e mirra” (Mt. 2:1). Para a igreja romana o incenso simboliza a divindade de Jesus, a mirra a paixão de Cristo e o ouro a realeza de Jesus Cristo.

Com toda essa simbologia em torno da imagem, há uma probabilidade de ligar alguns detalhes, para fazer sua leitura. Ao decifrar esse importante código cultural, é possível compreender o seu significado e a importância de sua representação para a sociedade da época. Mas, com um simples olhar a imagem por si deixa evidente que, guiados por uma estrela os personagens tinham uma missão/jornada a cumprir: encontrar, adorar e presentear o Rei, reconhecendo-o como Salvador enviado por Deus, segundo a tradição cristã.

Na Europa na atualidade o culto aos Reis Magos é sólido, e os devotos nos países como a Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Bélgica, Portugal e Espanha, trocam presentes, participam de celebrações nas igrejas, visitam familiares, fazem caridade, e promovem grandes banquetes. Para muitos habitantes dos países ibéricos, o festejo de veneração aos Reis Magos é mais significativo do que o próprio natal.



Imagem 1.3: Relicário dos Três Reis Magos, obra de Nicolás de Verdun (1130-1205), catedral de Colônia, Alemanha e detalhe do relicário.

Esta urna (relicário - imagem 1.3) de ouro e de pedras preciosas encontra-se na nave central da Catedral de Colônia na Alemanha. De acordo com uma antiga tradição, nela foram depositados os restos mortais dos Três Reis Santos (Magos do Oriente). É atribuída à Flávia Júlia Helena (250-330) ou popularmente conhecida como Santa Helena, mãe do imperador Constantino, o mérito da descoberta das relíquias<sup>32</sup> no século IV na Pérsia.

<sup>32</sup> As relíquias são restos (em latim: reliquiae = restos) dos corpos dos santos ou beatos. Num sentido, mais amplo se incluem também objetos que os santos e beatos utilizaram durante a sua vida ou ainda objetos que foram tocados nas relíquias.

Helena se notabilizou na história do cristianismo, por uma série de ações, que colaborou na expansão cristã. Influenciou a conversão de Constantino, que por sua vez publicou o Édito de Milão no ano de 313, dando ao cristianismo e as outras demais religiões o estatuto de legitimidade, dando fim às perseguições cristãs e a liberdade de culto. Helena também, em peregrinação à Palestina buscou reconhecer as localidades onde Jesus Cristo exerceu atividades missionárias e, nesses locais determinou que fossem erigidas igrejas. São atribuídas a ela as construções da Igreja da Natividade, Igreja do Santo Sepulcro e a Basílica da Ascensão, no Monte das Oliveiras.

Os restos mortais dos Reis Magos foram trazidos da Pérsia ou da Índia, conforme a versão e conduzidos para a Igreja de Santa Sofia, localizada em Constantinopla, antiga capital do Império Romano do Oriente. Logo após, no século VI, fizeram a transferência para Milão, no Ocidente. O imperador Frederico Barba Roxa saqueou a capital de Milão e removeu as relíquias para a Igreja de Colônia. A catedral teve que ser reformada e ampliada devido à grande quantidade de fiéis que se aglomeravam para ver as relíquias. Em 2004 o relicário foi aberto na belíssima Igreja gótica, expondo as ossadas de três homens. Os crânios indicavam que pertenciam a indivíduos com idades diferentes: um idoso, um jovem e um de meia idade. Porém, não houve avanços de quem realmente pertencia às ossadas do relicário.

Essa afirmativa é também defendida por Kodama (2009) quando a autora afirma que até o momento os estudiosos não conseguiram precisar de quem são os corpos depositados na urna em Colônia. A urna dos Reis Magos foi confeccionada em ouro e pedras preciosas, foi projetada e iniciada pelo mestre ourives Nikolaus Von Verdun no ano de 1181 e concluída apenas em 1220, por seus correligionários.

A esplendorosa catedral de Colônia dedicada a São Pedro e Nossa Senhora, teve sua construção iniciada em 1248 e concluída em 1880 pelo imperador da Prússia Guilherme I. No período de sua inauguração, 600 anos após o início de sua construção a catedral era a mais alta edificação do mundo. Converteu-se em um dos grandes centros de peregrinação da Idade Média, sendo reconhecida na atualidade pela sua riqueza e beleza, destacando-se entre as grandes construções góticas. É o ponto turístico mais visitado na Alemanha, com aproximadamente 6 milhões de visitas anuais. Boa parte dos visitantes é atraída pelos encantos da narrativa dos Reis Magos.

Em contrapartida, desde o final do século XII, no ocidente, príncipes, peregrinos, monges, artistas fizeram-se verdadeiros andarilhos, disseminadores do culto dos magos. As abadias abrigam relíquias, que servem, também de bases estratégicas para essa devoção. Além dos imperadores alemães, muitos soberanos ou grandes senhores de diferentes reinos europeus – entre os quais se pode citar Guilhaune o marechal, tutor do príncipe herdeiro da Inglaterra, Felipe, príncipe de Borgonha e o Frances Luis

XI- visitaram colônia, onde deixaram importantes doações para tal ou tal obra de arte a ser criada em honra dos reis: urna, candelabro, vitrais, tapeçarias e, mais tarde, pinturas. Sob sua influência também numerosa, igrejas ou capelas foram erguidas e lhes foram consagradas e não apenas no trajeto das relíquias (PESSOA; FELIX *apud* SILVA, 2012, p. 20).

As relíquias sagradas como visto, são importantes elementos que serviram (ainda hoje servem) para promoverem a cristianização de territórios, ou reforçar o poder dos administradores políticos locais. Seus atributos de sacralidade e de portadoras da memória cristã deram a esses artefatos, posições privilegiadas como agentes de conquista de territórios em todo o mundo. O culto às relíquias abarcou todo o período medieval, nas igrejas mais importantes elas eram indispensáveis.

Vale lembrar que Dia de Santos Reis e a Epifania do Senhor são desvinculados do calendário oficial da Igreja, desde o II Concílio do Vaticano, ocorrido nos anos de 1962 a 1965 em quatro longas sessões. Uma das decisões acordadas é que a comemoração da Epifania de Cristo seria realizada em um domingo entre os dias 2 e 8 de janeiro. Em muitos países cristãos, o dia 6 de janeiro (Dia de Santos Reis) era um feriado incorporado no calendário oficial, inclusive no Brasil e em Portugal. Com a alteração da data, desvinculou-se a festa da Epifania com a Festa do Dia de Santos Reis, essa decisão da Igreja diminuiu consideravelmente o esplendor das festividades em honra aos Reis Magos. No entanto, muitos países como a Alemanha, Itália, Espanha, Argentina e México ainda mantém o dia 6 de janeiro como feriado no calendário oficial.

Milhares de fiéis de Santos Reis, especialmente os devotos que fazem parte do catolicismo popular em todo o mundo, apesar da alteração no calendário litúrgico da Igreja (catolicismo oficial), permanecem com a tradição milenar, com o apoio ou sem o apoio (sem ele na maioria das vezes) da Igreja. No Brasil, especialmente os foliões da Folia de Reis, realizam os seus “giros”, (peregrinação/jornada) nas residências de populares nas regiões rurais e urbanas na maioria das regiões brasileiras. Tanto as peregrinações, quanto à realização dos festejos em homenagem aos Santos Reis, são conduzidas por leigos que professam fazer parte da religião cristã católica, e acreditam que estão cumprindo uma missão designada pelos Santos Reis Magos. Pelo número de crianças e jovens participantes nos eventos religiosos em boa parte das regiões brasileiras, exercendo diversas atribuições durante a jornada, percebe-se que a tradição permanece atraindo devotos e simpatizantes para a realização dos festejos de Santos Reis.

#### 1.4 A tradição do culto aos Magos no Brasil

O contexto histórico da chegada dos portugueses na colônia brasileira insere-se no período das Grandes Navegações nos séculos XV e XVI. Os colonizadores lançaram-se ao mar em busca de novos territórios para explorar, e com eles desembarcaram nas novas terras alguns de seus costumes e de suas tradições, como exemplo, as comemorações da natividade, os festejos e devoções aos santos, os autos piedosos e as celebrações em homenagem aos Santos Reis Magos. Os jesuítas da Companhia de Jesus, como os padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, dentre muitos outros, faziam uso constante dos autos de dramatizações e folias durante a realização das celebrações, festividades e procissões, em linguagem acessível aos participantes. A devoção aos Reis Magos na colônia (muito comum no continente europeu na época) incentivou o surgimento das Confrarias ou Companhias de Santos Reis, onde era natural o uso de elementos sagrados e profanos, convivendo harmoniosamente e se transformando de acordo com as influências culturais de cada região.

A tradição da veneração aos Três Reis no Brasil, influenciada pelos padres jesuítas, levou à construção da edificação militar do “Forte dos Reis Magos” em Natal (RN), fundado em 06 de janeiro de 1598 (imagem 1.4). O culto aos sacrossantos foi introduzido ainda no século XVI no litoral nordestino. Tal edificação militar, não possuía apenas a função de guarnecer a região na época, era também importante símbolo com o objetivo de perpetuar a memória e o respeito pela figura dos Três Reis.



1.4: Forte dos Reis Magos, Natal/RN<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://www.praiasdenatal.com.br/forte-dos-reis-magos/>>. Acesso em: 20 de jul. de 2018. Forte dos Reis Magos: Herança e história da cidade de Natal (RN). A forma arquitetônica da construção remete para o formato de uma estrela, simbolizando a estrela guia dos Magos.

O culto aos Reis Magos não influenciou apenas os habitantes de Natal no estado do Rio Grande do Norte. Ao se instalarem na região do atual estado do Espírito Santo, os jesuítas fundaram um vilarejo que por longo tempo ficou conhecido por Aldeia dos Reis Magos, fundado no ano de 1556, com apoio do padre jesuíta Brás Lourenço. No local funcionava um núcleo para catequese indígena entre os séculos XVI e XVIII. Na mesma região corre um rio que ainda hoje é denominado de Reis Magos. A afirmação pode ser verificada no mapa (imagem 1.5) de um renomado cartógrafo holandês, Joan Blaeu (1596-1673), o documento encontra-se na Biblioteca Nacional do Brasil.

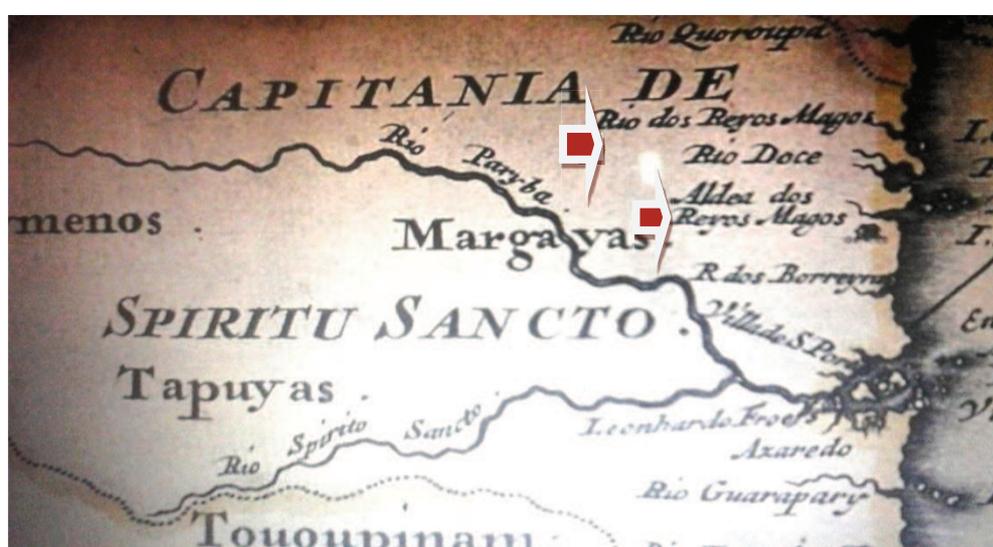


Imagem 1.5: (Recorte) - Imagem Nova e Precisa do Brasil Inteiro, Joan Blaeu (1596-1673) Biblioteca Nacional do Brasil.

Fonte: Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/1116/>> Acesso em: 25 de jul. de 2018.

Outro importante acontecimento no período da colonização do litoral brasileiro foi a construção da Igreja e Residência Reis Magos, na antiga Aldeia dos Reis Magos, atual Nova Almeida distrito de Serra/ES. O município fica localizado aproximadamente 20 quilômetros de Vitória e a Igreja é a principal atração turística na região, construída a uma pequena distância da Praia Grande, sobre um monte de aproximadamente 40 metros de altitude em relação ao nível do mar. A edificação muito bem conservada possui características coloniais com influência jesuítica, ladeada por enormes palmeiras centenárias que integram o cenário natural, uma grande atração para os visitantes.



Imagem 1.6: Igreja e Residência Reis Magos, Nova Almeida/ES<sup>34</sup>



Imagem 1.7. Altar da Igreja e Residência Reis Magos e detalhe do quadro de Santos Reis de Belchior Paulo.

Construída entre 1580 a 1615 por membros da Companhia de Jesus com ajuda dos índios Tupiniquins, a igreja se estabelece como um dos principais modelos do patrimônio arquitetônico jesuíta no Brasil, e destaca-se pelas poucas interferências em sua estrutura durante os séculos de sua existência. O altar entalhado em madeira foi construído por volta de 1702, e no centro uma preciosa obra de arte do pintor frei Belchior Paulo, reproduzindo a adoração dos Reis Magos ao Menino Jesus. O quadro é reconhecido como uma das primeiras pinturas a óleo da arte jesuíta na então colônia brasileira, já que esse tipo de arte se iniciou em 1587 com o

<sup>34</sup>O prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1943. Restaurada recentemente, a igreja e a antiga residência dos jesuítas têm ainda dois anexos. Neles funcionaram o fórum e a cadeia municipal. Disponível em: <<https://www.penaestrada.blog.br/igreja-e-residencia-reis-magos/>>. Acesso em: 25 de jul. de 2018.

referido padre.

Semelhante a outras construções jesuíticas, as paredes da igreja são construídas com pedras de recife, argamassa de argila e areia, além do uso de cal de conchas e óleo de baleia. O telhado da edificação é feito de barro e os pisos de madeira; bem arejada, devido às suas grandes janelas com vista para o mar e para o estuário do Rio Reis Magos<sup>35</sup>. Por volta de 1960, funcionou por um período nos anexos da igreja o fórum e a cadeia do distrito. Atualmente a edificação abriga um museu e salas de exposição com objetos para visitantes, ainda são realizadas celebrações religiosas no local.

Vale ressaltar que existem importantes diferenças nas imagens 1.2 e 1.7, relacionadas aos personagens dos Reis Magos, confeccionadas em contextos históricos, artísticos, culturais e sociais diferentes. A primeira imagem é do século VI e a segunda do século XVI, ou seja, uma diferença de dez séculos da confecção de ambas.

Durante a Idade Média é possível observar que houve diversas mudanças nas representações dos Reis Magos. Duas dessas modificações são dignas de serem ressaltadas: a primeira é a passagem de simples Magos para Reis Magos, marcados pelo uso da coroa, e a segunda é que cada Rei Mago passa a representar uma etnia conhecida, no caso da Baixa Idade Média, um dos Magos passa a ser posto como negro. Quando o jesuíta Belchior Paulo foi incumbido de decorar as igrejas na América Portuguesa no início da colonização, ele trazia consigo toda essa carga cultural na representação dos Reis Magos, dos quais ficaram evidenciadas na obra da igreja capixaba, hoje tombada pelo IPHAN (ANTONIO, PELEGRINI, 2014, p. 1593).

Duas alterações significativas podem ser observadas em torno do imaginário dos Magos durante o decorrer dos séculos, que influenciaram a constituição da cultura popular brasileira em relação aos “Santos Reis Magos”: a primeira é relacionada à alteração de singelos magos para reis e a segunda característica é a inclusão de um mago negro, caracterizado na obra de Belchior Paulo; essa incorporação faz parte tanto das obras representadas, quanto na mentalidade cultural popular.

As diversas formas de expressão da religiosidade popular no Brasil, comprovadas pelas expressões referendadas nas imagens indicadas anteriormente, possuem suas origens em diferentes sistemas religiosos e tradições espirituais disseminados pelo mundo, em especial as influências da tradição do catolicismo português, e das práticas religiosas africanas, somadas com o panteão religioso dos povos indígenas brasileiros que construíram e solidificaram o sincretismo religioso no Brasil. Os santos protetores invocados por um grupo religioso para realizarem curas, podem ser invocados com nomes diferentes, com funções diferentes em rituais

---

<sup>35</sup> Fonte: Disponível em: <<https://rolesrazaoveis.wordpress.com/2014/07/29/igreja-dos-reis-magos-6-seculos-de-historia/>>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

diferentes, por outro grupo.

Nessa conjuntura surgiram os festejos e cultos em homenagem aos santos, como forma de agradecimento pelas graças recebidas, a exemplo das folias de Reis, de São Sebastião e do Divino Espírito Santo, as romarias dos Cavaleiros de Sant'Ana, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, além das celebrações de São José, Santo Antônio, São Francisco, dentre outras centenas de santos e divindades protetoras veneradas. O catolicismo popular ainda no período colonial brasileiro criou e difundiu por todas as regiões colonizadas, uma “criativa variedade de orações em que Deus, ou algum santo, se pede a cura do mal de uma parte do corpo”, devido sua fragilidade, suscetível a todo o momento a ser vítima de “males conhecidos ou misteriosos” (BRANDÃO 2009, p. 51-53), o que justifica as inúmeras orações dos devotos aos santos rogando a cura do corpo.

Portanto, da necessidade do devoto de se valer de suas necessidades temporais e espirituais é que nasce a tradição do culto aos Reis Magos, dentre outras práticas devocionais importantes que exercem papéis especiais de guardiãs e mantenedoras da tradição milenar de devoção aos santos. No Brasil reserva-se no calendário oficial o dia 01 de novembro, como o dia de “todos os santos”, o que é possível perceber a intimidade de boa parte da nação a essas figuras canonizadas. Eles são evocados para cura de doenças, e na solução de problemas de ordem espiritual e material, não raras vezes alguém manifesta nos cortejos das folias: “Santo Reis libertou meu filho das drogas, livrou meu esposo de um acidente, curou minha filha de um câncer [...]”. As folias, diante desse fato reproduzem identidades, valoriza atores sociais, incluem indivíduos excluídos da sociedade e constrói significados dentro do seu contexto cultural e social.

## CAPÍTULO 2 – FESTAS POPULARES

As festas estão presentes em todas as culturas e em todas as sociedades, elas atuam como poderosos veículos de comunicação entre os indivíduos de uma comunidade, exercendo uma função primordial: a de preservar e conservar as práticas dos ancestrais e as origens culturais das comunidades. Elas são uma necessidade coletiva, em que os indivíduos sociais buscam a superação das circunstâncias e adversidades da vida cotidiana. Possuem cerimônias, rituais coletivos, celebrações de caráter profano ou religioso, e se mantêm em função da cooperação da comunidade, que se movimenta para a sua organização. Elas são dinâmicas e possuem uma complexa relação onde todos seus integrantes são ao mesmo tempo espectadores, atores consumidores e produtores.

Celebrar os festejos de Santos Reis é sair do mundo agitado, confuso, e rotineiro do dia a dia e imergir no mundo da cultura popular<sup>36</sup>, com características firmadas no sagrado, mas também ao mesmo tempo no profano. Devido à alegria e a satisfação produzida no ambiente festivo e religioso da Folia de Reis, bem como o sentimento de pertencimento a cultura local, a comunidade promotora do evento costuma se organizar com antecedência, para que a tradição seja mantida e assimilada pelas novas gerações.

### 2.1 Apontamentos gerais sobre festas populares

Festa é, por conseguinte, realização, construção, sacrifício, permuta, dádiva, sintonização; consiste em existência, em vivência, em partilha com semelhantes. A festa é uma caixa de memórias; nela, a história é revivida e projetada para o futuro; é assegurada a manutenção das tradições, dos atos iniciáticos que ordenam as regras das comunidades, os elos reguladores das culturas (KODAMA, 2009, p. 81).

As atividades festivas são representadas nas artes plásticas desde as primeiras sociedades, demonstrando que esse tipo de atividade acompanhou a humanidade, influenciando sua cultura, provocando a unidade entre indivíduos e a comunidade, agregando grupos e rompendo com o cotidiano do espaço-temporal dos indivíduos.

---

<sup>36</sup> O significado de **cultura popular** se caracteriza como elementos **culturais** pertencentes a uma sociedade ou região, na qual a população pratica constantemente e de forma ativa, através de diferentes manifestações como dança, teatro, arte, literatura, folclore, gastronomia, música, etc. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/cultura-popular>. Acesso em: 03 de ago. de 2018.



Imagem 2.1: Tiziano Vecellio. *A Bacanal*<sup>37</sup>, 1523-1525. Óleo sobre tela, 175 x 193 cm. Museu do Prado, Madri, Espanha.



Imagem 2.2: Pieter Bruegel o Velho. *A luta entre o Carnaval e a Quaresma*<sup>38</sup>, 1559. Dimensões: 118 x 164,5 cm. Museu de História da Arte em Viena.

<sup>37</sup> A composição denominada *A Bacanal* (festa em honra de Baco – o nome que os romanos davam ao deus grego Dionísio. É tido como o deus do vinho, da ebriedade, dos excessos, especialmente sexuais, e da natureza. Mas também exercia boas influências sociais, sendo tido como promotor da civilização, legislador e amante da paz) é uma obra-prima do pintor italiano conhecido por Tiziano. Ele apresenta a chegada de Baco à praia. São dezoito os personagens presentes na pintura, habitantes de Andros.

Eles estão bebendo de um rio existente na ilha, cujo líquido é vinho e não água. Jarras e potes estão por todo lado. Chama atenção do observador, em especial, a figura feminina branca e nua, no canto inferior direito da tela, de uma ninfa embriagada. Pode ser uma referência a Ariadne, abandonada na ilha de Nexos por Teseu.

Disponível em: <<http://virusdaarte.net/tiziano-a-bacanal/>> Acesso em: 11 de out. de 2018.

<sup>38</sup> A obra "A luta entre o Carnaval e a Quaresma" representa um festival realizado no sul da Holanda. No lado esquerdo da pintura vê-se uma pousada, e no lado direito uma igreja. Esta justaposição é destinada a ilustrar os dois lados da natureza humana: o prazer e a castidade religiosa, assim como, o contraste entre os dois. Perto da igreja vêem-se crianças sentadas e bem comportadas. Perto da pousada estão bêbados barulhentos. O homem gordo no meio da pintura, com uma torta na cabeça, é a representação do "carnaval". A pintura representa um tema comum na Europa do século XVI, a batalha entre o Carnaval e a Quaresma, e com o seu humor e sagacidade, é uma crítica satírica sobre os conflitos da Reforma.

Disponível em: <<https://www.wikiart.org/pt/pieter-bruegel-o-velho/a-luta-entre-o-carnaval-e-a-quaresma-1559>>. Acesso em: 19 de out. de 2018.

Na antiguidade as solenidades religiosas e as festas influenciavam todas as atividades da vida social. Tais manifestações, já eram previstas e planejadas como acontecimentos extraordinários nessas comunidades. Assim, percebe-se que a origem das festas é geralmente religiosa e estavam submetidas e ritmadas pelas atividades ligadas à natureza<sup>39</sup>.

A festa é parte fundamental da sociedade, e por meio dessas manifestações os indivíduos se solidarizam se organizam, se comunicam, divulgam seus saberes, compartilham suas memórias e suas tradições. Elas demandam trocas de experiência e fazem parte de todos os períodos da história da humanidade. O homem desde os primórdios comemora datas importantes com festividades, sendo elas de natureza sagrada e profana. É por meio da festa que a comunidade, “homenageia, honra ou rememora” grandes feitos realizados por personagens, acontecimentos relevantes “com os quais ela se identifica e pelos quais se identificam os seus membros nos momentos da rotina” (BRANDÃO *apud* TRIGUEIRO, 2015, p. 67). Cita-se como exemplo as festas de Santos Padroeiros de centenas de cidades brasileiras, inseridas no calendário oficial dos municípios.

Conforme Hackmann (2006) todas as sociedades em todos os tempos honraram seus deuses através das festas. Elas reservaram em seus calendários dias especiais para suas realizações. As festas estavam ligadas aos indivíduos da comunidade essencialmente agrícola, e a inúmeros deuses adotados nos vilarejos e cidades. Dessa forma, era comum ocorrer festas nos campos, tais como a das sementeiras e da colheita das uvas, dentre outras. De acordo com F. de Coulanges<sup>40</sup> (*apud* HACKMANN, 2006, p. 869), as primeiras cidades tiveram suas fundações alicerçadas nos ritos, pois seus antigos habitantes acreditavam que dessa forma fixariam “dentro de seus muros, os deuses” de sua devoção. Todos os anos a data da criação dessas cidades era solenizada com festas e ritos religiosos. Havia festas para todas as divindades consideradas protetoras da cidade. A principal característica era a “suspensão do trabalho”, a obrigação de estar alegre, o canto e os jogos em público, além da obrigação de abster-se de praticar o mal um para o outro (HACKMANN, 2006, p. 870).

A festa pode ser percebida como vertente possível de entendimento da sociedade, admitida como maneira lúdica capaz de agregar pessoas, ela é um fenômeno produtor de imagens multiformes da vida comunitária. Possui o privilégio de expressar os sentimentos coletivos. Portanto, estudar a sociabilidade festiva significa permitir “uma forma privilegiada de compreensão da experiência humana de produção de vínculos sociais” (LEONEL, 2010,

---

<sup>39</sup> Percebidas nas imagens 2.1 e 2.2.

<sup>40</sup> Ver: F. DE COULANGES, A cidade antiga. Estudo sobre o culto, o direito e instituições da Grécia e de Roma. Lisboa: Livraria Clássica, 1941, p. 256-259.

p. 39). Durante a década de 90 surgiram excelentes trabalhos sobre festas, frutos de pesquisas sobre o tema, realizadas nos diversos programas de pós-graduação vinculados às universidades públicas do Brasil. Os pesquisadores buscaram explorar o século XIX e as transformações que ocorreram na passagem do período colonial para o período republicano. Os estudiosos de modo geral, ressaltavam a relevância dos festejos cívicos e religiosos, como manifestações propícias à socialização e defendiam em seus trabalhos os valores e crenças das culturas africanas e indígenas.

A obra “Festas e utopias no Brasil colonial” publicada no início dos anos 90 pela historiadora Mary Del Priore é considerada importante, por tratar-se especificamente sobre festas no Brasil: a pesquisadora foi pioneira na abordagem dessa temática. Ela investigou diversas “festas-concessões”, estimuladas pela Igreja e pela coroa, em Minas Gerais e na Bahia, com o objetivo de afirmar o poderio dessas instituições, bem como disciplinar o povo.

O tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasia e de liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e reivindicações dos vários grupos que compõem uma sociedade. Mas o tempo fáustico da festa eclipsa também o calendário da rotina e do trabalho dos homens, substituindo-o por um feixe de funções. Ora ela é suporte para a criatividade de uma comunidade, ora afirma a perenidade das instituições de poder (DEL PRIORE, 2000, p. 9).

A autora percebe que a festa traz em seu ambiente social um momento de êxtase, onde seus integrantes manifestam seus sonhos, suas decepções e seus fracassos, mas também são motivados a seguir em frente, lutar pelas suas demandas. Como exemplo, a questão dos indígenas e dos negros que aproveitavam os espaços das festividades para expressar publicamente seus traços culturais. Dessa maneira reproduziam suas hierarquias, recriavam suas músicas, suas danças e seus ritos.

Assim como Del Priore (2000), Edilece Souza Couto (2008), afirma que os primeiros resultados de trabalhos expostos em congressos internacionais, visavam principalmente à revelação das relações entre o sagrado e o profano, nas atividades de caráter cívico e religioso no período colonial brasileiro. Couto destaca que esse cenário sofreu modificações a partir de trabalhos de historiadores que debruçaram sobre pesquisas com temáticas relacionadas à sociedade e a cultura no Brasil. Destaca como exemplo a importância dos trabalhos realizados e apresentados por Ronaldo Vainfas, Ana Maria da Silva Moura e Maria Beatriz Nizza da Silva, num congresso de História no ano de 1992 em Portugal, com a temática festa. Segundo a autora eram “historiadores dedicados à pesquisa sobre sociedade e cultura no Brasil que em algum momento se depararam com as festas coloniais, e não trabalhos específicos sobre o ato de festejar” (COUTO, 2008, p. 4).

A tentativa de obter uma conceituação sobre eventos festivos, formas de expressão tão diversas, vem estimulando pesquisadores em diversos campos do conhecimento, de maneira especial nas Ciências Sociais. De modo geral, a antropologia procura focar a universalidade da festa, quanto à sociologia busca evidenciar as interações sociais que ela estabelece entre seus atores. Por sua vez, a geografia desde 1990, introduz em seus estudos a festa, empenhando-se em elucidar as distintas escalas espaciais das quais sempre se relacionaram aos eventos de caráter festivos, normalmente percebidos com base em sua territorialização. É importante ressaltar, que os conceitos formulados têm proporcionado relevantes contribuições para o conhecimento da festa. Porém, é preciso analisar a festa em sua multiplicidade de sentidos que a envolve, e não percebê-la apenas como fenômeno universal social, expressão de uma sociedade ou meramente estudar sua estrutura localizada em um determinado espaço.

Conforme as análises de Léa F. Perez em sua obra “Breves notas sobre a religiosidade brasileira”:

O estudo da festa permite que transitemos por territórios da vida coletiva que, dado seu caráter *extra-ordinário*, *extralógico* e *extra-temporal*, revelam toda a complexidade do fato societal, uma vez que a festa "faz entrar a sociedade em uma relação consigo própria diferente daquela de 'todos os dias'. Para infirmar ou para confirmar, para a fazer existir num duplo que poderá ser ela própria ou outra, ela própria e outra" (SANCHIS, 1983: 36). A festa possibilita, assim, que visualizemos, sob um outro ângulo, o espetáculo plurívoco do elo societal, sobretudo no que tange à acentuação do afetivo e do sensível. O estudo da festa permite redimensionar essa discussão na medida em que, sendo um "fenômeno vindo do fundo da tradição", e que, em relação à contemporaneidade mais imediata, possa parecer alguma forma de arcaísmo, de sobrevivência, de nostalgia, ou até mesmo de atraso, é, no entanto, vivida, por aqueles que dela participam como explosão de vida, como revigoramento e, portanto, como uma espécie de renascimento, pleno de atualidade, de inovação, de ruptura. Para quem participa dela, a festa não tem idade, é sempre atual. [...] A festa não é um mero produto da vida social, muito menos um simples fator de reprodução da ordem estabelecida pela via da inversão. Tal como o princípio de reciprocidade, não custa repetir mais uma vez, a festa é o ato mesmo de produção da vida. E viva a festa! (PEREZ, 2003, p. 16).

Assim, a partir dessa perspectiva é possível afirmar que o estudo da festa torna viável uma análise apurada das convivências sociais onde ocorre sua manifestação. A festa gera e acentua o elo afetivo e a sensibilidade entre os indivíduos da sociedade, revigora os ânimos, provoca ruptura e incentiva inovações. Festa é ação e alegria, é afetividade, não importa a idade de seus integrantes. Por conseguinte, as festas teriam de modo geral o papel principal de restaurar e revigorar a energia dos participantes, elas estabelecem uma pausa na rotina das pessoas para que elas possam vivenciar outro tempo: o festivo. Elas fazem parte do cotidiano das comunidades, são conseqüências de ações da coletividade, surgem como uma necessidade de suspender temporariamente as atividades habituais. São produzidas e planejadas, e as pessoas se envolvem em seu preparo, tanto a sociedade, quanto os grupos de organizadores que

administram suas estruturas. Tudo que há nela: comunicação, significados, produtos materiais, são gestados por ela para suprir as necessidades daqueles que a integra.

Vale ressaltar que grande número dos referidos trabalhos, foram realizados por folcloristas que se restringiram a etnografar as atividades festivas observadas nos locais dos eventos e registrá-las, sem a preocupação de analisá-las. Isto não quer dizer que estes tipos de levantamentos não sejam relevantes, e que os métodos dos pesquisadores não sejam importantes, todavia considera-se fundamental extrapolar a visão etnográfica, transcender as práticas analisadas no campo de pesquisa, e atinar-se às relações estabelecidas entre os indivíduos e seus grupos sociais durante a realização destes festejos. A festa é o reflexo das realidades sociais, políticas, econômicas e culturais de um grupo social, em um determinado espaço. Portanto, ela é um evento que pode colaborar com o entendimento das relações dos indivíduos entre si em uma determinada sociedade e com o mundo que os cerca. Nesse contexto ela abre espaço para ser discutida por diversos ramos do conhecimento.

Boa parte dos estudos sobre a festa destaca o fato de que ela marca uma clara ruptura no cotidiano (DUVIGNAUD, 1977), ritmando os tempos fortes da vida familiar ou da vida coletiva, religiosa ou cívica. CLAVAL (1995) ressalta que algumas festas, modeladas sobre o carnaval cristão, suspendem a aplicação das regras habituais instaurando a inversão das hierarquias e servindo de terapia coletiva. A festa marcaria, deste modo, um retorno ao caos original (CAILLOIS, 1939) ou uma ligação com o sagrado (BUTTITTA, 1997). Ela se apresentaria como um momento de desconstrução da ordem (DAMATTA, 1990), “um afastamento de si, uma abertura àquilo que nos engloba” (WUNENBURGER, 1977, p. 11), um contraste com o momento não festivo marcado por uma ação afirmativa do elemento orgiático em direção à vida (COX, 1971). Para DUVIGNAUD, a festa destrói todas as regras. Ela não se integra a vida social normal na medida em que é sua destruição premeditada, sendo, deste modo, o oposto da vida social e definindo-se como o não-social e o anti-social. A festa marca uma “desposseção” dos papéis sociais instaurando um estado de indeterminação, uma situação “a-estrutural” semelhante àquela em que nos encontramos antes da “entrada na vida” [...] Para ele a regressão proporcionada pelo transe imita uma fase pré social na qual tudo pode acontecer (DUVIGNAUD, 1977). Em suma, para o autor, a festa se caracterizaria por uma atitude de doação altruísta definida como o “dom do nada” (FERREIRA, 2013).

Portanto, além dos autores citados por Ferreira, também outros afirmam que as festas populares podem ser percebidas como manifestações culturais inseridas no contexto estrutural de qualquer grupo social de uma comunidade. As festas tanto podem influenciar, quanto interagir e modificar o cotidiano dos integrantes de um grupo social. Porém, elas são extremamente complexas, possuem como essência tanto a diversão quanto a tradição, o que as tornam dinâmicas, pois são capazes de se renovarem constantemente através de sua própria natureza. Dessa forma, é possível perceber que elas são ricas em suas particularidades; capazes de se resignificar e apropriar-se do ambiente festivo e das relações interpessoais dos integrantes promotores do evento festivo. Seus protagonistas ao promoverem a festividade, estabelecem parceria temporária com organizações privadas, instituições governamentais e não

governamentais, associações, dentre outras; os envolvidos buscam atuar na realização do evento, cada um de sua maneira, exercendo suas atribuições e buscando seus próprios interesses. Assim, podemos afirmar que a realização da festa por vários parceiros, deixa de ser exclusividade da comunidade, pois sofre novas influências de novos personagens envolvidos.

A antropóloga Rita Amaral (2001) expõe os resultados de importantes pesquisas no âmbito das festas populares no Brasil. Segundo a autora, a festa como objeto das ciências sociais, exhibe múltiplos atributos estudados anteriormente e diversos problemas que ainda devem ser abordados, solucionados, ou colocados em destaque para análise. Ela enfatiza o problema da bibliografia referente à festa, pois, apesar de haver um amplo número de pesquisas sobre festejos, principalmente etnografias de comunidades indígenas, e uma infinidade de pesquisas relacionadas ao folclore, geralmente são meramente descritivas, muitas das quais fazem uso de conceitos já abandonados. Afirma ainda que os estudos possuem relevância como documentos, devido sua característica descritiva dos fenômenos festivos, porém, não se preocupam em registrar durante suas realizações o conjunto das circunstâncias sociais e econômicas em que os eventos ocorrem. Preocupam-se demasiadamente apenas em procurar aquilo que se considera em suas opiniões o original e tradicional. Deixam de lado as ações transformativas e as razões que estimulam os indivíduos da comunidade festeira. Percebe-se também a insuficiência de reflexões teóricas a respeito das festas, que comumente surgem como um assunto incorporado nos estudos sobre rituais ou, mais oportunamente, das teorias relacionadas à religião. Por conseguinte, uma série de estudos relacionados às festas é “sumariamente composto por um farto ajuntamento de subcapítulos, parágrafos, temas afins nem sempre relacionáveis entre si, dispersos não só em obras antropológicas mas, também, filosóficas, sociológicas, históricas, literárias etc.” (AMARAL, 2001, p. 12).

Amaral (2001) também aponta características midiáticas e comunicacionais destas expressões culturais. Conforme a autora as festas mantêm afinidades de comunicação e de inter-relacionamento entre tudo aquilo que possui natureza cultural, social, política e econômica, importantes instrumentos de intervenção entre elementos materiais e imateriais, objetivos e subjetivos. Atenta ainda, sobre a proposta de perceber a festa como mediadora social no universo humano, pois ela procura restaurar a essência entre tempo e eternidade, criador e criaturas, natureza e da cultura, vida e morte. A presença das danças, da alimentação, das máscaras, dos mitos, legitima com intensidade esta hipótese.

A festa é mediadora entre as aspirações individuais e coletivas, fantasia e realidade, entre mito e história, entre passado, presente e futuro, entre nós e os outros, expondo e enaltecendo as contradições prescritas à vida humana pela bipartição natureza e cultura. A festa

é mediadora dos encontros culturais, absorve, digeri e produz elos entre os opostos considerados inconciliáveis. Portanto, a festa tanto pode negar quanto reiterar a vida social de seus integrantes, ela pode destruir como também poder construir utopias, pode também estabelecer um discurso social, sem abandonar seu caráter divertido e bacanal. Deste modo, a festa, agrega aspectos fisionômicos que lhes são peculiares: rompe com o cotidiano, mas interliga-se a ele. Assim, as festas populares, conforme Oliveira (2007, p. 23) “aparenta prazer e desordem; mas contém uma natureza ritual. Isto é, são demonstrações de fé coletiva”. A festa é inevitavelmente desordem, na lógica de violação das interdições e dos obstáculos habituais, porém, não significa necessariamente, omissão integral de ordem, pois delibera quase sempre regras a serem adotadas.

Ora sendo vistas como mero divertimento, ora como excentricidades da vida social, ou mesmo como sobrevivência de certos arcaísmos tradicionais, as festas, com sua desordem, confusão, indefinição de fronteiras, sempre trouxeram aos estudiosos da sociedade e da cultura certo atordoamento, por não saberem eles como tratá-las e abordá-las. Por isso mesmo as festas permaneceram, por muito tempo, quase que exclusivamente como objeto de estudo de folcloristas e memorialistas. No entanto, pode-se dizer que vem ocorrendo uma grande multiplicação de trabalhos científicos que tomam tais fenômenos como objeto de estudo. Concomitante à tomada das festas como objeto de estudo pelas ciências sociais, ocorreu um quadro de mudança substancial nas suas formas de abordagem: sua análise se politizou, colocando-se tais manifestações como formas fundamentais de sociabilidade e palco do desenrolar de conflitos e de tensões sociais (LEONEL, 2010, p. 36).

Nessa ótica, é necessário perceber a festa muito além de suas características explícitas. O fenômeno festivo gera vínculos sociais fundamentais para a coletividade que compõem a sociedade. As práticas festivas fundam um campo inesgotável para se refletir a sociedade nas suas continuidades, em suas agitações, oscilações, transições, em movimentos marcados por pequenas ou grandes rupturas. O estudo do fenômeno social festivo nos consente circular por terrenos da vida social, e nos permite analisar as estruturas que formam os vínculos sociais, pois, a festa rompe com a rotina, e produz um recinto envolvente, ela produz seu próprio cotidiano, diferente do ambiente ordinário e formal que as pessoas estão habituadas. Dessa forma, conexões sociais são geradas nas celebrações promovidas pelas festas. As festas são práticas culturais vinculadas no seio da sociedade, elas estão acopladas às relações sociais, de maneira que as modernas categorias socioculturais acendem múltiplas expectativas para a conduta individual e coletiva na vida em sociedade.

Um bom exemplo são as festas de encerramento dos “giros” da Folia de Reis em todo o Brasil: uma prática de caráter religioso e coletivo, onde os rituais empregados durante a sua realização possuem a capacidade de colocar em destaque a solidariedade mútua entre todos os integrantes do grupo. Isso fica evidente no pronunciamento e nas ações do líder e dos foliões.

A organização da estrutura da festa de Santos Reis é planejada cuidadosamente, envolvendo toda a comunidade de devotos, o espírito solidário é sedutor, e o resultado independente de apoio público ou da Igreja Católica.

## 2.2 As atribuições e o espaço das festas populares

As atividades festivas sempre foram práticas corriqueiras ao longo da vivência humana e de suas comunidades, elas sempre marcaram os momentos iniciais da formação social e psíquica, existentes nos ritos de passagem desde o momento que os indivíduos assumem funções colaborativas com seu grupo e vivenciam em sua comunidade acontecimentos significativos, tais como os nascimentos, os matrimônios e os óbitos de seus semelhantes.

Antigas civilizações e algumas na atualidade possuem celebrações relacionadas à morte, é o caso de comunidades nativas na Indonésia e em Madagascar<sup>41</sup>. Estas comunidades festejam em agradecimento pela passagem do seu ente querido para outro plano espiritual – uma nova vida, e também pedem proteção para os que ficaram.

As festas desde o princípio estão vinculadas àquilo que é realizado pelo trabalho ou com aquilo que se dá gratuitamente pela natureza, relacionadas às necessidades da sobrevivência humana, por exemplo, a prática da agricultura e a domesticação dos animais.

Estão diretamente articuladas com o cotidiano e indissociadas do lúdico, do descanso, da pausa para recuperar o fôlego e seguir com a rotina do viver. Marcam a relação do homem com os ciclos da natureza, do tempo e das dinâmicas que cooperam para perpetuar sua subsistência, sobrevivência e modos culturais. Também celebram sua relação com o incognoscível, por isso, geralmente, são cíclicas e marcam momentos importantes das comunidades, muitas vezes estão vinculadas às estações do ano, principalmente, nos países onde o inverno é rigoroso e a subsistência era e é fator importante (KODAMA 2009, p. 79).

Elas ainda podem fazer parte ou não de um agrupamento de cerimoniais e rituais religiosos, porém, sua característica principal é a socialização de seus integrantes, não importam se são sagradas ou profanas. O importante é que nas realizações dos festejos “as emoções e as lembranças são ativadas” (KODAMA, *op. cit.*, p. 75). É da natureza da festa, estimular e consubstanciar o imaginário coletivo com os anseios individuais, pois faz parte de sua essência. Assim, é possível perceber que “toda festa também é um espelho sacralizado do cotidiano: portanto, nela são encontradas atitudes profanas e sagradas que religam o indivíduo e a

---

<sup>41</sup> A cada 7 anos é realizado, em Madagascar, o ritual fúnebre do Famadihana. Nesse ritual, a família do falecido desenterra seu corpo, envolve-o em um pano e dança com ele. O festival é feito para celebrar a decomposição do cadáver e garantir que seu espírito atravesse com sucesso para o outro mundo. Disponível em [www.mdig.com.br](http://www.mdig.com.br). Acesso em 15 de out. 2018.

sociedade” (KODAMA, *op. cit.*, p. 80). Logo, a festa é um acontecimento que congrega o individual e o coletivo, provocando um estado de euforia entre seus integrantes. É um tempo de celebração, consagração e exaltação entre os membros de uma coletividade.

As celebrações festivas em todo o tempo estabeleceram relações em diferentes agrupamentos sociais pela presença de um deleite individual partilhado com o coletivo, igualmente pela glorificação e celebração do dom da vida. Assim, elas “caracterizam-se, então por instaurar uma ordem temporal e uma outra espacialidade que infringe as normas e a espacialidade do cotidiano. Conduz para o surgimento de uma outra ordem coletiva” (KODAMA, *op. cit.*, p. 80). Devido a seu caráter coletivo, as festas provocam o relacionamento entre as pessoas e dessas com o espaço festivo, se comunicam com seus protagonistas, organizadores, administradores, idealizadores; numa dinâmica complexa e ao mesmo tempo momentânea, atendendo suas vontades e necessidades.

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que as recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens e aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. Servem ainda de incentivo à violência contida e às paixões, enquanto queimam o excesso de energia das comunidades. A alegria da festa ajuda as pessoas a suportarem o trabalho, o perigo e à exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças. (DEL PRIORE, 2000, p. 10).

As festas populares comprovam que são espaços relevantes no processo de estabelecimento de normas e constituição de identidades sociais; dessa forma, corroboram na construção de sujeitos sociais participativos e engajados socialmente. Outras funções relevantes da festa que vale sublinhar, é que seu espaço promove a interação, a partilha de sentimentos e convívio entre seus integrantes, fatores indispensáveis na consolidação de valores e normas sociais. As manifestações humanas, especialmente as festas populares, são muito além de uma simples imitação ou reprodução de uma tradição. Na contemporaneidade as sociedades são determinadas pelo egocentrismo e pela desintegração de seus valores, e seus indivíduos sentem a necessidade de se afirmarem socialmente e buscam incansavelmente suas inserções sociais através do consumo excessivo.

Vale ressaltar que é importante trazer à baila para análise e discussão a permanência de algumas festas culturais tradicionais, especialmente as religiosas, que até então consideradas esquecidas ou destituídas de significados, mantêm-se vivas e bem presentes. Elas se atualizam através de seus protagonistas e integrantes, pois fazem parte da memória coletiva da comunidade, especialmente das pequenas cidades situadas no interior. Dessa forma, essas expressões culturais têm comprovado sua resistência ao conviver com informações impostas

pela mídia de mercado, demonstrando assim uma grande capacidade através de sua criatividade e articulação na integração de grupos sociais e na conservação da memória comunitária. Isso não significa imputar a elas “um caráter de resistência consciente à modernidade ou aos novos costumes e experiências de mundo, [...] elas representam uma contraposição aos valores individualistas, calculistas das sociedades contemporâneas” (MENDONÇA, 2001, p. 6). Sobre o tema Maria Mendonça (2001), faz uma reflexão sobre a importância dos indivíduos sociais engajados nos grupos produtores de cultura tradicional:

Essas buscas acontecem e podem ser registradas em vários lugares sociais do sistema, especialmente nas margens, inclusive (talvez sobretudo) na produção das manifestações culturais populares. É de lá que emergem os grupos que trazem novas bandeiras e novas falas e é lá também que sobrevivem muitos dos que jamais tiveram direito à palavra. Neste segundo caso podem ser enquadrados grupos produtores de cultura tradicional que na maioria das vezes sobrevivem graças à memória individual e coletiva e à teimosia em se retratar e se reconhecer, por meio dela, como “gente”, pois falar em culturas populares implica considerar a enorme desigualdade social que atravessa o país e que estas manifestações culturais são sim, expressão atualizada da memória do grupo e são também, e este é o fato mais importante, ocasião em que se reafirmam os valores quase sempre desdenhados pelos segmentos que se pretendem mais “modernos” e “cosmopolitas” da sociedade. Essas expressões culturais são, também, exibição de um capital cultural - único que possuem - e tentativas de aceitação pelo Outro, tentativas de mostrar seu valor, de se reconhecerem e serem reconhecidos como iguais, e não como inferiores (MENDONÇA, 2001, p. 3).

A festa como bem cultural propicia à valorização e a promoção dos indivíduos sociais (pelo menos de forma temporária), ela é capaz de proporcionar aos seus integrantes uma maior interação e aceitação no âmbito social. Essa inclusão se dá especialmente por via dos meios de comunicação, pois, as festas como acontecimentos espetaculares atraem a mídia e abrem espaço à que simples cidadãos tornem-se artistas populares, o que lhes rendem breve fama e prestígio no grupo social.

À medida que o evento aumenta suas proporções torna-se impossível deixar de noticiá-lo, principalmente pela televisão, o que vem trazer enorme impacto para as relações entre todas as esferas sociais de alguma forma inseridas na produção da festa. A presença dos *media* proporciona ou reforça a visibilidade de indivíduos e grupos e concede-lhes oportunidade para defender seus interesses. E são vários os interesses em pauta. Para os dançadores trata-se, primordialmente de reafirmar seu capital cultural como para dele extrair vantagens materiais - mais recursos econômicos e simbólicos - facilitar sua inserção social (MENDONÇA, 2001, p. 8).

Confirmando com a visão de Mendonça, Trigueiro (2015, p. 69) diz que quanto ao aspecto da visibilidade proporcionada e reforçada pelos meios de comunicação de massa, a festa não perde os seus “significados simbólicos e emblemáticos do sagrado e profano como alguns apregoam”. As festas criam um espaço que sobrepõe as distâncias entre as pessoas, elas produzem entusiasmo entre os foliões e colaboram na “transgressão” das normas impostas pela coletividade. Além de fortalecerem e revigorarem seus integrantes das angústias habituais traz

uma áurea de sossego, onde as pessoas espairecem de suas preocupações e tensões da rotina social.

Durante a ocorrência da festa tudo é possível, é um espaço virtualizado e experimental das convivências, dos afetos, dos anseios do indivíduo e da coletividade. Neste ambiente de experiências ela acontece, pode atender ou não as perspectivas nela creditada. É acontecimento incessantemente libertador de expiação ou êxtase das necessidades interiores das pessoas e da comunidade. Pois é através dela que os desejos, expectativas, aspirações e necessidades são concretizadas, e o êxtase e o arrebatamento são vivenciados. Sentimentos são experimentados de forma exclusiva por cada integrante da festa. Segundo Kodama (2009, p. 8), é nesse “frenesi que a festa é estimulada” em cada indivíduo e na comunidade. Conseqüentemente, a ordem social é temporariamente quebrada e o tempo invertido ou estagnado.

Ao analisar o papel das festas populares a partir dos valores que surgem no decorrer de sua realização, é possível afirmar que elas implicam e aperfeiçoam as interações sociais em que perduram laços de solidariedade, de relações afetivas, de partilha cultural. Também estruturam ambientes propícios para interação, e aproximação entre indivíduos, e desses com o grupo que pertencem. Ademais, a festa é, além disso, “ocupação do espaço público, é exibição pública não apenas de um ritual, mas do próprio grupo que o atualiza e é, sobretudo, o resultado de um amplo agenciamento social, de ocasiões de troca de todos os tipos, de exaltação de um capital cultural” (MENDONÇA, 2001, p. 6).

Celebrações, comemorações, festejos, são ações humanas que estão presentes em todas as culturas, desde os primórdios da humanidade, representadas pelas suas diversas formas de expressão e performances. Elas comemoram as graças recebidas das divindades, as vitórias conquistadas, a fartura, as mudanças de estações, os nascimentos ou até mesmo a morte. São importantes estruturas de construção e manutenção das relações sociais e harmonia entre as coletividades. Elas traduzem relações dos indivíduos sociais entre si, e os interliga com seu espaço e seu tempo. Apesar da sua efemeridade em seu curto espaço de tempo durante sua realização, elas refletem o cotidiano que se acomoda no espaço, e busca com seu modo peculiar as performances que se tem do passado num esforço de ordená-las à construção do tempo presente. Conforme Almeida (2011, p. 3), “qual que seja sua função e poder social, a festa quando um bem cultural constrói um território singular, efêmero, mas intenso na sua existência”. As relações entre indivíduos se estabelecem entre afinidades simbólicas e dimensões concretas, estruturadas com intensidade, e com o passar do tempo, as festas são importantes canais no processo de rememoração das lembranças do passado daquela comunidade com o presente, portanto, evocando sentido permanente na vivência desses

indivíduos no grupo social em que estão inseridos.

Há nas festas elementos de conflitos e discórdia. Eles são conduzidos da sociedade para os momentos convergentes, diferentes, divergentes de uma mesma festa. Ou são criados dentro e através da festa. E é assim que antagonismos entre categorias de sujeitos sociais são traduzidos como rito, e entre danças e simulações de lutas, são ao mesmo tempo expostos e simbolicamente resolvidos. Esta seria uma das funções da festa. Seus rituais veiculam mensagens que fazem circular, da sociedade para ela própria, significados e princípios que reforçam as estruturas da própria ordem social (BRANDÃO, 2009, p. 136).

Ferretti (2007) retrata sobre festas religiosas populares nas sociedades como um todo, enfatizando as que ocorrem especialmente nos terreiros de culto afro. Ele afirma que o tema festas e religião são primordiais no cotidiano dessa gente. E que para seus organizadores esses momentos festivos, não constituem apenas lazer, mas trabalho árduo e prazeroso, no preparo e realização. O autor expõe que as religiões afro-brasileiras, são promovedoras de muitos festejos religiosos e cita grupos afro-religiosos em São Luís, em que seus integrantes rompem com o cotidiano e vivem com intensidade esses momentos festivos. Boa parte está obrigatoriamente inserida em seus calendários; as comemorações anuais das divindades, as iniciações, o transe, fazem parte das obrigações festivas. Elas são acompanhadas por muitas danças, oferendas especiais, músicas e toques. Cada grupo é responsável de organizar pelo menos uma dezena de festas durante o ano; algumas de dois ou três dias, outras de longa duração, uma semana ou mais. Os participantes frequentam diversas casas de familiares e amigos e revezam na organização dos festejos. Além de participarem das festas e cultos de seu grupo, e de outros terreiros, colaboram na realização de diversas outras festas da cultura popular local.

Portanto, a festa possui a capacidade de renovar a esperança e fortalecer os indivíduos, além de reafirmar os anseios de mudanças da vida cotidiana. Isto é possível porque cada um de seus integrantes traz para o coletivo suas contribuições significativas, criando um ambiente festivo, solidário e alegre, com fartura de comidas, bebidas, danças e músicas. Estas experiências vividas na festa, não são vividas no cotidiano. A festa rompe com o cotidiano e as inseri no universo do lúdico, com probabilidades de denúncia da realidade e revolta contra a ordem social estabelecida; o que é possível perceber com a maioria das festas nortistas e nordestinas, a exemplo dos grupos afro-religiosos no estado do Maranhão.

Nessa concepção, é possível examinar a festa popular sob a ótica da ludicidade, porém, não deixando de abordar sua capacidade de coesão social, pois ela parte da realidade do grupo social, incentiva a construção da cidadania e inseri o indivíduo comum - na maioria das vezes esquecido pelos seus pares - em ator principal do evento festivo. Isso pode ser notado nas festividades de Santos Reis, quando simples sujeitos sociais deixam o anonimato da vida cotidiana e tornam-se protagonistas, reconhecidos pela comunidade local, ocupando atividades

relevantes durante o festejo como líderes, festeiros, cantores, instrumentistas, dentre outras atribuições.

Ao Festejar o ser humano se coloca “diante do espelho”, busca vislumbrar a si mesmo e à sua identidade. Assim, o ato de resgatar a própria identidade é de suma importância para reencontrar-se consigo mesmo. É uma ação conflituosa, pois requer assimilar e congregar valores novos com os antigos valores adquiridos. Porém, como afirma Maria Nazareth Ferreira (2006), esse tipo de conflito está longe de ser algo prejudicial, pois é um experimento saudável e enriquecedor. Novas experiências enriquecerão a identidade cultural da comunidade. Isso permite perceber o quanto é dinâmico a capacidade do ser humano em acumular e incorporar novos elementos na construção de sua cultura.

Desde os tempos remotos até o período atual, grupos humanos sempre encontraram motivos para festejar. Os indivíduos de uma comunidade sentem a necessidade de uma contínua reafirmação de sua própria identidade.

[...] as festas podem aportar significativos elementos, pois atravessam a barreira do tempo para buscar, num passado mais ou menos remoto, os signos de sua identidade. É, provavelmente, por essa razão que algumas festas, depois de haver caído em desuso, voltaram há pouco tempo a ser realizadas, não apenas como reafirmação da identidade para uso interno, mas também como fortalecimento dessa mesma identidade em face do consumo turístico. A festa reproduz simbolicamente a condição do caos mítico primordial, quando promove a anulação do presente (FERREIRA, 2006, p. 113).

Em qualquer espaço onde ocorre a festa, apesar de seu tempo determinado, deve ser percebida pelo seu atributo coletivo, rica de atos cerimoniais que envolvem os indivíduos da comunidade. Seus integrantes interrompem o tempo corriqueiro do cotidiano, para penetrarem na grandeza de um tempo psíquico significativo e cultural, dessemelhante do tempo ordinário ou habitual. Ela é capaz de tornar a vida suportável, é um momento propício de dilacerar com os dissabores do cotidiano. Isso pode ser percebido em qualquer espaço festivo das festas populares.

Luiz Felipe Ferreira (2013) procura descrever o fato festivo como uma expressão espacial de ocorrência constante de tensões sociais que procuram o controle e a dominação do espaço por meio de sua demarcação como lugar festivo.

Propomos que a festa seja compreendida como uma luta pelo poder definida através de uma luta pela conceituação do espaço. Festejar será, então, dominar o discurso que define este ou aquele espaço como festivo. Mais do que uma luta pelo território, o evento festivo marca uma disputa pelo domínio do espaço simbólico, pelo lugar que se quer como o local da festa. Mesmo sendo um evento temporário, paradas e desfiles, por exemplo, têm o poder de marcar a importância simbólica dos espaços associando tradições vernaculares à história espacial (HAYDEN, 1997). Determinar, conceituar e manter este espaço - e impor este conceito através das práticas associadas a festa - será uma tarefa exercida tanto pelo grupo que detém o poder sobre o evento quanto por aquele que, necessariamente, disputa este poder. A festa se define, deste modo,

como uma tensão e, portanto, não pode existir sem que esta tensão esteja presente. Festejar é disputar o poder vinculado ao espaço. Um poder que não se manifesta e nem se sacia com a conquista territorial, mas sim através da definição da posse simbólica do espaço definido como festivo. Um poder que precisa ser desafiado constantemente na medida em que ter o poder simbólico sobre o espaço pressupõe uma constante luta pela posse de seus limites (também estes simbólicos). A festa não se realiza deste modo, sem que se estabeleça uma disputa pelo lugar da festa e é dessa disputa que surge a tensão original que produz o evento festivo. A festa está deste modo, vinculada à questão do espaço/poder e à definição do lugar festivo (FERREIRA, 2013, p. 6).

O autor destaca que o acontecimento festivo descobre “sua definição como momento privilegiado de articulação das tensões do lugar”. É por meio da festa que as “inter-relações complexas entre modos de ordenação e formas de resistência poderão ser amplamente exercitadas pelos diversos atores”. É durante a ocorrência da festa que é percebido que os objetos e as ações, inclusive o espaço, apresentam-se carregados de significados realçando “cada gesto, cada palavra, cada peça de indumentária, cada ato ritual com uma intensa carga simbólica que, de resto, é percebida de forma diversa pelos diferentes atores”. Dessa maneira, a festa concebe uma sólida “concentração no espaço e no tempo, dos elementos do lugar”. A festa admite “imposição das redes padronizadas”, simultaneamente ela proporciona “uma viva resposta da negociação local”, permitindo dessa forma “o incessante surgimento de espaços de negociação e de novas organizações alternativas que, por sua vez geram novas formas de ordem e/ou de desordem” (FERREIRA, 2013, p. 24).

Marcos Roberto Pereira de Moura (2015) faz uma importante contribuição como exemplo, sobre as alterações que ocorreram no espaço onde ocorre a festa de Santa Luzia, no município de Porangatu/GO:

[...] do território religioso onde se reúnem os romeiros, a paisagem local foi sendo alterada para abrigar e dar apoio ao crescente número de devotos de Santa Luzia. Após a construção da capela, o prédio da escola desativada também se prestou à romaria, servindo de apoio e venda de artigos religiosos relativos à santa. Em seguida, o aumento do número de fiéis motivou a construção de um galpão para a realização das missas no dia da festa religiosa. A última edificação foi possível por meio da aquisição de mais um pequeno pedaço de terra, no qual foi construído um posto de apoio aos peregrinos, com atendimento médico. A nova edificação também abriga a sala dos milagres, onde são depositados os ex-votos (MOURA, 2015, p. 79).



Imagem 2.3: Novo galpão - Celebração de encerramento da Romaria e Festa de Santa Luzia – Comunidade Rural de Porangatu/GO. Fonte: Jornal Diário do Norte. Disponível em: [http://www.jornaldiariodonorte.com.br/imagens/edicoes\\_galeria/10994\\_5854.jpg](http://www.jornaldiariodonorte.com.br/imagens/edicoes_galeria/10994_5854.jpg). Acesso em: 11 de set. de 2018.

É comum ocorrer alterações nas estruturas dos ambientes onde se realizam os festejos religiosos na medida em que se amplia o número de participantes e devotos, sendo imprescindível a edificação de construções permanentes<sup>42</sup>.

Assim, ao adquirir valor simbólico, Maia (1999), afirma que as festas, especialmente as de cunho religioso, requerem formas permanentes: a construção ou ampliação de templos no contexto espacial das festas é um bom exemplo. A partir destas considerações, pode-se argumentar que nas procissões, novenas, coroações, jornadas de foliões do Divino Espírito Santo e dos Santos Reis, as Cavalhadas de Pirenópolis, festejos em geral aos santos do catolicismo popular, bem como as baianas de Salvador, que lavam a escadaria da igreja do Bonfim e homenageiam Oxalá, representante do Senhor do Bonfim no Candomblé. Em suma, todas elas sem exceção, confirmam que o ato de festejar é uma ação de fé. Mas, é possível também afirmar que nenhuma festa religiosa deixa de ter também sua característica profana, essas características se completam numa configuração dinâmica e variável, na efetivação do festejo popular, em qualquer ambiente em que o evento ocorra. Essa característica dual das festas é complementada por outra dualidade de ordem política, quando ela afirma em seu espaço social, tensões e alianças simultâneas entre seus partícipes. Nelas o passado e o futuro se imbricam, tornando-os presentes em suas manifestações.

<sup>42</sup> Semelhante ao espaço construído para a celebração e festejos da Romaria de Santa Luzia em Porangatu/GO, como se pôde notar anteriormente na foto 2.3.

### 2.3 Festas populares e a especulação do mercado cultural

O fenômeno da festa ultrapassa a barreira do tempo, sempre enfrentando problemas em diversos aspectos. Em alguns momentos de proibição, ora aculturação ou sincretismo, bem como as investidas do mercado. Porém, permanece com o seu papel de reafirmar a cultura dos povos, além de ser um instrumento eficaz de comunicação social.

Maria Nazareth Ferreira (2006) ressalta que com a amplificação do turismo em caráter global na atualidade, as festas populares, tornaram-se um tema explorado como consumo turístico. Não apenas no mundo europeu, mas também em países da América Latina, principalmente no Brasil<sup>43</sup>. Ela afirma que “essa opção tem sido uma alternativa para incrementar as economias locais das pequenas cidades marginalizadas pelo processo neoliberal, cuja natureza é privilegiar a produção para exportação, ignorando as economias de pequeno porte” (FERREIRA, 2006, p. 111).

É possível perceber dois aspectos: o econômico, que tem sido visado pelo mercado turístico, que vê o fenômeno festa como mercadoria, alcançando importantes receitas, e o aspecto comunicacional, com seu compartilhamento de ideias e informações a respeito das classes subalternas. Ainda nessa direção, Ferreira afirma que com uma proposta de investigação sobre as expressões das culturas subalternas, será possível oferecer subsídios para a construção de uma teoria das festas populares, não simplesmente como ferramenta para o “entendimento dos fenômenos de comunicação e como ‘mercadoria’ para a expansão do turismo, mas principalmente como portador de ações concretas na construção da cidadania e no fortalecimento de laços sociais e identitários” (FERREIRA, 2006, p. 111).

Sem dúvida, as festas transmitem as inúmeras linguagens provindas das culturas hegemônicas e subalternas, promovem e congregam relações entre familiares, entre habitantes de pequenos bairros e comunidades, com as diversas instituições sociais atuais.

Antes da invenção dos modernos meios de comunicação, as festas constituíam a mais importante atividade pública: eram os momentos centrais dessa atividade, funcionando como autênticos sistemas de comunicação entre a comunidade e entre esta e os visitantes que participavam do evento. Para a comunidade, eram momentos de afirmação da identidade coletiva, mediante os quais o indivíduo tomava consciência de seu "pertencimento" a determinado grupo, assumindo o papel de protagonista de sua própria história. A festa era também um "lugar simbólico", no

---

<sup>43</sup> Nessa área foram realizados importantes estudos desenvolvidos pelo Centro de Estudos Latino americano sobre Cultura e Comunicação da USP. Nessa obra a orientadora do projeto, Maria Nazareth Ferreira investiga o turismo no Vale do Paulista do Rio Paraíba. É um projeto rico em detalhes que analisa as possibilidades turísticas do denominado Vale Histórico das cidades em que o café foi a principal base econômica durante um século. Livro: Identidade cultural e turismo emancipador, Ed. CELACC-ECA/USP. 2005. Disponível em: <[http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/images/livros/pdf/livro\\_-\\_maria\\_nazareth\\_-\\_identidade\\_cultural\\_e\\_turismo\\_emancipador.pdf](http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/images/livros/pdf/livro_-_maria_nazareth_-_identidade_cultural_e_turismo_emancipador.pdf)>. Acesso em: 05 de set. de 2018.

qual eram veiculados os valores e as crenças do grupo, transformando-se, portanto, no principal lugar onde afloravam os conflitos de significado na disputa pelo monopólio da informação e, até mesmo, do controle social (FERREIRA, 2006, p. 112).

A autora enfatiza a ação coercitiva da mídia e da globalização, além do turismo predatório, instrumentos capazes de alienar, bem como instigar a uniformização de hábitos influenciando de forma direta na identidade cultural da comunidade (especialmente as pequenas). As manifestações populares dessas comunidades são visualizadas, como mero produto a ser consumido.

Dessa forma, é oportuno perceber que com o advento da globalização as fronteiras culturais das sociedades se encurtaram e o mercado se internacionalizou, os canais de comunicação disseminam mecanismos de alienação, principalmente com as propagandas de mercadorias atraentes e irresistíveis, incentivando o consumismo exacerbado. Assim, com a crescente abertura mundial à globalização, a concepção de cidadania vinculou-se a de consumidor, ter prestígio como cidadão na atualidade é poder consumir. Os hábitos sociais, bem como as ideologias e os valores são instigados a uniformização e a padronização. Dessa maneira, as comunidades especialmente as menores, sofrem fortes influências locais e regionais, em seus costumes e em suas tradições.

[...] atualmente, com a expansão do turismo, a nível mundial, um dos assuntos mais explorados como consumo turístico são justamente as festas populares. Não somente na Europa, mas mesmo no Brasil, e em outros países da América Latina, esta opção tem sido uma alternativa para incrementar as economias locais das pequenas cidades marginalizadas pelo processo neoliberal, cuja natureza é privilegiar a produção para exportação, ignorando as economias de pequeno porte (FERREIRA, 2006, p. 61).

Analisar esse fenômeno influenciado pelas transformações que vem ocorrendo com a instalação do turismo nas pequenas comunidades, onde essa atividade é a base econômica, sem dúvida, é muito relevante. Ater-se às mudanças ocorridas nos espaços e nas festas populares subalternas é percebê-las como um termômetro das influências das mídias na cultura e na sociedade desse povo. Todavia, quando se pensa nas festas populares como componentes conectados ao mundo turístico, o debate torna-se amplo. Pois ao relacioná-las ao turismo, as festas transfiguram-se em “eventos” e exigem conhecimentos profissionais, técnicos e administrativos, considerados na maioria das vezes esdrúxulos ou dissimulados à sua essência. É comum perceber que as festas de caráter popular, reconhecidas como tradicionais ou religiosas, apresentam enorme resistência em se impulsionarem como evento no ramo do turismo.

Porém, na visão do mercado turístico a festa popular é projetada e reduzida para atender a demanda do lazer e do consumo dos turistas. Tal articulação limita instantaneamente

a festa popular à especulação do gozo e do prazer. Isso sem dúvida nenhuma é a principal causa do empobrecimento das festas populares, tornando-as descartáveis; eventos populares que expulsam os seus idealizadores: o povo.

Fabiana Nogueira Chaves (2014) analisa a questão da influência do turismo de mercado e seu consumo estratificado, enfatiza a concepção da indústria cultural e aponta as mudanças que vem ocorrendo no seio das festas populares subalternas, transformando-as em produtos turísticos e midiáticos, bem como reflete o processo de descaracterização cultural que podem ser gerados por esse cenário.

O que se promove pela indústria cultural do turismo, hoje, é um encontro veloz e superficial com o a cultura do outro. Em relação às culturas populares subalternas os impactos causados por este tipo de encontro são imensos. Promove-se um contato curto e inexpressivo, pago, no qual quer se fazer acreditar na captura de uma essência do outro que na verdade não existe para o consumidor, pois a realidade que se visa consumir está fora de seu contexto social e simbólico. Os símbolos da cultura popular subalterna tornam-se aí objetos que não têm necessidade de significação para seu consumidor. Perde muitas vezes, também a necessidade de significação para os próprios produtores das festas populares, pois estes passam a produzir cultura para a venda, como espetáculos ensaiados e prontos, que vislumbram unicamente o lucro (CHAVES, 2014, p. 4).

Portanto, as influências do mundo globalizado afetam cada vez mais as festas populares na contemporaneidade, por meio da especulação midiática. Algumas vezes elas são planejadas para acatar os pleitos do mercado globalizado, ou seja, seus próprios interesses econômicos. Empresas de turismo e de bebidas, grupos políticos locais e regionais, empresários da mídia, são os principais interessados no aspecto especulativo das festas.

A partir de estudos é possível constatar que vem ocorrendo a descaracterização das festas populares subalternas, sendo transformadas em produtos pelo mercado turístico. Porém, é preciso não apenas diagnosticar as modificações e recriminar o mercado, sem dúvida é necessário elaborar novas interpelações sobre a cultura e suas expressões, sua capacidade de resistir culturalmente às investidas do capitalismo globalizado e à ‘coisificação’ da industrialização cultural, embora que a lógica de mercado é influenciar de maneira direta ou indiretamente as culturas populares.

Porém, não se pode negar que as festas populares estão agregando valores culturais da sociedade midiática, assim como a sociedade midiática agrega valores culturais da sociedade tradicional. É nesse novo campo híbrido entre o midiático e o tradicional, o sagrado e o profano, que emerge uma cultura de base local, mas cada vez mais vinculada à cultura global em fluxos contínuos de apropriação e incorporação desses novos significados (TRIGUEIRO, 2015, p. 69).

Exemplos dessa agregação de valores, com apropriações e inclusões de novos sentidos, estão presentes no carnaval do Rio de Janeiro, na Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Aracaju/ SE, nas festas juninas em toda região nordestina, na festa do Bonfim em Salvador/BA,

na festa de Nossa Senhora dos Prazeres em Joboatão dos Guararapes/PE, na Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis/GO, Festa do Peão Boiadeiro/SP, entre outras realizadas no país. Esse tipo de fenômeno tende a expandir para todos os tipos de festejos, inclusive as festas religiosas de santos padroeiros, realizadas em diversas regiões do mundo.

Sobre a caracterização da festa e sua transformação em atração turística, Cavenaghi, Nascimento e Bueno (2012) afirmam que cresceu o interesse do turismo com as festas populares no Brasil, e essas por sua vez se expandiram e obtiveram notoriedade, porém, as opiniões divergem quanto à aproximação de ambos, pelos impactos causados às expressões da cultura popular; pois receiam que o processo de mercantilização das festas afete sua autenticidade.

A maioria concorda com os aspectos positivos da festa para a comunidade, mas essas manifestações tendem a se enfraquecer diante dos apelos da vida contemporânea. E o estímulo que elas recebem devido a sua visibilidade e a sua espetacularização, por sua vez, as ameaçam em função da eventual possibilidade de descaracterização devido a busca por criar, cada vez mais, maior atratividade. É discutido e temido o fato de brincadeiras populares se transformarem em espetáculo e, conseqüentemente, a cultura popular em cultura de massa, ou seja, se teme as conseqüências da mercantilização (CAVENAGHI; NASCIMENTO; BUENO, 2012, p. 592).

Como exemplo, os autores apresentam oito<sup>44</sup> festas de grande relevância e aceitação popular; elas mantêm estruturas edificadas permanentes e são celebradas em diversas regiões brasileiras, criteriosamente escolhidas por estabelecerem vínculo com o mercado turístico. Eles enfatizam que diversas festas populares no Brasil estão sendo cobiçadas e transformadas pelo mercado turístico, uma das conseqüências tem sido o crescente aumento de produtos, serviços e empregos nessa área. Porém, apesar da ameaça da descaracterização dos eventos festivos populares pelo turismo, eles afirmam também que em um número razoável de eventos festivos, o fenômeno turístico tem colaborado para o revigoramento e criado condições de conservações das referidas expressões culturais, frente às ameaças e as “condições corrosivas da Modernidade”. Lembram também que “apesar da mercantilização e espetacularização, as festas continuam fazendo a interpretação dos mitos, lendas e histórias locais através da elaboração e da expressão de um imaginário simbólico que desempenha papel revelador e crítico” (CAVENAGHI; NASCIMENTO; BUENO, 2012, p. 597).

Os autores afirmam que nessas festas, apesar das transformações ocorridas pela influência do turismo, elas garantem a saída dos partícipes de seu anonimato, de meros espectadores, para uma atuação de relevância, de simples coadjuvantes para autores, o que robustece e sustenta os laços sociais da comunidade festeira. Portanto, é de suma importância

---

<sup>44</sup> Festejos analisados no artigo: A Oktoberfest, de Blumenau, a Festa da Nossa Senhora da Achirópita, a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, a Festa da Cavallhada em Pirenópolis, a Festa do Boi-Bumbá de Parintins, a Festa do Boto de Sairé, a festa do Festival de Ciranda e o Carnaval.

compreender o papel e a função social das festas populares, pois sem dúvida, elas são vigorosas manifestações de tradições de grande valor simbólico, com sua multiplicidade de formas de expressão adequam-se às particularidades da história de vida da comunidade, dos valores individuais e coletivos, dos conflitos e da dinamicidade dos grupos sociais promotores dos eventos festivos.

É importante considerar o fato que a partir da modernidade, essa mercantilização se generalizou em boa parte dos espaços sociais festivos, e o turismo ocupou um lugar de prestígio nesse âmbito complexo. Não sendo apenas um privilégio de ricos na atualidade, o turismo é também reivindicado por uma grande parte da população; determinando uma nova conjuntura a esse fenômeno que cresce acompanhando as novas performances da modernidade. Mas é interessante salientar que apesar da invasão de significativo número de turistas nas festas brasileiras, alocando dificuldades na relação entre moradores locais e turistas, é possível perceber que essa expansão turística permite não apenas mantê-las, mas também ampliá-las, o que se pode considerar um fator positivo.

A principal finalidade estabelecida pela festa é sem dúvida a alegria, pois institui um universo à parte, retirado do tempo linear e do cotidiano, pois ela consegue apresentar códigos próprios para seu prazer e usufruto. Durante a ocorrência dos festejos, a temporalidade do cotidiano é suspensa; a vida real dos festeiros é ‘postergada’ temporariamente.

As festas em homenagem a Santos Reis além de proporcionar um momento alegre, envolvem elementos religiosos e seculares, numa complexa inserção cultural e social, numa combinação que agrega trabalhadores do campo e da cidade (em espaços diferentes do cotidiano), mesclando fé e tradição. Esses momentos de festividade conseguem promover, a reconciliação do centro urbano (cidade) com seu entorno (rural), envolvendo um complexo sistema de valores, reaproximando o presente com o passado. Os festejos de Reis se adaptam a cada localidade em que são praticados, e seus rituais são transmitidos pelos mais velhos para as novas gerações. Consolidando dessa forma sua tradição, no contexto local onde são realizados.

## 2.4 Festas no contexto brasileiro

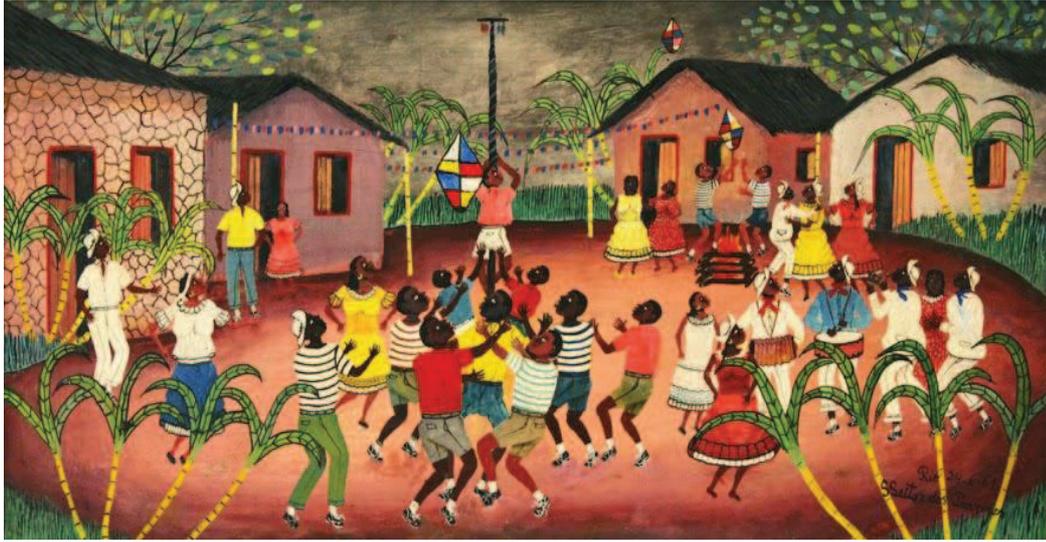


Imagem 2.4: Heitor dos Prazeres<sup>45</sup>, Festa de São João, óleo sobre tela.

### São João Na Roça

Luiz Gonzaga<sup>46</sup>

A fogueira tá queimando

Em homenagem a São João. O forró já começou

Vamos gente, rapapé neste salão

Dança Joaquim com Isabé

Luiz com Iaiá

Dança Janjão com Raqué

E eu com Sinhá

Traz a cachaça, Mané

Eu quero vê, quero vê páia voar

### Noites Brasileiras

Luiz Gonzaga

Ai que saudades que eu sinto

Das noites de São João

Das noites tão brasileiras na fogueira

Sob o luar do sertão

Meninos brincando de roda

Velhos soltando balão. Moços em volta à fogueira

Brincando com o coração

Eita, São João dos meus sonhos. Eita, saudoso sertão

<sup>45</sup> Heitor dos Prazeres (1898-1966) nasceu no Rio de Janeiro, compositor, cantor e pintor, ingressou na pintura como autodidata por volta de 1937. Dominava o clarinete e o cavaquinho, e suas composições alcançaram projeção nacional. Foi um dos pioneiros do samba carioca. Adotou a pintura como hábito após o falecimento da esposa; a pintura rendeu-lhe reconhecimento no Brasil e no exterior. Disponível em <https://www.ebiografia.com>. Acesso em: 17 de out. 2018.

<sup>46</sup> Luiz Gonzaga (1912-1989) pernambucano, desde criança se interessou pela sanfona de oito baixos do pai, a quem ajudava tocando zabumba e cantando em festas religiosas, feiras e forrós no sertão nordestino. Fez sucesso com "Cintura Fina" e "A Volta da Asa Branca". A música nordestina viveu sua fase áurea e o músico virou o Rei do Baião. Suas músicas foram regravadas por, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso, dentre outros. Disponível em: <https://educação.uol.com.br>biografias>. Acesso em: 20 de out. de 2018.



Imagem 2.5: Tarsila do Amaral<sup>47</sup>. Carnaval em Madureira, 1924. Óleo sobre tela, 76 x 63 cm. Acervo da Fundação José e Paulina Nemirovsky, São Paulo, Brasil.



Imagem 2.6: Bajado<sup>48</sup>. Frevo de Olinda, 1972. 60.000 cm x 70.000 cm. Acervo Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.

<sup>47</sup> Obra da pintora brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973), é uma construção visual, criada a partir de esboços e de experiências vividas por ela. A opção do título deveu-se à notoriedade do bairro de Madureira, popularizado por suas rodas de samba e blocos carnavalescos tradicionais. A presença da Torre Eiffel está relacionada à França, símbolo de modernidade.

<sup>48</sup> Euclides Francisco Amâncio (1912-1996) era pintor, desenhista e cartazista. A obra de Bajado é referência da chamada arte popular brasileira, pintava temas da cultura de seu estado (Pernambuco). Em boa parte de seus quadros, a perspectiva do pintor é a janela, de forma que o observador toma o lugar de quem assiste ao movimento da rua. Andando ou dançando, suas personagens têm pouca diversidade de cores, que costumam ser vibrantes como os cartazes de cinema e as propagandas políticas da época. Disponível em: <https://www.escriitoriodearte.com>> Artista Bajado. Disponível em: 15 de set. de 2018.

Abordar as manifestações festivas e religiosas no contexto brasileiro demanda a compreensão da “profunda multiplicidade” e variedade de suas práticas e maneiras de organização (LEONEL, 2010, p. 39). A festa se configura no território brasileiro como um excelente instrumento de intervenção social, não implicando se é de caráter religioso ou profano. O Brasil é retratado em um rico acervo de obras em artes plásticas com temas relacionados às manifestações culturais populares, que registram a realidade festiva do povo brasileiro, desde o período colonial aos dias atuais<sup>49</sup>.

Importantes artistas como, por exemplo, Heitor dos Prazeres, Tarcila do Amaral, Anita Malfatti, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Euclides Francisco (Bajado), Albert Eckhout, Frans Post, dentre outros, expressaram em suas telas momento únicos da multiplicidade festiva de diversos grupos étnicos que compõem a nação brasileira. Imagens de gente com fisionomias triste e alegre, cores e culturas diferentes. Naturalmente é percebida nesses grupos tão distintos, uma característica em comum entre eles: a alegria de estarem reunidos nos momentos oportunos para realizarem seus festejos.

No ano de 1637, desembarca em Recife o futuro governador do Brasil Maurício de Nassau, considerado por muitos historiadores habilidoso, tolerante e simpático, trouxe consigo talentosos cientistas e artistas com a missão de registrar as peculiaridades da colônia. Renomados pintores como Frans Post e Albert Eckhout, além de outros, foram responsáveis pela produção de inúmeras obras que retratavam o cotidiano das pessoas e as paisagens naturais do território brasileiro; suas criações tornaram-se preciosas fontes de informações sobre a América colonial na Europa. Entre centenas de imagens registradas pelos pintores no período da colonização, sobressai a da dança dos Tapuias, pela retratação original de um dos costumes mais comuns entre os nativos; com seus instrumentos musicais e seus enfeites naturais. A imagem sugere que os nativos ainda não haviam sofrido influências culturais dos colonizadores.

---

<sup>49</sup> As imagens 2.4, 2.5, 2.6 e 2.7, configuram essa realidade.



Imagem 2.7: Albert Eckhout. Dança dos Tarairiu<sup>50</sup> (Tapuias). Óleo sobre tela, 172.00 cm x 295.00 cm. Acervo National museet (Copenhague, Dinamarca).

As festas estão presentes no contexto do Brasil Colonial desde os seus primeiros anos de colonização, associadas às práticas religiosas da Igreja Católica. Inúmeras delas eram realizadas pelos povos nativos dessa terra, considerando-se que esses habitantes possuíam inúmeras comemorações ligadas à sua peculiaridade cultural<sup>51</sup>. As missões jesuíticas no Brasil colônia empregavam as danças, o teatro e as músicas na catequização indígena, embora os missionários tenham encontrado resistência em diversas nações indígenas, esses instrumentos foram eficazes no processo de conversão dos nativos. Essas práticas tornaram-se comuns, possibilitando a perpetuação e a permanência dessas marcas em nossa cultura até os dias atuais. Muitos festejos frutos desse trabalho missionário perduram em diversas comunidades, a exemplo da Folia de Santos Reis e a Folia do Divino Espírito Santo, distribuídas em diversas regiões brasileiras.

É válido lembrar que no período colonial, tanto o clero quanto o estado português, estabeleciam entre si um pacto, na utilização das festas como instrumento eficaz para a consolidação de seu poder. Devido ao seu prestígio político e social no período, a Igreja Católica pôde monopolizar a maioria das festas populares religiosas. Tanto os momentos celebrativos religiosos, quanto as comemorações importantes da coroa portuguesa eram eventos comemorados na colônia em grandes solenidades, com muita ostentação.

O rei e a religião, numa aliança colonizadora, estendiam seu manto protetor e repressor sobre as comunidades, manto este que apenas por ocasião das festividades coloria-se com exuberância. Sob a batuta do Estado Moderno, essas festividades passam a ser expressão de uma cultura dirigida, conservadora e, no caso do Brasil Colônia, urbana. O barroco, por sua vez, forjou um conjunto de instrumentos articulados para preservar o sistema absolutista, tendo nas festas um dos exemplos

<sup>50</sup> DANÇA dos Tarairiu (Tapuias). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14525/danca-dos-tarairiu-tapuias>> Acesso em: 11 de mar. de 2018.

<sup>51</sup> Conforme a imagem 2.7.

mais espetaculares e persuasivos (DEL PRIORE, 2000, p. 15).

Ambas as instituições (Igreja e Estado) uniram suas forças com a finalidade de obter vantagens particulares. Essa parceria, mesmo criticada e considerada por muitos ilegítima, consolidou-se durante o período colonial e imperial e forneceu às estruturas da história sociocultural brasileira. O catolicismo indiscutivelmente foi o instrumento mais eficaz de organização e de controle social; durante a ação empreendedora colonial portuguesa. Ele alicerçou e consolidou a unidade entre a Igreja e o Estado, permanecendo até a Proclamação da República do Brasil, quando a nova constituição republicana decretou o fim do padroado<sup>52</sup>. As regras, os sacramentos e a moral do catolicismo, bem como as festas em louvor aos santos padroeiros, guiavam o cotidiano dos fiéis no período colonial e imperial. Os padres jesuítas durante longo período tiveram a exclusividade do ensino no Brasil. E quando nascia uma cidade, construía uma capela geralmente no centro, e na maioria das vezes o santo padroeiro escolhido, era o qual nominaria o local.

Perez (2000, p. 10) afirma que a religião ocupava o lugar central na vida social brasileira, durante o período colonial e imperial; os assuntos mais relevantes eram discutidos no espaço da igreja, “à sombra da cruz, criava-se a solidariedade comunal. O Brasil se construía. A igreja era o espaço dos mexericos e da difusão de notícias”. No decorrer das celebrações das missas, ou posteriormente, nas sacristias, os devotos faziam a reportagem dos episódios quotidianos: matrimônios, óbitos, traições, negócios, etc. Os patriarcas discorriam sobre os últimos fatos políticos ou sobre suas colheitas e planejavam seus conluios.

As festas religiosas e as procissões são os eventos urbanos mais antigos da história brasileira. Essas atividades até o final do século XIX foram de suma importância para as populações das cidades.

As festas e as procissões possibilitam, assim, que visualizemos sob um outro ângulo o espetáculo plurívoco do elo social, sobretudo no que tange à acentuação do afetivo e do sensível e da hibridação de códigos, uma vez que, tal como o princípio de reciprocidade, a festa é o ato mesmo de produção da vida (PEREZ, 2000, p. 15).

Durante a ocorrência das festas e das procissões religiosas, as populações se deslocavam de regiões longínquas para delas participarem. A cidade se movimentava e o entusiasmo tomava conta dos participantes, onde multidões tomavam conta das ruas e praças

---

<sup>52</sup> Delegação de poderes concedida pelos papas - através de bulas - aos reis de Portugal, através da qual o rei passa a ser o patrono e protetor da Igreja, dispondo de obrigações e direitos, tais como: a) zelar e sustentar a igreja em terras de domínio lusitano; b) enviar missionários para as terras descobertas; c) arrecadar dízimos; d) apresentar candidatos aos cargos eclesiásticos, especialmente os bispos, exercendo, assim, poder político sobre os mesmos. Disponível em: <https://dicionarioinformal.com.br>. Acesso em 12 de set. de 2018.

adjacentes da igreja local. A partir dos anos 1920 a 1930 tornam-se menos relevantes, ganham notoriedade e vitalidade nos tempos atuais, com distintas configurações, com menos interferências institucionais.

As festas religiosas, bem como as procissões eram formas de espetáculo que concebiam características próprias, uma maneira singular de viver a sociedade e de compreender o mundo a sua volta, uma vez que são os instantes “em que as máscaras e a teatralidade dos papéis sociais adquirem outra dimensão, a do movimento, da alegria e, sobretudo, da mistura dos códigos e das pessoas”. Dessa forma cria-se “um mundo virtual, onde o gasto suntuoso e o consumo agonístico, próprios ao dome à troca generalizada, são as palavras de ordem” (PEREZ, 2000, p. 14). Não é difícil imaginar, o impacto e o êxtase produzido pela festa, sendo um espetáculo proporcionado na vida dos trabalhadores rurais, gente sofrida vinda do interior. Trocar a labuta diária monótona, sem novidades, pela festa na cidade, significava romper com a vida ordinária, e encontrar-se com o novo: gente diferente, coisas diferentes. No período colonial brasileiro, os festejos ocorriam com frequência nos primeiros arraiais, vilas e cidades, configuravam-se pelo seu caráter religioso e promovedor de sociabilidade. As festas possuíam a capacidade de garantir um intercâmbio social entre os indivíduos da comunidade. Homens e mulheres enfrentavam no período, problemas relacionados a pouca (ou nenhuma) disponibilidade de meios de transportes, as longas distâncias dos centros urbanos, somadas com a fragilidade financeira da maior parte da população colonial.

Provavelmente no período descrito, as festas foram às únicas possibilidades de prazer, de diversão, confraternização e de descanso da labuta do cotidiano. Percebidas como acontecimentos extraordinários, elas foram práticas coletivas de entretenimento, de lazer coletivo em espaços públicos por vários séculos, durante todo o período de formação urbana das cidades brasileiras.

As festas, os cortejos e as procissões reuniam um grande contingente populacional, permitindo a aglomeração e criando oportunidades para formas diferenciadas de apropriação do espaço público, distintas daquelas presentes no cotidiano das cidades, como mostraram os estudos diversos de historiadores como Silvia Hunold Lara (2002), João José Reis (2002), Martha Abreu (1999), Carlos Eugênio Líbano Soares (2002), Patrícia Vargas Lopes de Araújo (2008), dentre outros. A culminância das festas sempre foi obrigatoriamente precedida de intensos preparativos e de captação de fundos, o que fez das irmandades importantes instituições e dos festeiros importantes atores sociais, em termos de uma economia local e regional (LEONEL, 2010, p. 40).

De acordo com as pesquisas de diversos estudiosos sobre festas, é possível afirmar que elas ostentavam no período de formação de nossas cidades, no período colonial e, ostenta na contemporaneidade a essência geradora da reverência à fé e a sintonia das ideias que sustentam as tradições. Logo, as festas no contexto histórico do Brasil colonial, imperial e contemporâneo,

esculpem um espaço de socialização e harmonia para grande parte da população brasileira.

As festas populares, especialmente as religiosas estão presentes em todos os 5.570 municípios das cinco regiões brasileiras, nas grandes metrópoles e em pequenas cidades e distritos do interior, envolvendo indivíduos da zona urbana e rural, reunindo grandes multidões ou pequenos grupos. Essas manifestações ocupam boa parte dos calendários oficiais dos municípios brasileiros, ora atendendo expectativas de grupos culturais, ora econômicas (turismo), ora grupos políticos, ora grupos religiosos, ou várias perspectivas ao mesmo tempo.

O quadro 02 a seguir evidencia algumas festas religiosas (um número pequeno no universo festivo do Brasil), realizadas em algumas regiões brasileiras. Um patrimônio cultural rico que deve ser protegido e incentivado pela nação brasileira.

#### As festas religiosas no Brasil – janeiro a dezembro.

Nome do festejo	Local da Prática	Período que ocorre
Festa Junina <sup>53</sup> em homenagem a S. Pedro, S. João e S. Antônio	Em todos os Estados	Durante todo o mês de junho
Festa de Bom Jesus dos Navegantes	Aracaju/SE	Dia 01 de janeiro
Festa de Santos Reis <sup>54</sup>	Na maioria dos Estados, especialmente em Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás.	De 01 a 06 de janeiro
Festa do Santo Cristo de Ipojuca	Ipojuca/PE	De 23 de dezembro a 01 de janeiro
Festa do Bonfim Salvador	Salvador/BA	De 05 a 15 de janeiro
Festa de Iemanjá	Salvador/BA	Dia 20 de fevereiro
Semana Santa	Em todos os Estados	40 dias após a quarta-feira de cinzas
Festa de N <sup>a</sup> Senhora dos Prazeres	João de Deus/PE	De 31 de março a 07 de abril
Festa de São José de Ribamar	São José de Ribamar/MA	De 9 a 18 de setembro (flexível)
Festa do Rosário	Diversos municípios de Minas Gerais	De 01 a 30 de outubro (flexível)

<sup>53</sup> As celebrações no mês de junho já eram realizadas muitos antes da era cristã. Os povos antigos, incluindo as civilizações gregas, egípcias e celtas, comemoravam essa passagem do calendário. Regadas com o calor do fogo e muita bebida e comida, eram celebrações à fertilidade e também para rogar aos seus deuses pela fartura nas próximas colheitas. Com a evangelização da Europa na Idade Média, o ritual pagão foi incorporado ao calendário cristão. Isso ocorreu para facilitar a catequese dos pagãos e esvaziar ideologicamente suas comemorações. Não é por acaso que as comemorações cristãs possuem relação com as principais passagens de tempo. É o caso da Páscoa (que ocorre no primeiro domingo de lua cheia após o equinócio da primavera no hemisfério norte), o nascimento de Jesus (atribuído ao dia 25 de dezembro, logo após o solstício de inverno no hemisfério norte) e o dia de São João (dia 24 de junho, logo após o solstício de verão no hemisfério norte). Em Portugal, a Igreja dedicou o mês de junho à celebração dos seus santos populares. Santo Antônio, de Lisboa (dia 13) São João Batista (dia 24), e São Pedro (dia 29).

<sup>54</sup> Ocorrem em várias cidades brasileiras, sendo que as de Sabará (Minas Gerais) e Parati (Rio de Janeiro) são as mais conhecidas. Durante os dias entre o Natal e o Dia de Reis (6 de janeiro), grupos de músicos andam pelas ruas da cidade, cantando canções que fazem referência à viagem dos reis magos em direção a Belém (local em que conheceram o menino Jesus).

Festividades do Glorioso São Sebastião <sup>55</sup>	Ilha do Marajó/PA	De 10 a 20 de janeiro
Festa do Padre Cícero	Juazeiro do Norte/CE	De 01 a 02 de novembro
Festa de Nossa Senhora do Rocio	Paranaguá/PR	De 05 a 15 de novembro
Festa de Nossa Senhora da Penha	Vila Velha/ES	Dia 07 de abril
Festa de São Benedito	Cuiabá/MT	De 15 a 30 de junho
Festa de Nossa Senhora da Piedade	Macapá/AP	Dia 23 de junho
Festa de Nossa Senhora das Neves	João Pessoa/PA	Dia 27 de julho a 05 de agosto
Romaria de Bom Jesus da Lapa	Bom Jesus da Lapa/BA	De 01 a 06 de agosto
Festa Lavagem do Bonfim <sup>56</sup>	Salvador/BA	Janeiro (2ª quinta-feira)
Festa do Divino Espírito Santo (consolidou-se no Brasil a partir do século XVI)	Bahia, Goiás, São Paulo, Maranhão, Minas Gerais, Sta Catarina, Rio G. do Sul, Rondônia, dentre outros.	Mês de maio (flexível)

Quadro 02: As festas religiosas no Brasil – janeiro a dezembro.

Fonte: Elaborado por Angelo Marcos de Souza a partir dos sites: <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/01/confiraalgumasdasfestasreligiosasqueacontecemnobrasil>. Acesso em: 20 de ago. 2018.

As festas religiosas no Brasil exprimem a cultura e a tradição de sua gente, presentes tanto nas cerimônias festivas quanto em suas práticas de rituais religiosos. Elas consolidam laços sociais, fixam raízes de solidariedade, liberam lembranças e emoções. É o espaço da inovação, da magia, do fascínio, da sedução. Elas rejeitam a carência, a incerteza, a instabilidade, sem contradizer a realidade.

Ainda tratando do âmbito das festas populares, Rita Amaral (1998) traz à baila uma questão importante, sobre os debates realizados por diversos autores como Caillois (1950), Eliade (1992), Durkheim (1996), Girard (1990), Duvignaud (1983), dentre outros, que apresentam argumentos da decadência da festa em diversas sociedades. A autora contribui com o debate, quando justifica que a maioria dessas sociedades estudadas era “simples”, (por serem países em desenvolvimento) sendo presumível, que a influência de culturas que favorecem o

<sup>55</sup> Anualmente, de 10 a 20 de janeiro, a Ilha do Marajó se envolve com as festividades em honra ao Glorioso São Sebastião, uma das mais importantes manifestações do arquipélago. Mas antes, no mês de julho do ano anterior, tem início a peregrinação dos foliões, que percorrem casas e instituições na ilha e em outros municípios do estado levando a imagem do santo, cantando fôlias e rezando ladainhas a fim de arrecadar doações para a festa. Essa andança, chamada de “esmolação”, pode durar de uma semana a seis meses. Em 2013, as festividades foram inscritas no Livro das Celebrações do IPHAN, tornando-se Patrimônio Cultural do Brasil. Fonte: MORIM, Júlia. *Festividade do Glorioso São Sebastião no Marajó*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 01 de ago. de 2018.

<sup>56</sup> Uma das festas mais tradicionais de Salvador, na Bahia. Uma procissão começa na Igreja da Conceição da Praia e percorre 8 km até a Igreja do Bonfim. As baianas vestidas de trajes típicos, com vasos com água de cheiro sobem a Colina Sagrada para lavar a escadaria da igreja e homenagear Oxalá, o maior dos orixás e representante do Senhor do Bonfim no Candomblé. A lavagem acontece sempre na segunda quinta-feira de janeiro. Disponível em: <http://99festas.com.br/video/festas-populares-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 01 de out. de 2018.

sistema capitalista industrial, tenha instigado a um “abandono” de algumas tradições. Apesar de que a maioria dessas sociedades mantém exatamente as festas como ponto de contato com sua cultura e tradição.

Na sociedade brasileira, entretanto, não se percebe essa "decadência" da festa, observada especialmente pelos autores estrangeiros em relação às culturas de países do Terceiro Mundo. Muito pelo contrário. Cada vez surgem mais e mais motivos para se festejar todo tipo de coisas e modos de fazê-lo. Sendo um país em pleno desenvolvimento capitalista deveria, segundo os pressupostos de Duvignaud, estar vivendo a decadência da festa. (AMARAL, 1998, p. 15).

A autora enfatiza que é possível perceber a pauperização de determinadas festas na contemporaneidade quando equiparadas com as que eram efetuadas no século anterior, e no início deste. Por exemplo, os festejos de Santos Reis e do Divino Espírito Santo, que sem dúvida eram festas ostentosas, principalmente no quesito alimentar e estético. Quanto às festas consideradas populares na primeira metade do século XX, houve certo esvaziamento da presença das elites em algumas regiões, a exemplo dos carnavais de rua. Segundo autores como Moraes Filho (1979) e Cascudo (2001), é possível perceber a supressão do encanto e da ostentação, e lamentam o ingresso de novidades que desvirtuam a tradição. Já Freire compreende que as transformações que vem ocorrendo nos festejos populares, são resultados das modificações nas estruturas sociais, advindas com o fim do sistema escravista e da proclamação da República. Amaral afirma ainda que, contudo, as festas crescem em todos os sentidos no contexto brasileiro, inclusive no luxo e na participação, e com o retorno das elites, presentes nas festividades carnavalescas e nos forrós. Sendo possível perceber também, o enriquecimento de outras festas, que no decorrer do tempo adquiriram muito “em símbolos e riqueza com o passar do tempo, como é o caso da maior festa brasileira, o Carnaval, o Círio de Nazaré, no Pará ou o São João nordestino” (AMARAL, 1998, p. 15).

Devido a enorme diversidade e riqueza cultural presentes nessas festas, o Brasil se destaca no mundo atual, como um excelente protagonista na realização de festejos populares. Isso é possível perceber, com a divulgação na mídia do calendário de grandes festas realizadas pelas prefeituras de inúmeros municípios do país; o que permite concluir que está longe de haver decadência das festas brasileiras tanto em número quanto em qualidade.

Um exemplo, é o festejo em homenagem aos Santos Reis, realizado pelos foliões do município de Porangatu/GO<sup>57</sup> todos os anos no dia 06 de janeiro, data do encerramento dos giros da Folia, onde reúne milhares de pessoas visitantes, devotos e foliões da cidade. Não falta criatividade na ornamentação dos arcos, por onde os foliões passam ao adentrarem o recinto

---

<sup>57</sup> Tema norteador da presente pesquisa.

das casas (na região rural principalmente), nas roupas e máscaras de cores vivas, usadas pelos palhaços durante suas atividades, ou nos presépios que costumam ser muito criativos. Geralmente são servidas mais de cinco mil refeições durante a realização da “entrega” da Folia. Tradição que ocorre na região a mais de 50 anos conforme os foliões veteranos. A presença de muitas crianças e jovens durante os festejos é uma confirmação que a tradição deve permanecer no município.

Os foliões da Folia de Reis em Porangatu/GO se unem com todos os outros foliões de todas as regiões brasileiras, quando suas memórias (individual e coletiva), são ativadas e revividas durante cada jornada realizada em companhia dos Reis Santos (representados pelos palhaços) à gruta de Belém.

Portanto, tentar interpretar a festa, sendo ela sagrada ou profana, e registrar suas performances é dar voz aos seus protagonistas e espectadores. Significa valorizar suas manifestações simbólicas, e incentivar o surgimento de outras. Esta pesquisa consiste exatamente em contribuir com esta questão.

## 2.5 Festejos de Santos Reis: origem e atualidade



Imagem 2.8: Encerramento da Folia de Reis, Porangatu/GO (jan./2016).  
Arquivo: Alessandra Batista do Nascimento

**Folia de Reis**  
Trio Parada Dura<sup>58</sup>

Deus que salve a casa santa onde Deus fez a morada  
Onde Deus fez a morada a, a, a, a

<sup>58</sup> Letra da música disponível em: <https://www.lettras.mus.br/trio-parada-dura/folia-de-reis/>. Acesso em: 30 de ago. de 2018.

Onde mora o cálice bento e a hóstia consagrada  
E a hóstia consagrada a, a, a, a

Os Três Reis tiveram a notícia que havia o nascimento  
Que havia o nascimento a, a, a, a  
Eles seguiram viagem com um grande contentamento  
Com um grande contentamento a, a, a, a

Viajaram dia e noite a caminho de Belém  
A caminho de Belém a, a, a, a  
Visitaram o Deus Menino que nasceu pro nosso bem  
Que nasceu pro nosso bem a, a, a, a

Num instante nas alturas brilhou a estrela da guia  
Brilhou a estrela da guia a, a, a, a  
Pra mostrar aonde estava o filho da Virgem Maria  
O filho da Virgem Maria a, a, a, a  
Agradecemos a esmola e o seu amor também  
E o seu amor também a, a, a, a

Os Três Reis que abençoa e volta no ano que vem  
E volta no ano que vem a, a, a, a



Imagem 2.9: Enéias Tavares Santos<sup>59</sup>. Presépio. Técnica Xilogravura popular Dim: 20,0 x 15,00

<sup>59</sup> Enéias Tavares dos Santos, alagoano, nasceu em 22 de novembro de 1931 na cidade de Marechal Deodoro. De origem humilde, filho de agricultores, não obteve a sua formação primária completa por razões econômicas, estudando já na vida adulta, música, pintura e desenho, desabrochando, assim, suas veias artísticas no universo da xilogravura e da literatura. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br>. Acesso em: 15 de set. 2018.

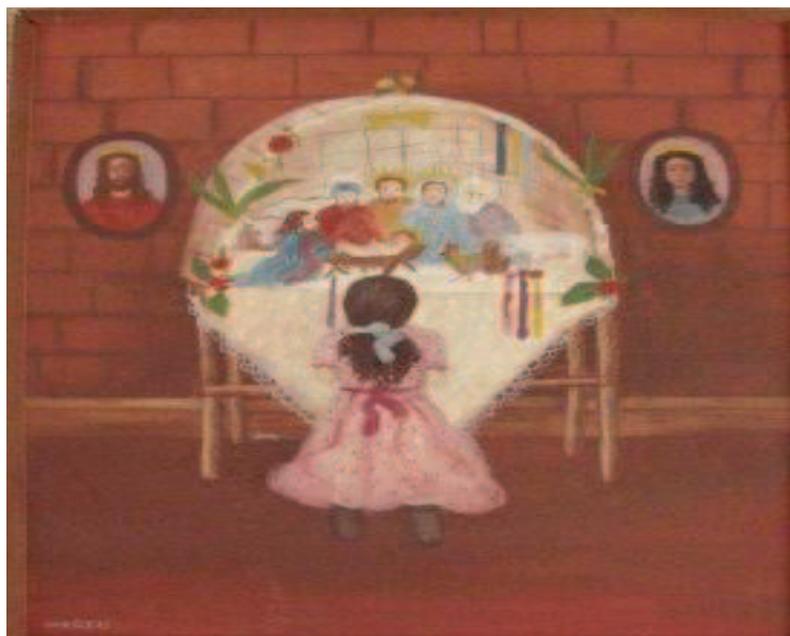


Imagem 2.10: Omar Souto<sup>60</sup>. Presépio. Técnica: Óleo sobre tela. Dim: 50,0 X 60,5



Imagem 2.11: Folia de Reis na fazenda Rainha da Paz. Autor: Dag França<sup>61</sup>

A Folia de Reis é uma festividade de tradição religiosa, de origem ibérica, utilizada

<sup>60</sup> Omar Souto, artista plástico, autodidata, goiano, nasceu em 1946, em Itaberaí. Filho de nordestinos iniciou como pintor de paredes, letreiros e placas. Buscou ordenar suas ideias na apreensão religiosa do homem simples que busca consolo nas romarias. Adiante, suas obras expressão o homem sertanejo, seu chão, sua casa, crenças e evasão. Ao abordar o homem do campo diante das dificuldades para enfrentar a vida, e o abandono dos roçados na procura das cidades, o artista emite uma visão social de grande validade sobre o Centro Oeste agrário e pecuário. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Omar%20Souto/>. Acesso em: 19 de jun. de 2018.

<sup>61</sup> Dagmar Teixeira França nasceu em Santa Cruz de Goiás, conhecida como Dag França, reside em Goiânia e é atualmente, uma das maiores artistas da arte naíf (primitivista) no Brasil. Iniciou sua carreira como autodidata, mais tarde frequentou o atelier do professor Eliezer Ricardo, na capital. Dentro da simplicidade e da inovação da arte naíf, ela retrata o interior brasileiro, com mais ênfase ao interior goiano. As **Folias de Reis**, as pequenas cidades, as fogueiras juninas, as festas do Divino, procissões, cenas ingênuas do cotidiano. Outras diversas manifestações folclóricas regionais estão presentes nas telas da artista. Disponível em: [www.goiania.ws>artes>dag](http://www.goiania.ws>artes>dag). Acesso em: 15 de set. de 2018.

pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus a partir do século XVIII, como um instrumento de catequização dos povos nativos e africanos no Brasil Colônia. A tradição consolidou-se a partir do século XIX, sobretudo nos pequenos vilarejos e cidades das regiões dos atuais Estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná e Tocantins. Apesar da origem católica portuguesa, o folguedo sofreu influências dos povos nativos e africanos durante e após o processo colonizador.

O folguedo é ligado às comemorações do culto católico do Natal. Trazido para o Brasil ainda nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira de influência ocidental colonizadora, ainda hoje se mantém vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país. O eixo central da Folia de Reis é a viagem epifânica realizada pelos magos do Oriente.

A Folia de Reis é uma festa popular estruturada por leigos do catolicismo popular, e que foi introduzida no Brasil colonial pelos Jesuítas da Companhia de Jesus e que aos poucos foi inserida na liturgia da Igreja com intuito de usá-la como instrumento de catequização dos povos indígenas e africanos; dessa maneira a instituição buscava estabelecer o controle simbólico da ordem social.

Brandão em sua obra “O que é folclore” (1986) assegura que os Autos Natalinos faziam parte das dramatizações dirigidas pelos padres jesuítas, que foram trazidos para o Brasil, com a finalidade de ajudar no processo da catequização dos nativos. Também foram incorporados nos primeiros rituais jesuíticos, os cortejos com cantos e danças, que em seguida migraram para os festejos solenes dos santos padroeiros das cidades, ou introduzidos na liturgia oficial, a exemplo das festas realizadas em homenagem a Santo Antonio, São Pedro, São Paulo, dentre outros. Segundo o autor, eram danças alegres, como as folias portuguesas que nessa época haviam sido inseridas nas dramatizações devocionais; realizadas tanto nos núcleos das igrejas, quanto nas procissões que percorriam as simples ruas de vilarejos e cidades. Muito usadas em cerimônias litúrgicas, e principalmente no ciclo natalino, na Páscoa, em Pentecostes e no Corpus Christi.

Na obra *Prece e benção: espiritualidades religiosas no Brasil*, Brandão (2009) lembra que a manifestação da Folia como dança religiosa, possuía mais características “paralitúrgicas” que profanas e que foi percebida por Manoel da Nóbrega, quando em uma correspondência de 1549 ao seu país, retrata uma procissão de Corpus Christi com danças e invenções com características semelhantes com as que ocorriam em Portugal. Os autos piedosos e cortejos com cantos e danças migraram da catequese e das aldeias para os festejos populares dos povoados e cidades. Essas novidades foram introduzidas nas igrejas e nas procissões no período dos festejos de santos padroeiros, nos vilarejos da zona rural, ou nas festas do calendário litúrgico da Igreja,

tais como: a festa de Pentecostes, da Páscoa, dos festejos natalinos ou do Corpus Christi. O autor cita o exemplo da celebração do Divino Espírito Santo, que ainda hoje pode ser celebrada de forma rústica em uma simples capela de uma comunidade rural como pode ser celebrada de forma solene em uma grande festa, como ocorre em Diamantina ou Paraty.

É importante lembrar que o processo de evangelização no Brasil colonial se deu de forma arbitrária aos povos subjugados (indígenas e africanos), as práticas religiosas cristãs foram impostas pelo colonizador europeu. Ocorrendo uma violação simbólica na cultura desses povos subjugados, resultando numa complexa relação entre a religiosidade dos colonizadores e colonizados. Portanto, é possível perceber que essa “profunda hibridização<sup>62</sup> cultural concorreu para a grande diversidade de nosso universo cultural, muitas vezes interpretada sob o símbolo do sincretismo” (LEONEL, 2010, p. 44).

No começo do Cristianismo, ainda não havia uma data específica para as celebrações dos fatos expostos nas narrativas bíblicas, como o nascimento do Salvador, a assunção de Maria, a visita dos três Reis Magos ao menino Jesus; tais comemorações ocorriam em distintos momentos. O responsável pela unificação do calendário cristão no século IV, foi o Papa Julio I<sup>63</sup>, quem fixou a celebração do nascimento de Jesus Cristo em 25 de dezembro e reservou o dia 06 de janeiro para festa de veneração aos Santos Reis Magos. São datas que estabelecem relações com períodos de comemorações associadas aos cultos pagãos, memórias das festas de solstícios, e também das festas januais e saturnálias. Pois, o império romano em suas conquistas absorveu culturas de antigas civilizações, que por sua vez com o nascimento e desenvolvimento do cristianismo no império, alguns costumes desses povos foram herdados pela religião cristã. Portanto, datas de festejos pagãos foram incorporadas no calendário cristão; festas que aludem às tradições dos povos asiáticos e europeus passaram a ser sagradas para a igreja cristã.

Dessa maneira, no decorrer do processo de estruturação, organização e consolidação da doutrina cristã, especialmente no período medieval, as interpretações da bíblia levaram ao

---

<sup>62</sup> Entende-se por hibridismo cultural, o processo de “mistura”, junção de diferentes matrizes culturais. É um fenômeno histórico-social que existe desde os primeiros deslocamentos humanos, quando estes resultam em contatos permanentes entre grupos distintos. O hibridismo é uma constante em países latino-americanos como o Brasil, formado a partir do choque de culturas.

Disponível em: <https://passeidireto.com>arquivo>hibridismocultural>

<sup>63</sup> O Papa São Júlio I (em latim, *Julius*) nasceu em Roma entre os anos 295 e 300. Sabe-se que o seu pontificado foi marcado pelas lutas contra os arianos (seguidores do Bispo Ário, que negavam a divindade de Jesus Cristo). É considerado o fundador do arquivo da Santa Sé, tendo ordenado a conservação dos documentos no que hoje se constitui o mais famoso e importante acervo de peças e documentos históricos. Durante o seu pontificado, deu-se impulso à organização eclesiástica e construíram-se algumas catacumbas, como a de São Valentino e São Félix, e as Igrejas dos Santos Apóstolos. Por volta do ano 350 d.C. Papa Júlio I decretou 25 de dezembro como dia da comemoração do nascimento de Jesus. Júlio I morreu em 12 de abril de 352 e logo depois de sua morte passou a ser venerado como santo. Fonte: Disponível em: [http://morroporcristo.blogspot.com.br/2014/11/35\\_papa-sao-julio-ano-337-352.html](http://morroporcristo.blogspot.com.br/2014/11/35_papa-sao-julio-ano-337-352.html). Acesso em: 20 de set. de 2018.

surgimento de diversas crenças, consideradas heresias pela igreja. Somadas com antigas crenças pagãs, se emaranharam, se incorporaram no imaginário dos camponeses, surgindo à prática popular do catolicismo profano, opositor ao catolicismo romanizado ligado aos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana. Assim, a origem de muitas crenças e práticas atuais, encontradas especialmente nas comemorações natalinas ou janeiras, quando as pessoas trocam presentes, realizam ceias com familiares, banquetes em grupos sociais, são características legadas desse período. Nas Folias do Divino Espírito Santo e nas Folias de Santos Reis, existe a tradição de pedir ao Divino Espírito Santo e aos Santos Reis, a proteção contra as pragas nas colheitas, e chuva para as plantações. Diante das graças recebidas, os promesseiros realizam coletas de doações para a realização da festa em agradecimento aos santos protetores. Essas festividades possuem características peculiares às antigas festas pagãs europeias.

Desde o princípio, a Igreja utilizou instrumentos a exemplo do teatro e da encenação das narrativas bíblicas, como meio de catequizar povos não cristãos.

Por outro lado, não era raro na Europa Medieval o costume de fazer procissões e cultos de igreja com representações teatrais de vidas de santos ou momentos da presença de Cristo no mundo. Procissões com cortejos, procissões com folias. Este modo de incorporar autos e danças (ou pelo menos grupos de danças provisoriamente sem dançar) nas procissões das grandes festas católicas foi absolutamente comum no Brasil. Até hoje, em muitas cidades, ternos de congos e moçambiques seguem procissões litúrgicas nas grandes festas dos seus padroeiros. Ocupam lugares especiais e, algumas vezes, podem seguir tocando respeitosamente as suas “caixas” (BRANDÃO, 1984, p. 59).

Os autos da natividade com celebrações aos Santos Reis, e outros santos venerados pela Igreja Católica, já faziam parte do costume dos povos cristãos de boa parte do continente europeu medieval. No princípio as representações eram declamadas na língua latim, gradativamente houve alterações para as línguas nativas, o que tornou maior a eficácia da catequização desses povos. As narrativas dramatizadas foram incrementadas, ampliou-se a dramaturgia, novos elementos como os pastores, o rei Herodes, a oferta dos presentes, o menino Jesus, a gruta, a estrela, o anjo da anunciação, complementaram a arte dramática religiosa. Dessa forma, outros textos bíblicos, novos personagens do Velho Testamento e do Novo Testamento, podiam ser representados, o que facilitava o trabalho missionário dos padres.

De acordo com Gonçalves (2008), os Autos Natalinos e os Presépios já eram habituais em Portugal desde o século XIV, porém, as primeiras notícias das folias, tal como a conhecemos hoje, remontam ao século XVI. Anteriormente as práticas das folias eram associadas aos festejos pagãos. Eram grupos que circulavam nos vilarejos, dançando, cantando, e pedindo donativos. Esse tipo de prática era comum e fazia parte do imaginário popular europeu. Segundo a autora, devido ao seu “caráter deambulatório e precatório atribuiu-se as origens da Folia a

costumes medievais: mestres, estudantes, boêmios, mendigando e se divertindo percorreram por três séculos, do XII ao XIV, toda a Europa” (GONÇALVES, 2008, p. 6). Numa outra interpretação conforme o autor, os ciganos são indicados como possíveis raízes dessa prática cultural, não só pelo seu nomadismo, mas também pelos instrumentos, estandartes, fitas e flores coloridas que os caracterizam. Dessa maneira as encenações religiosas acopladas aos autos de natalidade e a tradição dos Reis Magos, sofreram alterações e foram materializadas pelas folias.

“Folia” foi uma dança popular, profana, costumeira em Portugal nos séculos XVI e XVII. Uma dança alegre, com homens vestidos “à portuguesa”, com guizos nos dedos, gaitas e pandeiros. Ela foi trazida ao Brasil, e parece que depois do século XVII teve alguma difusão por outros países da Europa.

Desde pelo menos o século X os festejos medievais do Natal eram solenes e muito prolongados na sua duração. Ofícios e missas natalinos misturavam anjos, pequenos pastores e personagens da Sagrada Família em encenações dramáticas da noite do Natal. [...] Este mesmo ofício aumentou o número de personagens e, já no século XIII, reunia anjos, bichos e parteiras aos pastores. Aos poucos, também eles se estenderam até à festa da Epifania, 12 dias após a do Natal. O que aconteceu então? Embora os festejos posteriores ao Natal fossem menos importantes do ponto de vista oficial, eram mais populares, mais dramatizados, e tenderam a se tornar o centro da produção dramática natalina. Entraram em cena, nos dramas, Herodes, soldados e, com uma importância cada vez maior, os “Três Reis do Oriente”, magos trazidos do Evangelho de Mateus. Constituiu-se, então, um segundo drama litúrgico-popular do Ciclo do Natal [...] Ali, embora o Menino Jesus continue sendo a figura de referência deixa de ser o ator principal, lugar pouco a pouco ocupado pelos três magos visitantes. Este drama, que se soleniza a partir de uma base simples e quase camponesa, é representado diante do altar (BRANDÃO, 1984, p. 59a 61).

Assim, com base na fala do autor, é importante salientar que essas novas adaptações criativas foram acrescentadas aos costumes de nações europeias como a Itália, França, Bélgica, Espanha, Inglaterra e Portugal, dentre outras; os festejos aos três Reis Magos na época do natal foram consolidados. Atualmente alguns desses países, a exemplo de Portugal e Espanha, o festejo aos Santos Reis possui maior relevância do que a celebração do Natal, pois, as visitas aos familiares, a troca de presentes, a realização de grandes banquetes, e as celebrações religiosas com a presença de inúmeros fiéis, são realizadas no dia seis de janeiro: dia de Santos Reis. É interessante ressaltar que em Portugal, esses festejos também estão atrelados ao Mito do Sebastianismo.

Surgido no século XVI em Portugal, o mito de D. Sebastião está associado à volta de uma época farta, próspera e de paz entre todos. Duas comemorações festivas populares associam-se à crença deste mito messiânico: a Folia do Divino (ou festa do Divino) e a Folia de Reis (ou Festa de Reis). Ambas as folias incorporam em seu bojo características do “espírito do sebastianismo”, e são, ainda praticadas em Portugal. Nelas estão presentes crenças na fartura, proteção para as colheitas e para as famílias, a chegada de uma espiritualidade positiva – um pacto com o sagrado é elaborado – o compartilhar um banquete com o outro, a subversão de uma ordem de poder onde é coroado um membro do povo, e, se faz renascer a certeza de que as solicitações serão atendidas e que um mundo melhor será desencadeado (KODAMA, 2009, p. 106).

No Brasil a experiência religiosa especialmente aquela caracterizada como catolicismo

popular, de influência cultural africana, exemplificadas no caso das festividades das Folias de Reis e do Divino Espírito Santo, disseminadas em todo território brasileiro, perpassam a dimensão festiva expressada pela sua forma simbólica e performática. Esses festejos são fortemente influenciados pelo cotidiano, portanto, impregnados do mundo profano.

Em sua particularidade, as folias atuam fortemente na rememoração da memória coletiva dos grupos e das comunidades. Elas traduzem a invenção como permanência. Especialmente por se tratar de um folclore que sofreu influências dos nativos e dos negros ao longo dos tempos, a Folia de Reis, incorporou elementos culturais, característicos desses povos, bem como de outras culturas em sua estrutura. Basta observar o uso de caixas, tambores e danças, ingredientes peculiares da cultura africana. As festas populares desempenham o papel de reintegrar e redirecionar o cotidiano das pessoas na sociedade, elas colaboram na construção identitária, criam símbolos significantes, instigam o sentimento de pertencimento ao grupo, alimentam as espiritualidades, motivos que tornam prazeroso a realização e a manutenção dessas atividades festivas. Tudo isso é possível perceber nas festividades da Folia de Santos Reis e do Divino Espírito Santo em pequenas regiões rurais ou centros urbanos. Deste modo, a festa na cultura subalterna<sup>64</sup>, ganha mais notoriedade, no meio popular se faz presente principalmente nas comunidades periféricas.

Em todo o território brasileiro, os festejos da tradição popular da Folia de Reis, reservam um espaço excepcional na cultura do país, nessas festividades, os ritmos, as cores, as danças dos palhaços, as comidas, as toadas, as músicas, multiplicam-se e arrebatam seus foliões, devotos e participantes dos festejos em honra aos Reis Magos. Estas festas encantam com seus símbolos e com seus significados, além de envolver a comunidade, elas seduzem visitantes e simpatizantes. Devido a sua visibilidade positiva, muitas delas em diversas regiões brasileiras, atraem turistas, sendo reproduzidas e alteradas em outras regiões, influenciando na construção de identidades. Isso vem de encontro com a afirmação de Rosendahl (1999), quando ele reitera que as festas são ações coletivas, que evidenciam o entusiasmo e a participação de uma sociedade. Ou seja, em todos os momentos da vida comunitária surgirão justificativas para a festa, pois sempre as razões e os motivos diversos, serão combustíveis necessários para entusiasmar a comunidade na promoção dos eventos festivos.

As festas religiosas, procissões e romarias são as práticas mais excepcionais da religião

---

<sup>64</sup> A categoria "subalterna" e o conceito de "subalternidade" têm sido utilizados, contemporaneamente, na análise de fenômenos sociopolíticos e culturais, normalmente para descrever as condições de vida de grupos e camadas de classe em situações de exploração ou destituídos dos meios suficientes para uma vida digna. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v12n1/06.pdf>. Acesso em: 03 de jan. de 2019.

popular. Esses eventos merecem ser estudados pelo seu caráter aglutinador de pessoas, centrado no santo padroeiro, no costume local, na tradição religiosa herdada do colonizador. No período colonial e parte do imperial, o catolicismo manteve o monopólio sobre os bens de salvação, tal influência solidificou-se e criou raízes na sociedade brasileira. No decorrer da história do Brasil, a religião ocupou espaço de destaque nas manifestações de caráter público, influenciando no comportamento social das pessoas, nas normas sociais, na consolidação de ideias e na sedimentação de valores.

Porém, na medida em que a colonização portuguesa avançava para o interior da colônia, o número de evangelizadores era precário para atender a demanda existente. A Igreja através do clero, não conseguia atender as necessidades dos fiéis nas comunidades com sua presença permanente. Essas comunidades passaram a ser lideradas por leigos que dirigiam e ministravam as atividades religiosas, criando dessa forma um ambiente paralelo da igreja oficial, formando assim o catolicismo popular.

Outro aspecto que merece consideração é a força do laicato dentro do catolicismo popular tradicional. É óbvio que esse aspecto só pode ser perfeitamente compreendido dentro do regime de padroado. [...] Os leigos não se consideram meramente assistentes do culto religioso, mas verdadeiros promotores da fé católica. [...] Em suma, é evidente que no catolicismo popular o laicato é verdadeiramente ativo e operante na área religiosa (AZZI *apud* NOGUEIRA, 2011, p. 50).

É interessante salientar que no contexto do catolicismo popular brasileiro, as manifestações religiosas com frequência se manifestam por meio dos festejos realizados em veneração aos santos, das romarias, dos cortejos, das procissões, da rememoração da via sacra, das invocações por curas, milagres e perdão. Gestos percebidos em ações e palavras de indivíduos e grupos sociais. Tais manifestações geram valores, sentimentos, conflitos e laços fraternos, são rememorados constantemente, pois, os eventos costumam ser incluídos no calendário anual, obedecendo a uma sequência cíclica. Essas práticas estabelecem um diálogo permanente com as circunstâncias históricas estabelecidas pela sociedade mantenedora e geradora desses eventos.

Assim, essas características do catolicismo popular são notadamente percebidas nas manifestações das Folias de Reis em todo o país, inclusive no município de Porangatu no estado de Goiás. A região é localizada no centro oeste brasileiro, e na época de sua formação, o Arraial do Descoberto da Piedade, contava com a assistência de pouquíssimos padres franciscanos que vinham de outras localidades, para realizarem atendimentos básicos em determinados períodos do ano. Na ausência dos padres, os leigos em sua maioria moradores da zona rural, organizavam os festejos, recolhiam as ofertas e ministravam as rezas do terço em louvor aos santos

devocionais. Nesse contexto originou-se a Folia de Reis no município<sup>65</sup>.

Os festejos da Folia de Reis estão inseridos no catolicismo popular, e uma característica fundamental é o fato desse catolicismo, ter suas raízes alicerçadas no meio rural. Mesmo com crescimento das cidades nas últimas décadas, as tradições religiosas permanecem vivas, apesar das influências e modificações sofridas pela modernidade, no espaço urbano.

Entre os diversos motivos que atraem as pessoas aos festejos dos Reis, um dos principais é o fundamento religioso da festa. O Auto Encenado da visitação ao Messias chama muita atenção dos devotos: os foliões representantes dos reis magos Gaspar, Baltazar e Melchior são convidados a entrar na residência de maneira solene, com reverências e cantorias. Em seguida são realizadas orações, geralmente solicitadas pelo dono da casa. A narrativa tradicional da visitação sofre poucas variações em todo o contexto brasileiro. Já na parte festiva (profana), é costume haver alterações de região para região: banquetes, bebidas alcoólicas (em alguns locais), forrós, catiras, apresentações de cantores locais, etc.

Durante os festejos da Folia de Reis, Brandão (2004) observando a Folia de Mossâmedes no Estado de Goiás, alega que “todos podem participar da folia. Em momento algum há convites formais e qualquer morador pode comparecer, a qualquer pouso, ou mesmo na festa” (BRANDÃO, 2004, p. 394). Essa mesma tradição, de não restringir a participação do povo é percebida em todo o contexto brasileiro, durante a realização dos giros e dos festejos das folias. Os foliões e devotos declaram que o Menino Jesus veio com a missão de Salvador da humanidade, portanto, todos devem adorá-lo sem restrições, assim como fizeram os Reis Magos.

Geralmente é variado o número de foliões participantes nas Folias de Reis. Os integrantes dos grupos, que exercem funções de instrumentistas, bandeiros, cantores e palhaços, em sua maioria são compostos por homens adultos. Em algumas regiões brasileiras existem restrições à participação das mulheres, os foliões alegam que a presença feminina descaracteriza a jornada dos Reis Magos. Nestas localidades a tradição revela um caráter patriarcal<sup>66</sup>, percebido no interior da maioria dos grupos de foliões do país. Sobre a participação feminina no grupo Três Reis Santos, abordaremos o assunto mais adiante.

Durante os rituais da Folia de Reis, os foliões entoam os cantos por meio de versos improvisados, nunca usam partituras durante as apresentações, são cantores e tocadores comuns

---

<sup>65</sup> Ver no terceiro capítulo deste trabalho.

<sup>66</sup> O patriarcado se refere a uma forma, entre outras, de organização social ou de dominação social. Segundo a conceitualização clássica weberiana, chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida por um indivíduo (do sexo masculino), de acordo com determinadas regras hereditárias fixas (WEBER, 2009, v. 1, p. 151).

do meio do povo, sem formação musical. As letras das músicas contam a história missionária dos Santos Reis, em sua peregrinação a Belém, elas expressam para os devotos uma verdade de fé, e durante a execução das melodias musicais nos pousos de folias é possível perceber que elas sensibilizam os foliões e visitantes presentes. São as melodias cantadas que estruturam os rituais, que por sua vez, são assimiladas e transmitidas sem formalidades a outras gerações. Os foliões no contexto brasileiro em sua maioria são pessoas simples, boa parte desprovida do conhecimento formal, portanto, transferem sua tradição não pela escrita, mas pela oralidade.

Durante a realização da Folia, não há lugares públicos ou permanentes para a veneração aos Reis Santos, o que caracteriza a religiosidade é a realização do cortejo, os giros nas casas dos devotos ou promesseiros. A jornada em si é o ponto máximo da fé, na maioria das vezes inicia-se no dia 25 de dezembro com o encerramento previsto no dia 06 de janeiro, geralmente diante de um presépio representando a gruta de Belém; deste modo o folião crê que cumpriu sua missão de adorar o Salvador, junto com os Reis Magos.

[...] não existem lugares sagrados aonde ir, à exceção, talvez o presépio, no local da festa. Diante do mesmo altar reza-se o terço, come-se, bebe-se “pinga”, joga-se baralho e dança-se a catira. Fora o presépio, todos os lugares são tratados como espaços de oração e de deferência religiosa apenas durante a realização de uma reza ou de uma cantoria. Essa inexistência de um centro fixo de oração acentua o caráter de *jornada* dado à folia (BRANDÃO, 2004, p. 387).

As devoções populares apesar de não estarem presentes no âmbito dos lugares sagrados institucionais, têm como intento a sacralização do espaço cotidiano, aproximando o sagrado e o profano. O lado profano das festas religiosas é manifestado pelo momento lúdico, proporcionado para entreter e divertir os visitantes, com a finalidade de tornar o ambiente alegre e agradável para a permanência destes. Geralmente são realizados nesses espaços, leilões, danças, barraquinhas de quermesses, feira beneficente, jogos, comidas, forró, catira, entre outros. No local que ocorre a entrega da Folia, o caráter profano e religioso é percebido, pois é preparado com antecedência pelo festeiro, o mesmo aparelho de som que é usado para “puxar” a reza do terço, também será usado pelo tocador que animará os presentes na dança do forró, após o cumprimento da devoção dos devotos. Em harmonia convivem o sagrado e o profano na Folia de Reis, em comum acordo entre seus integrantes.

Desde o período colonial os grupos de foliões mesclados por cantores-devotos e instrumentistas, através de peregrinações, no período do ciclo natalino, retratam a história tradicional de fé cristã dos Reis Magos, em visitação ao Salvador anunciado pelos antigos profetas da religião judaica. Durante os giros que ocorrem nas casas dos devotos ou promesseiros, é possível perceber que a música, o teatro, as danças dos palhaços e as rezas fazem parte do ritual complexo da Folia, herdadas da tradição cultural portuguesa, imbricada

com os rituais indígenas e africanos.

Com base nessa descrição, Brandão dá um excelente exemplo a partir das Folias de Reis do Rio de Janeiro, em que diversos atores de diferentes culturas se socializam na festividade em homenagem aos Reis Santos.

Algumas das mais bonitas Folias de Santos Reis do Rio de Janeiro estão no morro de Mangueira. Provavelmente, migrantes de áreas rurais do Rio e de Minas Gerais terão conseguido preservar até hoje este ritual camponês em plena favela. Como as condições de “giro da Folia” (a jornada de 7 ou de 13 dias, de casa em casa, saudando pessoas, pedindo esmolas para a “Festa de Santos Reis” e distribuindo bênçãos) na cidade são muito diferentes das condições do meio rural, por certo várias modificações terão sido introduzidas neste antiquíssimo rito religioso popular do Ciclo do Natal. Modificado e persistente, ele se preserva como um fato folclórico para nós, como uma devoção religiosa para os seus praticantes. “Foliões” e “palhaços” podem ser também membros de alguma das alas da “Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira”. Outros farão parte das rodas noturnas de samba do “partido alto”. Os mais moços serão entusiasmados, serão torcedores de alguma “torcida organizada” do Flamengo. Foliões, sambistas, partideiros e torcedores são sujeitos atores de diferentes grupos da cultura do morro de Mangueira. De sua cultura profana e religiosa, tradicional e recente. Serão produtores de formas culturais criadas ali, ou trazidas de fora e difundidas. E aprendidas e, então, incorporadas à vida e aos rituais coletivos do Morro (BRANDÃO, 1984, p. 43 e 44).

O ritual da Folia de Reis, não possui autor ou dono, apesar de que cada Companhia tenha seu chefe, mestre ou embaixador. Ela é um enigmático rito coletivo, e possui formas próprias de se refazer e recriar.

Dessa forma, a religiosidade popular não deve ser percebida como simples objeto histórico-cultural, é necessário considerá-la uma expressão de socialização entre pessoas de um determinado grupo, pois, ela reflete as ações dos indivíduos em seu contexto social (a exemplo do que ocorre no Morro de Mangueira no Rio Janeiro), suas motivações, decepções, conflitos, vitórias. Portanto, expressam a realidade cotidiana de um grupo social. As manifestações culturais, comumente se exteriorizam por meio de festas religiosas populares, ocasiões em que populares e devotos costumam pagar suas promessas e praticarem algum tipo de lazer, esses momentos estabelecem importantes laços de solidariedade mútua entre os participantes. Elas ocorrem comumente em determinados períodos pré-estabelecidos no calendário do grupo social e se repetem periodicamente. As festas constituem ocasiões importantes, para os festeiros expressarem suas capacidades de organização, de devoção e criatividade. A comunidade durante a realização dos festejos se revigora, se recria, se descobre, se reencontra.

Leonel (2010) salienta que a festa religiosa congrega aspectos paradoxais que lhe dão forma e sustentação, ao mesmo tempo em que rompe com o cotidiano, busca-se uma conexão a ele. O autor enfatiza que a festa é inevitavelmente desordem, quando essa infringe a ordem vigente, e detona com os obstáculos habituais, porém, isso não implica numa ausência total de ordem, uma vez que, ela quase sempre estabelece normas para serem cumpridas. A festa abriga

nela própria, mesmo sendo de caráter laico, algo de religioso.

Pedro Henrique Victorasso (2015) pontua que os estudos sobre os festejos da Folia de Reis no contexto brasileiro são escassos, e que os mesmos estão relacionados às companhias de distintas regiões brasileiras. As pesquisas sobre a temática valorizam a localidade e a particularidade da ocorrência dos eventos, como forma de inserção dessas comunidades na historiografia. A Folia de Reis como uma manifestação cultural possui uma intrincada gama de conteúdos como, dança, música, ritos, encenações teatrais, instigando o interesse de diversas áreas do conhecimento na investigação da temática, a exemplo das Artes e das Ciências Humanas, de folcloristas, músicos, cientistas sociais e ultimamente, de historiadores. Ele afirma que o que distingue a pesquisa destes últimos, de outras áreas, é a metodologia empregada, as problemáticas, e principalmente a análise das modificações em delimitado recorte temporal. As teses e dissertações sobre Folia de Reis, abordadas pelos historiadores, valorizaram, sobretudo, os aspectos culturais e religiosos do folguedo. No levantamento realizado pelo autor ele contabilizou cerca de setenta pesquisas sobre a temática, efetuadas em programas de mestrado e doutorado no país, sendo que somente dez por cento do total foram produzidas por historiadores.

Porém, o que diferencia o trabalho do historiador dessas outras áreas são os métodos, as problemáticas, mas, sobretudo, a análise das variações em determinado recorte temporal. Entre os historiadores, as teses e dissertações encontradas sobre essa manifestação abordaram principalmente os aspectos religiosos e culturais do festejo. Também é possível notar que essas pesquisas se distribuem em três linhas de abordagens. A primeira estuda a vivência religiosa no catolicismo popular e as relações dos devotos com a divindade. A segunda estuda a institucionalização da festa e tem como foco a relação dos espaços tradicionais e institucionais, visando analisar as dificuldades na manutenção dessa manifestação. Na terceira e última (linha na qual se insere esta pesquisa), há um interesse em compreender as permanências e transformações ocorridas nessas práticas e representações culturais em decorrência das mudanças sociais e econômicas no local onde a festa está inserida, bem como, a relação entre essas transformações e os devotos (VICTORASSO, 2014, p. 67).

A questão da religiosidade envolvendo o catolicismo rural tradicional, independente da Igreja Romana, foi objeto de discussão e análise por boa parte das pesquisas realizadas. No campo de investigação, diversos autores utilizaram como método a História Oral, valorizando as fontes orais. Victorasso (2014) também percebe que todos os autores estiveram presentes nos eventos da Folia de Reis, com objetivo de consolidar uma aproximação com o evento festivo e os seus organizadores.

É importante salientar, que fazer parte de uma companhia de Santos Reis é antes de qualquer coisa um ato de fé, pois, a folia é muito mais que uma simples encenação. O sentido fundamental dessa prática é o místico, é o lado devocional; percebido por todos aqueles que frequentam os giros da Folia de Reis. O sentido religioso se distingue de um simples festejo

popular e marca sua forma dinâmica e peculiar, permitindo que esse tipo de manifestação sobreviva nos dias atuais, apesar de sofrer fortes influências regionais, e das ações impostas pela mídia e pela globalização. Tudo isso contribuiu para que ao longo do tempo, as Folias de Reis experimentassem alterações em suas atividades, o que pode ser percebida nas manifestações em todo o país. Um exemplo é a Folia de Reis de Porangatu/GO, quando no início de sua jornada nos anos de 1960 a 1980, os foliões usavam como meio de transportes carros de boi, cavalos e carroças; na atualidade, usam um ônibus para o traslado na zona urbana e rural, durante todo o período dos festejos.

De acordo com Kodama (2009), mesmo com as mudanças ocorridas pelas inovações da contemporaneidade e pela globalização, a exemplo do município citado, os festejos e a tradição em homenagem aos Santos Reis permanecem conservados. Elas formam o “ethos” de identidade de inúmeras comunidades, pois possuem o papel de congregar e dar sentido aos indivíduos pertencentes aos grupos das culturas subalternas que continuam arredadas dos sistemas hegemônicos. Assim, os membros da comunidade sabem, mesmo que inconscientemente, que a preservação de suas manifestações culturais é uma forma de resistência. Elas confirmam a sobrevivência da própria identidade da comunidade, a continuidade da vida religiosa e de suas relações sociais. Frequentar os festejos de sua comunidade, permite ao indivíduo reconhecer-se como parte dela, reconhecer sua própria identidade e solidificar o sentimento de pertencimento a este grupo social.

No decorrer da pesquisa realizada, é possível afirmar que as folias se originam no seio familiar e grupos de amigos, e são conservadas por meio da oralidade no interior dos grupos que as originaram. Todos os membros da família, idosos, crianças, jovens e adultos, participam ativamente da organização das atividades festivas; o que justifica sua transmissão e continuidade. O grupo de foliões da Folia de Reis no município de Porangatu/GO é comandado pela família Rosa a cerca de 40 anos, e estão presentes durante os giros da folia três gerações da família, exercendo funções relevantes durante todos os dias da jornada. Isso não impede que outros membros da comunidade local, especialmente os amigos da família de exercerem papel de relevância no grupo. Esta característica peculiar de centralidade das folias em geral, sob a tutela de membros de uma família, sustenta o conceito de patriarcado. Naturalmente é o membro mais idoso que exerce a função de chefiar e conservar a tradição, é ele quem delega as funções aos membros da folia, gerencia as atividades durante os giros nas residências e a organização das celebrações dos festejos.

Inserida num aspecto litúrgico-metodológico particularizado, a Folia de Reis se organiza de forma independente da Igreja Católica, isto é, fora do contexto litúrgico oficial

praticado pelo catolicismo romano. Assim, a Folia assume uma religiosidade popular, protagonizada e produzida por devotos católicos, pessoas simples da comunidade religiosa. Seu caráter é puramente popular, apesar de existirem elementos sagrados nos rituais da Folia, que ocupam a dinâmica da ritualidade oficial da Igreja. Ela não necessita de lugares oficiais para realização de seus rituais. As exceções ocorrem em algumas regiões brasileiras, quando o pároco local acompanha a jornada e solicita que a entrega (no dia 06 de janeiro, dia de santos Reis) seja realizada na Igreja. Os Reis Magos não fazem parte do cânone da Igreja Católica, porém, apesar do não reconhecimento oficial pela Instituição, os devotos os reconhecem como santos, sendo configurados em um único santo.

A Região Sudeste, é a área no Brasil com maior incidência de manifestações de Folias de Reis, distribuídas em grande parte dos municípios do interior dos estados e também nas áreas metropolitanas. Em São Paulo, existem registros do folguedo na zona rural e na maioria das cidades, inclusive em muitos bairros da capital paulista. Na Região Centro Oeste a Folia de Reis está presente em todos os estados, com maior concentração em Goiás. Existe no estado um número expressivo de trabalhos sobre a temática, com destaque para as pesquisas de Brandão<sup>67</sup> e Pessoa<sup>68</sup>. Com menor ocorrência, as Folias de Reis estão presentes também nas regiões Sul e Nordeste do país. As manifestações em todo o território nacional apresentam características similares, porém, existem alguns aspectos que as diferem de uma região para outra: os tipos de instrumentos, o número de foliões, a música, e a interpretação de alguns elementos da tradição. Porém, essas pequenas diferenças não descaracterizam o sentido fundamental da jornada representada durante os giros da Folia de Reis: a veneração aos Santos Reis pelas graças recebidas e às boas vindas ao Menino Deus.

Diversos músicos no Brasil reservaram no passado e reservam na atualidade espaços em seus discos e CDs, de canções que homenageiam santos populares como, por exemplo, São João, Santo Antônio, São Pedro, Santos Reis, dentre outros muitos. A música São João Na Roça, e Noites Brasileiras de Luís Gonzaga<sup>69</sup>, e Folia de Reis do Trio Parada Dura<sup>70</sup>, retratam a devoção do povo em muitas regiões brasileiras. Sobre as canções devocionais da Folia de Santos Reis, cantadas por artistas brasileiros, Brandão afirma:

Há várias Folias de Reis nos discos de Música do Centro-Sul do Brasil que Marcus Pereira fez gravar. “Caliz Bento”, que Milton Nascimento canta no Gerais, é toada de congos ou foliões. Toda a gente da roça conhece. Muitas duplas sertanejas fazem nos

<sup>67</sup> Ver: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore - 20. MEC/Funarte, Rio de Janeiro: 1979.

<sup>68</sup> Ver: PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa: Gestos de Ensinar e Aprender na Cultura Popular**. Goiânia-GO: Ed. UCG/Kelps, 2005.

<sup>69</sup> Citadas na página 78.

<sup>70</sup> Citada na página 88.

seus discos uma ou duas faixas de folias. Alguns cantores são quase especialistas em gravá-las. De Moreno e Moreninho conheço três discos: Hinos de Reis, Folia de Reis e Capelinha de Santos Reis. Em outro disco João Mariano e Zé Silveira se anunciam “Os Foliões do Brasil”. Num outro, ainda, Toninho e Marieta dizem: Santos Reis Está Chamando. Há muitos mais, e mais haverá. Nos discos, algumas toadas de folias aparecem com o nome da dupla compositora. As pessoas da roça que até há pouco conheciam as Folias de Santos Reis de as viverem ou de as receberem em suas casas uma vez por ano, agora aprendem “toadas de longe” gravadas nos discos. As da cidade aprendem com Moreno e Moreninho, com as “renovações” de pessoas eruditas cuja presença por certo provoca modificações importantes no modo de compreender e criar o ritual. Aprendem com Milton Nascimento, de cuja voz aguda e cheia de maravilhas ouvem espantados os sons remotos da infância na roça de Três Pontas, Minas Gerais. Aprendem até com Ivan Lins, que colocou com arte o piano na Folia (BRANDÃO, 1984, p. 71 e 72).

Nessa direção, é possível assegurar que através da expressão musical, corporal, e visual, o artista popular procura demonstrar as realidades vividas pelos agentes sociais da comunidade. O artista ao elaborar sua obra, busca inspiração em elementos conservados pelas tradições populares, mantidos ou ressignificados pelos atores sociais. Ao observarmos uma obra de arte de um artista popular<sup>71</sup>, o que está contido na imagem, é o registro da manifestação cultural dos indivíduos da comunidade descrita. São experiências vividas pelas pessoas no cotidiano do contexto social que se encontram inseridas. As obras destes artistas tornam-se um documentário precioso, pois os recortes da realidade retratada em suas obras transcendem os espaços e o tempo, em que estas foram concebidas.

As obras de Heitor dos Prazeres (imagem 2.4), de Enéias Tavares (imagem 2.9), de Omar Souto (imagem 2.10) e Dagmar França (imagem 2.11), nesta pesquisa, são registros relevantes das representações visuais de manifestações das tradições religiosas populares. As obras de Enéias e Omar retratam especialmente a devoção ao Menino Jesus no presépio, fonte de inspiração para inúmeras celebrações religiosas festivas; inclusive da jornada dos Santos Reis Magos à Belém. Omar buscou revelar elementos da simplicidade de uma vida rural, uma menina de joelhos na frente de um presépio rústico de madeira, ornamentado artesanalmente com fitas e flores, um colorido vivo, peculiar dos presépios de Folia de Reis, a imagens de outros santos devocionais e até a presença de um ratinho correndo embaixo da armação do presépio, cena típica rural. A obra de Dagmar é fidedigna ao retratar com riqueza de detalhes como é a chegada de uma Folia de Reis na residência de um devoto; o arco ornamentado por onde passam os foliões tocadores e cantores, a família de joelhos em veneração aos Santos Reis por uma graça recebida, a presença de vizinhos e amigos e uma exuberante paisagem natural.

As folias e as festas em homenagem aos Santos Reis são manifestações marcantes em todas as regiões brasileiras. É preciso compreender estas manifestações como ação coletiva dos

---

<sup>71</sup> Como as retratadas nas imagens 2.6, 2.7.

grupos sociais que as promovem, pois, possuem um importante papel de agregar indivíduos em seus grupos sociais. Atuam como promotoras da solidariedade mútua e geram identidade individual e coletiva, além de outorgar visibilidade aos indivíduos sociais quando estes exercem suas funções nos festejos comunitários. A Folia com seus cantos, com suas danças e com suas representações teatrais, contribui para ativar emoções e lembranças que expõem a cultura e a memória de um povo. Os elementos simbólicos da Folia de Reis e dos festejos populares são significativos e importantes para promoverem valores, produzirem memória e identidade.

No sentido de compreender melhor essa importante manifestação cultural, o próximo capítulo apresenta um estudo elaborado sobre a Folia de Reis, retratando a tradição e a construção de identidade no município de Porangatu/GO.

### CAPÍTULO 3: ENTRE TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: PRÁTICAS E RITUAIS DA FOLIA DE REIS DE PORANGATU (GO)



Imagem 3.1: Festividade de Santos Reis – encontro de bandeiras após o giro em Porangatu (GO). (Jan. 2019). Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A tradição da Folia de Reis desde sua consolidação no Brasil Colonial passou por consideráveis transformações, tanto em sua forma ritual quanto em suas práticas e representações. Essa recriação perpassa por algumas mudanças e adaptações, como o uso de transporte motorizado em parte do trajeto, diminuição do tempo do giro e do rodízio de foliões, devido aos horários fixos da jornada de trabalho; tudo isso justificado pelas novas configurações do mundo moderno. Assim, ao retratar sobre a tradição da Folia de Reis é necessário compreender suas mudanças e alterações ao longo do tempo. Distintamente de diversas outras tradições “aprimoradas” por meio de políticas de preservação<sup>72</sup>, a Folia de Reis está em constante alteração ao longo dos séculos, sem descaracterizá-la quanto ao seu significado, e ao seu teor missionário.

Era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos, ficando evidente a sua modificação ao longo dos séculos. De apenas um festejar a Folia de Reis assumira um caráter amplamente religioso. A Folia de Reis, desta forma, é um testemunho vivo da tradição que é passada de pais para filhos e assim, sucessivamente (CASCUDO, 2001, p. 336).

Para alguns devotos conservadores, as alterações nos rituais e na jornada da Folia de Reis são prejudiciais à tradição, para outros são necessários para a sua sobrevivência no mundo

---

<sup>72</sup> Assunto discutido no capítulo 1.

moderno. Analisar suas modificações é considerar a dicotomia e também a aproximação existente entre tradição e modernidade, inseridos nos rituais e práticas dessa manifestação popular. É importante interpretar a Folia de Reis na comunidade local contextualizando-a no cenário brasileiro, analisando sua origem profana, sua apropriação pelos missionários católicos, sua propagação através da catequização e suas alterações regionais, para obter dessa maneira, uma melhor descrição de sua realidade no âmbito local.

As diversas modificações que vem ocorrendo nesta manifestação popular no município de Porangatu (GO), bem como em todas as demais regiões brasileiras, obedecem a uma dinâmica que com a contemporaneidade assumem aspectos distintos dos que tradicionalmente eram atribuídos a esta atividade folclórica. As alterações no âmbito cultural da Folia de Reis são determinadas principalmente pelo rápido processo de urbanização<sup>73</sup> que o país sofreu e vem sofrendo desde o início do século XX, ocasionando o deslocamento populacional da região rural para a urbana. Ela transita regularmente por um processo de recriação e alteração, que percorre diferentes procedimentos no uso de símbolos (como a bandeira), organização dos rituais, da temporalidade da jornada e dos festejos, nas estratégias de aquisição de donativos para a festa, bem como as metodologias empregadas na condução e organização das atividades cotidianas durante a peregrinação dos foliões.

Para compreender a origem da tradição da Folia de Reis em Porangatu, foi preciso uma análise da formação histórica do município. Foram de grande valia os textos de escritores locais tais como: Reis (2017), Silva (2017), Moura, (2014), Sampaio (2003), Souza (1999). Esses autores contribuíram com esse estudo, ao exporem a conjuntura da gênese e a consolidação do município em interconexão com a formação religiosa fundamentada no catolicismo popular dos pioneiros; vindos de diversas regiões do país, especialmente de Minas Gerais. A manifestação da Folia de Reis no município na atualidade é uma evidência desse legado para as novas gerações.

Fundamentado pela investigação bibliográfica, o trabalho de campo revelou-se como excelente ferramenta que facilitou o acesso a dados de diversas naturezas. Sendo possível absorver informações importantes, não apenas por intervenção das respostas adquiridas de entrevistas e questionário semi-estruturado, mas também na ação de uma observação participante. Atentamos às ações, às atividades desenvolvidas e aos gestos dos foliões durante a realização dos festejos, numa constante busca na tentativa de aproximarmos da leitura que os mesmos realizam de seu espaço cotidiano. Acompanhamos os giros dos foliões durante a

---

<sup>73</sup> Existem também outros fatores que serão abordados posteriormente neste capítulo.

jornada por três anos, de 2017 a janeiro de 2019, na região rural e urbana do município. Durante a peregrinação participamos das rezas, dos cafés pelas manhãs, almoços e jantares, sempre acompanhados com longos benditos de saudação e agradecimentos aos donos das casas pelo acolhimento, pouso e refeições oferecidas.

### 3.1 O arraial do Descoberto da Piedade



Imagem 3.2: Igreja Nossa Senhora da Piedade (Matriz Velha) patrimônio histórico do município de Porangatu<sup>74</sup>

O povoado intitulado Descoberto da Piedade (atual Porangatu) de acordo com Sampaio (2003) surgiu atrelado ao período de exploração aurífera em Goiás. O antigo Arraial localizava-se num vasto território denominado Sertão de Amaro Leite, cujo nome era em homenagem a um importante bandeirante incumbido de explorar a região no século XVIII. Assim, segundo Reis (2017) graças às expedições exploratórias do bandeirante, formou-se os garimpos na região, e consequentemente constituiu-se o primeiro aglomerado que deu origem ao distrito. Ainda de acordo com Sampaio (2003) a exploração do ouro foi brevíssima nessa localidade, sendo que boa parte dos mineradores abandonaram o local antes da obtenção dos títulos que permitiam a extração das minas, ou a confirmação destes. Entretanto, com a diminuição da extração do metal precioso, devido à redução do ouro de aluvião encontrado nas margens de lagos e rios (pois faltavam tecnologias para extrair o minério em terras mais profundas e regiões de difícil acesso), a região foi ocupada por fazendas de gado. Devido à

<sup>74</sup> Foi a primeira igreja construída no antigo Arraial do Descoberto (Porangatu atual). Nossa Senhora da Piedade é a padroeira do município. O culto a Santa originou dois grupos de folias, que com o passar do tempo, fez junção com outras no município.

grande produção de gado de corte, o território que hoje é ocupado pelo município de Porangatu, tornou-se um dos mais importantes entrepostos comerciais de carne bovina do estado de Goiás, permanecendo até os dias atuais.

O Sertão de Amaro Leite era passagem obrigatória para quem pretendia viajar da capital Vila Boa (cidade de Goiás), para as terras do extremo norte da capitania, onde ficavam localizados os arraiais de Porto Imperial (Porto Nacional) e Natividade, dentre outros, que atualmente fazem parte das terras do estado do Tocantins. **O Descoberto** ficava exatamente no caminho para esses locais, e para o acesso aos rios Tocantins e Araguaia, e estava rodeado pelos rios Santa Teresa, Cana Brava e do Ouro, que eram também a rota fluvial usada pelos viajantes (SILVA, 2017, p. 59).

Portanto, os viajantes que vinham de Vila Boa com a intenção de seguirem viagem para os arraiais de Natividade e Porto Imperial encontravam no Arraial do Descoberto da Piedade o refúgio necessário para o descanso e as provisões necessárias para darem continuidade à viagem. Diversos presídios militares foram construídos na região norte da província com a finalidade de proteger a circulação de mercadorias e evitar os ataques dos índios Canoeiro. As atividades agropastoris desenvolvidas, a passagem dos viajantes e a implantação dos presídios militares na estratégica região, vão fortalecer e dar uma nova direção no desenvolvimento do Arraial do Descoberto.

A agricultura e a pecuária ajudaram a escrever uma nova história para as terras do estado de Goiás, e tanto o Sertão de Amaro Leite como o Arraial do Descoberto fizeram parte desse contexto que teve a agropecuária como a principal atividade econômica da região. Mas para que o comércio se desenvolvesse, a navegação crescesse e as atividades agropecuárias rendessem o esperado, trazendo crescimento não só econômico, mas também populacional nessa região, um problema teria de ser enfrentado: dominar os temidos Canoeiro, tribo indígena que povoava o lugar. Era comum nos relatos dos viajantes, tanto de expedições científicas como militares, a descrição dos Canoeiro e dos ataques aos povoados e fazendas dessa região. Eles eram temidos pela violência e pela destruição que provocavam por onde passavam (SILVA, 2017, p. 69).

De acordo com Moura (2014) e Reis (2017) as primeiras incursões religiosas realizadas na região, onde posteriormente surgiria o Arraial do Descoberto, possuía a finalidade de catequização dos povos nativos, sendo empreendidas na época pelos padres da Companhia de Jesus. Em 1592 os religiosos construíram a fazenda Pindobeira, um importante aldeamento organizado e administrado pelos padres com a função principal de cristianizar esses povos. A colônia por diversas vezes foi atacada pelos índios Canoeiro, moradores nativos da região que não aceitavam a presença dos colonizadores; atualmente os poucos descendentes desse grupo concentram-se na Ilha do Bananal.

Conforme Reis (2017), Moura (2014) e Silva (2017) em 1911 houve uma divisão administrativa e o Descoberto da Piedade tornou-se distrito de Pilar, e a partir de 1931 passou a pertencer ao distrito de Uruaçu. Em seguida pelo Decreto estadual nº 1.204, de 04 de julho de 1931, os distritos de Santana, Amaro Leite e Descoberto desmembram-se do município de Pilar,

para formar o novo município de Santana. De acordo com o Decreto-Lei estadual nº 8.305, de 31 de dezembro de 1943, o então distrito denominado Descoberto passou a ser chamado de Porangatu, sob a jurisdição do município de Uruaçu. Em 25 de agosto de 1948, através da Lei estadual nº 122, o distrito foi desmembrado de Uruaçu e tornou-se sede do atual município de Porangatu, antigo Descoberto. Pela Lei nº 704, de 14 de novembro de 1952, foi elevado à categoria de comarca; sua instalação oficial ocorreu apenas em 1º de janeiro de 1954. No início dos anos de 1950, o município de Porangatu já contava com quase 9.000 habitantes.

Vale destacar que Descoberto passou a se chamar Porangatu em 1943. Esse nome tem origem na língua tupi: “poran” significa “belo”; “gatu”, “paisagem”; assim, temos “paisagem bela”. Alguns anos depois de a cidade receber o nome, surge a história, inventada ou plagiada por alguém, de que um cristão, chamado Antônio, e uma índia se apaixonaram. Quando o romance foi descoberto, os dois foram presos e Antônio foi condenado à morte, com flechadas, pelo cacique da tribo. Contudo, antes de morrer, ele disse “MORRO POR ANGATU”. Se foi plágio ou invenção, não se sabe, mas pode não ser esta a origem do nome da cidade: Porangatu (REIS, 2017, p. 25).

Além da mineração que favoreceu a ocupação local, de acordo com Moura (2014) outros fatores foram preponderantes para a ocupação do município de Porangatu, dentre eles, a Guerra do Paraguai (1865 e 1870). O autor afirma que o maior conflito armado internacional sucedido na América do Sul, influenciou diretamente na constituição de arraiais, vilas e povoados, compostos por desertores do então exército nacional brasileiro que buscavam refúgio com suas famílias no interior do país. Vários dissidentes das forças armadas puderam reconstruir suas vidas na região, livres das ordens de seus comandantes.

Outro fator importante para resolver, em parte, o longo período de estagnação populacional provocado pelo breve período aurífero no município porangatuense, foi a legalização da abertura da rodovia BR-153 (Belém/Brasília) pelo decreto 43.710 de 15 de maio de 1958, sob o comando do engenheiro Bernardo Sayão. A rodovia começou a ser construída em 1960, no governo de Juscelino Kubitschek e teve seu término em 1974. Com a sua construção, o município de Porangatu progrediu, transformando-se num dos mais importantes centros urbanos do Médio Norte Goiano <sup>75</sup>. Um importante jornal da época ressalta “encontramos diariamente seis a oito mudanças ‘pau-de-arara’, em direção à Porangatu de forma que a região é muito próspera e nossa estrada (a BR- 153) vem trazendo grande benefício à zona” (FOLHA DE GOIAZ 8/7/1954 *apud* SAMPAIO, 2003, p. 52).

O município de Porangatu possui atualmente uma área territorial de 4.820,518 km<sup>2</sup> (1,42% da área total do território goiano), conta em 2018 com uma população estimada em

---

<sup>75</sup> Conforme Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT – Ministério dos Transportes). Disponível em: <<http://www.dnit.gov.br/download/meio-ambiente/acoes-e-atividades/estudos-ambientais/br-153-go.pdf>>. Acesso em: 04 de nov. de 2018.

45.151 habitantes, conforme dados do IBGE<sup>76</sup>. Dos 246 municípios do estado de Goiás, o município ocupa a 25ª colocação em número de habitantes. A população estimada urbana é de 84% da população total e a rural de 16% dos habitantes da municipalidade. O município possui forte representatividade católica, destacando-se como um dos mais religiosos do estado. A tradição católica iniciou-se nessa região, com as atividades missionárias dos padres jesuítas no século XVI até a expulsão dos clérigos por Marquês de Pombal em 1759. Após um longo período de carência de autoridades eclesiais, os frades da Ordem Franciscana chegam à região para darem continuidade ao trabalho missionário, alguns desses religiosos provinham dos Estados Unidos em missão no Brasil.

Com o decreto real da Coroa Portuguesa, que expulsou os Jesuítas de terras brasileiras, os franciscanos tiveram grande participação na formação católica da prelazia de Cristalândia, onde foram os primeiros bispos prelados (1958-1989). Com o lema “Paz e Bem”, os franciscanos também tiveram notável participação na vida católica em Porangatu, município pertencente ao território religioso desta prelazia (MOURA, 2014, p. 54).

A presença dos padres e do bispo na comunidade era celebrada com festa, devido à carência destes nas atividades religiosas cotidianas dos fiéis católicos. Diversos motivos impediam a presença e o acompanhamento constante dos religiosos nos arraiais e povoados da região. Dentre eles, a longa distância de São José do Tocantins atual Niquelândia/GO de onde vinham os missionários, o número reduzido de padres ordenados, e o problema do difícil acesso às regiões rurais, por falta de boas estradas e condução adequada, esses eram alguns dos principais agravantes.

Para celebrar as missas das festas religiosas tradicionais, os padres saíam de São José do Tocantins, em desobriga, em tempos de celebrar missa no primeiro domingo de julho em Guarinos; no segundo em Crixás; no terceiro em Amaro Leite; e no quarto em **Descoberto (Porangatu)**. Durante os festejos religiosos de cada arraial ou cidade destas, os padres faziam casamentos, batizados e crisma – esta quando vinha o bispo. Os padres e o bispo eram recebidos como reis no dia da chegada, sempre às sextas-feiras à tarde; o último pouso acontecia nas fazendas Capão Grande, Ourinho de Deus ou Serra de Campo, a cerca de 6, 5 e 4 léguas respectivamente, distantes de **Descoberto**. Uma comitiva era organizada pelos festeiros e demais pessoas importantes do arraial, que iam montados nos mais belos cavalos encontrar a ilustre caravana religiosa, para recepcioná-la e homenageá-la, fato que sempre acontecia entre o Córrego da Supriana e o Rio do Ouro. No dia do retorno para São José do Tocantins (Niquelândia), durante a despedida, acontecia tudo da mesma forma (REIS, 2017, p. 107) (grifo nosso).

Nesse contexto, devido a pouca presença de sacerdotes e a longa distância dos centros urbanos existentes na época, leigos devotos assumiam funções religiosas dentro da comunidade de conselheiros, rezadeiras, benzedadeiras e parteiras. Essas atribuições eram realizadas principalmente por mulheres leigas da comunidade local. Assim, o Catolicismo Popular

---

<sup>76</sup>Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/porangatu/panorama>. Acesso em: 04 de nov. de 2018.

constituiu-se no município, com os próprios bandeirantes e moradores que vieram de diversas regiões brasileiras, caracterizado pela devoção aos santos, dos quais os devotos acreditavam na proteção e esperavam apoio para superar as carências da vida terrena, bem como a interseção destes, na obtenção da graça da salvação de suas almas. Essas práticas religiosas de esfera familiar eram praticadas em pequenas comunidades rurais e urbanas. As pessoas costumavam se reunir na casa de um vizinho, de um membro da família ou na capelinha local da comunidade para rezar o santo terço ou fazer uma novena.

O “Catolicismo Popular”, “catolicismo rural” ou “religião popular”, é mesclado de devoção aos santos, com a realização de promessas, peregrinações, procissões, novenas, romarias, festejos em homenagem ao padroeiro local, rezas comunitárias do terço, folias, dentre outras manifestações devocionais. Na cultura popular (principalmente a rural), as devoções aos santos se expressam como resposta para dar sentido às suas origens, geralmente identificadas com os seus ancestrais. Nesse contexto, incluem-se as folias em especial a Folia de Santos Reis, Companhia de Reis, Reisado ou simplesmente Folia de Reis, cortejos de caráter religioso, “artistas-devotos” ou viajeiros precatórios de Santos Reis, realizados em diversas regiões brasileiras, no período entre o festejo natalino e a Festa da Epifania do Senhor (BRANDÃO, 2009).

É nessa conjuntura que o grupo de foliões da Folia de Reis discutida nesse estudo, inicia as suas atividades (a partir do início da década de 1960) na região rural, composta na época por uma quase totalidade de moradores adeptos do catolicismo. A vasta região constituída por dezenas de pequenas comunidades rurais, e o difícil acesso a estas, dificultava o acompanhamento dos franciscanos que contavam com um número reduzido de frades para dar assistência aos fiéis. Segundo Souza (1999), as folias religiosas existiam na região antes da emancipação do município e da chegada dos frades franciscanos, desde o início dos anos de 1920.

A tradicional Folia do Divino Espírito Santo em Porangatu surgiu logo no começo do “Descoberto da Piedade”, hoje cidade de Porangatu. A Folia que gira todo ano tem-se algumas informações que girava desde o início da década de vinte [...] A Folia do ‘Divino’ e a de ‘Santo Reis’, são as atividades folclóricas mais expressivas em Porangatu e no norte do Estado de Goiás. É uma expressão fortíssima da religiosidade popular, eles rezam e cantam o santo terço, fazem promessas, mudam de comportamento, fazem de tudo para participar de uma Folia (SOUZA, 1999, p. 214).

Reis (2017) afirma que as folias eram compostas por experientes foliões, e se organizavam sob a administração de seus chefes, possuíam roteiros programados de suas peregrinações e planejavam o recolhimento de donativos para a realização de grandes festejos aos santos homenageados.

Três Folias do Divino Espírito Santo e duas de Nossa Senhora da Piedade giravam pelo interior do município durante 30 dias, de 1º a 30 de junho, em roteiros previamente estabelecidos. Havia Alferes do Rio do Ouro, do Rio Santa Tereza e do Sertão do Meio. Tanto no roteiro do Alferes de Rio do Ouro quanto no roteiro do Alferes do Rio Santa Tereza, giravam uma Folia do Divino Espírito Santo e uma de Nossa Senhora da Piedade, mas giravam separadas. Já no roteiro do Alferes do Sertão do Meio girava uma Folia do Divino Espírito Santo. Cada folia compunha-se de 12 a 30 foliões, que giravam montados em animais de cavalgadura. Na entrada da folia havia evoluções harmoniosas na praça, em frente à Igreja, de rara beleza. Os foliões não podiam tomar bebidas alcoólicas nem dançar arrasta-pé. As danças permitidas eram catira, veadeira, tambor e chorado. Cada folia levava dois cargueiros de abastecimento, cujos condutores eram chamados de “mussangueiros”; se houvesse alguma eventualidade, estaria preparada para as necessidades da folia em giro. Havia uma merenda entre a saída, depois do almoço, que era cedo, e a chegada sempre à tardinha no lugar do pouso, onde se reunia muita gente, formando uma aglomeração chamada “cata-pouso” (REIS, 2017, p. 105-106).

As manifestações populares das folias religiosas e das festas de santos padroeiros, realizadas em inúmeras cidades brasileiras a exemplo do município de Porangatu, em qualquer tempo e lugar produzem espaços de reencontro, de reiteração de identidade e sentido de pertencimento dos indivíduos em seus grupos sociais. Elas expressam a cultura do povo da comunidade, são acontecimentos extraordinários, atribuídos de significados que estabelecem comportamentos e inventam a história local. As festas fazem parte da vida de todos os povos, o ato de celebrar adquire particularidades, são fundamentadas na vivência individual e coletiva dos membros de um determinado grupo. É possível perceber que os cenários constituídos no decorrer dos festejos das folias religiosas, revelam tramas em que as experiências das relações sociais se desdobram, num amplo contexto que permitem compreensões de mundo e ensinamentos resultantes de desdobramentos complexos, por envolver diversos grupos sociais tutelados ou não pela Igreja, pela família ou pelo poder público.

### 3.2 Os Foliões dos Três Reis: tradição e identidade



Imagem 3.3: Grupo “Foliões dos Três Reis” – Porangatu (GO) - (Jan/2017).

Arquivo: Angelo Marcos de Souza

O grupo “Os Foliões dos Três Reis” é composto em sua maioria por pessoas do município de Porangatu, e alguns membros das cidades de Mutunópolis e Santa Tereza, que exerce a época do giro, as atribuições de coordenação, cantores, instrumentistas, palhaços, arrecadadores de donativos, rezadores e um grande número de devotos acompanhantes da peregrinação. O perfil dos integrantes da Companhia é formado em sua maioria por aposentados, alguns comerciantes, donas de casa, empregadas domésticas, trabalhadores braçais e autônomos. A faixa etária da maioria dos componentes do grupo é de cinquenta anos de idade, não diferindo dos demais grupos brasileiros. Boa parte dos integrantes do grupo frequenta com assiduidade pastorais e movimentos da Igreja Católica. Certamente, é o principal motivo da relação litúrgica católica com as práticas dos rituais que constituem a Folia de Santos Reis, pois, é possível perceber a reprodução frequente de rezas tradicionais católicas nos momentos solenes do rito da Folia, como a saída e a chegada da bandeira nos locais de pouso, a reza do terço na chegada dos foliões, e os momentos de louvor após os cantos da Folia, dirigidos por membros do movimento da Renovação Carismática Católica.

O grupo de foliões da Folia de Reis em peregrinação com sua bandeira<sup>77</sup> sagrada são

<sup>77</sup> Principal símbolo sagrado de um grupo de foliões. Geralmente o condutor da bandeira é um folião veterano, que se mantém sempre à frente do cortejo, durante todos os dias da peregrinação; sua função é o de “guardião da bandeira”. Ele jamais deve deixá-la desprotegida. Esse símbolo máximo deve ser respeitado por todos os foliões e devotos. Nas residências, no momento da chegada ou saída, uma sessão de “beijação” da bandeira é realizada pelos devotos em sinal de respeito ao Reis Santos. Suas imagens estão desenhadas com cores vivas na bandeira; motivo de tanto respeito a esse símbolo.

esperados ansiosamente, por um grande número de famílias devotas de Santos Reis, na comunidade porangatuense no período do ciclo natalino. Isso é comprovado pela extensa agenda de programação de pousos previstos para as residências até o ano 2021, indicando a importância desse grupo para os devotos. O cortejo é esperado nas casas por devotos e curiosos, que recebem os peregrinos com orações, foguetes, gritos de viva, mesas fartas dispostas a toda população visitante. No âmbito local, os foliões assumem um papel relevante diante da sociedade, ao comporem um grupo de prestígio, reconhecido e aclamado pela comunidade. Afinal eles são representantes dos Santos Reis Magos, em suas encenações simbólicas revivem o ato missionário de adorar o Menino Deus, cujo ato, reveste esses atores de poder sublime e majestade.

O grupo de foliões visita residências de moradores na região rural e urbana de Porangatu, Santa Tereza e Mutunópolis durante o período dos festejos dos Reis Magos, entre os dias 01 ao dia 06 de janeiro. O último dia é a “entrega” da Folia; a solenidade é celebrada com uma grande festa, habitualmente todos os que ofereceram os pousos, bem como os que fizeram promessas e doações se esforçam para estarem presentes neste dia; é o ápice da jornada. O presépio fica à vista do público, para que os devotos reverenciem o recém nascido, geralmente nele ficam expostas as imagens do Menino Jesus, de Maria e José, dos Magos e de alguns animais, bem como imagens de diversos santos padroeiros, venerados na tradição local.

A maior parte das pessoas envolvidas nos festejos de Santos Reis em Porangatu seja organizador do evento, folião, dono de residência que oferece o pouso e acolhe o giro, ou mesmo doadores de ofertas, acreditam que os Santos Reis Magos são mediadores entre Deus e a humanidade. Daí o motivo da fervorosa devoção, acompanhada por promessas realizadas às entidades, pois, os foliões confiam em suas intervenções; recorrem à cura de doenças, a resolução de problemas cotidianos e a prosperidade às suas famílias. Por intermédio das orações e do cumprimento da jornada peregrina durante a realização dos giros da Folia, o devoto acredita ter cumprido com os Santos a sua promessa.

Apesar do rigor da representação simbólica da história da viagem dos três Reis Magos à gruta de Belém, a improvisação individual é na maioria das vezes permitida pelo grupo “Os Três Reis Santos” de Porangatu, sendo agregada ao repertório tradicional da Folia no contexto social que se encontra inserida. Por isso, é possível perceber alterações nas práticas fixas da tradição ainda que os preceitos sejam transmitidos rigorosamente pelos mais antigos, as inovações até certo ponto são aceitas pela Companhia.

A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”,

inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o exposto na história (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p. 11).

No decorrer da cantoria nos rituais da Folia de Reis, percebe-se que as letras das músicas contam a história missionária dos Santos Reis, em sua peregrinação a Belém, elas expressam para os devotos uma verdade de fé, e durante a execução das melodias musicais nos pousos de folias é possível constatar que elas sensibilizam os foliões e visitantes presentes. São as melodias cantadas que estruturam os rituais, que por sua vez, são assimiladas e transmitidas sem formalidades a outras gerações. Os foliões de Porangatu, em sua maioria são pessoas simples, boa parte desprovida do conhecimento formal, portanto, transferem sua tradição não pela escrita, mas pela oralidade. Dessa maneira, podemos perceber que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (POLLACK, 1989, p. 204), na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução. Isso é o que ocorre com os foliões quando estes se inquietam em não deixar a tradição sucumbir no esquecimento pelas atuais e futuras gerações.

Dessa forma, a identidade é construída por meio da observação e vivência na comunidade com um indivíduo e seus pares, assim, desta maneira, acontece também à identificação com o comportamento de outros e por sua vez pode ocorrer sua assimilação. Nessa lógica, Eleonora Gabriel (2008, p. 78) afirma: “as pessoas se sentem identificadas umas com as outras e, ao mesmo tempo, distintas das demais. Assim a identidade e a alteridade (referente ao que é do outro), a similaridade e a diversidade marcam o sentimento de pertencer ao todo”. O indivíduo ao formar sua identidade, sente-se pertencente ao meio social que se encontra inserido, ao mesmo tempo, considera-se participante da cultura local. Portanto, toda produção cultural é esclarecida pelas relações contínuas dos indivíduos sociais, em que coexistem representação das estruturas sociais e sua reestruturação contínua.

A identidade cultural se relaciona a aspectos de nossas identidades que surgem do “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais. Alguns estudiosos afirmam que de alguma maneira, pensamos nessa identidade como parte de nossa natureza essencial, que nos faz sentir indivíduos de uma sociedade, grupo, estado ou nação (GABRIEL, 2008, p. 76).

A Identidade da mesma forma que a cultura, é fabricada pelos indivíduos de uma sociedade em sua convivência mútua. As pessoas nascem e crescem no seio social, convivem

com seus semelhantes no grupo, e no decorrer do tempo assimilam seus costumes e valores. Muitas peculiaridades são adquiridas pelo indivíduo através de sua convivência comunitária, isso contribui generosamente para a construção de sua identidade. Sem dúvida, as identidades individuais e sociais, são significantes para estabelecer relações de vínculos que expliquem a constituição de grupos organizados como os de folias religiosas, que comportem sentimentos de interação e prestígio social.

O folião alicerça sua missão na fé, e sua identidade e memória é fundamentada na tradição da repetição do ato da visitação ao Menino Jesus. Ele imita os Reis Magos durante o ritual de sua jornada, repetindo essa ação, ele crê que participa da graça redentora de Cristo conforme sua crença. Nessa lógica pontuou Michel Pollack (1989, p. 2006), “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”. Na mesma direção afirma:

[...] quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade (POLLACK, 1989, p. 207).

Portanto, a memória possui o papel de construtora da história e, por conseguinte, está vinculada na constituição das identidades dos seres humanos, pois estes buscam incessantemente suas referências identitárias no contexto social em que estão inseridos. A memória e a história estão interligadas, presentes na essência uma da outra, apesar das diferenças entre ambas, a afinidade entre memória, história e identidade é fundamental para compreender o conceito de patrimônio cultural, pois o mesmo está ligado a essas pilastras, por conceber um passado comum aos indivíduos de uma sociedade, são elementos essenciais para o compartilhamento da cultura de um determinado grupo social<sup>78</sup>.

A memória é seletiva, permanece registrado apenas aquilo que foi significativo e relevante, algo que marcou a vida, positivamente ou negativamente. Ela proporciona ao indivíduo o discernimento e a consciência em relação dos acontecimentos passados que permaneceram registrados por ela mesma, e que constantemente são rememorados quando ela é instigada, induzida ou até mesmo de maneira voluntária (HALBWACHS, 1968). Assim, memória e tempo ajustam-se e se inserem na história, não permitindo que os acontecimentos sejam esquecidos e perdidos com o decorrer do próprio tempo, assegurando dessa maneira sua

---

<sup>78</sup> O capítulo 1 da presente pesquisa tratou exatamente da importância da Folia de Reis como Patrimônio Imaterial, por se tratar de um rico legado cultural para os habitantes do município porangatuense.

conservação. Nessa direção afirma Alberti (2005a, p. 167): “a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade [...]”. Portanto, a incumbência da memória é conceber a História e, por conseguinte, das identidades, visto que, as pessoas procuram suas referências identitárias, isto é, tudo aquilo que as identificam na comunidade. Existem diferenças entre ambas, no entanto, é importante salientar que uma está vinculada a outra, pois, a história faz parte da memória e a memória faz parte da história. A memória tanto individual quanto coletiva, expõe distintos acontecimentos e fatos selecionados. Estes são reproduzidos no decorrer do tempo, constantemente devem ser instigados para que não se percam. Todo esse processo serve para a construção da história.

Posto isto, o historiador poderá utilizar a memória desse povo como fonte para obter importantes informações sobre algum acontecimento, levando em conta que a temporalidade da memória é diferenciada da história. De acordo com Le Goff (*apud* OLIVEIRA 2015, p. 32), “[...] a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

Dessa forma, a relação entre história, memória e identidade é fundamental para compreender o conceito de patrimônio cultural, pois, o patrimônio vincula-se a essas bases por reproduzir um passado coletivo, como ocorrem nos grupos de foliões das folias religiosas. Eles são instrumentos fundamentais de compartilhamento da cultura de uma coletividade.

De acordo com Maurice Halbwachs (1968) para se recordar, é preciso que o nosso pensamento esteja de acordo, na maioria das vezes, com o pensamento dos outros companheiros do grupo social. É necessário que as lembranças sejam reconstruídas, reconhecidas e compartilhadas pelos demais membros. Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possam ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Essa afirmativa é evidenciada na jornada dos foliões da Folia de Reis no período natalino, pois, o devoto crê que ao participar dos giros da Folia, ele realiza a mesma peregrinação executada pelos Reis Magos, relatada no evangelho de Mateus. Os foliões são coesos com esse pensamento. E a tradição da rememoração é constantemente reinventada por novos integrantes, que em certas ocasiões trazem consigo outras configurações para o grupo, sem descaracterizar o sentido principal, que é a representação fiel da jornada rumo a Belém, para adorar o Deus-menino.

Deste modo, é importante compreender que a memória e a identidade de um indivíduo ou grupo estão em constante sincronia com a cultura, com a história e o contexto social desse indivíduo e desse grupo, ela é moldada pelas influências do meio social. Por meio da memória, os acontecimentos passados alcançam permanência ao longo do tempo, principalmente quando são rememorados através de repetições, assim como ocorrem nos festejos populares, nas venerações aos santos de devoção, a exemplo dos Santos Reis. Os festejos são objetos de representação cultural de um grupo social, logo garante a efetivação da identidade. Por conseguinte, percebe-se uma fusão da memória com a identidade que se consolida no bem cultural convertendo-o em Patrimônio.

Assim, para ser considerado um Patrimônio, é preciso que este se identifique, represente e possua significado para as pessoas de uma sociedade. Para que seja elevada à categoria de patrimônio cultural, o bem cultural deve conter um significado relevante, fazendo-se presente na memória da comunidade (pela ocorrência de um fato), de tal forma, que queiram revivê-lo e reproduzi-lo reiteradamente. Importante lembrar que, a partir do instante que os fatos tornam-se representação e identidade, eles também devem ser apreciados como Referências Culturais<sup>79</sup>, pois possuem ligação com a comunidade detentora, são reconhecidos e identificados por ela.

Um bom exemplo são os festejos populares tradicionais, que reúnem anualmente os membros de uma comunidade para comemorar algum acontecimento considerado extraordinário, como ocorrem com os foliões da Companhia de Reis do município de Porangatu/Goiás<sup>80</sup>, que se encontram para homenagear Santos Reis dia 06 de janeiro, há seis

---

<sup>79</sup> Nessa área um importante estudo de Cristina Helou Gomide (2007), esforçou em identificar referências culturais do patrimônio histórico e cultural da Cidade de Goiás. Na obra a pesquisadora buscou junto aos diversos segmentos sociais da cidade, valorizar e nomear os patrimônios, muito mais do que apenas construções históricas, como símbolos de tempos antigos, mas, investigá-los como um patrimônio afetivo, como superação de situações vividas por este povo no passado, principalmente os relacionados aos tempos memoráveis. Sob essa ótica o passado se constrói, considerando a busca de referências culturais pelos habitantes locais, através de suas vivências e experiências sociais. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12985>. Acesso em: 21 de dez. de 2018.

<sup>80</sup> Objeto de estudo da presente pesquisa.

décadas; ou o reconhecimento do trabalho realizado por um grupo comunitário como o Ofício das Baianas de Acarajé no estado da Bahia (reconhecido pelo IPHAN em 2005) ou um lugar de atividades diversas como a Feira de Caruaru na Paraíba (reconhecida pelo IPHAN em 2006). O importante é que a comunidade aprove o mérito da atividade do grupo social, como integrante de sua história, e que esta atividade seja munida de valores, expressões culturais e que estes possam estabelecer um legado para as próximas gerações.

Os bens imateriais distinguem-se pelas práticas de convivência da vida social, amoldados por cidadãos e grupos sociais como elementos construtores de sua identidade. Os saberes são transmitidos e recriados pelas novas gerações, na convivência comunitária em decorrência das influências naturais e históricas, criando um sentimento de identidade e continuidade, como ocorre nos grupos de folias de Reis.

A festa em homenagem aos Santos Reis, realizada pelos foliões em todo o país, consegue congrega fé, saberes, memórias, identidades, rituais, dentre outras atribuições. Tais expressões não podem ser restringidas apenas às questões abordadas neste trabalho. Ela é instigante e contagiante, movimentada por sensações, emoções e símbolos significantes para os devotos e para a historiografia. Sua importância como legado cultural se converte em Patrimônio Cultural Imaterial.

É importante ressaltar que as práticas da Folia de Reis estão ligadas à identidade do lugar. Principalmente nas pequenas e médias cidades, onde a convivência social é estreitada pelos limites geográficos e culturais, possibilitando que a memória, esteja de alguma maneira, conectada à própria história dos sujeitos envolvidos, seja por questões relacionadas à devoção, a socialização, a política ou mesmo pelos conflitos sociais. Portanto, em uma cidade como Porangatu, algo que é concebido em lugar público, como a festividade de Santos Reis seguramente estabelecerá um enorme fortalecimento de uma identidade coletiva e individual dos sujeitos da cidade. Uma situação adversa poderá ocorrer, em uma cidade grande e urbanizada, onde a comunicação social entre as pessoas é bem mais reduzida, e os laços de pertencimento são atenuados pela pouca convivência entre seus pares. Tudo indica, que quanto mais próspera (no sentido econômico e tecnológico) a cidade, maior a probabilidade das identidades dos sujeitos sociais serem “sufocadas” pela ação frenética da modernidade.

Em busca de informações sobre a tradição da Folia de Reis no contexto porangatuense, não foi possível precisar a data de sua origem, mas de acordo com os relatos dos foliões mais antigos, ela está presente na região, antes da emancipação do município<sup>81</sup>. O trecho da entrevista

---

<sup>81</sup> Ocorrida no ano de 1948.

do Sr. André Rosa, atual organizador da Folia, relata o período que ele iniciou suas atividades, e a conjuntura em que o levou a assumir a responsabilidade do grupo “Foliões dos Três Reis”.

Esse ano (2018) eu tô fazendo trinta e nove ano de comandante dessa Folia. E eu tenho quarenta anos que giro nela. Eu sou o responsável dela sim. Pra dizer melhor, o organizador. [...] Eu marco rota dela, eu que marco o giro, os pousos, o almoço. Se um folião adoeceu e tá na Folia, a responsabilidade é minha. Adoeceu levo pro hospital, faço tratamento. Criança, senhora, todos que tiver na Folia a responsabilidade é minha. [...] Essa Folia antigamente onde eu comecei, ela foi do seu José da Conceição, de Zé Conceição passou para Geraldo Divino que era genro dele; era na Serra de Campo. Da Serra de Campo nois trouxemo ela pra cá; [...] trouxemos para região da Capeba. Lá nois girou nela quatorze ano, lá na região da Capeba. O seu João Brauno mais a dona Benedita que trouxeram aqui pra dentro de Porangatu. [...] seu Zé Conceição que é o tradicional nela, ele era rapaz novo quando começou, ele morreu com oitenta anos. O seu Geraldo Divino que pegou (a Folia) era genro dele, começou nela, assim com vinte e dois anos, logo quando ele casou com a filha dele, e ele tomou conta dela, onde ele largou ela aqui, ele tava com setenta e oito anos<sup>82</sup> (ROSA, 2018).

Vale ressaltar quanto à administração e à distribuição das funções dos integrantes na manutenção da Companhia, que ocorre num quadro de permanência e tempo de atuação do folião no grupo. Assim, compete aos foliões permanentes e mais antigos, a divisão das tarefas de controle da Companhia (o gerente e o capitão), enquanto, que aos demais, as funções estão atreladas somente à execução do rito. De acordo com o gerente André Damasceno, a organização de uma Companhia de Reis é exaustiva, mas ao mesmo tempo prazerosa. Cheio de conflitos internos que devem ser sanados no ano que ocorre a jornada. É ele o responsável de admoestar o folião pelo seu comportamento, tanto nas caminhadas nas ruas, quanto na participação nos rituais dentro das residências. É dever do gerente ajudar na escolha dos festeiros do próximo ano, organizar os dias de ensaios do grupo, comprar os materiais necessários para a manutenção dos instrumentos, cuidar do traslado dos foliões, bem como averiguar o andamento das arrecadações (doações) dos alimentos com os devotos responsáveis pelos almoços, lanches, jantares e pousos.<sup>83</sup>

<sup>82</sup> André Damasceno Rosa, aposentado, organizador do grupo “Foliões dos Três Reis”, iniciou suas atividades em 1979 na Folia com 28 anos de idade. Entrevista concedida em 12 de out. de 2018.

<sup>83</sup> Geralmente o gerente acompanha o andamento das doações recebidas pelos devotos que oferecem o almoço, o jantar ou pousos, e indica pessoas para ajudar onde houver mais necessidade. Inclusive nas atividades da cozinha. Os devotos por sua vez, costumam contar com o milagre da abundância de Santos Reis, e o apoio da comunidade, pois a fartura de alimentos nos festejos denota as bênçãos recebidas dos santos. Segundo o relato dos foliões, cerca de oito mil refeições são distribuídas durante a peregrinação.



Imagem 3.4: Irmãos “Rosa” com violas no centro (jan./1990).  
Arquivo: Mário Damasceno Rosa



Imagem 3.5: Jantar dos devotos de Santos Reis – gerente André de camisa branca no centro - (jan./1998). Arquivo: Mário Damasceno Rosa

Semelhante a Folia de Mossâmedes descrita por Carlos Brandão (2004), os membros do grupo Foliões dos Três Reis, exercem as funções de embaixador, gerente e foliões (ocupando atividades de instrumentistas, cantores, rezadores, festeiros e palhaços). Um dos cargos mais relevantes é o de embaixador. Ele é o responsável de harmonizar os instrumentos e os cantos.

Durante os anos de 2017 a janeiro de 2019, que participamos dos giros do grupo nas regiões urbana e rural, foi possível perceber uma extraordinária autoridade exercida pelo organizador/gerente e pelo embaixador da Folia. Com um simples silvo breve de um apito<sup>84</sup> do organizador, todos os foliões, colocam-se de forma organizada em fila (instrumentistas à frente e cantores<sup>85</sup> logo atrás), sendo seguidos pelos familiares, e visitantes presentes, onde todos se colocam em cortejo conforme a imagem.



Imagem 3.6: Ritual de entronização da bandeira – Festa da entrega da bandeira (jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

Em nenhum momento é necessário chamar atenção dos presentes, pois, as algazarras das crianças, os sorrisos e as conversas entre os adultos cessam e o ambiente profano transforma-se num espaço sagrado. Antes da chegada dos foliões, é natural ver muitos se divertindo nas mesas de truco no pátio das residências, alguns fumando seus cigarros, e outros tomando café e até mesmo alguns goles de cachaça. Após o sinal do apito, indicando que iniciará o ritual da cantoria, todos os presentes ouvem atentamente o embaixador entoar o canto inicial na 1ª voz, em seguida, todos os outros foliões o acompanham introduzindo a 2ª, 3ª, 4ª e 5ª vozes, conforme foram escalados. Há um acompanhamento com instrumentos como sanfona

<sup>84</sup> O apito é um objeto característico do gerente e do embaixador, é um sinal de autoridade de ambos os foliões. Apenas eles podem usá-lo. Sua eficácia é notada como código sonoro, pois, diferencia de outros sons (ruídos, barulhos, comuns em eventos). A sonoridade do apito tem um notável alcance espacial, o que o torna eficiente no emprego de reunir os integrantes do grupo dispersos (função do gerente). É também empregado para determinar o término de uma sequência de versos numa cantoria (atribuição do embaixador).

<sup>85</sup> Em tese os foliões cantores, são considerados mais importantes do que aqueles que apenas tocam algum tipo de instrumento.

/ acordeon, violas, violões, caixas, zabumba e pandeiros. Todos eles são consagrados e ornamentados com flores e fitas, conforme a tradição.

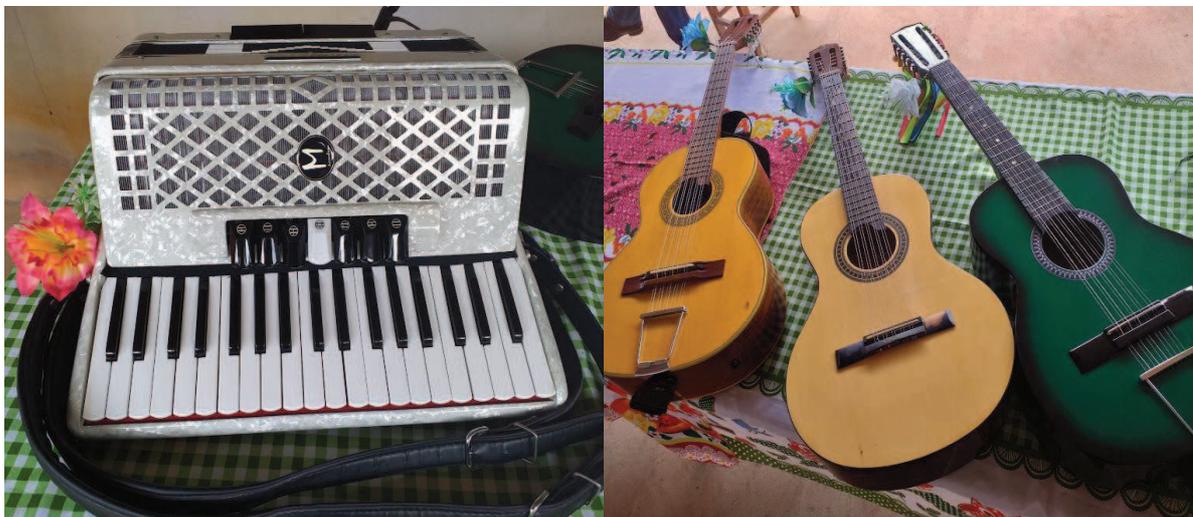


Imagem 3.7: Principais instrumentos usados pelos foliões do grupo “Os Três Reis Santos” durante o giro da Folia. (jan. 2019).

Arquivo: Angelo Marcos de Souza

É preciso ressaltar que os membros do grupo, “Os foliões dos Três Reis”, são muito ligados entre si, esses laços de afinidade são percebidos por toda a comunidade, o que fortalece a boa imagem e o respeito pelos foliões. Boa parte dos componentes é integrante da família “Rosa”, e as principais funções exercidas durante os giros do grupo estão em seu poder. Aliás, há quatro décadas o senhor André Damasceno é integrante e comandante do grupo. Seu irmão Mário Damasceno Rosa, exerce a segunda mais destacada função do grupo, a de embaixador/capitão, responsável de iniciar a cantoria e comandar todos os cantores e instrumentistas. O neto André Antonio Barbosa, toca o acordeon, principal instrumento utilizado pelo grupo, além de sua jovem neta Mariana que toca o pandeiro. Sua esposa Neusa, além de cantar com os foliões, é também a responsável de coordenar as rezas durante os giros e comandar a limpeza do ambiente, após o evento. O Senhor André conta também com a importante atuação de sua cunhada Joana Darc e de sua sobrinha Darli em diversas atividades nos festejos.



Imagem 3.8: Capitão Mario Damasceno Rosa (à direita) e o contramestre Bonfim (à esquerda)  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A função de embaixador/capitão é importantíssima dentro da Companhia, pois, quando o grupo está se apresentando durante a jornada, compete a ele elaborar os versos das canções, além de iniciar a cantoria. Durante as atividades da Folia, o embaixador/capitão é o principal personagem que auxilia em todos os momentos o gerente na organização da jornada<sup>86</sup>.

A ele cabe a iniciativa das cantorias, como a voz principal, além de tudo que se refere à organização do grupo: decisões sobre o percurso a ser cumprido, período do giro, horários, contatos para estabelecer as casas dos pousos, convocação dos músicos, etc. Em grande parte, os líderes seguem tradições herdadas do pai ou de algum parente (avô, tio, irmão, mais velho), e há nos processos de passagem efetiva da liderança para novos líderes vários anos de treino (IKEDA, 2011, p. 80).

Alguns cantos são parecidos quanto à entonação, mas, em alguns momentos as letras podem ser alteradas, até mesmo improvisadas pelo embaixador dependendo da circunstância. Ou seja, há uma variação de acordo com a ocasião e o ritual. O histórico da família, o tipo da graça recebida pelo morador da residência, a bandeira da Companhia, o presépio, a emoção dos devotos, a bíblia, as imagens dos santos expostos no altar, e as oferendas, tornam-se uma fonte de inspiração para as improvisações dos versos compostos pelo embaixador.

O contramestre é aquele que responde o verso final dos cantos entoados pelo embaixador, ele precisa estar atento, pois, não pode haver erro<sup>87</sup>. Todos os outros foliões entram com suas vozes reproduzindo apenas esse verso, cada um com um tom de voz diferente, encerrando com a chamada tala, um grito agudo emitido continuamente após cada estrofe. O

<sup>86</sup> O folião Mário Damasceno Rosa, exerce a função de embaixador do grupo “Os Três Reis Santos” por duas décadas.

<sup>87</sup> Conforme a imagem 3.8, o contramestre estrategicamente se posiciona de frente ao embaixador para facilitar a audição do canto entoado por este, para em seguida repetir o verso com voz sonante, que logo será imitado pelos demais foliões com outros timbres de voz. Observamos durante o trabalho de campo, que dois contramestres revezavam durante a jornada. Apenas o embaixador permanecia em seu posto em todos os momentos de cantoria.

fato que mais chama atenção é que são as mulheres que fazem o agudo encerrando a canção; no passado era uma prerrogativa apenas dos foliões do sexo masculino.

Ao observar uma cantoria da Folia de Reis constata-se a combinação quase perfeita das vozes e dos instrumentos (apesar das vozes roucas, devido ao cansaço dos foliões da longa jornada), porém, é importante ressaltar que o grupo ensaia antes de iniciar o giro. O encontro para ensaiar os cantos ocorre para o entrosamento das vozes e dos instrumentos, mas também para conversarem e definirem a rota da peregrinação do ano.

Sempre nois todos os anos, só esse ano (2018) que não tivemos ensaios; nois tava com alguns problema, meu irmão adoeceu, eu tive que sair; meu neto tava em Goiânia, mas sempre todo ano tem ensaio. Nois tem uma missa em outubro lá em casa, os foliões reuni todo mundo e eles canta folia o dia todo, então contato nois temo direto (ROSA, 2018).

O relato do organizador/gerente deixa claro, que não foi possível começar os ensaios antes do início do giro da Folia no ano de 2018 como ocorreram nos anos anteriores, devido à impossibilidade dos membros de sua família se fazerem presentes (causas pessoais). Isso demonstra a importância (ou dependência) que a família “Rosa” tem no interior do grupo “Os Três Reis Santos”.

A cantoria dos foliões aos Santos Reis Magos do Oriente é uma forma de oração de caráter coletivo, a harmonia entre cantores, instrumentistas e devotos em oração une a todos os presentes nessa manifestação religiosa. Os cantos entoados revelam a fé nos Santos, pelas abundantes graças recebidas, trazem conforto, esperança e renovam a crença no Transcendente. É importante notar que a música-oração para os foliões, preconiza uma mediação entre eles e as divindades (Santos Reis). Nem todos os foliões cantores são instrumentistas, mas, os que tocam, são livres para revezarem seus instrumentos; isso é muito comum no grupo dos “Três Reis Santos”. Até os palhaços costumam tocar o pandeiro e o zabumba, quando estes se encontram descaracterizados. Nota-se durante a atividade da cantoria, a média de doze a quinze instrumentistas, e de quinze a vinte cantores, perfazendo um total de trinta a trinta e cinco foliões participando ativamente de todos os giros da Companhia. No entanto, é notório que existe uma hierarquia no posicionamento dos instrumentos<sup>88</sup>, na frente fica o acordeon e os instrumentos de corda considerados mais importantes, e os menos importantes ficam mais deslocados do grupo, os instrumentos de percussão. Cerca de um quarto desses componentes são mulheres, geralmente parentes próximos dos foliões. Elas podem tocar e cantar, porém, as funções mais relevantes como a do gerente e do capitão, estão reservadas aos homens.

---

<sup>88</sup>Ver a imagem 3.7, principais instrumentos usados pelo grupo de foliões.

### 3.3 A atuação das mulheres na Folia de Reis



Imagem 3.9: Foliãs do grupo Os Três Reis Santos coordenam a reza do terço de Santos Reis (jan. 2019).

Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A Folia de Reis de Porangatu possui muita semelhança com outros grupos de foliões de outras regiões brasileiras, como por exemplo, a Folia de Mossâmedes investigada por Brandão (1979), porém, alguns elementos apresentam peculiaridades próprias, como a participação ativa das mulheres foliãs na realização da cantoria nas residências junto com os homens (foliões). Essa participação feminina, exercendo atividades comuns com os homens, não é percebida no grupo apontado por Brandão, pois elas exercem funções de subalternidade, o que caracteriza a mentalidade patriarcal do referido grupo. Em Porangatu elas podem tocar instrumentos e são as principais responsáveis na condução da reza do terço, na ornamentação dos instrumentos, na organização do espaço que vai ocorrer à festa, na preparação dos alimentos, no cumprimento das promessas e na confecção das vestimentas, Segundo o relato de foliões, dificilmente a tradição da Folia no município permaneceria se não houvesse a participação feminina, especialmente de suas esposas, que colaboram na realização de todas as atividades durante os giros da Folia.



Imagem 3.10: Pandeirista da Folia - Mariana Silva Concha (18 anos) (Jan/2018).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

Eu participo há dezoito anos, desde quando nasci, vinha com minha avó, ela me trazia no colo; tanto é que muitos dos foliões que participam hoje me viram crescendo. Como eu fui criada nesse meio, eu me sinto parte da família, porque a gente cria uma família, e é uma cultura muito bonita, é uma demonstração de fé, onde eu vi muitos milagres acontecer com pessoas, onde eu ouvi muitos testemunhos, e isso toca com a gente. Passamos de casa em casa, vemos a fé que emociona e que uni as pessoas e é isso que eu quero levar pra minha vida, é isso que a Folia de Reis tem mostrado pra mim nesses dezoito anos. Com certeza é uma questão de fé. Eu como sou foliã e demonstrei muito interesse em aprender, eu quero dar continuidade a essa Folia passando para minhas futuras gerações, eu quero ensinar para eles que não deve acabar [...] No momento eu sou pandeirista da Folia, sou a única pandeirista mulher, estou começando as aulas de viola, porque eu quero também aprender a tocar viola, depois a cantar e depois um dia embaixar também, porque de tudo um pouco a gente tem que saber fazer. A minha avó Neusa faz parte do canto, dona Maria, e outras também que cantam, mas só eu que toco (CONCHA, 2018).

É possível perceber que a presença efetiva feminina no grupo “Os Foliões dos Três Reis” é antiga, contudo, vem aumentando com o passar do tempo. Nas décadas 1980 e 1990 os foliões percorriam boa parte do trajeto a pé, alguns faziam o traslado de um pouso ao outro, montados em cavalos. Geralmente, encerravam muito tarde suas atividades no período noturno, assim, dormiam no local em que a peregrinação parava para o descanso, sem retornar às suas residências, permanecendo vários dias longe de casa. Alguns foliões passavam a noite em simples galpões, na maioria das vezes desconfortáveis. Outros ficavam no interior das residências, onde eram oferecidos os pousos, de acordo com o espaço disponível.

Dessa forma, a presença feminina era bem menor no período noturno da peregrinação, especialmente quando o casal tinha filhos pequenos. Durante o dia, as atividades das mulheres se restringiam somente à ornamentação e confecção das vestimentas e preparação dos alimentos. Ao passar dos anos, com os benefícios trazidos pela modernidade, houve alterações quanto à participação das mulheres e das crianças na jornada, devido à facilidade do transporte. A maioria das famílias participantes do grupo poderia, após as suas atividades, retornarem aos

seus lares.

[...] pra fazer comida pros foliões as mulhé pode fazer não é? Então elas também tem o direito de participar junto conosco não é? Elas cantá sim... cantá e rezá terço, bate pandeiro, toca viola, toca sanfona. A mulhé tem o direito que o homem tem dentro duma Folia. [...] a minha (esposa) reza terço, canta, faz quatro voz. Minha neta bate pandeiro; se precisar de cantar, ela canta né...!? Então eu acho é muito bonito voz de mulhé junto com voz de homem dentro de uma Folia de Reis. Mais ou menos vinte e oito anos que eu girava antes sozinho. Depois ela ia (esposa)... não podia participar porque as meninas eram muito pequenas. Depois que os filhos foram crescendo coloquei tudo dentro da Igreja, da Folia de Reis. [...] todas elas canta na Folia de Reis e acho bonito, muito bonito; e eu chamo sempre (ROSA, 2018).



Imagem 3.11: Foliãs cantoras do grupo “Os Três Reis Santo” (jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

As mulheres que participam dos festejos de Santos Reis em Porangatu são bem vindas e prestigiadas. Uma das regras fundamentais do grupo estudado é o respeito pelas filhas e esposas dos companheiros. O folião que descumprir a regra é excluído imediatamente do grupo. Elas são incentivadas pelos foliões a participarem da manifestação da Folia de Reis, além de apoiarem as mães a levarem seus filhos, pois, acreditam que dessa maneira as crianças são estimuladas a continuarem com a tradição.

Olha pra mim a importância que tem essa Folia é que a gente por ser mulher é muito bem recebida nas casas, nós somos muito bem elogiadas. Minha participação foi um chamado de Deus, porque vieram na minha casa pra mim procurar pra trabalhar nessa Folia [...] ai não teve como negar, ai eu entrei, tô até hoje e não pretendo sair. Há cinco anos faço parte dela. Eu faço a quinta voz (tala), tem outras companheiras que faz também, além da sexta voz. [...] Eu acho assim que nunca vai acabar (a tradição da Folia) porque nós somos irmãos, nós somos a partir do momento que a gente vem e reúne e continua sendo família, [...] mesmo depois que aquele período da Folia acaba nois continua tendo reuniões, e também as pessoas gosta muito. [...] Muitos vem por

gostar mesmo da tradição, outros cumprem promessas. [...] Pretendo ficar até quando Deus quiser<sup>89</sup> (ALCÂNTARA, 2018).

Diversos estudos no Brasil apontam que o patriarcalismo ainda é muito presente nos grupos de Folia de Reis, e que as mulheres ocupam as funções menos relevantes durante as atividades destes grupos. Daniel Bitter (2008) afirma que é possível perceber papéis bem definidos entre mulheres e homens nos grupos de folias observadas nas imediações da Candelária.

Ao longo do dia, muitas tarefas têm de ser realizadas e são divididas entre homens e mulheres. Aos homens cabe transportar todas as coisas necessárias. É sua tarefa também cuidar do espaço físico da festa [...]. Muitas tarefas são coletivas, mas nem sempre se dão de forma harmoniosa. Às mulheres cabe coordenar os trabalhos da cozinha, como lavar, cortar e preparar os alimentos, como também servir os pratos de comida e lavar a louça, trabalho intenso e levado a cabo por cinco pessoas. São elas também que cuidam das fardas dos foliões, chapéus, toalhas e outros apetrechos. Aos homens compete ainda a tarefa de montar o altar espaço onde são depositadas as bandeiras das folias visitantes (BITTER, 2008 p. 73).

Porto (1982, p. 50), ressalta que durante o período das realizações dos festejos da Folia de Reis na Região Sul do estado de Minas Gerais “de modo geral não se admite a presença de mulher numa Folia. Abrem-se exceções para o caso de promessas, quando, então, a mulher é admitida como acompanhante, sem direito a cantar, nem tocar instrumento”. Essa ausência da mulher é baseada na historicidade do nascimento de Jesus, que segundo os foliões:

[...] os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na Folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, dizem outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização (PORTO, 1982, p. 54).

De acordo com Brandão (1979), a reza é a única oportunidade em que as mulheres têm uma atuação no ritual semelhante à dos seus esposos. Isto acontece porque a reza do terço é compreendida como uma forma de oração familiar onde é importante a presença de esposas e de filhas. E também pelas mulheres possuem um perfil mais “contemplativo”.

Kodama (2009, p. 123), ressalta que no bairro de Ribeirão Grande, em Ourinhos em São Paulo, dentre outras cidades adjacentes que “em algumas companhias é permitida a presença de mulheres”. Mas, habitualmente compete às mulheres o preparo dos alimentos, a arrumação das casas para receber os foliões, “armar os presépios, responder a reza dos terços, e elaborar a decoração e arranjos no dia da festa”.

É possível constatar convergência nos estudos de Bitter (2008) e Kodama (2009), ao perceber que as atividades femininas na organização dos festejos de Reis são de subalternidade,

---

<sup>89</sup> Maria Jurlene Pedro de Alcântara, casada, do lar, cantora do grupo “Os Três Reis Santos. Entrevista realizada dia 04 de out. 2018.

apesar de serem coletivas, não são harmoniosas. Elas fazem parte da Folia “invisível”, apesar de participarem de forma ativa na condução dos trabalhos e das rezas.

Neder (2016) buscou articular gênero, cultura e religião, discutindo a questão de gênero no interior da Folia de Reis, de característica androcêntrica, e construindo nesse contexto uma reflexão acerca da importância da mulher nesse espaço de permanências e transformações. Ela ressalta que na região da Zona da Mata de Minas Gerais, no município de Leopoldina, a “cultura patriarcal judaico-cristã” é repetidamente reproduzida, e a “desigualdade entre os gêneros” nas manifestações da Folia, é admitida naturalmente. Segundo ela “o papel da mulher na Folia é central, apesar de raras vezes elas participarem do cortejo” e que os foliões justificam que na bíblia não há referência de “Mago do sexo feminino”, nem que “tenham sido acompanhados por suas esposas ou outras mulheres”. (NEDER, 2016, p. 3-5).

Nessa direção, o estudo de Dazzi, Dutra e Sanches (2013) investigaram a representação de Gênero nas manifestações da Folia de Reis em vários grupos do município de Nova Friburgo/RJ, buscando perceber as inter-relações de gênero, e compreender o papel exercido pelas mulheres, e a contribuição destas na preservação desse patrimônio imaterial para a comunidade local. Ela constatou duas situações distintas em dois destes grupos: os líderes do grupo “Império de Olaria” não permitem por diversas gerações e na atualidade a participação de mulheres nos cargos mais importantes. Porém, “existe uma divisão de tarefas com base no gênero”, elas são incumbidas pela restauração das indumentárias; do preparativo das refeições, na manutenção e higiene das fardas, e na organização do presépio, e tudo aquilo que “se refira às prendas domésticas”. Ao contrário do primeiro grupo a “Unidos dos Três Reis, exibe seu belo e expressivo conjunto feminino, que fica à frente da Folia, em torno de 1/3 do total do grupo”, elas desempenham funções relevantes durante os giros da Folia, tocam, cantam e conduzem a bandeira e até podem exercer a prestigiosa função de contramestre (DAZZI; DUTRA; SANCHES, 2013, p. 64-67).

Inácio (2014) procurou analisar no campo visual do universo simbólico da Comunidade de Ribeirão de Areia/MG, a manifestação cultural da Folia de Reis, investigando de forma minuciosa as práticas socioculturais e educativas por meio da visibilidade e visualidade do feminino. Ela afirma que as mulheres não são admitidas como membros da Folia, porém, a presença delas é muito expressiva e essencial na execução de atividades primordiais, na preparação dos alimentos, na ornamentação da lapinha, na confecção das vestimentas, na direção da reza, e na condução dos benditos. Segundo ela, duas atividades tiram as mulheres de sua invisibilidade: a primeira diz respeito ao talento das mulheres na condução das rezas, elas são as “guardiãs da oração”, fruto da experiência do legado de suas ancestrais. A segunda

é a atuação nos cantos e nas danças, no batuque ao som da caixa na grande roda formada após os rituais da Folia. Somam-se as alterações nos valores e costumes da comunidade religiosa, devido à interação com os grandes centros da região, isso tem afetado diretamente a tradição local alicerçada no patriarcalismo.

Uma importante constatação sobre alterações que vem ocorrendo nos espaços das Falias de Reis em diversas regiões brasileiras foi descrita por Silva (2012, p.70), que segundo ele houve alteração do personagem palhaço no Município de Porteirão/GO, no ano de 2011 quando os festeiros realizavam o encerramento dos seus festejos. Silva afirma que “a peculiaridade desta Folia é a reconstrução do palhaço, que se apresenta tradicionalmente só, mas na folia em questão houve um casal de palhaços. Há a representação do palhaço do sexo feminino como se fosse companheira do palhaço masculino”. A tradição local, nunca havia permitido a representação do palhaço por uma personagem feminina<sup>90</sup>.

Victorasso (2015) aponta que, na Folia da Companhia de Reis Fernandes no município de Olímpia/SP, a participação feminina é determinante para o grupo, elas participam como instrumentistas, na decoração local, no preparo dos alimentos e podem exercer a função de Alferes (responsável pela condução da bandeira na frente do grupo), há variação de acordo com o ano do giro.

Vale ressaltar que existem alguns pontos em comum nas observações destes estudiosos, mas é possível perceber que na maioria das pesquisas realizadas a participação feminina nas atividades da Folia de Reis tem sofrido significativas alterações e transformações nos ambientes onde ocorrem os festejos, em decorrência das influências da modernidade (fatores midiáticos, culturais e socioeconômicos). Essas importantes mudanças referentes à participação das mulheres têm ocorrido no grupo de foliões “Os Três Reis Santos” a cada ano. Durante toda a existência do grupo, nunca nenhuma mulher exerceu a função de Alferes. Essa função sempre foi reservada aos homens. No dia 01 de janeiro de 2019, data do início da jornada, os foliões escolheram uma mulher para ocupar o posto. Durante os seis dias de peregrinação a senhora Abadia Batista do Nascimento conduziu a bandeira do grupo de foliões, percorrendo todas as residências da região, conforme a rota programada.

---

<sup>90</sup> A justificativa para a ausência de mulheres em Falias de Reis de acordo com alguns foliões baseia-se no fato de que os Magos eram homens. Mesmo em Falias onde a presença de mulheres é maior, elas não assumem a função de *palhaços*, com raríssimas exceções.



Imagem 3.12: Dona Abadia primeira mulher Alferes (guardiã da bandeira) – (Jan. 2019)  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

As modificações que vem ocorrendo nas atividades da Folia de Reis em Porangatu, ou em outras regiões no contexto brasileiro, devido à inserção das mulheres em funções que anteriormente eram reservadas apenas aos homens, não significam ausência ou fim do patriarcalismo. Ele está presente em todos os grupos de Folia de Reis, e em todas as regiões brasileiras (conforme citado nas pesquisas analisadas anteriormente), portanto o município de Porangatu não foge à regra. É importante ressaltar que conforme o relato dos foliões seria impossível a manutenção da tradição da Folia de Reis no município sem a participação ativa de suas esposas, filhas e netas. Sem elas, a tradição não permaneceria. O principal fator negativo é a falta de compromisso dos jovens nas atividades de relevância do grupo, como na cantoria, no manuseio de instrumentos e na organização da jornada. Elas suprem essa carência pela dedicação dispensada aos trabalhos religiosos, aliás, a própria história do Cristianismo revela a importância da atuação das mulheres apesar da forte presença patriarcal em seu seio. Assim sendo, com base nas observações realizadas neste estudo, é possível afirmar que novas configurações poderão ocorrer nos próximos anos na manifestação da Folia de Reis dirigida pelo grupo “Os Três Reis Santos”, e que as mulheres (integrantes) serão as principais protagonistas nessa nova ordem estrutural.

### 3.4 Os palhaços e suas atribuições



Imagem 3.13: Palhaços na entrada de uma fazenda – o giro da Folia na região rural (Jan. 2017).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

O palhaço (em algumas regiões, denominado Marungo ou Bastião) é um personagem que congrega diversas interpretações, algumas vezes considerado a personificação do “mal”, outras vezes uma figura do “bem”. É um personagem misterioso, cínico e dissimulado, alegre, sempre mascarado. Suas máscaras são sempre muito coloridas, às vezes com expressões cômicas, outras vezes aterradoras, sabe executar acrobacias, danças e muitas brincadeiras. Uma de suas atribuições é divertir o grupo, boa parte da criançada é atraída pela sua comicidade, que ora as espanta, ora as divertem e lhes agraciam com balas e doces. Sua figura dramática faz a transição entre o sagrado e o profano durante a peregrinação religiosa, entre o caráter cerimonioso e o lúdico das festividades da Folia. Existem no Brasil alguns grupos de foliões que não o adota por acreditarem que este representa uma figura de mau agouro, um emissário do demônio. Para algumas pessoas as máscaras destes personagens atraem pensamentos negativos e protegem os membros do grupo durante o giro nas residências.

Em algumas tradições, os foliões afirmam que os magos se vestiram de palhaços para divertir os soldados e distraí-los, dando tempo de José e Maria fugirem com o Menino da perseguição do rei Herodes. Na maioria das vezes, a explicação dos foliões, é que esta figura representa um soldado do Rei Herodes disfarçado, enviado para perseguir os Três Reis Magos e encontrar o Recém-nascido. Outros acrescentam que este soldado se arrependeu e passou a proteger o Menino Jesus. Para outros, ele é o Anjo Gabriel, que se disfarça para escoltar os Reis Magos, auxiliando-os a ludibriar o rei e proteger o Deus Menino.

Os marungos são figuras misteriosas que simbolizam a figura do bem e do mal. Segundo a crença, os marungos usaram máscaras para se esconder e amedrontar os soldados enviados pelo rei Herodes para matar o Menino Jesus. Foi daí que surgiu, nas folias, a idéia de que as máscaras servem para espantar os maus espíritos. Os marungos devem proteger o menino Jesus e confundir os soldados do rei. Nas Companhias são acrobatas e declamadores. São soldados convertidos que se vestiam de marungos para distrair os guardas e, assim, permitirem que São José e Nossa Senhora se salvassem do rei Herodes, que ordenara a morte de todas as crianças abaixo de dois anos (CHAVES, 2011, p. 36).

Nas brincadeiras do palhaço o corpo adquire lugar de realce em suas diversões. As piruetas, acrobacias e cambalhotas, se transfiguram numa linguagem expressiva. Ordenando movimentos de extrema habilidade, o palhaço em sua performance instiga seu corpo aos limites das condições físicas, transformando-o em objeto de exibição<sup>91</sup>. O corpo é fielmente habilitado para o exercício da função, exigindo treinamento, aprendizado e disciplina. Portanto, “fardar-se como palhaço é um ato que produz reflexos na vida diária do sujeito que se lança a esta prática. [...] não implica apenas comprometer-se com as obrigações, mas também aprender um corpo de conhecimentos” (BITTER, 2008, p. 172). Sem dúvida, todos estes aspectos colaboram para a personalização do palhaço, pois

Assumir a função de *palhaço* é, nesse sentido, comprometer-se a cumprir regras, preceitos e normas. *Foliões* também encaram sua função como uma obrigação, mas no caso do *palhaço* esta dimensão ganha tom bem mais dramático. Creio que isso se dê porque os *palhaços* lidam com forças perigosas. Assim, estas obrigações assumem uma dimensão existencial, permeando em grande medida a totalidade dos papéis sociais através dos quais se desenha determinada concepção de pessoa. É possível que o exercício da função de *palhaço*, com todos os seus comprometimentos, venha mesmo influir de forma predominante na constituição de seu *self*, de sua maneira de ser e de se perceber no mundo (BITTER, 2008, p. 168).

O personagem palhaço possui algumas significações diferentes, no contexto das diversas manifestações da Folia de Reis no Brasil. De acordo com Kodama (2009) em diversas delas, os palhaços, em frente do presépio, costumam recitar versos (não cantam) sobre as profecias que anunciavam o nascimento do Menino Jesus. É um momento de muita emoção e respeito dos devotos para com o Folião/Palhaço, que sabe todos os versos de memória. Em algumas ocasiões, também improvisa versos para a família que os acolheu ou lembra os antepassados do grupo de foliões. Outra acepção é a participação de crianças na Folia na função de palhaço. Lourenço (2014, p. 88) observando a Folia de São José do Barreiro afirma que elas “frequentemente iniciam-se nessa função ainda criança e deve-se ficar nela por pelo menos sete anos”, após esse período estão liberadas para exercerem outras funções dentro do grupo de foliões.

Vale ressaltar que as práticas descritas por Kodama (2009) e Lourenço (2014) não

---

<sup>91</sup> Conforme a imagem 3.14.

fazem parte da tradição da Folia de Reis de Porangatu. Segundo os foliões, nunca houve a participação de mulheres e nem de crianças na função de palhaço no grupo<sup>92</sup>. Aliás, as crianças não possuem nenhum tipo de atuação nas atividades da Folia, elas são incentivadas exclusivamente para assistirem os rituais.

De acordo com o costume do grupo de foliões dos “Três Reis Santos”, esse personagem é um folião adulto que usa uma máscara, farda de chita bastante colorida e florida, meias (geralmente grossas e longas), alguns usam coroas coloridas na cabeça, carregam na mão uma espada ou um bastão fino, ambos confeccionados de madeira. Todos usam um alforje simples de tecido para guardar as doações em dinheiro<sup>93</sup> dos participantes do cortejo. Também costumam carregar doces e balas para alegrarem a criançada durante a jornada. Geralmente participam do giro em número de três, nunca devem retirar as suas máscaras na presença dos participantes, disfarçam a voz para ninguém reconhecê-los<sup>94</sup>.



Imagem 3.14: Performance dos palhaços durante os giros da Folia de Reis de Porangatu (Jan. 2018).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

<sup>92</sup> Durante a pesquisa de campo testemunhamos a filha adulta do embaixador questionando o pai sobre o assunto, demonstrando interesse em exercer a atividade de “palhaço”. O argumento adotado pelo embaixador e pela maioria dos foliões, é que as diversas brincadeiras e acrobacias desenvolvidas pelo personagem não são apropriadas para as mulheres.

<sup>93</sup> A conexão dinheiro-palhaço relaciona-se a antigos mitos narrados sobre a traição de Judas a Jesus Cristo pelo montante de 30 moedas de ouro. Esta narrativa é relevante, pois fundamenta a forma com que os palhaços lidam com o dinheiro na Folia. De acordo com o relato dos foliões, não é regra que os *palhaços* ofereçam o dinheiro arrecadado à *bandeira*, mas a maioria assim o faz.

<sup>94</sup> As crianças mais espertas os reconhecem sem a máscara no meio da multidão pelos sapatos ou meias que vestem (durante o revezamento entre os figurantes), e fazem questão de gritarem: “você é um palhaço”, arrancando risos de todos os presentes.

O palhaço João Ferreira da Silva mora na Irlanda e faz questão de vir todos os anos participar da peregrinação. Ele é um guardião da bandeira, uma das funções de maior relevância indicada pelo organizador da Folia. Nos cortejos a bandeira sempre vem à frente de todos os foliões, cabe ao palhaço guardião (espécie de vigilante) abrir espaço para que o Alferes que a conduz fique sempre em posição de destaque. Ele jamais se ausenta de seu posto, fica sempre ao lado da bandeira, nunca se coloca a sua frente. Os outros dois palhaços, conforme manda a tradição local, ficam na retaguarda durante toda a jornada.

[...] os dois primeiros anos que eu usei a farda do guardião da bandeira, eu estava pagando uma promessa de mais uma graça recebida, por ser devoto dos Três Reis Santos. E logo em seguida dos dois anos, eu decidi que todo o dinheiro que eu ganhasse durante os seis dias da caminhada, eu iria tá distribuindo cestas básicas para pessoas mais carentes da comunidade de Porangatu. Tem dado muito certo, fiz o primeiro ano que eu comprei as cestas, eu consegui distribuir pra dezesseis famílias. Essas doações é para o guardião da bandeira, que é conhecido como palhaço da Folia, ele pode pedir pra pessoas que estão passando pela cidade, os que estão nas casas. [...] todo esse dinheiro é do palhaço, o palhaço gasta, faz o que quer. Então eu faço a doação pros Três Reis, e o restante eu compro alimentos e algo mais pra pôr nas cestas para distribuir pras famílias. Já tenho quatro anos que eu visto a farda, mas eu já tenho mais de sete anos que eu venho acompanhando (a Folia). [...] essa é uma atitude de caridade que me deixa muito feliz quando eu ajudo as pessoas. [...] cada vez que eu caminho a fé aumenta, e como eu sempre falo, eu nunca venho pra pedir, eu venho sempre pra agradecer o que os Três Reis já tem feito por mim. Eu não tenho previsão pra parar, eu sei que enquanto vida tiver e fé eu vou caminhar. Se Deus quiser e os Três Reis me abençoando, eu estarei todos os anos fazendo esse trabalho<sup>95</sup> (SILVA J. F., 2018).



Imagem: 3.15: Os palhaços<sup>96</sup> do grupo “Os Três Reis Santos” ao lado do presépio Festa de encerramento da Folia de Reis (06/01/2018) – Santa Tereza de Goiás.  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

<sup>95</sup> João Ferreira da Silva, casado, atualmente residente na Irlanda. Entrevista realizada dia 08 de out. de 2018.

<sup>96</sup> Registro inédito do único momento que esses jovens personagens aparecem sem as máscaras vestidos de palhaços, durante toda a trajetória da Folia. No centro o Sr. João Ferreira da Silva (o mais idoso do grupo), principal guardião da bandeira.

O depoimento de João Ferreira da Silva é confirmado pelo seu sogro Fabiano Batista do Nascimento, integrante do grupo de foliões, há dezesseis anos, exercendo as funções de cantor e instrumentista.

Os palhaços eles acompanham (a jornada) o que eles ganham é deles. Não faz parte das doações para os santos entendeu? Agora, se eles quiser doar pra bandeira, pros três Reis é diferente. Sempre eles doa, inclusive tem um genro meu que vem lá da Irlanda, ele às vezes arrecada setecentos, oitocentos reais; ele fais as sextas básicas e eu ajudo ele dividir pela comunidade. Aqui em Porangatu, ele doa todo o dinheiro que ele tem. Todo ano ele vem trabalhá de palhaço. Às vezes ele tira do bolso pra poder ajudar<sup>97</sup> (NASCIMENTO F. B. do., 2018).

O exemplo do folião João Ferreira, está sendo seguido pelos companheiros de “farda” (palhaços), nos dois últimos anos de jornada da Folia. Os valores arrecadados através dos pedidos de esmolas dos palhaços têm sido utilizados nas doações de cestas básicas às famílias carentes da comunidade. Essa atitude de caridade é uma demonstração da materialização da fé destes foliões para com os desvalidos. É uma imitação dos atos de caridade dos Santos Reis, quando estes atendem o clamor e as súplicas de seus devotos por meio das promessas. É também o estabelecimento de um pacto, um compromisso de fidelidade, uma comprovação de lealdade para com os Santos.

### 3.5 A fé e a esperança na concretização da promessa

É importante enfatizar que de forma geral, a origem de uma Folia em uma comunidade se dá por uma promessa. Um indivíduo assume um compromisso de “pagar” a graça recebida ao Santo, e em geral ele é acompanhado pela família e amigos. Em muitas regiões brasileiras, a tradição determina pelo menos sete anos de jornada pelo promesseiro. Contudo, os indivíduos do grupo também realizam novas promessas, e como o compromisso é coletivo, a folia continua motivada a continuar ativa.

O devoto, ao realizar uma promessa, assume o compromisso de cumpri-la com ações piedosas, como por exemplo, acompanhar de joelhos os momentos do terço realizados durante os giros da folia, ceder sua residência para o pouso (geralmente com café da manhã, almoço ou jantar, oferecido aos foliões e aos devotos presentes), bem como recolher donativos para a festa de Santos Reis (último dia), ou para doar às famílias carentes da comunidade. Dessa maneira, o devoto assume também um compromisso comunitário, numa relação mútua e mística: a promessa e o compromisso de cumpri-la aproximam indivíduo e comunidade do (s) santo (s)

---

<sup>97</sup> Fabiano Batista do Nascimento, casado, aposentado, exerce a função de instrumentista no grupo de foliões. Entrevista realizada dia 05 de out. de 2018.

de sua devoção ou de Deus.

Um bom exemplo desse compromisso com os santos e a comunidade é o da senhora Joana Darc, esposa do capitão da Folia, o senhor Mário Damasceno. Ela o acompanha nos giros desde 1982, colaborando em diversas atividades durante a jornada. A Folia é uma referência cultural na vida do casal, pois se conheceram ainda jovens durante as peregrinações do grupo de foliões na região rural do município de Porangatu. Após 37 anos, o casal permanece até o momento colaborando ativamente pela continuidade da tradição.

Desde eu criança, eu já conhecia a Folia [...] meus pais me levava prá lá, e a gente participava né!? Participava dos terços, das orações... Minha mãe toda vida foi muito católica [...] E graças a Deus eu tô até hoje. Trinta e sete anos que eu vivo participando; eu conheci meu esposo na Folia. Eu tive um filho que foi drogado e eu peguei com Santos Reis... Esse filho eu andava atrás dele muitos anos, passei muitas barreiras pesadas. Um dia eu pedi a Santos Reis, e que Nossa Senhora me acompanhasse e me ajudasse a tirar ele dessa droga. Hoje ele é caminhoneiro, uma pessoa maravilhosa, nunca mais usou a droga. Eu paguei a promessa que foi um almoço aqui em casa. Tem três anos que eu paguei essa promessa. Era um almoço que eu tinha que dar [...] E eu só falei no dia que o almoço tava pronto. Eu reuni os folião, reuni as pessoas que tavam aqui e falei o que era. O meu filho **M** me ajudou a falar para as pessoas da promessa que eu tinha feito <sup>98</sup> (grifo nosso) (PIRES ROSA, 2018).

Para os foliões a promessa significa um importante elemento de manutenção da espiritualidade e das práticas da Folia de Reis, sendo um incentivo religioso mencionado reiteradamente como essencial para a conservação da religiosidade entre os grupos. Contudo, os foliões admitem que com o decorrer do tempo as promessas realizadas pelos devotos têm diminuído e, por conseguinte tem deixado as práticas das Foliias distantes de seus princípios religiosos. Isto significa que sem a realização da promessa, os promotores das Foliias, necessitam criar novos elementos que possam justificar a manutenção de suas práticas, tais como a preservação da cultura folclórica, as músicas, os símbolos e a festa comunitária.

Um aspecto relevante que deve ser notado como elementos básicos nas práticas rituais das Foliias em todo o contexto brasileiro, em especial no estado de Goiás, é a seriedade no cumprimento de promessas e compromissos, a reverência aos santos devocionais e outros ícones religiosos, constituindo redes de relações sociais para a manutenção de práticas rituais legadas por diversas gerações (BITTER, 2008; BRANDÃO, 1986).

[...] o giro da Folia eu já venho fazendo já tem uns quatro anos, mas esse ano, eu fiz uma promessa [...] eu dei um problema sério no fígado, e... eu estava dormindo e os Três Reis veio e me visitou, e falou que ia me curar, mas tinha que acompanhar a Folia; eu tinha que acompanhar os três dias e rezar os terços ajoelhada, todos os terços em todas as residências que tivesse eu tinha que ajoelhar, e rezar. [...] fui feliz graças a Deus né!? Meu pai é folião já tem muitos anos [...] a gente já é da tradição da Folia de Reis. E isso pra nós é muito importante, por que os Três Reis nunca deixou faltar nada pra gente (NASCIMENTO, 2018).

<sup>98</sup> Joana Darc de Deus Pires Rosa, casada, do lar, exerce a função de chefe de cozinha durante os festejos da Folia. Entrevista realizada dia 06 de out. 2018.

Conforme o depoimento de Alessandra Batista do Nascimento, filha de seu Fabiano (folião), é possível perceber que a fé do devoto é o elo entre este com o sagrado. A fé é alimentada pelos rituais e pelo sacrifício pessoal (a devota acompanhou a Folia e rezou o terço de joelhos de acordo com a promessa realizada aos Santos Reis). Portanto, a fé para os devotos e foliões, está expressamente ligada à crença de que suas orações e penitências serão ouvidas e atendidas pelos santos de sua devoção, e que estes por sua vez intercederão diante de Deus implorando a misericórdia dos piedosos.

[...] a promessa e sua realização são elementos decorrentes e iluminadores deste ritual, podendo-se até dizer que este conjunto é um dos principais fatores que levam as pessoas a se tornarem devotos dos três Reis Magos materializados por sua bandeira. A fonte de energia que alimenta a Folia de Reis é a fé, tomada no sentido de “religare”<sup>99</sup>. A fé provoca as pessoas que crêem que se valem dela para pedir o que almejam oferecendo algo em troca, que se doam ao próximo em nome dos Santos Reis, criando uma espécie de catarse, uma externalização, um pôr para fora o que no homem já é inato e real (CHAVES, 2011, p. 48).

Os grupos de foliões que organizam as jornadas da Folia de Reis em diversas regiões do país, e no caso específico o grupo analisado pelo presente estudo, são formados pela maioria absoluta de pessoas simples (tanto na zona urbana quanto na rural), desprovidas de poder aquisitivo elevado, boa parte desassistida pelo poder público, principalmente no âmbito da saúde e da moradia. A vida dura da maioria dos sertanejos os coloca à mercê de fatores naturais como as fortes chuvas ou a seca extrema, além de doenças e privações diversas. Nesse cenário, resta a essa gente a fé e a esperança nas divindades protetoras, como fonte de energia para resistir às provações cotidianas. Dessa maneira, se estabelece uma relação de confiança com os Santos de devoção, em que a crença e a fé constituem os elementos de ligação entre a súplica e a consumação da graça. A fé e a devoção são consolidadas pela participação nas longas peregrinações, que ocorrem nos períodos de chuva ou de sol, nas rezas de terços (muitas vezes de joelhos, como no caso citado de Alessandra), no desconforto dos pousos (a maioria das casas não comporta todos os foliões para a dormida), nas dificuldades de serem liberados pelos patrões, dentre outras adversidades. Os devotos também buscam na prestação de serviços voluntários, durante as atividades da Folia, pagar suas promessas e se manterem próximos daqueles que consideram seus protetores. Tudo isso são provas concretas de fé e agradecimento pelas bênçãos recebidas, bem como uma forma de renovar os laços com as divindades.

---

<sup>99</sup> Do latim “*religare*” significa ligar novamente no sentido de retornar às origens, ou seja, ao criador. Prestar um culto a Deus, ou a um poder superior de certo modo, doutrina, princípios.

Eu acredito que um pouco é a vocação... Fé né? A gente espera ter uma recompensa dos Três Reis; eu gosto muito de Folia. Eu acredito muito nos Santos Reis, tudo que eu já pedi pra eles eu tive a recompensa. Ajudo na Folia há uns vinte e sete ano, desde quando eu comecei a namorar o meu esposo, eu ajudo como cozinheira. Só de casada eu já tenho vinte e dois ano [...] e tô ai ajudando Santo Reis, trabalhando na Folia. [...] Enquanto vida eu tiver, se me fizerem convite, eu to ai de pé ajudando<sup>100</sup> (MARLI, 2018).

De acordo com o relato de dona Ana Marli (2018), ela afirma que possui um compromisso com os Santos Reis, pois foi agraciada por eles. Sua perseverança durante longos anos no trabalho de cozinheira, nos festejos da Folia, demonstra sua fé e comprometimento com os Santos e os membros da comunidade religiosa, que assim como ela também comungam da mesma fé. Neste sentido, de acordo com Sarmento (2016) a promessa fortalece os elos comunitários e aproxima os devotos das práticas religiosas, difundindo comportamentos aos filhos, parentes e amigos, a partir do compromisso estabelecido entre o santo e os membros da comunidade.

### 3.6 O giro (a visita) e as regras da Folia



Imagem 3.16: Foliões em procissão com a bandeira de Santos Reis (Jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

#### **Bendito solicitando entrada da Folia em uma residência**

Transcrita por: Angelo Marcos de Souza

Estes Reis vem de viagem aiai  
Do Oriente para Belém aiai  
Estes Reis vem de viagem aiai  
Do Oriente para Belém aiai

Procurando o Deus Menino aiai

<sup>100</sup> Ana Marli, casada, do lar, moradora da cidade de Santa Tereza de Goiás.

Que nasceu pra nosso bem aiai  
 Procurando o Deus Menino aiai  
 Que nasceu pra nosso bem aiai

Boa tarde dona/o da casa  
 Como vai como tem passado? Aiai  
 Boa tarde dona/o da casa  
 Como vai como tem passado? aiai

Estes Reis foi quem adorou aiai  
 O Verbo encarnado aiai  
 Estes Reis foi quem adorou aiai  
 O Verbo encarnado aiai

O Giro é a rota para realizar as visitas nas residências dos devotos da comunidade. Na tradição da Folia de Reis, o giro representa o trajeto que os Magos fizeram para encontrar o Menino Deus, portanto, é uma peregrinação em busca do divino (sagrado). A jornada encerra-se com a festa na entrega da bandeira no último dia, preparada com antecedência pelo festeiro do ano, e que faz parte do cronograma previamente agendado por ele e o organizador da Folia. O local da entrega da Folia representa à gruta de Belém, dessa forma, o festejo de encerramento é a lembrança deste encontro. As caminhadas realizadas durante o giro traduzem muito mais que uma singela visita a um devoto da comunidade, são momentos de partilhar a experiência sagrada e espiritual entre todos integrantes do evento religioso. Vale ressaltar que a peregrinação é um ritual presente no imaginário desde os primórdios da humanidade. Os homens sempre buscaram encontrar o sagrado em diferentes culturas e religiões por meio de longas jornadas. Portanto, ser peregrino, em qualquer circunstância religiosa, não altera o propósito: o que define essa prática é sempre a fé. Com os avanços da modernização muitos rituais sofreram alterações, mas a essência permanece a mesma.

Durante os dias de peregrinação, os foliões saem cedo de casa para sua jornada diária, só retornando após as 22 horas. Quando a escala é na região rural do município, ou em outra cidade próxima, o costume da maioria dos membros do grupo é permanecer na última residência no final do dia e repousarem no local. O retorno para suas casas na cidade tornaria inviável a programação, pois, os foliões recomeçam suas atividades a partir das 7 horas. As atividades dos foliões durante o dia (visitas em residências, almoço e jantar, recebimento de esmolas, orações, cantorias e translado), costumam ultrapassar 14 horas diárias ininterruptas<sup>101</sup>. Durante esse período todos os membros escalados para alguma tarefa no cortejo, não se ausentam de seus trabalhos apesar de que o grupo costuma planejar um revezamento para evitar o desgaste dos

---

<sup>101</sup> Essas atividades requerem um esforço extraordinário dos integrantes do grupo. Durante a pesquisa, percebemos que a maioria dos foliões cantores e instrumentistas estão entre a faixa etária de 55 a 70 anos, alguns ultrapassam essa média de idade.

foliões instrumentistas e cantores. Até mesmo os palhaços, que geralmente se apresentam em número de três, costumam revezar nos trabalhos. Em 2018 eram cinco palhaços, que revezaram durante a jornada da Folia, todos jovens. Essa modalidade exige conhecimento da tradição, destreza, muita animação e esforço físico por parte do folião, pois, é considerada uma das funções mais importantes da representação da peregrinação dos Reis Magos de acordo com os relatos dos entrevistados.

Ao alvorecer, os foliões do grupo “Os Três Reis Santos” se agrupam num lugar específico no dia 01 de janeiro, geralmente na casa de um devoto para dar início às atividades do giro. O local é preparado com antecedência, normalmente barracas e tendas são armadas nos espaços externos da casa. Um altar ou um presépio<sup>102</sup> é montado para receber a bandeira e fazer as orações devocionais, durante as rezas é costume abençoar os instrumentos. A bandeira deve ser conduzida com cerimônia da residência do último festeiro, para o local onde se encontram os foliões, para dar início à jornada<sup>103</sup>. Feita a entronização da bandeira na casa, todos proferem orações suplicando proteção e bênçãos para a realização da jornada que se inicia. Nessas rezas, são evidenciados os desejos dos foliões, bem como são mencionados supostas graças recebidas dos Santos Reis durante o decorrer do ano. Após toda a manhã de cantoria e rezas, os foliões almoçam com a família que os acolheram.



Imagem 3.17: Momento de louvor, pedidos de bênçãos para o início do giro da Folia e confraternização (Jan. 2019). Arquivo: Angelo Marcos de Souza

Após o almoço, todos os foliões se reúnem ao redor da mesa para agradecerem o alimento oferecido pela família anfitriã. Dona Domingas, representando sua família, posiciona-

<sup>102</sup> Este último é mais comum no término da Folia.

<sup>103</sup> É costume da comunidade de foliões que a bandeira permaneça na residência do festeiro do ano, para entregá-la aos foliões no início da nova jornada no próximo ano.

se próxima à bandeira, de cabeça baixa em reverência aos Santos Reis, participa em oração do momento do bendito de agradecimento<sup>104</sup> entoado pelos foliões. Durante aproximadamente vinte e três minutos o grupo canta, enquanto os devotos se aproximam e assistem a interpretação dos foliões. O ambiente novamente se transforma, onde havia conversas, risos e brincadeiras, é subitamente tomado pela sacralidade da cantoria. A mensagem do canto emociona todos os devotos acostumados com os ritos da Folia, inclusive os convidados. Após o canto, o embaixador em alta voz proclama: “viva os Santos Reis”, “viva Nossa Senhora”, “viva São José”, “viva o Menino Jesus”. Comovidos os presentes bradam: “viva”. No meio da multidão, algumas mulheres e homens também proferem nomes de alguns outros santos de sua devoção. O momento encerra-se com abraços e cumprimentos entre os participantes



Imagem 3.18: Cantoria de agradecimento aos Santos Reis pela refeição (jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

### **Bendito em agradecimento pelo almoço/jantar**

Transcrita por: Angelo Marcos de Souza

La do céu desceu um anjo  
Acenou ai parou aiai  
Acenou ai parou aiai

Quem visita esta mesa  
Jesus Cristo é quem mandou aiai  
Jesus Cristo é quem mandou aiai

La do céu desceu dois “anjo”  
Desceu com muita alegria aiai  
Desceu com muita alegria aiai

<sup>104</sup> O bendito de agradecimento faz parte do ritual da Folia, e é obrigatória sua realização durante a jornada. É um longo canto entoado pelos foliões, logo após todas as refeições oferecidas nos pontos de parada. Nesse momento o/a Alferes se posiciona num lugar de destaque com a bandeira, para que todos a reverenciem durante a cantoria.

Quem visita esta mesa  
Esta bela harmonia aiai  
Esta bela harmonia aiai

Jesus Cristo perguntou-a  
Quem tratou dos “folião”? aiai  
Quem tratou dos “folião”? aiai

Respondeu Nossa Senhora  
Foi um filho da benção aiai  
Foi um filho da benção aiai

Deus vos pague a bela janta  
Que vós deu pra companhia aiai  
Que vós deu pra companhia aiai  
Os Três Reis do Oriente  
Que serás a sua guia aiai  
Que serás a sua guia aiai

Bendito louvado seja  
As três pessoas de Deus aiai  
As três pessoas de Deus aiai

Pai, Filho e Espírito Santo  
Seja pelo amor de Deus aiai  
Seja pelo amor de Deus aiai

Ofereço esse bendito  
Pra o Senhor daquela cruz aiai  
Pra o Senhor daquela cruz aiai

Pai, Filho e Espírito Santo  
Para sempre amém Jesus aiai  
Para sempre amém Jesus aiai

Lá do céu desceu três “anjo”  
Com seu livrinho nas “mão” aiai  
Com seu livrinho nas “mão” aiai

Quem quiser subir pra Cristo ai  
Esta bela união aiai  
Esta bela união aiai

O primeiro encontro (dia 01 de janeiro) marca o início das atividades religiosas, mas também serve de interação e socialização dos foliões. Parentes e amigos se encontram, e as novidades são coletivizadas, as expectativas para o novo ano são debatidas (temas diversos são abordados: política, religião, futebol, trabalho, etc.). É o reencontro dos foliões com as pessoas da sua comunidade. Encerrada a missão inicial da manhã, os foliões se preparam para continuarem as atividades do giro em outras residências. Durante todos os dias do giro, os almoços e os jantares irão se repetir sempre precedidos de rezas e cantorias, entre as atividades ocorrem alguns intervalos para o descanso e para o entrosamento dos foliões.

A retirada da Folia e da bandeira de dentro das residências durante o giro é realizada

de forma lenta e cuidadosa, de maneira que os foliões não devem virar-se de costas em nenhum momento para o símbolo sagrado do grupo: a bandeira<sup>105</sup>. Na medida em que o grupo sai da residência ainda executando as melodias, os integrantes da família anfitriã, vizinhos e devotos visitantes, observam encantados a performance dos foliões<sup>106</sup>. O silvo do apito do embaixador é a indicação de que a sequência da cantoria deve ser encerrada, de maneira que instrumentistas e cantores finalizem a melodia ao mesmo tempo. Durante um período aproximado de vinte minutos, tanto foliões quanto devotos de Santos Reis permanecem como que envoltos numa áurea de sacralidade. A melodia, por seu atributo emotivo e sensível, desempenha função primordial na geração deste ambiente agradável e perceptivo. Uma esfera produtora de sentimentos e emoções que induz foliões e devotos a conceberem as representações simbólicas deste lugar “como dotadas de uma força de ação por si mesma” (BITTER, 2008, p. 57).

Os integrantes do grupo estão sempre atentos às falhas que ocorrem durante a peregrinação. Buscam sanar as irregularidades, logo após o encerramento dos trabalhos diários. Quando um folião falta à Folia, logo providenciam sua substituição. Costumeiramente eles procuram também repreender algo errado cometido por um folião, por exemplo, uma palavra desagradável a alguém da família que os acolheu, os namoros entre casais durante as atividades, ou uso de bebidas alcoólicas. Preocupam-se também com a substituição de um instrumento danificado, ou com os atrasos no traslado do grupo. Tudo isso é ponto de atenção e debate no grupo, para a tomada de providências. Geralmente as ações são direcionadas pelo gerente/organizador com o aval dos foliões veteranos.

Essa Folia aqui não tem bebida alcoólica, é proibido. Porque é o seguinte, você tem sua casa, e a bandeira chega, você e sua esposa têm uma criança, o folião ta bêbedo, aí você fala: que Folia é essa? O folião ta bêbedo. O folião não toma banho, num barbeia. Todo dia nois toma dois banho por dia, nós toma banho de manhã, toma banho a noite e troca de roupa, todo dia. Nós temo o uniforme, só a camisa mais nós tem. Tem a toalha, doada pelas pessoas. Essa toalha que cê ta vendo aqui, tudo é doado.[...] Um folião vem pra cantar com aquele mau cheiro, aquela coisa, parece que não toma banho, num tem um calçado oficiente pra ele, eu acho que não pode ser folião. Um folião com falta de respeito, agarrando uma menina, eu acho que não ta certo. Tá fora da Folia<sup>107</sup> (MATOS, 2018).

O relato do folião cita algumas regras básicas que os integrantes do grupo precisam cumprir durante a jornada. Assumir a função de folião dentro de uma Folia de Reis é, nesse

<sup>105</sup> Uma regra básica de toda Folia, é que a bandeira é sempre a primeira a entrar e a última a sair de uma residência. Dessa maneira é ela que estabelece a passagem do ambiente “profano” para o ambiente “sagrado” ou inversamente.

<sup>106</sup> A expressão formal da cantoria e sua organizada execução são pontos de grande atenção. O cuidado com a afinação dos instrumentos, do ritmo, do sincronismo da melodia com os instrumentos, é uma preocupação constante do grupo (apesar de não contarem com músicos profissionais).

<sup>107</sup> Albino de Matos, 75 anos, casado, exerce a função de Alferes no grupo.

sentido, comprometer-se a cumprir regras, preceitos e normas.<sup>108</sup> Comportamentos inapropriados, como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, o abandono da função de forma irresponsável, o descuido com a bandeira, ou com os instrumentos musicais e outros pertences etc. Cabe destacar que membros do grupo pesquisado não dançam durante a cantoria, por considerarem o momento sagrado, e não realizam qualquer tipo de coreografia cênica. Com exceção dos palhaços, que durante sua atuação estão liberados para suas “palhaçadas”. No momento que inicia a cantoria ou as rezas, estes também, cessam suas brincadeiras e participam ativamente do momento religioso.

Por outro lado, é preciso salientar que respeitar os preceitos à risca, instituídos pelos mais velhos é sinal que os novos integrantes irão receber proteção e bênçãos dos Santos Reis e dos espíritos dos antepassados (alguns acreditam). Conforme Bitter (2008), todos esses mecanismos de demarcação de limites, de transgressões, estão diretamente relacionados a uma moralidade das ações. A obrigação de agrupar e separar adequadamente as coisas parece refletir também uma percepção do cosmos, na qual tanto as forças benéficas quanto as maléficas lhe são igualmente inerentes e perigosas. Neste mundo totalizado, cabem tanto as bênçãos como sua ausência, e para foliões e devotos todo esforço é dirigido para afastar a ameaça iminente de forças negativas.

### 3.7 O altar e a reza do santo terço



Imagem 3.19: Altar organizado para a reza do terço - filha e dona da casa acolhem a Folia<sup>109</sup> (jan. 2018). Arquivo: Angelo Marcos de Souza

<sup>108</sup> De acordo com o relato de um casal de foliões, alguns casais do grupo em respeito à jornada dormem separados e abstém-se de sexo durante todo o período. Tal ato não é norma do grupo, porém, alguns membros guardam esse preceito dos seus antepassados.

<sup>109</sup> A bandeira na mão da devota em frente do altar é o gesto máximo de respeito e devoção aos Santos Reis. A bandeira, o altar, o presépio e as imagens de santos, são objetos sagrados usados em todos os rituais realizados nos giros da Folia. Não é possível a realização da jornada sem o uso desses objetos.

Os devotos de Santos Reis em Porangatu preparam um pequeno altar na sala principal de suas residências (alguns os organizam na entrada dependendo do tamanho da casa que acolhe a Folia), para receberem os foliões e a bandeira. Normalmente, é posto sobre ele a bíblia, terços, velas, flores e as imagens dos santos de devoção da família. Alguns donativos (dinheiro) são colocados pelos devotos sobre o altar, durante os momentos de reza, principalmente quando a bandeira se encontra sobre o altar.

Os altares são catalisadores do sagrado, é onde as coisas materiais se tornam santificadas, onde se processa a transferência do material, do profano, para o sagrado. Esses saberes são detidos pelos membros mais experientes das Falias e transmitidos aos que estão chegando durante a vivência, no cotidiano dos giros. Normalmente, os observadores externos percebem que diferentes saberes atuam nas *performances* dos grupos e que, para obter ou saber decodificar esses conhecimentos, é necessário um aprendizado (KODAMA, 2009, p. 152).

Para os foliões de Santos Reis a reza, como oração, é elemento primordial que destaca o devoto que é realmente religioso daquele que se envolve com a Folia por outras motivações. Para os dirigentes do grupo, a oração é o alimento da fé, ela deve ser praticada diariamente, ao levantar todas as manhãs, e ao pôr do sol antes de dormir, deve ser realizada também, antes e depois das principais refeições diárias. É a comunicação íntima entre o devoto e o Transcendente.

Durante o decorrer do giro da Companhia de Reis, a reza do terço é um elemento indispensável da Folia, especialmente no ritual de saída e de chegada nas residências dos devotos, no último dia é obrigatória sua realização na festa de encerramento, de frente ao presépio montado para essa ocasião. Nos dias anteriores à festa da entrega da Folia, o terço é rezado em frente do altar organizado pelos moradores das casas, os foliões sempre aguardam a solicitação por parte destes para iniciar a reza. Nesse momento sagrado, todos se posicionam em círculo, com exceção dos palhaços que acompanham a reza do terço distante do altar, ou bem próximos do altar quando se encontram descaracterizados. Durante o pequeno espaço de tempo da reza, todo o ambiente se torna sacro, “as velas são acesas, todos tiram os chapéus, ninguém bebe, fala-se baixo e com sinais de respeito, algumas pessoas se colocam de joelhos, vários rezam individualmente” (BRANDÃO, 1979, p. 12).



Imagem 3.20: Foliões e comunidade de devotos rezam o terço de frente o altar/presépio  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

O terço é “puxado” por algum líder religioso militante da comunidade, por uma mulher integrante do grupo, ou pelos donos da casa. Durante a realização deste estudo (período de 2017 a 2019) notamos que os líderes do grupo “Os Três Reis Santos”, incumbiram essa relevante missão a alguns jovens foliões integrantes do grupo, filhos e netos de foliões.



Imagem 3.21: Jovens foliões do grupo Os Foliões dos Três Reis – equipe responsável pela coordenação da oração do terço nas residências durante os giros da Folia. Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A solicitação da reza do terço é justificada na maioria das vezes, em intenção às graças recebidas ou em memória de parentes falecidos das famílias da comunidade<sup>110</sup>. A maneira de

<sup>110</sup> Porém, a reza do terço não se limita apenas a essas datas, pois no caso de, durante alguma visita do grupo um devoto por promessa solicitar a reza de um terço, esta é prontamente realizada.

rezar o terço na Folia não difere dos terços rezados em novenas domésticas da Igreja Católica, sendo assim, um ritual muito próximo da liturgia católica oficial. Nessa lógica, a reza do terço da Folia se estrutura da seguinte forma: leitura dos mistérios, oração do Credo, do Pai Nosso e de cinco dezenas de Ave-Marias, encerrando com a oração da Salve Rainha. Durante as preces o/a “puxador/a” e todos os presentes, costumam oferecer as dezenas do terço a Nossa Senhora, aos Santos Reis, ou a outros santos de devoção da comunidade. As orações são em intenção de uma necessidade da família, do grupo ou da cidade. Em seguida cantam um canto conhecido em agradecimento. Após o término do terço, é costume dos donos da casa servirem um almoço, lanche ou jantar (dependendo do horário) para os foliões e os devotos presentes na festividade. A reza do terço, bem como a confraternização de banquetes é comum nas festividades de Reis e também nas festividades do Divino Espírito Santo, como nota Rezende (2015) ao estudar os festejos do Divino em Santa Cruz de Goiás “a maioria das visitas, terminada a cantoria inicial, segue a reza do terço, em algumas ocasiões o terço é cantado, depois continuam com as cantorias de agradecimentos à mesa farta, louvando e agradecendo em torno da mesa posta”.

A reza do terço durante a entronização da bandeira é uma prática que foi mantida ao longo dos anos da Companhia de Reis de Porangatu, é um momento fervoroso com a presença de centenas de devotos. De acordo com o relato dos foliões, a reza deve ser realizada todos os dias antes do almoço e do jantar, e no último dia da entrega da bandeira na festa de Santos Reis. Todo esse cuidado possui uma justificativa segundo os foliões: “se rezarmos depois dos banquetes e dos festejos, muitas pessoas da comunidade, já terão deixado o local”. Nesse sentido, é evidente que o grupo efetua suas obrigações sacras e somente após cumprir os preceitos, se inicia os festejos finais do evento<sup>111</sup>.

---

<sup>111</sup> É costume realizar uma grande festa de forró dançante após o jantar e o bendito de agradecimento, com cantores animando o ambiente. Geralmente a festividade é realizada no período noturno, encerrando pela madrugada. As festas de encerramento ocorridas nos anos de 2018 e janeiro de 2019 reuniram foliões e familiares de três cidades do estado de Goiás: Porangatu, Mutunópolis e Santa Tereza.

### 3.8 A bandeira, os festeiros e a festa de Santos Reis



Imagem 3.22: Festeiros aguardam a bandeira do giro para a festa da entrega da Folia (Jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A manifestação da Folia de Reis encontra-se inserida em um contexto simbólico, composto por diversos rituais. As representações estão cheias de significados que reconstituem o imaginário dos devotos, o cenário do nascimento do Menino Jesus e da visitação dos magos. Dos diversos elementos simbólicos, a bandeira é o símbolo de maior valor da Folia; ela é considerada o símbolo da sacralização, por onde passa abençoar e consagra, o que antes era profano torna-se sagrado. É ela que dá sentido aos rituais que ocorrem durante toda a jornada, pois carrega em si todo o sentido do “sagrado”. Sem a bandeira as Falias de Santos Reis provavelmente não existiriam.

*A bandeira é, de fato, alvo de numerosos contatos corporais por parte dos residentes, esperando-se com isso receber bênçãos e proteção espiritual. [...] algumas vezes, devotos costumam também esfregar as fitas coloridas da bandeira em seu corpo, especialmente no rosto ou no pescoço. Outros conversam longamente com a bandeira como se estivessem, de fato, diante dos santos. Ocasionalmente o mestre retira fitas da bandeira e as oferece aos donos da casa. Da mesma forma, os devotos costumam também oferecer fitas à bandeira, como forma de agradecimento pelas graças alcançadas (BITTER, 2008, p. 57).*

Após o primeiro ritual de cantoria na entrada da residência no decorrer do giro, a bandeira é entregue ao proprietário que deve conduzi-la a todos os cômodos para serem abençoados por Santos Reis, bem como a outros locais como os celeiros e currais das propriedades rurais<sup>112</sup>. Em seguida, a bandeira deve retornar para frente do cortejo, para que os foliões efetuem a cantoria em louvor aos santos pelo acolhimento do dono da casa e pelas

<sup>112</sup> É comum essa prática da entronização da bandeira nas casas, geralmente conduzida por um membro da família.

bênçãos derramadas em seu lar. Vale ressaltar que a bandeira deve “pousar” na residência do último morador que ofereceu o jantar. Quando esta se localiza na zona rural, é costume dos foliões descansarem no mesmo local e pela manhã recomeçam as suas atividades.

Só na Folia de Reis eu tenho vinte e seis anos dentro da região, fora a do Divino Espírito Santo, completando agora. Eu sinto aquela vontade e tenho aquele amor com Deus, com os Três Rei Santo. Eu fui festero dos Reis Santo duas vezes; dei pouso duas vezes. Eu sinto aquele amor com Deus, com Brechó, Baltazar e Gaspar, São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus. Já recebi muita graça [...] O primeiro embaixador dessa Folia aqui eu conheci, ele passou a bandeira pra mim, chamava... Não sei se ainda é vivo... Nenzim. Mora em Goiana. A bandeira é a guia do folião. Tem a imagem dos Três Reis, e tem a imagem de São José e o Menino Jesus. Ela é sagrada, e é bem vinda, abençoada. O festero fica com uma enquanto a outra vai girar; no último dia encontra na frente do presépio<sup>113</sup> (MATOS, 2018).

Os foliões de Santos Reis, em todas as regiões brasileiras, consideram a bandeira a guia de seus grupos. A bandeira é a “estrela guia”, uma representação simbólica da estrela que guiou os magos à gruta de Belém, mas também é uma representação material dos Santos Reis. Nela encontra-se estampada a imagem dos Reis do Oriente conforme o relato do senhor Albino Matos. Esses motivos justificam a condução da bandeira sempre na frente do grupo, sem ela não é possível realizar a jornada<sup>114</sup>.

Conforme o ritual da Folia de Reis, nenhum integrante do grupo jamais pode ir à frente da bandeira durante a peregrinação. A composição durante a caminhada de encontro do grupo, com o dono da residência que oferecerá o pouso, é tradicionalmente a mesma: à frente a bandeira deve ser levada por um folião (o Alferes), sempre protegida por um palhaço (o guardião da bandeira), logo em seguida pelos instrumentistas e cantores, logo atrás os devotos (familiares e pessoas da comunidade local). A bandeira é um elemento da cultura material, um símbolo sagrado materializado pertencente ao grupo de foliões. Conduzi-la é um ato honroso e responsável, que deve ser realizado com muito esmero; tanto que o Alferes não se descuida, para que a bandeira não se molhe em dias de chuva, sempre carrega um guarda-chuva para sua proteção. Toda a ritualização que a envolve, busca uma purificação e uma melhor qualidade de vida dos devotos, criando dessa maneira uma ligação direta com o sagrado.

Assim são as bandeiras que, pela mão de alguém, vão de casa em casa a recolher donativos para as festas do *Divino*, *Reis São João* e outros santos. Há também bandeiras em molduras. É o que acontece em São Paulo: *Santa Cruz*, *São João e o Divino*. Estas são içadas em mastros [...] O povo é que não distingue *bandeira* de *estandarte*, provindos de *bandaria*, *banda*, *bando*, grupo sob o mesmo símbolo, e estendere do ostentar, expor, o brasão do reino ou do senhor feudal (CASCUDO, 2001, p. 46).

<sup>113</sup> Albino de Matos, Alferes do grupo de foliões “Os Três Reis Santos”.

<sup>114</sup> Nas festas de Santos Reis, mesmo ocorrendo outras manifestações do sagrado, é a ela que é dirigida a atenção e também os pedidos de orações. A bandeira é sempre tocada, reverenciada, beijada, é nela que são depositadas as declarações de agradecimentos e súplicas. Habitualmente o Alferes autoriza que certos objetos sejam fixados nela.

A bandeira, na verdade, trata-se de um estandarte<sup>115</sup> fabricado de tecido brilhoso, pintado geralmente com imagens da Sagrada Família, também podem trazer estampada a imagem dos Reis Magos. É comum ser adornada com fitas de cetim, flores de plástico e outros materiais coloridos e brilhosos. Fotos, bilhetes com versos escritos e dinheiro (papel), podem ser pendurados pelos devotos. Esses objetos geralmente são oferendas, ou pedidos de graças (ajuda financeira, milagres e curas) aos Santos Reis e a Sagrada Família<sup>116</sup>.

[...] se cair uma rosa daquela no chão, não pode pôr a mão, se cair uma fita daquela também não pode pôr a mão [...] se você tiver doente, já aconteceu dentro da nossa folia; uma pessoa adoeceu tira um pedacinho daquela fita ferve e dá pra beber; se ela tiver fé, ele sara. É sagrada (a bandeira). O que tá naquela bandeira é sagrado [...] tem que ser lá no pouso; quer pôr foto põe no pouso, não pode ser no meio da estrada (ROSA, 2018).

Vale destacar que quando algumas companhias não concordam com os tipos de objetos fixados ou colados na estampa da bandeira, o Gerente, o Festeiro, o Alferes ou Embaixador podem retirá-los e depositá-los em outros lugares considerados sagrados, como as igrejas, cruzeiros, cruzes encontradas durante a peregrinação, ou podem jogá-los em água corrente (lagos, córregos, rios). Quando a bandeira se encontra muito saturada com bilhetes de agradecimentos e pedidos, fotos ou fitas, estes são lançados em água corrente em cerimônia restrita, normalmente com a presença dos foliões mais antigos ou com os membros de maior hierarquia do grupo. Este tipo de cerimônia ocorre antes ou após a peregrinação anual, ou de acordo com a necessidade. O Gerente ou os Festeiros geralmente são os responsáveis de prepararem essas cerimônias com antecedência, assim como a ornamentação da bandeira.

De acordo com Garbosi (2002), as inúmeras fitas coloridas que ornamentam a bandeira, bem como outros objetos da Folia (arcos, presépios, altares) possuem enorme simbologia pelo emprego de cores, principalmente na representação da Família Sagrada no presépio: o branco (símbolo da paz) representa o Menino Jesus; a cor azul (o manto) é atribuída a Virgem Maria (glorificada no Céu); a cor rosa (o símbolo do amor, da paciência) é atribuída a São José (operário). E também aos presentes ofertados: o amarelo é o ouro, o vermelho (fogo), atribuído ao incenso e a cor verde (esperança) atribuída à mirra.

<sup>115</sup> Cascudo diferencia bandeira e estandarte, confundidos como sinônimos (segundo sua opinião): “a bandeira é fixada no pau pela extremidade superior e o estandarte pelo centro, na maioria das vezes, por meio de um cordel” (CASCUDO, 2001, p. 45).

<sup>116</sup> Conforme pode ser visualizado na imagem 3.16 e 3.22.



Imagem 3.23: Presépio artesanal (“descanso” da bandeira) (jan. 2017).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

Durante a ocorrência dos pousos ou momento de descanso dos foliões, a bandeira deve ser posta num lugar adequado seguro e respeitoso, é costume colocá-la nesses intervalos ao lado dos altares<sup>117</sup> nas residências, demonstrando sua importância sagrada, e só pode ser tocada com reverência. De um ano para o outro ela fica acomodada na residência do último festeiro, onde será retirada durante o ritual de saída do próximo ano. Uma antiga crença sustenta que a bandeira da Folia de Reis não pode permanecer guardada, deve ser cedida todo ano para outra pessoa, ou seja, o giro da bandeira deve ser constante. Muitos foliões acreditam que o não cumprimento dessa regra pode ocasionar maus presságios: contratemplos nos negócios da família, doenças, má colheita, miséria, ou ocorrências negativas com o grupo de foliões e/ou comunidade<sup>118</sup>.

O portador de uma bandeira ou de um estandarte ergue-o para cima de sua cabeça. De certo modo, lança um apelo ao céu, cria um elo entre o alto e o baixo, o celeste e o terreno [...] no plano Cristão a bandeira simboliza a vitória do Cristo ressuscitado e glorioso. Toda proteção litúrgica, durante o tempo pascal e a ascensão, inclui o emprego de bandeiras. [...] Esse símbolo de proteção acrescenta-se ao valor do signo distintivo: bandeira de um senhor feudal, de um general de um chefe de Estado, de um santo, de uma congregação, de uma corporação, de uma pátria etc. A bandeira oferece a proteção da pessoa, moral ou física de quem ela é a insígnia (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 118-119).

O ápice da peregrinação é o encontro das bandeiras, a primeira bandeira é conduzida pelo Alferes (geralmente o mesmo folião durante todo o cortejo), denominado guardião da

<sup>117</sup> Conforme as imagens 3.20 e 3.23.

<sup>118</sup> É muito comum entre os foliões mais velhos o mau pressentimento (mau agouro), crença em um possível azar no futuro se deixar de cumprir normas ou regras da tradição. Elas não estão escritas, mas são transmitidas pela oralidade.

bandeira, durante toda a jornada (do dia 01 ao dia 06, podendo ultrapassar o número de dias de peregrinação), enquanto a segunda bandeira fica na residência do festeiro, num lugar de destaque. No dia de Santos Reis (dia 06/01), elas se encontram e são conduzidas ao presépio montado na própria residência ou num lugar especial escolhido pelo festeiro.

Sem dúvida a chegada da bandeira é o momento mais solene da jornada, pois representa para todos os envolvidos nos festejos de Santos Reis, a efetivação do compromisso estabelecido entre os devotos e a divindade. O festejo é a socialização da promessa cumprida. Nessa lógica, esta se converte para o promesseiro a concretização social de um contrato e, todos os demais devotos assumem o papel de confirmar na ação dos santos a sua condição divinal, e em relação aos participantes agraciados pela intervenção dos santos, como praticantes legitimadores de seu poder.

Os foliões acreditam que o cumprimento da peregrinação representa a apreensão e materialização das mensagens proféticas do livro do Antigo Testamento, que segundo estes, os Reis Magos, foram os primeiros que acreditaram no anúncio do nascimento do Menino Deus, e, respondendo ao chamado (a estrela no céu apontava o caminho), empreenderam uma jornada com o intuito de adorar (em nome de todas as nações), o Salvador<sup>119</sup>. Portanto, esta é à base da estrutura do imaginário popular, que é compartilhado e vivenciado todas as vezes que ocorre a representação da jornada na época natalina, pelos integrantes de grupos que dirigem as atividades das Folias de Reis em todo o Brasil. Os foliões ao participarem do ritual anual, instituem entre seus membros um compromisso, um contrato de partilha, tornam-se uma “irmandade”<sup>120</sup>, conforme os depoimentos dos foliões.

Ao término de todo um ciclo de jornadas (peregrinação), a bandeira passa por um ritual essencialmente significativo. A entrega da bandeira, conforme recebe essa designação, é realizada no dia 06 de janeiro, data dedicada a Santos Reis. Esse ritual tem lugar na festa de encerramento dos giros da Folia de Reis, quando os foliões se despedem da bandeira para que ela seja colocada no altar e só volte a circular no próximo ano<sup>121</sup>.

---

<sup>119</sup> Livros da Bíblia citados no capítulo 1 desta pesquisa.

<sup>120</sup> Expressão usada para definir união, companheirismo, comprometimento com a bandeira e com os foliões.

<sup>121</sup> As jornadas equivalem a um período em que a bandeira ganha transitoriamente uma dimensão pública, quando é ostentada aos olhos dos transeuntes e quando pode ser tocada por devotos de Santos Reis. Neste espaço-tempo especial, ela demarca hierarquias. Apenas alguns poderão ter o privilégio de seu contato, nem todos são, por assim dizer, visitados pelos Reis Magos. A bandeira pode também ocasionalmente sair do altar e estar presente em outros ambientes, como festivais, encontros, exposições, e outras solenidades.



Imagem 3.24: Coroação dos novos festeiros da Folia de Reis para o ano 2020 (jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

Os festeiros possuem a incumbência de organizar a festa de saída e chegada da Folia de Reis, os seus nomes devem ser apreciados pelo grupo, observando suas qualidades (caráter, responsabilidade, devoção e capacidade para realizar a tarefa). Essa escolha não se dá por sorteio. Os festeiros não precisam ser necessariamente membros do grupo de foliões. Geralmente durante os giros da Folia, o gerente, os festeiros do ano e os foliões observam com cuidado os novos nomes que serão indicados para o próximo ano. Os festeiros escolhidos são coroados e anunciados solenemente na festa da entrega da folia (dia 06 de janeiro) para toda comunidade presente, que os acolhem com muitas palmas e gritos de “viva os novos festeiros”.<sup>122</sup>

Vale ressaltar, que a coroa possui valor religioso, político e social na medida em que a pessoa coroada (festeiro/a) sente-se ungida pela sacralidade, e crê que a mesma seja uma dádiva dos Reis Magos, semelhante aos presentes que o Menino Jesus recebeu dos Santos em Belém. Ao recebê-la, o escolhido é investido de poder (de um novo status), assim, o agraciado se diferencia dos demais devotos da comunidade. A coroa é usada pelo festeiro somente no último dia dos festejos de Santos Reis, no dia da entrega da bandeira; oportunidade que também haverá a transmissão da função para o festeiro do ano seguinte. A festa de Santos Reis é marcada por fortes momentos de emoção e simbolismo: um dos mais esperados é a coroação dos novos candidatos. Ao receber a coroa das mãos dos festeiros do ano que ora encerram sua missão, os novos festeiros se comprometem com a nova missão incumbida pela comunidade, em serem os promotores dos próximos festejos. Esse momento marca o fim da jornada dos foliões do presente ano, e ao mesmo tempo a confiança que a tradição permanecerá no próximo ano. O

<sup>122</sup> Conforme a imagem 3.24.

ritual envolve muita cumplicidade e solidariedade dos protagonistas dos festejos de Reis. Para os foliões, a coroa do festeiro estabelece uma posição de hierarquia, ele é o personagem mais importante da comunidade religiosa, pois, indica a certeza da continuidade da tradição.

Essa escolha, na realidade é combinada com aqueles que já demonstraram interesse prévio. Na maioria das vezes, os que se dispõem a organizar a Festa de Santos Reis, estão cumprindo uma promessa realizada em favor de uma graça recebida. A tarefa da indicação dos novos organizadores do grande festejo não é fácil, muitos se sentem incapazes e impossibilitados para a empreitada. Mas no final tudo se resolve, pois, a devoção aos Santos empolga e impulsiona os novos festeiros a se comprometerem em continuar com a missão. Portanto, com a escolha antecipada, os novos festeiros têm um ano inteiro para conseguir os donativos necessários para custear a festa da entrega do próximo ano.

O festeiro é um dos personagens mais relevantes da peregrinação, não é regra básica que este seja um folião de “carreira”. Pode ser um devoto de Santos Reis, agradecido por ter recebido uma graça dos Santos, em um momento de necessidade. Ele é o responsável de preparar o ambiente para acolher toda a comunidade, armar o presépio, organizar a estrutura da cozinha, e montar a aparelhagem de som para as rezas e para o grande forró (muito comum na tradição local), além de conseguir inúmeras doações para o grande banquete que será servido na festa da entrega da Folia.

Sobre os personagens que integram o grupo de peregrinos dos Três Reis, que encerram suas atividades com a grande festa do dia 06 de janeiro, Brandão (2004, p. 340) afirma que “a mais importante deles é o festeiro, o dono da casa da entrega. Ele é o responsável pela festa e, tal como o folião do ano, é escolhido e designado no final dos festejos”. Esse costume geralmente ocorre nos grupos de foliões na maioria das regiões brasileiras, que durante a ocasião da festa de encerramento da jornada, os festeiros do ano repassam para os novos, a incumbência da organização da festa do próximo ano. O ritual ocorre com uma coroação dos novos festeiros (uma coroa simples é colocada nas cabeças dos novos festeiros), na presença dos demais devoto da comunidade.

No grupo de foliões abordado pela pesquisa, existe também o costume de escolher casais, (um homem e uma mulher, não necessariamente um cônjuge), para serem os festeiros do próximo ano<sup>123</sup>.

---

<sup>123</sup> Observamos durante a pesquisa de campo que em 01/2018 o casal escolhido para organizar os festejos, foram dois amigos integrantes do grupo, Edleuza e Dito, conforme a imagem 3.25. Em 01/2019 o casal escolhido foram os foliões Albino e Divina (casados) conforme a imagem 3.22. E para 01/2020 o casal de irmãos Maria da Glória Carvalho Campos e João Alves Carvalho, serão os responsáveis de garantir o sucesso dos festejos de Reis,

Na tradição popular da Folia de Reis no município de Porangatu, duas bandeiras são utilizadas na peregrinação, uma é entregue ao festeiro no primeiro dia da jornada, e a segunda bandeira fica com o folião responsável em conduzi-la por todo o trajeto dos giros da Folia. No término da jornada elas se encontram na grande festa da entrega. Um cortejo é organizado próximo do local onde ocorrerá a grande solenidade de encerramento da jornada, com todos os foliões em fila cantando e tocando seus instrumentos, em seguida adentram o espaço previamente reservado para a festa. Logo na entrada, eles passam por entre grandes arcos ornamentados com flores, fitas e balões. O restante do ambiente também se encontra enfeitado para a ocasião solene<sup>124</sup>. A bandeira que percorreu todas as residências dos devotos é entregue ao casal festeiro logo na entrada, que a conduz em seguida até o presépio. A começar pelos foliões, em seguida todos os demais presentes.



Imagem 3.25: Entrega da Folia de Reis em Santa Tereza/GO. Festeiros: Edileusa e Dito. Jan/2018  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A introdução da bandeira é realizada com muita cantoria e queima de fogos. É um acontecimento extraordinário e de grande reverência por parte dos devotos presentes na solenidade, é o ápice da festa. É o momento que o folião de Santos Reis, em frente do presépio, acredita que sua missão de devoto foi cumprida. Gritam vivas aos Santos Reis, aos devotos que ofereceram pousos, aos doadores (colaboradores), e as cozinheiras pelo serviço prestado. O clima é de euforia, todos se abraçam. E, apesar de estarem cansados e roucos, mantêm sorrisos largos e demonstram muita felicidade pelo cumprimento da jornada. A alegria dos foliões contagia a todos os presentes, a missão cumprida deve ser comemorada. A festividade é entremeada de muita cantoria, rezas e foguetório, logo após num segundo momento é servido

---

conforme imagem 3.24. Esse último casal não faz parte do grupo de foliões, porém, são experientes líderes da comunidade Católica de Santa Luzia, região rural do município de Porangatu.

<sup>124</sup> Conforme a imagem 3.22.

um grande banquete, acompanhado de danças e bebidas<sup>125</sup>. Não existem convites formais, toda comunidade pode participar do evento.

Uma grande multidão se forma em filas ao redor de enormes mesas expostas no salão, o jantar está servido. Geralmente mais de mil refeições são distribuídas apenas no último dia do encontro das bandeiras.



Imagem 3.26: Jantar - Festa de encerramento - Sindicato Rural de Porangatu (jan. 2019).  
Arquivo: Angelo Marcos de Souza

A grande festa de entrega<sup>126</sup> da bandeira, é por si só, um evento fantástico de dimensões e complexidade notáveis, onde mobiliza dezenas de indivíduos numa ampla rede de solidariedade. Por intermédio da festa, foliões e devotos desempenham plenamente sua tarefa para com os Santos Reis, num sistema de reciprocidade, uma espécie de contrato que se estabelece permanentemente. Tanto foliões quanto devotos concebem justificativa mítica para o festejo, fundamentada na narrativa do evangelista Mateus, afirmando que os Magos do Oriente a fizeram com entregas de presentes, para comemorar o esforço e o sucesso ao final de sua longa e árdua jornada para encontrarem o Menino Jesus.

A festa, bem como o circuito de visitas, instaura um tempo especial, o tempo dos Reis Magos, em contraposição ao tempo cotidiano. Trata-se de um tempo reversível,

<sup>125</sup> Ao observarmos a “entrega” da bandeira no último dia na cidade de Santa Tereza de Goiás, percebemos que não houve nenhuma distribuição de bebida alcoólica no local.

<sup>126</sup> A entrega é um ritual de exaltação, muito dramático, os foliões, normalmente expressam bastante emoção e aclamação nesta ocasião. Oportunidade que se interpreta a despedida em relação à jornada peregrina, aos foliões e a bandeira. Observamos no final da peregrinação nos anos de 2017/ 2018 e 2019 durante a realização desta pesquisa, que além dos foliões, uma multidão de devotos se aglomerava em frente do presépio (nele encontravam-se expostas as imagens de Santos Reis e da Sagrada Família, bem como a bandeira da Folia) se despedindo, acenando com lenços e fitas em meio a uma grande comoção. As manifestações dos populares nesse momento de forte espiritualidade indicam que assim como os foliões, estes também haviam cumprido sua missão.

recuperável e, de certo modo, deslocado da vida diária, impondo-se de forma estrutural, produzindo efeitos sobre a organização social. É um tempo em que os homens se sentem mais próximos de suas divindades e mais distantes das vicissitudes mundanas. Nele mergulhados, *foliões* e *devotos* possivelmente sentem-se mais protegidos das incertezas, tensões sociais e carências da vida diária (BITTER, 2008, p. 71).

A essência da festa de Santos Reis é a promoção da fraternidade e igualdade entre as pessoas da comunidade porangatuense. Sem dúvida, ela proporciona um ambiente de alegria e entusiasmo entre os devotos e populares. Para aqueles que acreditam na intervenção dos Santos Reis, por terem a certeza de ter alcançado as graças dos santos, é o momento de agradecer, para outros é momento de esperança e confiança que também alcançarão as bênçãos esperadas. A festa da entrega da bandeira é uma combinação do sagrado e do profano, à proporção que desperta anseios distintos em cada grupo envolvido. Para os fiéis católicos, a festa representa um ambiente de fé, propício para o cumprimento de seus votos e promessas realizadas durante o ano: significa também a oportunidade de louvar e agradecer aos Santos Reis por estes os ampararem diante das situações difíceis da vida cotidiana. Para os indivíduos de outras religiões ou aqueles que não professam nenhuma religião, significa momentos de descontração e inserção social. A intensidade dessa comemoração é percebida no movimentar dos foliões, devotos e populares que aglutinam no entorno do local do festejo, representando para os presentes “[...] força máxima de expressão vivenciada pelos rituais de uma religiosidade popular e de um encontro de lazer, garantindo ao lugar uma característica especial que marca e reproduz a festa [...]” (D’ABADIA, 2014, p. 160).

### **3.9 A visibilidade proporcionada pelos festejos da Folia de Reis**

Em Porangatu, os festejos de Santos Reis proporcionam possibilidades de encontros e reencontros, cria um clima de confiança, formando um elo de continuidade fraterna entre os participantes. Pelos diversos rituais praticados durante a peregrinação, os foliões incitam a participação de populares da comunidade, composta pela maioria católica<sup>127</sup>. Essa festividade religiosa renova a fé do povo porangatuense, pois, além da alegria proporcionada pela confraternização, ela oportuniza aos devotos receberem as bênçãos dos Santos Reis, renovando a esperança de um ano novo melhor. Assim, essa festa tem enorme representatividade para os devotos de Santos Reis, considerando que

---

<sup>127</sup> De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2010), a população do município de Porangatu (GO) contava com 30.000 católicos, num universo de 42 355 habitantes. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/porangatu/panorama>. Acesso em: 10 de dez.2018.

A religião, sem interioridade, sem uma sensação “banhada em sentimento” de que a crença importa, e importa tremendamente, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige as injustiças, melhora a sorte, garante recompensas, explica, impõe obrigações, abençoa, esclarece, reconcilia, regenera, redime ou salva, mal chega a ser digna desse nome (GEERTZ, 2001, p. 159).

O envolvimento das pessoas na festividade e na manutenção dessa tradição para o município é socialmente significativa, o que confirma a permanência desse importante patrimônio cultural. Nessa lógica, não é apenas um encantamento pela sacralidade, pois essa manifestação não está isenta de outros elementos culturais e sociais, como a busca de status social por parte dos festeiros organizadores da festividade e dos foliões cantores. Sem dúvida, a devoção é um dos elementos mais importantes, todavia, por meio de entrevistas e conversas informais com os protagonistas, é possível perceber outras questões sociais, culturais e políticas que se fundem na manutenção dessa tradição local.

Para muitos componentes do grupo (homens e mulheres simples desprovidos de cargos sociais relevantes), a sua participação nas atividades festivas da Folia de Reis é uma tentativa de conseguir a realização, um pouco mais exitosa da busca de uma maior aceitação (visibilidade) social<sup>128</sup>. Ou seja, busca conquistar um espaço, um papel de participante legítimo dentro da sociedade.

Essa luta desigual faz com que a esfera cultural seja propícia à valorização, ao reconhecimento e uma forma de inclusão deste segmento social. Inclusão e reconhecimento que vão acontecer, de modo efêmero e dos participantes como “artistas” lhes dá a breve recompensa do reconhecimento. [...] À medida que o evento aumenta suas proporções torna-se impossível deixar de noticiá-lo, principalmente pela televisão, o que vem trazer enorme impacto para as relações entre todas as esferas sociais de alguma forma inseridas na produção da festa [...] proporciona ou reforça a visibilidade de indivíduos e grupos e concede-lhes oportunidade para defender seus interesses (MENDONÇA, 2001, p. 8).

Vale ressaltar que a socialização é sem dúvida, a grande responsável pelo processo que possibilita a inserção dos indivíduos nos grupos sociais. Estes por sua vez, absorvem e incorporam os fundamentos do ambiente sociocultural em que se encontram inseridos, impelindo-os a atitude de pertencimento a esta comunidade. Nesse contexto, é que os membros do grupo de foliões de Santos Reis em Porangatu, estabelecem suas relações sociais. Essa tradição vem sendo assimilada por diversas gerações da comunidade. De caráter folclórico, religioso e festivo, composta por rituais complexos e organização extremamente hierárquica.

---

<sup>128</sup> Demonstrando entusiasmo e certo ufanismo, os responsáveis pelo grupo contam que já concederam diversas entrevistas a canais de comunicação local e regional, como exemplo: a rádio Nova Era FM, rádio Tropical FM e a TV Serra Azul. A TV Serra Dourada, noticiou as atividades do grupo por diversas vezes por todo o estado de Goiás. Os foliões também alegam que alguns políticos da cidade obtiveram êxito em seus pleitos, graças ao apoio do grupo.

Os mais velhos do grupo fazem questão de ensinar os mais jovens (especialmente os seus filhos e netos), os rituais da Folia, bem como a manusearem diferentes tipos de instrumentos, e as diversas tonalidades de vozes empregadas na cantoria.

O motivo principal da permanência na contemporaneidade da prática e da representação da tradição da Folia de Reis é o resultado de um legado cultural herdado quase como uma educação formativa familiar. E, além disso, pode-se agregar a esse fator, o interesse e o encanto de algumas pessoas da comunidade pela manifestação, induzindo-as a sua prática.

Essa formação oferecida aos parentes próximos dos foliões influencia consideravelmente a permanência do controle do poder hierárquico do grupo, quase que exclusivamente sob a tutela da família Rosa. Apesar de haver a participação de outras famílias da comunidade nas atividades do grupo, os cargos de maior relevância na hierarquia, pertencem à família Rosa há quatro décadas. O Sr. André Rosa além de ser atualmente o organizador do grupo, também no passado, tocava a sanfona, exerceu essa atividade por doze anos. Esse instrumento dá o primeiro tom para iniciar a cantoria dos foliões, todos os demais instrumentos são afinados a partir dela. O organizador faz questão de afirmar: “hoje eu não toco, porque eu puis meu neto, eu ensinei meu neto, puis ele para tocar e fico só na organização” (ROSA, 2018).



Imagem 3.27: Os primos André Antônio tocando a sanfona e Mariana tocando o pandeiro (família Rosa) - (jan. 2018).

Arquivo: Angelo Marcos de Souza

O jovem André Antônio Barbosa é estudante universitário em Goiânia, e faz questão de vir com a noiva todos os anos para participarem do período dos festejos da Folia. Neto do

senhor André (organizador da Folia), ele toca a sanfona, o principal instrumento do grupo. Ao ser questionado sobre a importância da tradição da Folia de Reis ele afirma:

Para mim é muito importante [...] a simbologia é bastante interessante, tenta fazer uma réplica do que aconteceu há milhares de anos atrás [...] A Folia abriu muitas portas para mim. Para aprender a tocar instrumentos, para me conhecer um pouco mais dentro da minha fé cristã; essa Folia de Reis abriu muito meus olhos ao longo da minha vida. Hoje sou sanfoneiro [...] eu comecei tocando tambor, pandeiro, depois eu passei para o violão, a viola e hoje eu sou sanfoneiro. Eu toco todos os instrumentos da Folia. Eu tinha seis anos, já acompanhava minha mãe. Sempre me levava para todas as folias. [...] Ao longo do tempo teve algumas mudanças significativas, principalmente por parte da recepção, do recebimento das pessoas nas casas; quando dava giro da Folia, dava briga de casa chamando a gente para poder cantar, hoje às vezes a gente é até negado em algumas casas devido ao crescimento de religiões protestantes. Nitidamente isso tem prejudicado a tradição<sup>129</sup> (BARBOSA, 2018).

Um dos fatores que causa grande preocupação aos foliões conforme o relato de André Antonio, com relação à permanência da tradição da Folia de Reis em Porangatu, é o aumento significativo de protestantes no município nos últimos anos. Os evangélicos não apoiam a Folia de Reis, por não crerem na intercessão dos santos e conseqüentemente não possuem o costume de realizar promessas, base fundamental para a formação e manutenção dos giros das folias religiosas. Essas manifestações piedosas enraizadas no catolicismo não são aceitas nos lares protestantes, e em algumas regiões brasileiras são ferrenhamente combatidas por líderes de diversas denominações religiosas.

Outro ponto relevante são as transformações sociais que demandaram mudanças de hábitos e costumes da população do município, pois, de acordo com os relatos dos foliões do grupo “Os Três Reis Santos”, as pessoas não os recebem com a mesma empolgação como antigamente. Eles afirmam que quando o giro era exclusivamente na região rural, os moradores recebiam a Folia com muita festa e alegria, os quintais e as varandas das residências eram ornamentados e os almoços e jantares eram muito mais fartos. De acordo com os foliões, “na atualidade, os devotos de Santos Reis da região urbana não têm a mesma emoção e entusiasmo como os moradores da região rural, não doam prendas e não rezam como eles”.

Em vista dos problemas enfrentados, os integrantes do grupo de foliões possuem uma visão negativa sobre a continuidade do grupo na comunidade, soma-se a isso o fato dos jovens foliões não se comprometerem com funções primordiais que estruturam a jornada, tais como a de coordenar, cantar e tocar instrumentos. A presença da juventude nos rituais da Folia é notada, assim como um extraordinário número de devotos presentes nos rituais, porém, as vagas dos foliões falecidos não estão sendo ocupadas por integrantes mais jovens. Isso tem causado grande preocupação entre os veteranos.

---

<sup>129</sup> André Antônio Barbosa, 22 anos, solteiro, universitário, integrante da família Rosa.

Apesar dos integrantes mais antigos do grupo “Os Três Reis Santos” se preocuparem com a possibilidade do fim da devoção, deve-se atentar que essa manifestação da Folia de Reis é dinâmica. Desde o princípio, as práticas e representações desse grupo têm sofrido algumas alterações e adaptações e, no decorrer das seis décadas de existência a tradição mantém-se firme, e é muito bem acolhida por toda a comunidade porangatuense. A preocupação dos foliões e devotos demonstra que a Folia faz sentido para comunidade, e que esse patrimônio cultural deve ser preservado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas religiosas populares, a exemplo dos festejos da Folia de Reis reproduzem a cultura e a tradição do povo. Elas estabelecem laços sociais entre as pessoas, instigam a solidariedade, possibilitam emoções e lembranças. Promovem um ambiente de sedução, inovação, de magia, de fascínio, e de êxtase. As festas rejeitam as angústias, a incerteza, o medo e a precariedade. Toda a festa, de caráter sagrado ou profano, possui a dinâmica de realizar uma complexa relação, envolvendo os consumidores, os espectadores, os atores e os produtores. Seu espetáculo embriaga e envolve a todos os participantes da festa. Ela é eficaz na criação de ambientes que estabelecem: novos costumes, novos comportamentos, novas regras, novos valores e hábitos capazes de reconstituir e reinventar as tradições.

Durante a realização das festividades da Folia de Reis em Porangatu, a comunidade de devotos e foliões se reencontra e se recria, se descobre, revigora, e reinventa. O espaço da Folia favorece a construção de identidades, bem como a legitimação e construção de novos valores, essenciais para a vida social dos porangatuenses. O motivo principal da permanência de sua prática na contemporaneidade no município é o resultado de um legado cultural herdado, quase como uma educação formativa familiar (especialmente da família “Rosa”, a frente das atividades há quatro décadas). E, além disso, pode-se agregar a esse fator, o interesse e o encanto de muitas pessoas da comunidade pela manifestação, induzindo-as a sua prática. Isso aponta para a dimensão patrimonial da Folia de Reis, revelando que sua prática cultural envolve rituais, conhecimentos, símbolos, objetos detentores de valor e significado para esta comunidade.

As dimensões patrimoniais da cultura revelam, que as práticas das manifestações da Folia de Reis pelos foliões, os objetos simbólicos empregados nos rituais, os conhecimentos, as regras e normas, constituem-se importantes “patrimônios” da comunidade detentora deste bem imaterial. Assim, assumem importância vital na vida do grupo social, influenciando em seu destino.

Assim sendo, ao apresentar alguns estudos historiográficos, colher imagens, anotar relatos obtidos em entrevistas, realizar pesquisa de campo acerca das Foliadas de Reis, é possível afirmar que a concepção de preservação dos ambientes de sociabilidade e do patrimônio (material e imaterial) colabora para emergir afetos que confirmam a lógica de pertencimento da comunidade. Neste âmbito, cabe a reflexão sobre como devemos intervir junto com as comunidades detentoras dos bens patrimoniais, para preservá-los. Tanto os pesquisadores

quanto a própria sociedade devem estar atentos às atuais configurações na modernidade (principalmente no mundo urbano) e a adesão das Folias de Reis a estas mudanças. Inegavelmente, a importância de investigá-las se deve ao fato de perceber as suas singularidades simbólicas regionais e, conseqüentemente incentivar a continuidade destas manifestações culturais, como meio de preservá-las e reconhecê-las como componentes do acervo do patrimônio imaterial brasileiro. Ao investigar uma festa sagrada ou profana e registrar suas práticas, procura-se dar voz aos seus atores, protagonistas e espectadores. Da mesma forma, procura-se compreender as suas crenças ao registrar suas manifestações simbólicas, dando assim, abertura para que outras manifestações de natureza imaterial sejam analisadas e propagadas nos meios de comunicação.

O termo tradição é originário do latim, *traditio*, entrega; portanto, é o ato de transferir, transmitir um saber empírico, técnico ou concreto a outra pessoa. Esse conhecimento é repassado de uma geração mais velha para uma geração mais jovem. A tradição está presente em todos os segmentos sociais, nas atividades culturais do cotidiano das pequenas ou grandes comunidades. Ela (a tradição) ativa a sociedade, anima, motiva e produz circunstâncias que envolvem constantemente os sujeitos sociais, contribuindo para a socialização destes em seus grupos de convívio social.

As tradições nas comunidades populares são permanentemente vivenciadas de forma coletiva. Deste modo, mesmo quando ocorre das manifestações das culturas populares se deslocarem da região rural para o urbano (é o caso da tradição da Folia de Porangatu), esses saberes tradicionais são alterados, adaptados à realidade atual e transmitidos para a nova comunidade. Assim, os saberes passam por transformações, são aceitos ou sofrem novas apropriações sem perder sua essência, pois, é natural das comunidades populares não ficarem discutindo a legitimidade ou conveniência das alterações necessárias, simplesmente fazem-nas e prosseguem com seus viveres. Os conhecimentos são adaptados e incorporados para atenderem suas necessidades imediatas, sem deixar de preservar a sua essência.

Em Porangatu, esta religiosidade é palpável, historicamente incorporada na “alma” dos devotos porangatuenses. Muitas famílias aguardam ansiosamente o período da jornada da Folia, para receberem a bandeira dos Santos Reis e solicitarem bênçãos aos seus lares, a fim de garantir mais um ano de saúde e prosperidade. Há um grande respeito da população para com os rituais da Folia, mesmo aqueles que afirmam não gostarem por desconhecerem a tradição ou não professarem fé nas divindades, de certa forma, mantêm respeito à memória sacra, e até mesmo de temor diante do ritual da bandeira, da cantoria, dos palhaços, da Folia em si.

Os foliões do grupo “Os Três Reis Santos”, ao iniciarem sua jornada dia 01 de janeiro,

acreditam que estão cumprindo uma missão: a de encontrar e adorar o Recém-Nascido. Dessa forma, eles adotam o exemplo dos Magos do Oriente quando empreenderam sua peregrinação, guiados pela Estrela Guia, enfrentando os contratempos, os perigos, e o dissabor da longa marcha. Assim, a tradição dos personagens bíblicos move a fé destes homens e mulheres, e os estimulam a continuarem com a missão legada, encarando as angústias e as atribulações do tempo presente. Esta rememoração anual da visitação ao Menino Jesus, através da empreitada da jornada (giros nas residências dos devotos) conforme a tradição da Folia é um ato concreto dos foliões, em reconhecimento que Ele é verdadeiramente o Salvador da humanidade

No decorrer da pesquisa, foi possível perceber que a festividade de Santos Reis se tornou uma tradição no município de Porangatu, tendo em vista que a transmissão de seu legado ocorreu pela oralidade. Os saberes foram difundidos por diversas gerações, não envolvendo apenas os membros do grupo “Os Três Reis Santos”, responsáveis pela organização dos festejos, mas boa parte da comunidade rural e urbana do município e regiões adjacentes. Centenas de devotos se interagem, cedendo suas casas para os pousos, apoiando com doações de alimentos, com ajudas financeiras ou prestações de serviços voluntários durante a jornada da Folia e da festa de encerramento. Assim sendo, é importante considerar que pela experiência assimilada com a prática e com a oralidade, os herdeiros dessa manifestação festiva, os protagonistas da festa de Santos Reis, inseriram no decorrer do tempo novos elementos simbólicos no enredo dessa festividade. O resultado desta apropriação, não alterou a essência do festejo, em seu conjunto e em seu significado.

Uma questão que requer comentários é compreender quais motivações, afinal, motivam devotos e especialmente foliões a se dedicarem na organização e na administração dos festejos de Santos Reis. De um lado, percebe-se que as razões se apoiam numa lógica na qual as transações entre devotos e foliões com os santos se firmam de forma obrigatória e, de certa maneira, perene, na medida em que graças e bênçãos são barganhadas por meio de sacrifícios de formas diversas. Neste sistema, a promessa adquire, deste modo, lugar de destaque e papel central. Porém, é importante salientar que, além disso, existem outras dimensões envolvidas nas práticas da Folia: como a conquista de prestígio na comunidade, afirmação de autoridade e honra entre os líderes, aspectos artísticos (a cantoria) e lúdicos (brincadeiras dos palhaços, momentos de lazer) e expressivos (a simbologia dos rituais chama a atenção), dentre outros aspectos. De certo modo, são diversos os “interesses” que atraem as pessoas para o evento festivo da Folia, ultrapassando o âmbito das trocas recíprocas e cosmológicas. Finalmente, entre estas razões está também, o interesse de socialização, de entretenimento, o de compartilhar conhecimentos, bem como um intenso sentimento de pertencimento ao grupo em que se

encontra inserido.

É possível afirmar que no município de Porangatu onde foi realizada a investigação, os festejos de Santos Reis estão assegurados, pois, se mantêm independentemente dos avanços da “modernidade”. Ao contrário, os foliões do grupo Os Três Reis Santos têm se adaptado as exigências do mundo moderno. Ainda que a Folia tenha incorporado no decorrer do tempo elementos diferentes de sua origem que, a princípio, aparentem estranhos ou impostos à comunidade de foliões onde ocorrem os festejos religiosos, sua essência originária permanece. Com o estudo de campo, tornou-se evidente que o festejo de Santos Reis está imbricado no cerne, no âmago da comunidade analisada. Esta conclusão encontra-se fundamentada, nos depoimentos colhidos durante a realização das entrevistas, realizadas com os integrantes do grupo de foliões. Evidenciando que a tradição, faz parte da vida cotidiana dos foliões e devotos desta comunidade.

Por isso, a manifestação da Folia de Reis não pode ser reduzida apenas às indagações abordadas nesta pesquisa, pois o assunto extrapola as possibilidades das respostas obtidas numa investigação. Essa expressão popular é abrangente e contagiante pelos seus ritos, símbolos, cores, danças, cantos e ritmos. A Festa consegue preservar um forte simbolismo, que nos olhares das pessoas se transforma em significância, e nos olhares da historiografia se converte em Patrimônio Cultural Imaterial. Deste modo, o resultado desta investigação será de suma importância para que a comunidade porangatuense e os órgãos oficiais responsáveis pelos registros de bens imateriais reconheçam a Folia como um importante bem imaterial que necessita ser preservado.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005a.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. Patrimônio e Memória. **UNESP**, FCLAs, CEDAP, v. 7, n.1, p. 134-150, jun. 2011.

ALMEIDA, M. G. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. Biblio3W. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. XV. n. 918, 15 de abr. de 2011.

AMARAL, R. **As mediações culturais da festa**. Rev. Mediações, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan. / jun. 1988. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9314/8008>. Acesso em: 18 de set. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>. 2001. Acesso em: 23 de abr. de 2018.

ANTONIO, J. R.; PELEGRINI, S. C. A. Os magos na arte ocidental: o imaginário medieval na América Portuguesa. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 2014, Campo Mourão. XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: 1964-2014 - 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NO BRASIL. Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão: Universidade Estadual do Paraná, 2014. p.1592-1602.

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Pastoral**. São Paulo: Paulus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Tradução dos originais** (Centro Bíblico Católico). 112. ed. São Paulo: Ave Maria, 1997.

BITTER, D. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. 2008. 191 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, 2008

BRANDÃO, C. R. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore - 20. MEC/Funarte, Rio de Janeiro: 1979.

\_\_\_\_\_. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 2004, 412 p.: il.

\_\_\_\_\_. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1984.

\_\_\_\_\_. **Prece e benção: espiritualidades religiosas no Brasil**. Aparecida, SP: Santuário, 2009. (Coleção Cultura e Religião).

CAILLOIS, R. **L’Hommeet le sacré**. Paris: Gallimard, 1950.

CALDEIRA, C. C. Conservação preventiva: histórico. **Revista CPC**, São Paulo, n.1, p. 91-102, apr. 2006. ISSN 1980 - 4466. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15582>>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

CARVALHO, A. F. E. de. **Reafirmar a Identidade Cultural Local: o Patrimônio Cultural Imaterial Local como Recurso**. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária). Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Educação, 2014.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

CAVENAGHI, A. J.; NASCIMENTO, R.C; BUENO, M. S. Festa e turismo: por uma relação possível. **Rosa dos Ventos**, v. 4, p. 588-598, 2012.

CHAVES, D. **Folia de Reis na cidade de Três Corações: um estudo sobre cultura popular na Festa de Reis**. 2011, p. 76 (Dissertação - Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde, UNICOR, Três Corações, MG. 2011.

CHAVES, F. N. As festas populares como produto: mídia, turismo e descaracterização cultural. **TROPOS**, [S.l.], v. 1, n. 2, dez. 2014. ISSN 2358-212X. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/tropos/article/view/36>>. Acesso em: 17 de set. de 2018.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CORÁ, M. A. J. **Do material ao imaterial: patrimônios culturais do Brasil**. 2011. 334 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. Memória e patrimônio imaterial: formação de identidade a partir dos patrimônios culturais do Brasil. **Revista NAU Social**, v. 4, n. 6, p. 120-132 Maio/ Out., 2013.

COUTO, E. S. Devoções, Festas e Ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26618>>. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

D'ABADIA, M. I. V. **Diversidade e Identidade Religiosa: uma leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade, GO**. Jundiáí-SP: Paco Editorial, 2014, p. 160.

DAZZI, C.; DUTRA, A. R. S.; SANCHES, D. Bonan. Patrimônio Imaterial: a representação do Gênero no espaço da Folia de reis em Nova Friburgo/RJ. **Revista Extendere**, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/extendere/index>. Acesso em: 02 de ago. de 2018.

DEL PRIORE, M. L. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, R. **Turismo e Patrimônio Cultural**: Recursos que Acompanham o Crescimento das Cidades. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

DURKHEIM, E. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, J. **Festas e Civilizações**. Trad. L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1983, 236 p.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, L. F. O Lugar festivo – A festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 15, out. 2013. ISSN 2317-4161. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7729/5584>>. Acesso em: 29 de abr. de 2018.

FERREIRA, M. N. Comunicação, Resistência e Cidadania: As Festas Populares. **Comunicação e Informação**, v. 9, n° 1, p. 111 - 117 – jan./jun., 2006.

FERREIRA, M. de M. **História Oral, comemorações e ética**. Projeto História. Ética e história oral, São Paulo, n° 15, p.157-164, abr. 1997.

FERRETTI, S. F. Religião e Festas Populares. In: XIV JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS EM AMÉRICA LATINA, Buenos Aires. **Anais**. 2007.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, IPHAN, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2047/1186> Acesso em: 01 de fev. de 2018.

FUNARI, P. P. A. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil. **Revista Adusp**, São Paulo, v.19, p.30-33, 2000.

GABRIEL, E. Linguagens Artísticas da Cultura Popular. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/SEED/MEC, 2008.

GARBOSI, F. **História, Mensagens e Embaixadas de Folia de Reis**: quem eram os magos? Londrina, PR: Edição do autor, 2002.

GEERTZ, C. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. In: GEERTZ, C. **Luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 149-165.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo, UNESP/Paz e Terra, 1990.

GOMIDE, C. H. **Centralismo político e tradição histórica**: Cidade de Goiás (1930-1978). 1999. 227 p. Dissertação (Mestrado) (História das Sociedades Agrárias) Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1999.

\_\_\_\_\_. **Antiga Vila Boa de Goiás: experiências e memórias na/da Cidade Patrimônio.** 2007. 192 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, M. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaio contemporâneos.** RJ: Lamparina, 2009.

GONÇALVES, M. C. S. Folia de Reis: o eco da memória na (re) construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, estado de Minas Gerais. In: IV ENECULT – ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. Salvador. **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação /UFBA, 2008.

HACKMANN, G. L. B. **O sentido das festas religiosas.** Teocomunicação, Porto Alegre v. 36, p. 867-883, 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1766/1299>. Acesso em: 15 de maio de 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2. ed. Paris, França, 1968. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf). Acesso em: 03 de jan. de 2018.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs). **A invenção das tradições.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

IKEDA, A. T. **Folias de Reis, Sambas do Povo; Ciclo de Reis em Goiânia: Tradição e Modernidade, Possessão e Procissão: Religiosidade Popular no Brasil.** Osaka: 2011.

INÁCIO, E. V. Visibilidades e visualidades da mulher na Folia de Reis em Ribeirão de Areia - MG. In: VII SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL; VII SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL. Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2014.

KODAMA, K. M. R. O. **Iconografia como Processo Comunicacional da Folia de Reis: O avatar das culturas subalternas.** 2009. 229 p. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2009.

KOSSOY, B. **Fotografia e História.** São Paulo: Ática, 1989.

LEE GOFF, J. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão. [et al.] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEONEL, G. G. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. **Cadernos de História,** Belo Horizonte, v. 11, n. 15, p. 35-57, out. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernos/historia/article/view/P.2237-8871.2010v11n15p35/2412>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

LÉVI-STRAUSS, L. Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. **Revista Tempo Brasileiro**, nº 147, p. 151-161, out- dez. 2001.

LOURENÇO, A. C. **A Folia de Reis de São José do Barreiro**: recurso cultural brasileiro. 2014. 127 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2014.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p.191-218.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MENDONÇA, M. L. M. de. **Festas populares hoje**: muito além da tradição. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso de Comunicação. Campo Grande/MS, 2001.

MORAES FILHO, M. **Festas e tradições populares no Brasil**. São Paulo EDUSP/Itatiaia, 1979.

MOURA, M. R. P. **A romaria de Santa Luzia**: contribuições da fé para a construção de uma identidade territorial na comunidade de Santa Luzia – município de Porangatu/GO. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

NASCIMENTO, R. M. Relações entre o patrimônio material e imaterial: o caso do cemitério japonês. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Abril/ Maio/ Junho de 2009. Vol. 6 Ano VI nº 2 ISSN: 1807-6971. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Acesso em: 23 de jun. de 2018.

NEDER, A. B. Folia de Reis: o protagonismo da mulher no espaço a ela sempre negado. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA ABHR, XV SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, II SIMPÓSIO SUL DA ABHR, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2016, p. 1-12.

NOGUEIRA, A. G. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. **Antíteses**. v. 7, n. 14, p. 45-67, jul.- dez. 2014.

NOGUEIRA, W. S. **A festa de folia de Reis em Quirinópolis**: lugar de memória 1918-2010. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

OLIVEIRA, C. D. Monteiro de. Festas Populares Religiosas e suas dinâmicas espaciais. **Mercator/UFC**, ano VI, nº 11, Fortaleza: UFC, 2007.

OLIVEIRA, L. C. de. **Festa de Santos Reis**: Patrimônio Imaterial de São Sebastião do Paraíso – Minas Gerais. 2015. 164 f. Dissertação de Mestrado em História Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREZ, Léa F. **Breves notas sobre a religiosidade brasileira**. Brasil 500 anos, Belo Horizonte, p. 40-58 jun. 2000. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo**. Espaço virtual da internet: comunidade virtual de antropologia. 2003 (textos publicados). Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a12-lfreitas.pdf>>. Acesso em: 02 de abr. de 2018.

PINHEIRO, M. L. B. Origens da noção de preservação cultural no Brasil. **Risco**, São Carlos, v. 3, p. 1, 2006.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, A. A Filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p.59-72.

PORTO, G. **As Folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1982.

RECOMENDAÇÃO DE PARIS 32ª SESSÃO. **Cartas Patrimoniais**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%202003.pdf>. Acesso em: 20 de jun. de 2018.

REIS, J. G. dos. **Descoberto da Piedade**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2017.

REZENDE, L. T. de. **Devoção, tradição e cultura: os festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás**. 2015. 142 p. (Dissertação) Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, UniEvangélica, 2015.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis: O Sagrado e o Urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

SAMPAIO, J. de F. R. **A história da resistência dos posseiros de Porangatu GO: 1940-1964**. 2003, 128 p. (Dissertação) Mestrado em História das Sociedades Agrárias, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: [https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SAMPAIO\\_Jacinta\\_de\\_F\\_tima\\_Rolim.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/SAMPAIO_Jacinta_de_F_tima_Rolim.pdf). Acesso em: 15 maio de 2018.

SARMENTO, L. C. **O devoto folião e a folia divina: música e devoção nas folias católicas em Montes Claros (MG) 2012-2015**. 2016. 215 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), São Paulo 2016.

SILVA, L. C. de S. **A história de um lugar: o núcleo fundacional de Porangatu (GO) / 2017**, 155 f. (Dissertação) Mestrado em História Cultural, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2017.

SILVA, P. S. de S. e. Políticas Culturais em Instituições Arquivísticas: Difusão, Preservação e Acesso ao Patrimônio Cultural em Minas Gerais. In: I COLÓQUIO DE LAHES, Juiz de Fora. **Anais....** Juiz de Fora: Caderno de Resumos e Programação, 2005.

SILVA, W. M. da. **Representação e memória cultural da folia de reis no município de Rio Verde - GO.** 2012. 95 p. (Dissertação) Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. 2012.

SOUZA, E. de. **Memórias e tradições.** Porangatu, GO: Ed. Valadares, 1999.

TOMAZ, P. C. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. **Fênix**, UFU (online), vol. 07, p. 02, 2010.

TRIGUEIRO, O. M. **Revista Geonordeste**, São Cristóvão, Ano XXVI, n. 2, p. 66 -74 ago./dez. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/viewFile/5334/4400>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

VIANNA, L. C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Ana Lucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

VICTORASSO, P. H. **A Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014):** entre o sagrado e o profano. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

## **FONTES (ENTREVISTAS)**

ALCÂNTARA, Maria Jurlene Pedro de. **Entrevista [04 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (05 min.: 24 s.).

BARBOSA, André Antonio. **Entrevista [04 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (12 m: 12).

CONCHA, Mariana Silva. **Entrevista [05 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (08 min.: 13 s.).

MARLI, Ana. **Entrevista [10 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (07 min: 25 s.).

MATOS, Albino de. **Entrevista [04 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (16 min.:33 s.).

NASCIMENTO, Alessandra Batista. **Entrevista [09 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (02 min.: 48 s.).

NASCIMENTO, Fabiano Batista do. **Entrevista [05 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (17 min.: 12 s.).

NUNES, Antenor Francisco. **Entrevista [06 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (12 min.: 22 s.).

PIRES ROSA, Joana Darc de Deus. **Entrevista [06 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (09 min.: 10 s.).

ROSA, André Damasceno Rosa. **Entrevista [07 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (25 min.:54 s.).

SILVA, João Ferreira da. **Entrevista [08 de out. 2018]**. Entrevistador: Angelo Marcos de Souza. Porangatu/GO, 2018. Áudio MP3 (05 min: 22 s.).